



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

**A TERMINOLOGIA DA ARQUITETURA GÓTICA: PROPOSTA DE  
VOCABULÁRIO BILÍNGUE (INGLÊS-PORTUGUÊS) PARA  
TRADUTORES**

**Diego Napoleão Viana Azevedo**

**Florianópolis**

**2019**

Diego Napoleão Viana Azevedo

**A TERMINOLOGIA DA ARQUITETURA GÓTICA: PROPOSTA DE  
VOCABULÁRIO BILÍNGUE (INGLÊS-PORTUGUÊS) PARA  
TRADUTORES**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, do Centro de Comunicação e Expressão, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão.

Florianópolis  
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Azevedo, Diego Napoleão Viana

A terminologia da arquitetura gótica : proposta de  
vocabulário bilíngue (inglês-português) para tradutores /  
Diego Napoleão Viana Azevedo ; orientadora, Adja Balbino  
de Amorim Barbieri Durão, 2019.

329 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós  
Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Estudos da Tradução. 2. Tradução de textos  
especializados. 3. Proposta de vocabulário terminológico.  
4. Terminologia da arquitetura gótica. I. Durão, Adja  
Balbino de Amorim Barbieri. II. Universidade Federal de  
Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Estudos da  
Tradução. III. Título.

Diego Napoleão Viana Azevedo

**A TERMINOLOGIA DA ARQUITETURA GÓTICA: PROPOSTA DE  
VOCABULÁRIO BILÍNGUE (INGLÊS-PORTUGUÊS) PARA TRADUTORES**

O presente trabalho em nível de doutorado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Cláudia Cristina Ferreira  
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Prof. Dr. Otávio Goes de Andrade  
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ina Emmel  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Doutor em Estudos da Tradução.

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Andréia Guerini  
Coordenadora do Programa

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão  
Orientadora

Florianópolis, 30 de agosto de 2019.

*À minha família.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente à minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão, por ter confiado em meu trabalho e por sua primorosa orientação durante esses últimos quatro anos. Muito obrigado por todas as conversas, conselhos, indicações de leitura e suporte!

Agradeço à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mercè Lorente Casafont por ter me aceitado enquanto pesquisador visitante junto ao grupo IULATERM da Universitat Pompeu Fabra, pela concessão de uso do Terminus 2.0 e pelas ótimas discussões sobre terminologia durante meu estágio doutoral. É inegável o avanço da tese durante esse período.

Agradeço à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ina Emmel, à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia Cristina Ferreira e ao Prof. Otávio Goes de Andrade por, de tão bom grado, terem aceitado fazer parte de minha banca de defesa e pelas contribuições que sem dúvidas ajudaram a aperfeiçoar este trabalho.

Agradeço ao Prof. Dr. Aylton Barbieri Durão, ao Prof. Dr. Daniel Serravalle de Sá e novamente à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ina Emmel por integrarem minha banca de qualificação e contribuírem tão significativamente para o amadurecimento e o desenvolvimento da presente pesquisa.

Agradeço a todos os membros do grupo IULATERM, em especial à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Teresa Cabré, Amor Montané, Alejandra López, Besharat Fathi, Jorge Porras, Laia Vidal, Òscar Pozuelo e Yinfeng Xu, pelo ótimo acolhimento durante meu estágio doutoral, pelas conversas, pelas sugestões e pelo treinamento e suporte com o Terminus 2.0.

Agradeço ao arquiteto Guilherme Vettoretti pela revisão conceitual do repertório terminológico produto desta pesquisa e pela elaboração dos desenhos esquemáticos que a ilustram.

Agradeço ao Natanael Ferreira França Rocha pela revisão textual sempre impecável.

Agradeço à minha família, amigos e colegas de curso por todo o suporte, carinho e companheirismo antes, durante e, felizmente, depois do período do doutorado, além das diversas conversas que contribuíram direta ou indiretamente no desenvolvimento da presente pesquisa.

Por fim, porém não menos importante, agradeço profundamente à Capes pelo suporte financeiro durante todos os anos de doutorado, tanto no País quanto no Exterior.

*“[...] eu fui para a cozinha para fazer aquilo que já fizera centenas de vezes: cortar cebolas. Ato banal sem surpresas. Mas, cortada a cebola, eu olhei para ela e tive um susto. Percebi que nunca havia visto uma cebola. Aqueles anéis perfeitamente ajustados, a luz se refletindo neles: tive a impressão de estar vendo a rosácea de um vitral de catedral gótica. De repente, a cebola, de objeto a ser comido, se transformou em obra de arte para ser vista! E o pior é que o mesmo aconteceu quando cortei os tomates, os pimentões... Agora, tudo o que vejo me causa espanto”.*

Rubem Alves – A complicada arte de ver (2004).

## RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo geral propor um vocabulário da arquitetura gótica para atender às necessidades terminológicas de tradutores de textos especializados escritos da referida área do inglês britânico para o português brasileiro, bem como apresentar tal repertório como produto final. Com relação à tradução, esta pesquisa parte do conceito geral de “funcionalismo + lealdade” de Nord (2007, 2012) e se aprofunda na discussão sobre a tradução de textos especializados promovida por outros autores, tais como Gamero (2001) e Hurtado (2011). Para a compreensão das unidades terminológicas e para o embasamento da prática terminográfica, esta pesquisa se fundamenta majoritariamente nos preceitos teórico-metodológicos da Teoria Comunicativa da Terminologia (CABRÉ, 1999), porém estabelecendo um constante diálogo com a Teoria das Funções Lexicográficas (FUERTES; TARP, 2014). No que concerne à formação de corpora e seu devido processamento, esta pesquisa se sustenta nos parâmetros teórico-metodológicos da Linguística de Corpus com base nas obras de Sardinha (2004), Tagnin (2007) e McEnery e Xiao (2013). A respeito da arquitetura gótica, esta pesquisa se ampara nas contribuições de renomados autores da História da Arte, tais como Janson e Janson (2009), Gombrich (2013) e Hendrix (2012), cujos aportes permitiram delinear essa área de especialidade de forma geral. A elaboração da proposta de vocabulário se norteia por possíveis necessidades terminológicas do tradutor de textos especializados da arquitetura gótica observadas durante o processo tradutório propriamente dito. Tais necessidades foram determinadas por meio de um método dedutivo (FUERTES; TARP, 2014) e serviram como base para propor as soluções terminográficas que as atendessem adequadamente. O conjunto terminológico foi extraído com base em um corpus de textos especializados da arquitetura gótica tanto em inglês britânico como em português brasileiro. Como resultado, apresento uma proposta de organização macro, médio e microestrutural para um vocabulário destinado a satisfazer possíveis necessidades terminológicas de tradutores e um produto final contendo um conjunto amostral de 104 unidades terminológicas utilizadas em textos especializados escritos da arquitetura gótica em inglês britânico e seus respectivos equivalentes e/ou correspondentes em português brasileiro.

**Palavras-chave:** Tradução de textos especializados. Proposta de vocabulário terminológico. Terminologia da arquitetura gótica.

## ABSTRACT

This doctoral dissertation proposes a vocabulary aimed at satisfying terminological needs of translators in the activity of translating written specialized texts on Gothic architecture from British English into Brazilian Portuguese, and ultimately presents such a repertoire as its final product. As regards translation per se, this study draws on the general concept of “Functionalism + Loyalty” by Nord (2007, 2012) in association with discussions on specialized text translation by other authors, such as Gamero (2001) and Hurtado (2011). Concerning terminological units and the terminological practice, the study relies mainly on the theoretical and methodological grounds of the Communicative Theory of Terminology (CABRÉ, 1999), but it also establishes a constant dialogue with the Function Theory of Lexicography (FUERTES, TARP, 2014). Regarding the creation and manipulation of corpora, the study applied theoretical and methodological parameters of Corpus Linguistics, as suggested by Sardinha (2004), Tagnin (2007) and McEnery and Xiao (2013). As for Gothic architecture, renowned authors of Art History are evoked, such as Janson and Janson (2009), Gombrich (2013) and Hendrix (2012), whose contributions allowed providing an overview of this subject field. The proposed vocabulary was designed according to potential terminological needs of translators in the activity of translating specialized texts on Gothic architecture – needs that might emerge during the translation process per se. These needs were determined by means of a deductive method (FUERTES, TARP, 2014) and served as the basis for proposing terminological solutions that adequately addressed such needs. The terms were extracted from a corpus composed of both British English and Brazilian Portuguese specialized texts. As a result, I present a proposal comprising the macrostructure, mediostructure and microstructure of a vocabulary aimed at satisfying the terminological needs of translators and a final product containing a sample set of 104 terminological units used in written specialized texts on Gothic architecture in British English and their respective equivalents and/or correspondents in Brazilian Portuguese.

**Keywords:** Translation of specialized texts. Proposal of terminological vocabulary. Gothic architecture terminology.

## RESUMEN

El objetivo de esta investigación es proponer un vocabulario para satisfacer necesidades terminológicas de traductores de textos especializados escritos sobre la arquitectura gótica, del inglés británico al portugués brasileño, y presentar este repertorio como producto final. En cuanto a la traducción, esta investigación se basa en el concepto general de “funcionalismo + lealtad” de Nord (2007, 2012) y se profundiza en la discusión de la traducción de textos especializados promovida por otros autores, como Gamero (2001) y Hurtado (2011). Con respecto a las unidades terminológicas y a la práctica terminológica, esta investigación se basa principalmente en los principios teóricos y metodológicos de la teoría de la terminología comunicativa (CABRÉ, 1999), pero también establece un diálogo constante con la teoría de las funciones lexicográficas (FUERTES, TARP, 2014). Referente a la formación de corpora textuales, esta investigación utiliza los parámetros teórico-metodológicos de la Lingüística de Corpus, a través de los trabajos de Sardinha (2004), Tagnin (2007) y McEnery y Xiao (2013). En lo que respecta la arquitectura gótica, esta investigación se fundamenta en las obras de reconocidos autores de la historia del arte, como Janson y Janson (2009), Gombrich (2013) y Hendrix (2012), cuyas contribuciones permitieron delinear esta área de especialidad en general. La elaboración de la propuesta de vocabulario está guiada por las necesidades terminológicas del traductor de textos especializados de la arquitectura gótica observadas durante el proceso de traducción. Dichas necesidades se determinaron mediante un método deductivo (FUERTES, TARP, 2014) y sirvieron como base para proponer soluciones terminológicas que las satisfagan adecuadamente. El conjunto de terminología se extrajo a partir de un corpus de textos especializados en la arquitectura gótica escritos en inglés británico y portugués brasileño. Como resultado, presento una propuesta de organización macro, media y microestructural para un vocabulario destinado a satisfacer necesidades terminológicas de traductores y un producto final que contiene un conjunto muestral de 104 unidades terminológicas utilizadas en textos especializados en arquitectura gótica escritos en inglés británico y sus respectivos equivalentes y/o correspondientes en portugués brasileño.

**Palavras clave:** Traducción de textos especializados. Propuesta de vocabulario terminológico. Terminología de la arquitectura gótica.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Representação esquemática da proposta de mapeamento dos Estudos da Tradução de Holmes (1988/1972).....	25
Figura 2 – Tipos de tradução conforme a relação entre procedimentos conservadores e adaptivos no texto alvo.....	31
Figura 3 – Representação esquemática dos participantes e componentes da ação tradutória de Nord (2012).....	33
Figura 4 – Modelo circular do processo tradutório de Nord (2012).....	34
Figura 5 – Localização da arquitetura gótica no campo da História da Arte .....	81
Figura 6 – Vista panorâmica da Basílica real de Saint-Denis .....	83
Figura 7 – Representação esquemática de uma catedral gótica.....	85
Figura 8 – Catedral de Notre Dame de Paris (França).....	88
Figura 9 – Fachada norte da Abadia de Westminster (Londres, Reino Unido).....	89
Figura 10 – Fachada oeste da Abadia de Westminster (Londres, Reino Unido).....	90
Figura 11 – Exemplo de abóbada nervurada (Basílica Real de Saint Denis).....	102
Figura 12 – Interface inicial do Terminus 2.0. ....	118
Figura 13 – Exemplo de ilustração para o termo-entrada “gargoyle” .....	147
Figura 14 – Exemplo de ilustração para o termo-entrada “spandrel”.....	148
Figura 15 – Exemplo de ilustração para o termo-entrada “ambulatory” .....	149

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Tipologia dos repertórios terminológicos.....	59
Quadro 2 – Classificação de corpus quanto a sua extensão em número de palavras .....	77
Quadro 3 – Tipologia de corpus .....	77
Quadro 4 – Relação dos textos fonte dos cenários prototípicos.....	92
Quadro 5 – Encargos de tradução dos cenários prototípicos.....	93
Quadro 6 – Análise dos textos fonte.....	95
Quadro 7 – Exemplos de unidades que adquirem valor terminológico em textos especializados da arquitetura gótica .....	99
Quadro 8 – Exemplos de possíveis unidades terminológicas complexas em textos especializados da arquitetura gótica .....	99
Quadro 9 – Exemplos de possíveis unidades terminológicas desconhecidas em textos especializados da arquitetura gótica .....	101
Quadro 10 – Exemplos de variantes denominativas em textos especializados da arquitetura gótica .....	103
Quadro 11 – Análise das questões de tradução .....	105
Quadro 12 – Possibilidades de tradução para “ribbed vault” .....	108
Quadro 13 – Exemplos de unidades terminológicas em língua fonte sem equivalente e/ou correspondente em língua alvo.....	110
Quadro 14 – Análise do perfil dos textos alvo .....	112
Quadro 15 – Exemplos de equivalentes terminológicos com informações gramaticais problemáticas .....	115
Quadro 16 – Resumo das necessidades terminológicas do tradutor de textos especializados da arquitetura gótica e suas possíveis soluções terminográficas, conforme as etapas do processo tradutório .....	116
Quadro 17 – Resumo das especificações tipológicas do corpus de estudo .....	121
Quadro 18 – Amostra da lista de concordância da palavra-chave “vault” .....	125
Quadro 19 – Exemplo de ficha terminológica de trabalho .....	128
Quadro 20 – Conjunto terminológico em inglês britânico em estudo .....	134
Quadro 21 – Proposta de remissão a variantes denominativas em relação de sinonímia ou quase-sinonímia a partir do termo principal.....	138
Quadro 22 – Proposta de remissão ao termo principal em relação de sinonímia ou quase- sinonímia a partir da variante denominativa .....	139
Quadro 23 – Proposta de remissão a hipônimos a partir dos hiperônimos.....	140
Quadro 24 – Propostas de definição de hipônimos, utilizando hiperônimos como genérico próximo .....	140
Quadro 25 – Proposta de inclusão de merônimos nas notas enciclopédicas .....	141
Quadro 26 – Proposta de inclusão de termos holônimos nas propostas de definição .....	141
Quadro 27 – Proposta de microestrutura dos verbetes do vocabulário .....	143
Quadro 28 – Propostas de definição em língua fonte .....	146
Quadro 29 – Proposta de indicação de flexão de número em língua alvo.....	152
Quadro 30 – Exemplos de contextos de uso em língua alvo .....	153
Quadro 31 – Exemplos de notas de tradução .....	154

Quadro 32 – Propostas de notas enciclopédicas .....	156
---	-----

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Amostra da lista de candidatos a termo, classificados por ponderação ..... 124

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASCII	American Standard Code for Information Interchange
de	alemão
en	inglês
en-GB	inglês britânico
E-TF	emissor do texto fonte
fr	francês
INI	iniciador/cliente
ISO	Organização Internacional de Normalização
IULATERM	Grupo de Léxico, Terminologia e Discurso Especializado
LA	língua alvo
LF	língua fonte
n.	noun
PGET	Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução
pdf	formato de documento portátil
P-TF	produtor do texto fonte
pt-BR	português brasileiro
R-TA	receptor do texto alvo
R-TF	receptor do texto fonte
SIT <sub>a</sub>	situação comunicativa alvo
SIT <sub>f</sub>	situação comunicativa fonte
s.f.	substantivo feminino singular
s.m.	substantivo masculino singular
TA	texto alvo
TF	texto fonte
TCT	Teoria Comunicativa da Terminologia
TGT	Teoria Geral da Terminologia
TFL	Teoria das Funções Lexicográficas
TRD	tradutor
txt	arquivo comum de texto
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UPF	Uniservitat Pompeu Fabra
USE	unidade de significação especializada
UTF-8	formato de transformação Unicode de 8 bits

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>17</b>
1.1	CONTEXTUALIZAÇÃO E JUSTIFICATIVA	18
1.2	PERGUNTAS DE PESQUISA	21
1.3	ORGANIZAÇÃO ESTRUTURAL DA TESE	22
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>24</b>
2.1	ESTUDOS DA TRADUÇÃO	24
2.1.1	Teorias funcionalistas da tradução	27
2.1.2	A ação tradutória	30
2.1.3	Tradução de textos especializados	36
2.2	TERMINOLOGIA	40
2.2.1	Modelos teóricos da Terminologia	41
2.2.2	A unidade terminológica	45
2.2.3	As relações semântico-conceituais	51
2.2.4	Equivalência terminológica	54
2.3	TERMINOGRAFIA	57
2.3.1	Repertórios terminológicos	58
2.3.2	Fundamentos teóricos do trabalho terminográfico	69
2.3.3	Metodologia do trabalho terminográfico sistemático	71
2.4	LINGUÍSTICA DE CORPUS	75
2.4.1	Corpus e suas tipologias	76
2.4.2	Critérios de formação de corpora	79
2.5	ARQUITETURA GÓTICA	80
2.5.1	Contextualização histórica	82
2.5.2	Características gerais e estilos regionais	85
<b>3</b>	<b>MÉTODO</b>	<b>91</b>
3.1	ANÁLISE DAS NECESSIDADES TERMINOLÓGICAS DO TRADUTOR DE TEXTOS DA ARQUITETURA GÓTICA	91
3.1.1	Necessidades terminológicas na interpretação do encargo de tradução	93
3.1.2	Necessidades terminológicas na análise do texto fonte	95
3.1.3	Necessidades terminológicas no planejamento das estratégias de tradução	105
3.1.4	Necessidades terminológicas na produção do texto alvo	112
3.1.5	Resumo das necessidades terminológicas e possíveis soluções terminográficas	115
3.2	FERRAMENTA DE GESTÃO DO TRABALHO TERMINOGRÁFICO	117
3.3	FORMAÇÃO DO CORPUS DE ESTUDO	119

3.3.1	Critérios de formação .....	119
3.3.2	Coleta, tratamento e armazenagem dos textos.....	121
3.4	EXTRAÇÃO TERMINOLÓGICA .....	123
3.5	GERENCIAMENTO TERMINOLÓGICO.....	127
3.6	REVISÃO POR ESPECIALISTA.....	132
<b>4</b>	<b>PROPOSTA DE ORGANIZAÇÃO DO VOCABULÁRIO .....</b>	<b>134</b>
4.1	PROPOSTA DE ORGANIZAÇÃO MACROESTRUTURAL.....	134
4.1.1	Caracterização do conjunto terminológico .....	134
4.1.2	Organização geral dos verbetes .....	136
4.1.3	Organização geral do repertório .....	137
4.2	PROPOSTA DE ORGANIZAÇÃO MEDIOESTRUTURAL .....	137
4.2.1	Representação de relações de sinonímia e quase-sinonímia .....	138
4.2.2	Representação de relações genéricas .....	139
4.2.3	Representação de relações partitivas .....	141
4.2.4	Representação de relações associativas .....	142
4.3	PROPOSTA DE ORGANIZAÇÃO MICROESTRUTURAL .....	143
4.3.1	Termo-entrada em língua fonte .....	143
4.3.2	Indicação de acepção .....	144
4.3.3	Variante(s) denominativa(s) em língua fonte .....	144
4.3.4	Referência gramatical em língua fonte .....	145
4.3.5	Definição em língua fonte .....	145
4.3.6	Ilustração .....	146
4.3.7	Indicação de equivalente(s)/correspondente(s) em língua alvo.....	149
4.3.8	Referências gramaticais em língua alvo .....	151
4.3.9	Flexão de número em língua alvo.....	152
4.3.10	Contexto de uso em língua alvo .....	152
4.3.11	Fonte do contexto de uso em língua alvo .....	154
4.3.12	Notas de tradução .....	154
4.3.13	Notas enciclopédicas .....	155
4.3.14	Remissivas .....	157
4.3.15	Exemplos de verbetes .....	157
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>162</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>167</b>
	<b>APÊNDICE A – PROPOSTA DE VOCABULÁRIO.....</b>	<b>190</b>
	<b>APÊNDICE B – FICHAS TERMINOLÓGICAS DE TRABALHO .....</b>	<b>238</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem por objetivo geral propor um vocabulário bilíngue da arquitetura gótica elaborado com o intuito de atender às necessidades terminológicas de tradutores profissionais durante a tradução de textos especializados escritos da referida área do inglês britânico para o português brasileiro, além de apresentar este repertório terminológico como produto final.

Esta pesquisa se configura enquanto uma pesquisa piloto iniciada no âmbito do Doutorado, tendo sido motivada principalmente por questões acadêmicas e profissionais. Em primeiro lugar, posso citar minha experiência enquanto aprendiz de História da Arte durante o meu período de graduação no Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo, no Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia do Ceará (IFCE). Ao cursar a referida disciplina, estive em contato, entre outros assuntos, com elementos característicos de determinados estilos e movimentos artísticos na evolução da história da civilização ocidental, inclusive com aqueles referentes à arquitetura gótica.

Por se tratar de uma área de conhecimento especializado, a disciplina de História da Arte faz o uso de um conjunto terminológico específico, o que pode dificultar a acessibilidade ao conteúdo veiculado, fazendo com que seja recorrente a consulta a obras terminológicas da área e a outros materiais paralelos para a compreensão dos termos empregados, como ocorreu durante meu período de aprendizagem. Já naquele período, percebia uma carência de repertórios terminológicos que englobassem o léxico especializado da arquitetura gótica de modo particular e a necessidade de uma organização sistemática dos termos utilizados na referida área.

Com relação ao direcionamento do produto final desta pesquisa ao tradutor, essa escolha foi motivada por questões de ordem profissional. Nos últimos anos, tenho atuado enquanto tradutor e revisor de textos especializados no par linguístico inglês-português. Na tentativa de conceder precisão terminológica a esse tipo de material, percebi a carência de recursos terminológicos bilíngues fiáveis que pudesse utilizar durante o processo tradutório em diversas áreas do conhecimento, fazendo com que me valesse, na maioria das vezes, de materiais de referência fornecidos pelo próprio cliente ou pela agência de tradução mediadora. Além disso, notei que é bastante escassa a produção terminológica bilíngue voltada para a

tradução, ou seja, repertórios terminológicos elaborados em consonância com as necessidades desse profissional, de forma a tornar o seu uso mais adequado e eficiente.

Ademais dessas experiências de caráter profissional, vale ressaltar ainda que a decisão final por essa temática em questão ocorreu somente após a discussão e a maturação dessa possibilidade com a orientadora desta pesquisa, a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão. A professora ministrou, no primeiro semestre de 2016, a disciplina de Lexicografia e ensino de línguas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET), na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Ao longo daquele semestre, pude discutir com ela inúmeras temáticas para esta pesquisa que, em associação com orientações particulares, adquiri a confiança e a segurança de que necessitava para optar por este tema em específico.

## 1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO E JUSTIFICATIVA

De modo geral, a tradução de textos especializados pode ser considerada uma atividade bastante complexa e multifacetada por conta da grande quantidade de conhecimentos que requer do tradutor, desde o conhecimento da área de especialidade em questão até o conhecimento da terminologia nela empregada (GAMERO, 2001; HURTADO, 2011). Nesse tipo de texto, os termos desempenham um papel fundamental para a representação e a transmissão do conhecimento especializado (CABRÉ, 1999), devendo ser manipulados com atenção pelo tradutor durante sua prática profissional. Por conta disso, a tradução de textos especializados demanda com frequência a resolução de problemas de natureza terminológica (CABRÉ, 1999; GAMERO, 2001; HURTADO, 2011).

A arquitetura gótica, como brevemente assinalado, emprega um conjunto terminológico para representar e transmitir seu conhecimento especializado (por exemplo, “pointed arch”, “ribbed vault” ou “rose window” em inglês britânico), que podem igualmente gerar problemas terminológicos durante o processo tradutório. Traduzir textos especializados dessa área, assim como em outras áreas de especialidade, demanda, portanto, a resolução de problemas de natureza terminológica para que o tradutor profissional desempenhe adequadamente as suas atividades profissionais.

Na tentativa de solucionar tais demandas terminológicas, o tradutor de textos especializados, de maneira geral, recorre com frequência a diferentes recursos que possam

auxiliá-lo nessa empreitada, tais como os repertórios terminológicos (em especial os bilíngues). Essa prática constante e recorrente torna os tradutores os consulentes por excelência desse tipo de material (AUBERT, 1996).

Apesar dessa relação singular, nem sempre esses mesmos repertórios são elaborados com o intuito de atender adequadamente às demandas de consulta requeridas por tal grupo de usuários, havendo assim certa defasagem entre as informações neles fornecidas e as necessidades reais do tradutor (GÓMEZ; VARGAS, 2004). Por isso, não é incomum encontrar repertórios terminológicos com informações insuficientes e desconformes com a realidade profissional do tradutor (AUBERT, 1996; LÉRAT, 1997; GÓMEZ; VARGAS, 2004; EDO, 2012; FUERTES; TARP, 2014).

No âmbito da arquitetura gótica, essas críticas permanecem pertinentes. Embora não haja uma obra inteiramente dedicada a essa área, sua terminologia pode ser encontrada matizada em repertórios lexicográficos e terminológicos, monolíngues ou bilíngues, de áreas mais abrangentes como a Arquitetura e/ou a História da Arte. Em língua inglesa, é possível citar, por exemplo, *The Oxford Dictionary of Architecture* (STEVENS; WILSON, 2015) ou *The Penguin Dictionary of Architecture and Landscape Architecture* (FLEMING; HONOUR; PEVNER, 1991), que recobrem um conjunto abrangente de termos utilizados no campo da Arquitetura em nível monolíngue, direcionados a especialistas e estudantes da área. Em português brasileiro, pode-se mencionar os dois volumes do *Dicionário ilustrado de arquitetura* (ALBERNAZ; LIMA, 1998a, 1998b) que, de modo similar às suas contrapartes em língua inglesa, são monolíngues e direcionados a especialistas e estudantes brasileiros da área. Além desses, vale mencionar o *Dicionário visual SBS Português-Inglês-Espanhol* (CORBEIL; ARCHAMBAULT, 2007), que apresenta uma amostra da terminologia utilizada para descrever os elementos arquitetônicos de uma catedral gótica em nível trilingue, acompanhada de ilustrações esquemáticas.

Muito embora possam ser frequentemente consultadas por tradutores, nenhuma das obras supracitadas foi elaborada com o intuito de atender às necessidades terminológicas efetivamente demandadas por esse grupo específico de usuários durante todo o processo tradutório (por exemplo, desde a compreensão do texto fonte até a produção do texto alvo). É evidente que essas obras, no entanto, podem fornecer informações pontuais que contribuam para a tradução de textos especializados (por exemplo, a definição ou o equivalente de determinado termo), porém, no conjunto, carecem de outras informações que poderiam ser

úteis durante todo o processo tradutório, o que corrobora as críticas apresentadas nos parágrafos anteriores.

Apesar da longa e constante relação entre tradutores de textos especializados e repertórios terminológicos, a discussão teórico-metodológica sobre a elaboração de repertórios terminológicos que satisfaçam às necessidades de seus usuários ainda é relativamente recente (CABRÉ et al., 2000; GÓMEZ; VARGAS, 2004; EDO, 2012; FUERTES; TARP, 2014). Gómez e Vargas (2004), por exemplo, argumentam a favor de que os dicionários especializados bilíngues para tradutores não sejam constituídos por uma mera lista descontextualizada de equivalentes, mas que essas obras disponham de outros elementos, tais como definições e contextos, que atendam mais concretamente às necessidades de seu público-alvo, além de defenderem a adoção de uma abordagem metodológica renovadora que contemple as necessidades desses usuários em todas as fases de elaboração dessa obra.

Em território brasileiro, a discussão sobre a elaboração de repertórios terminológicos para tradutores ainda é relativamente modesta, sobretudo no que se refere à arquitetura gótica. Em nível de Doutorado, não há indícios de uma pesquisa terminológica no âmbito da arquitetura gótica no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)<sup>1</sup>, muito embora seja possível encontrar algumas pesquisas sobre a elaboração de repertórios terminológicos propriamente ditos para tradutores, tais como as teses de Fromm (2007), que discorre sobre a construção de vocabulários eletrônicos para aprendizes de tradução, e de Teles (2015), que propõe um dicionário de termos dos estatutos sociais no par linguístico português-francês para tradutores.

Apesar de não haver pesquisas doutorais a esse respeito, existem algumas produções acadêmicas pontuais centradas nos problemas terminológicos na tradução de textos especializados da arquitetura gótica, tal como o artigo de Fialho (2005). Nele, a pesquisadora aborda algumas dificuldades terminológicas na tradução de um livro de referência da arquitetura gótica do francês para o português, descrevendo assim uma experiência de caráter pontual, porém não menos relevante para a área.

Em face do exposto, destaco que a presente pesquisa demonstra sua relevância ao contribuir em termos teórico-metodológicos à discussão sobre a elaboração de repertórios terminológicos para tradutores, temática essa ainda pouco explorada em âmbito nacional, propondo um vocabulário terminológico da arquitetura gótica desenhado integralmente com

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em 27 jun. 2019.

base nas necessidades desse público-alvo durante o processo de tradução de textos especializados desta área.

Além disso, esta pesquisa se propõe ao fornecer um recurso fiável, de fácil acesso, para a tradução, contendo uma amostra da terminologia da arquitetura gótica coletada com base na realidade da língua, representando o conjunto terminológico com o qual o tradutor possivelmente terá o maior contato em sua realidade profissional. Muito embora não seja o primeiro repertório a tratar da terminologia da arquitetura gótica especificamente, este trabalho é, certamente, o primeiro a apresentar um modelo inovador e elaborado para assistir o tradutor durante todo o processo de tradução de textos especializados da arquitetura gótica do inglês britânico para o português brasileiro.

## 1.2 PERGUNTAS DE PESQUISA

Para atingir o objeto geral aqui proposto, desenvolvo o presente estudo a partir das seguintes perguntas de pesquisa:

1. Quais são as possíveis necessidades terminológicas lexicograficamente relevantes de tradutores de textos especializados escritos da arquitetura gótica na direcionalidade inglês-português?
2. Quais são as principais unidades terminológicas efetivamente utilizadas em textos especializados escritos da arquitetura gótica em inglês britânico e quais seus respectivos equivalentes e/ou correspondentes terminológicos em português brasileiro?
3. Quais soluções terminográficas podem ser utilizadas para atender essas necessidades terminológicas desse público-alvo e como organizá-las em termos macro, médio e microestruturais?

De forma a responder adequadamente a estas perguntas de pesquisa, parto da premissa que elaborar uma proposta de vocabulário terminológico bilíngue (inglês-português) para tradutores de textos especializados escritos da arquitetura gótica com base científica envolve a tomada de decisões desde a concepção do projeto terminográfico, pautadas pelas necessidades terminológicas desse público-alvo a serem observadas ao longo de todo o

processo tradutório. Considerando a natureza do ofício desse profissional, o conjunto terminológico inventariado em tal repertório deve refletir a realidade terminológica efetivamente empregada em situações comunicativas especializadas reais, o que requer, portanto, um referencial teórico amplo o suficiente que o permita coletar, descrever e tratar tal terminologia de maneira adequada. Dada ainda a monodirecionalidade no tipo de tradução perfilado, a composição e a estruturação de tal vocabulário seriam assimétricas, apresentando assim informações diferenciadas para cada língua envolvida no projeto conforme as necessidades percebidas em cada etapa do processo tradutório (por exemplo, definição em inglês britânico para a compreensão do termo em língua alvo e referências gramaticais do equivalente e/ou correspondente em português brasileiro para a produção do texto alvo), além de incluir informações que permitam compensar possíveis discrepâncias conceituais e/ou pragmáticas durante o processo de tradução propriamente dito.

### 1.3 ORGANIZAÇÃO ESTRUTURAL DA TESE

O presente estudo está estruturalmente seccionado em cinco capítulos e dois apêndices.

Neste primeiro capítulo, forneço um panorama geral da pesquisa ao explorar as principais questões inerentes à sua elaboração, tais como suas motivações, contextualização, justificativa, objetivo geral, perguntas de pesquisa e hipótese.

No segundo capítulo, discorro sobre os fundamentos teóricos que sustentam o presente estudo, amparado por contribuições advindas dos Estudos da Tradução, da Terminologia, da Terminografia, da Linguística de Corpus e da Arquitetura Gótica.

No terceiro capítulo, exploro os procedimentos metodológicos empregados para o devido desenvolvimento da pesquisa. Apresento, entre outros aspectos, a análise das necessidades terminológicas do tradutor de textos especializados da arquitetura gótica, o processo de formação do corpus de estudo de extração e o gerenciamento terminológico.

No quarto capítulo, apresento a proposta de organização do vocabulário terminológico para tradutores em termos macro, médio e microestruturais em consonância com as necessidades de seus usuários prospectivos, explicitando e argumentando em favor das escolhas tomadas.

No quinto capítulo, realizo as considerações finais deste estudo, que incluem respostas para as perguntas de pesquisas apresentadas neste capítulo introdutório, bem como aponto as principais dificuldades para a execução deste trabalho, suas limitações e possibilidades de desdobramentos visando enriquecê-lo futuramente.

No apêndice A, exponho a proposta de vocabulário bilíngue (inglês-português) da terminologia da arquitetura gótica para tradutores. No apêndice B, insiro as fichas terminológicas de trabalho utilizadas durante a realização da pesquisa.

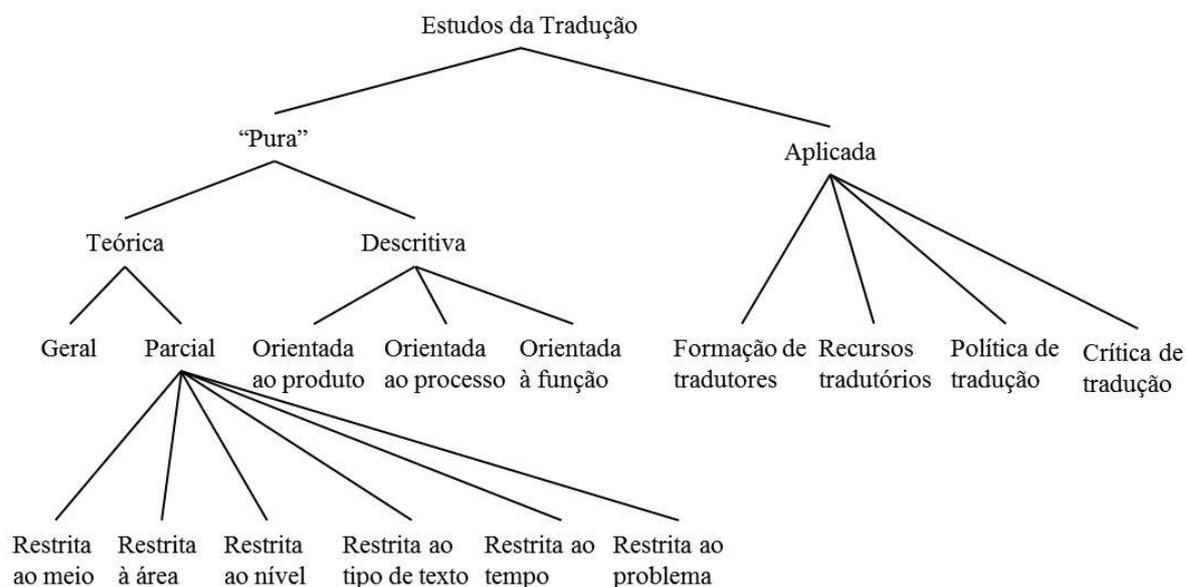
## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este estudo se configura enquanto uma pesquisa de caráter interdisciplinar que emerge dos Estudos da Tradução, mas que dialoga constantemente com as áreas de domínio da Terminologia, da Terminografia, da Linguística de Corpus e da Arquitetura Gótica. Ao longo deste capítulo, apresento o embasamento teórico que alicerça o presente trabalho, traçando paralelos, quando possível, entre os aspectos teóricos apresentados, suas implicações metodológicas e o conjunto terminológico em investigação. Dito isto, dou início à presente seção a partir da discussão dos principais aspectos teórico-metodológicos da disciplina cerne desta pesquisa: os Estudos da Tradução.

### 2.1 ESTUDOS DA TRADUÇÃO

Ainda que as primeiras manifestações tradutórias de que se tem registro remontem ao século XVIII a.C., somente na década de 1970 surgiu formalmente uma disciplina acadêmica de caráter autônomo e integrador dedicada ao estudo dos fenômenos da tradução e do processo tradutório propriamente dito (HURTADO, 2011). Os fundamentos dessa disciplina foram estabelecidos, sobretudo, por meio das considerações teóricas postuladas por Holmes (1988/1972) em seu artigo seminal *The name and the nature of Translation Studies*. Nesse artigo, o teórico expõe uma proposta de disciplina específica que estabelece um canal de comunicação próprio para a reflexão e a discussão da tradução no ambiente acadêmico. O autor (1988/1972) estrutura essa nova disciplina em diferentes linhas de pesquisa de acordo com a natureza do estudo pretendido, tal como ilustrado por Toury (1995) e reproduzido na Figura 1.

Figura 1 – Representação esquemática da proposta de mapeamento dos Estudos da Tradução de Holmes (1988/1972)



Fonte: Toury, 1995, p. 10.

Em sua face teórica, a disciplina de Estudos da Tradução, segundo Holmes (1988/1972), busca determinar princípios, teorias e modelos com o objetivo de prever e explicar os fenômenos da tradução e o processo tradutório, podendo tais fenômenos ser de ordem geral ou parcial. Em sua ramificação “geral”, os estudos teóricos buscam desenvolver uma teoria abrangente que inclua todos os elementos relevantes que possam explicar ou prever os fenômenos da tradução e o processo tradutório. Em sua vertente “parcial”, os estudos teóricos se dedicam a examinar aspectos particulares da tradução. Holmes (1988/1972) sugere seis linhas de pesquisa consoantes com o tipo de restrição que se enfoca, a saber: (i) *Restrita ao problema*: concentra-se em um ou mais problemas específicos ou gerais de tradução (por exemplo, tradução de nomes próprios ou de metáforas); (ii) *Restrita à área*: centra-se na interação entre determinadas línguas e/ou culturas; (iii) *Restrita ao nível*: concentra-se em determinada instância linguística (por exemplo, palavra, frase ou texto); (iv) *Restrita ao tipo de texto*: dedica-se à tradução de determinados gêneros ou tipos textuais (por exemplos, textos literários); (v) *Restrita ao tempo*: especializa-se em traduções de períodos históricos específicos (por exemplo, tradução de textos contemporâneos); e (vi) *Restrita ao meio*: enfoca-se no canal utilizado para produzir uma tradução (por exemplo, tradução automática e tradução humana).

Em sua perspectiva descritiva, os Estudos da Tradução mantêm o maior contato empírico com seu objeto de estudo, almejando detalhar os fenômenos da tradução e o processo tradutório segundo o parâmetro observado. Os estudos descritivos de Holmes (1988/1972) podem, portanto, estar: (i) *Orientados ao produto*: envolve a descrição de traduções já existentes e propicia análises comparativas; (ii) *Orientados ao processo*: interessa-se pela descrição do processo tradutório propriamente dito; e (iii) *Orientados à função*: dedica-se ao estudo das funções que as traduções desempenham em seus respectivos contextos socioculturais de destino.

Em seu viés aplicado, o autor (1988/1972) explora quatro linhas de pesquisa: (i) *Formação de tradutores*, dedicada ao ensino e aprendizagem de tradução; (ii) *Recursos tradutórios*, relacionada à confecção de materiais que auxiliam no processo tradutório, tais como gramáticas da língua e repertórios lexicográficos e terminológicos; (iii) *Política de tradução*, direcionada ao estudo do papel do tradutor, dos fenômenos da tradução e do processo tradutório no contexto social; e (iii) *Crítica de tradução*, voltada à discussão de temas referentes à avaliação, à crítica e à análise de traduções. Além disso, Holmes (1988/1972) reitera que os estudos teóricos, descritivos e aplicados, embora tenham sido apresentados como subáreas de estudos distintas, são interdependentes e mantêm uma relação dialética entre si de modo que “[...] cada um dos três ramos fornece materiais aos outros dois [...]”<sup>2</sup> (1988/1972, p. 78, tradução minha<sup>3</sup>).

Destaco que, considerando o exposto e atentando ao interesse da presente pesquisa (propor um vocabulário terminológico da arquitetura gótica para tradutores), este estudo se desenvolve majoritariamente no âmbito da linha de pesquisa de *Recursos tradutórios*, localizada no ramo aplicado dos Estudos da Tradução, sem, contudo, desconsiderar os avanços realizados em outras linhas de pesquisa dessa disciplina (vide subseções 2.1.1 e 2.1.2).

Dito isto e levando em conta a importância de esclarecer a qual tipo de prática o produto final desta pesquisa estará destinado, indico que parto inicialmente da tipologia de tradução proposta por Jakobson (2007/1959), sistematizada conforme a interpretação do signo verbal (ou seja, intralingual, interlingual e intersemiótica). O presente estudo, a partir dessa proposta, se centra no estudo da tradução interlingual, que o referido autor define enquanto

<sup>2</sup> [...] each of three branches supplying materials for the other two [...]

<sup>3</sup> Realizei uma tradução livre do referido excerto, bem como de todas as demais citações diretas em língua estrangeira utilizadas ao longo desta pesquisa, exceto quando especificado o contrário.

“[...] interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua” (2007/1959, p. 65), o que implica na interação entre pelo menos uma língua de partida (ou língua fonte) e uma língua de chegada (ou língua meta). Embora satisfatória e bastante difundida nos estudos contemporâneos da tradução, é importante frisar que a definição de Jakobson (2007/1959) pode se demonstrar insuficiente ao não destacar, além dos aspectos puramente linguísticos, a relevância de outros elementos inerentes ao processo tradutório, tais como as dimensões comunicativa e textual da tradução, que podem influenciar diretamente no resultado do texto traduzido.

Na tentativa, portanto, de refinar a concepção de “tradução” utilizada nesta pesquisa, apresento a seguir as nuances relacionadas a essa prática em consonância com a corrente funcionalista da tradução por estar mais alinhada à realidade profissional do tradutor, como será explorado a seguir.

### **2.1.1 Teorias funcionalistas da tradução**

As teorias funcionalistas da tradução, coletivamente denominadas Funcionalismo (NORD, 2007), foram concebidas a partir da década de 1970 e representam uma das vertentes teóricas mais difundidas na contemporaneidade no âmbito dos Estudos da Tradução (MUNDAY, 2008; GENTZLER, 2009; HURTADO, 2011). Esse conjunto de teorias “[...] se centra na função ou funções dos textos e de suas traduções”<sup>4</sup> (NORD, 2007, p. 1) e foram encabeçadas pelos estudos conduzidos pelos teóricos alemães Katharina Reiss (2000/1971) e Hans J. Vermeer (1986/1978), e posteriormente aprimoradas e reformuladas por outros autores, a exemplo de Christiane Nord (2007, 2012).

Em sua proposta inicial, Reiss (2000/1971) considerava que a relação de equivalência de tradução deveria ser buscada em nível textual e, por conta disso, o tipo de texto que se traduz determinaria as estratégias de tradução a serem adotadas pelo tradutor, bem como serviria como parâmetro de avaliação para os críticos de tradução. Assim sendo, Reiss (2000/1971) propôs três tipos de texto com base nas funções da linguagem elaboradas por Bühler (1990/1965), a saber: (i) informativo, (ii) expressivo e (iii) operativo, considerando que a representação dos aspectos linguísticos (fatores semânticos, lexicais, gramaticais e estilísticos) e circunstanciais (área de especialidade, situação, tempo, espaço, emissor,

---

<sup>4</sup> [...] *focusing on the function or functions of texts and translations.*

público-alvo e implicações afetivas) do texto fonte no texto alvo estaria condicionada à sua relevância dentro de cada um desses tipos.

Vermeer (1986/1978), por outro lado, esboçou os fundamentos de uma teoria geral com base na finalidade da tradução, a qual foi amplamente difundida sob a denominação de *Skopostheorie* (“Teoria dos Escopos”). Embora esse estudioso tenha feito as suas primeiras considerações ainda em 1978, foi somente em sua obra conjunta com Reiss, intitulada *Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie*, de 1984, que sua teoria se consolidou. Nesta publicação, Reiss e Vermeer (2014/1984) apresentam um refinamento da proposta de teoria geral de Vermeer (1986/1978) (Parte 1), bem como uma reformulação da proposta inicial de Reiss (2000/1971) ajustada a essa nova visão (Parte 2). Apesar da tentativa de conciliação, contudo, é importante destacar que essas duas perspectivas teóricas, como bem indica Nord (2007, p. 12), “[...] não formam uma unidade homogênea”<sup>5</sup> por considerarem fenômenos funcionais distintos (a teoria de Vermeer se centra na funcionalidade do texto alvo enquanto que a de Reiss na função do texto fonte), fato que será levado em consideração na proposta teórica de Nord (2007, 2012) descrita mais adiante.

No contexto da Teoria dos Escopos, no entanto, Reiss e Vermeer (2014/1984) compreendem a tradução enquanto um tipo de ação (a ação tradutória) e, por esta razão, ela deveria ser realizada com o intuito de atingir algum objetivo em específico. Em decorrência disso, a Teoria dos Escopos parte da premissa máxima de que a “[...] ação tradutória é regida por sua finalidade”<sup>6</sup> (2014/1984, p. 87) (ou escopo, na terminologia dos autores). Em outras palavras, as estratégias de tradução adotadas para a produção de um texto alvo (ou *translatum*, na terminologia dos autores) estaria primordialmente condicionada ao propósito a que essa tradução se destina, podendo haver, assim, diferentes traduções de um mesmo texto conforme o escopo pretendido. Seria possível, inclusive, se traduzir tomando liberdades adaptativas com relação ao texto fonte, caso o escopo a ser alcançado assim o demandasse. Além disso, os autores (2014/1984, p. 3) consideram que língua e cultura são dois elementos em relação de interdependência de modo que “[...] a ação tradutória não seria somente uma transferência linguística, mas também cultural”<sup>7</sup>, sendo impossível se traduzir sem o conhecimento simultâneo das línguas e culturas envolvidas neste processo de tradução.

---

<sup>5</sup> [...] do not really form a homogeneous whole.

<sup>6</sup> [...] translational action is governed by its purpose.

<sup>7</sup> [...] translational action is not only a linguistic but also a cultural transfer.

Apesar de sua ampla recepção, sobretudo no contexto acadêmico alemão, a Teoria dos Escopos, como bem assinala Nord (2007), recebeu diversas críticas, mais notadamente no tocante ao seu caráter supostamente universalista e por privilegiar demasiadamente a funcionalidade do texto alvo em detrimento dos aspectos formais do texto fonte. Sobre essa última crítica, Munday (2008, p. 81) sintetiza que “a Teoria dos Escopos não presta suficiente atenção à natureza linguística do texto fonte nem à reprodução de elementos em níveis microestruturais no texto alvo”<sup>8</sup> de forma que “mesmo se o escopo for adequadamente alcançado, segmentos individuais podem não estar adequados em níveis estilísticos ou semânticos”<sup>9</sup>, o que seria fruto de uma aplicação exagerada da premissa máxima dessa teoria funcional. Na tentativa de minimizar os efeitos de um funcionalismo radical, Nord (2007, 2012) introduz o princípio da “lealdade” à Teoria dos Escopos, promovendo uma relação de ordem ética entre o tradutor e os demais participantes da ação tradutória (vide subseção 2.1.2), o que resulta em um novo paradigma denominado de “funcionalismo + lealdade”.

Segundo Nord (2007, p. 126), ao passo que “funcionalismo” se refere aos “[...] fatores que permitem que um texto alvo funcione da forma pretendida na situação alvo”<sup>10</sup>, tal como previsto na Teoria dos Escopos, o conceito de “lealdade” diz respeito à “[...] relação interpessoal entre o tradutor, o emissor do texto fonte, os receptores do texto alvo e o iniciador da tradução”<sup>11</sup>, sobretudo no que tange ao respeito às intenções comunicativas do emissor do texto fonte e às expectativas dos receptores do texto alvo. Dito de outra forma, a “[...] lealdade significa que a finalidade do texto alvo deve ser compatível com as intenções do autor original”<sup>12</sup> (2007, p. 125), balanceando, assim, a fidelidade ao texto fonte quanto à liberdade de tradução, conforme o escopo em questão.

Por apresentar uma perspectiva de tradução balanceada, porém não menos abrangente, adoto o modelo “funcionalismo + lealdade” de Nord (2007, 2012) para efeitos desta pesquisa e, por esta razão, fundamento as demais questões com relação à ação tradutória nessa perspectiva teórica na subseção a seguir.

---

<sup>8</sup> *Skopos theory does not pay sufficient attention to the linguistic nature of the ST nor to the reproduction of microlevel features in the TT.*

<sup>9</sup> *Even if the skopos is adequately fulfilled, it may be inadequate at the stylistic or semantic levels of individual segments.*

<sup>10</sup> *[...] factors that make a target text work in the intended way in the target situation.*

<sup>11</sup> *[...] interpersonal relationship between the translator, the source-text sender, the target-text addressees and the initiator.*

<sup>12</sup> *[...] loyalty means that the target-text purpose should be compatible with original author's intentions.*

## 2.1.2 A ação tradutória

No contexto do “funcionalismo + lealdade” de Nord (2007, 2012), a ação tradutória (ou tradução<sup>13</sup>) se caracteriza pela “[...] produção de um texto alvo funcional que mantenha uma relação de interdependência com um texto fonte, especificada conforme a função tradutória prospectiva [...]”<sup>14</sup> (NORD, 2012, p. 40). Posto de outra forma, a ação tradutória, na perspectiva de Nord (2012), consiste na reprodução de um texto fonte em uma dada língua alvo em conformidade com a finalidade a que se destina (ou seja, conforme o escopo ou, como esta autora prefere denominar, o encargo de tradução), de modo que esse texto alvo seja funcional na cultura alvo, como previamente concebido na Teoria dos Escopos (REISS; VERMEER, 2014/1984), porém que o mesmo mantenha uma relação de interdependência com relação ao texto fonte determinada, igualmente, pelo encargo de tradução.

Como Nord (2012, p. 40) destaca, essa relação de interdependência é o fator que determina “[...] quais elementos do texto fonte [...] podem e devem ser transferidos como tal (reprodução) ou que podem ou devem ser ajustados à situação alvo (adaptação facultativa ou obrigatória)”<sup>15</sup>, sem, contudo, desrespeitar as intenções comunicativas do emissor e as expectativas dos demais participantes envolvidos nessa atividade, como assinalado nos parágrafos anteriores. Nesse sentido, o tradutor pode adotar procedimentos conservadores (ou seja, mantendo-se o mais próximo possível do texto fonte) ou adaptativos (ou seja, distanciando-se do texto fonte em prol da funcionalidade do texto alvo em sua respectiva cultura de recepção), conforme o encargo de tradução e em consonância com as intenções do emissor. De acordo ainda com Nord (2012), a relação mantida entre a quantidade de procedimentos conservadores e a quantidade de procedimentos adaptativos empregados na produção do texto alvo determina diferentes tipos de tradução, como apresentado na Figura 2.

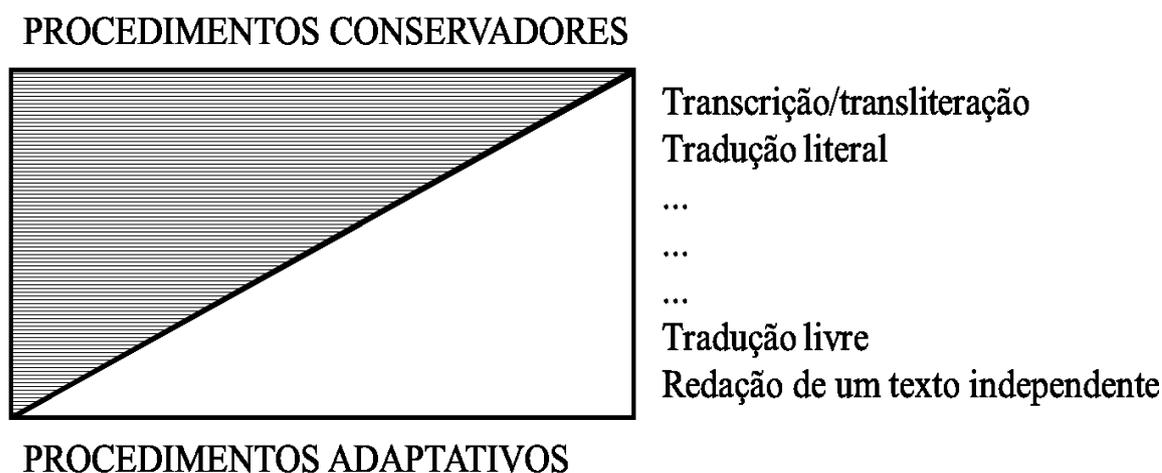
---

<sup>13</sup> Nord (2007, 2012) utiliza recorrentemente os termos genéricos “traslation” ou “traslación”, cunhados a partir do termo alemão “Traslation”, para se referir conjuntamente tanto à tradução quanto à interpretação. Por não haver um equivalente terminológico perfeito em português brasileiro para esse conceito e considerando que abordo tão somente a tradução escrita nesta pesquisa, opto por traduzir as ocorrências de “Traslation” (e suas formas derivadas) nas citações oriundas desses trabalhos por “tradução” ou “tradutório”, muito embora se reconheça que estes excertos podem ser aplicados tanto à tradução quanto à interpretação.

<sup>14</sup> [...] *producción de un texto meta funcional y que mantega una interdependencia con un texto base, especificada según la prospectiva función traslativa [...]*

<sup>15</sup> [...] *aquellos elementos del texto base [...] pueden o deben transferirse como tales (reproducción) o que pueden o deben ajustarse a la situación meta (adaptación facultativa u obligatoria).*

Figura 2 – Tipos de tradução conforme a relação entre procedimentos conservadores e adaptivos no texto alvo



Fonte: Nord, 2012, p. 42.

Como se observa na Figura 2, existem dois extremos de tradução no paradigma teórico desta autora: um em que os procedimentos são estritamente conservadores (ou seja, transcrição/transliteração) e outro em que os procedimentos são estritamente adaptativos (ou seja, redação de um texto independente). Os demais tipos de tradução se caracterizam pela combinação de ambos os tipos de procedimentos em alguma proporção, tais como a tradução literal e a tradução livre. É importante frisar, de antemão, que o tipo de tradução normalmente adotado para a tradução de textos especializados se refere ao que Nord (2007) denomina de “tradução equifuncional”, ou seja, traduzir de forma que o texto alvo mantenha a mesma função textual do texto fonte, o que permite equilibrar os procedimentos conservadores e adaptativos conforme o caso. Esse tipo de tradução é o que se denomina tradicionalmente de tradução interpretativo-comunicativa ou tradução de sentido (HURTADO, 2011).

Muito embora o tradutor seja o responsável pela execução da ação tradutória propriamente dita, é importante destacar que existem outros participantes e componentes vinculados a esse ato comunicativo que podem influenciar diretamente nesse processo, como já sugerido no decorrer desta subseção. De maneira geral, Nord (2012, p. 16) considera que a ação tradutória ocorre quando:

[...] um cliente ou iniciador (INI) se dirige a um tradutor [TRD] porque precisa de um texto em outro idioma (TA) para um receptor ou destinatário determinado na cultura alvo (R-TA) ou porque quer receber, na língua alvo

(LA), um texto redigido em uma língua fonte (LF) por um produtor de textos (P-TF) e/ou emitido por um emissor (E-TF)<sup>16</sup>.

Nord (2012) frisa que, na prática, as funções supracitadas podem ser desempenhadas pelo mesmo indivíduo (por exemplo, o emissor do texto fonte pode ser o iniciador da tradução) ou que outros participantes podem formar parte nesse processo (por exemplo, uma agência pode intermediar a tradução) e que “[...] tanto o texto fonte quanto texto alvo estão determinados pela situação comunicativa na qual funcionam como portadores de mensagens”<sup>17</sup> (2012, p. 18), sendo necessário diferenciar a situação comunicativa vinculada ao texto fonte (SIT<sub>F</sub>) com relação àquela atrelada ao texto alvo (SIT<sub>A</sub>).

De todas as formas, Nord (2012) enfatiza os papéis fundamentais desempenhados pelo tradutor e pelo iniciador (ou cliente). Por um lado, o tradutor atua como intermediador linguístico-cultural entre o emissor do texto fonte e o receptor do texto alvo, desempenhando assim, “[...] simultaneamente, os papéis de receptor do texto fonte e de produtor do texto alvo [...]”<sup>18</sup> (2012, p. 21). Por outro lado, o iniciador é o responsável por determinar o encargo de tradução, que perfila o texto alvo a ser produzido e condiciona as estratégias de tradução a serem tomadas pelo tradutor, como mencionado anteriormente (vide subseção 2.1.1), podendo inclusive influenciar a terminologia a ser empregada (vide subseção 3.1.1).

Além disso, Nord (2012) considera importante distinguir conceitualmente entre os papéis desempenhados pelo emissor e pelo produtor do texto fonte (muito embora normalmente realizados pelo mesmo indivíduo) ao compreender que a função exercida pelo tradutor durante essa atividade se aproxima, em termos práticos, muito mais àquela realizada pelo produtor do texto fonte do que aquela reservada ao emissor desse mesmo texto. Segundo essa autora (2012, p. 16), o emissor geralmente corresponde à “[...] pessoa (ou instituição) que utiliza o texto com a finalidade de enviar uma mensagem a alguém ou para produzir um efeito comunicativo [...]”<sup>19</sup> enquanto o produtor seria a pessoa que “[...] escreve, seja por iniciativa própria ou de acordo com as instruções do emissor, cumprindo com as regras e

---

<sup>16</sup> [...] un cliente o iniciador (INI) se dirige a un traductor/intérprete porque necesita un texto en otro idioma (TM) para un receptor o destinatario determinado en la cultura meta (R-TM) o porque quiere recibir, en lengua meta (LM), un texto redactado en una lengua base (LB) por un productor de textos (P-TB) y/o emitido por un emisor (E-TB).

<sup>17</sup> [...] tanto el TB como el TM están determinados por la situación comunicativa en la que funcionan como portadores de mensajes.

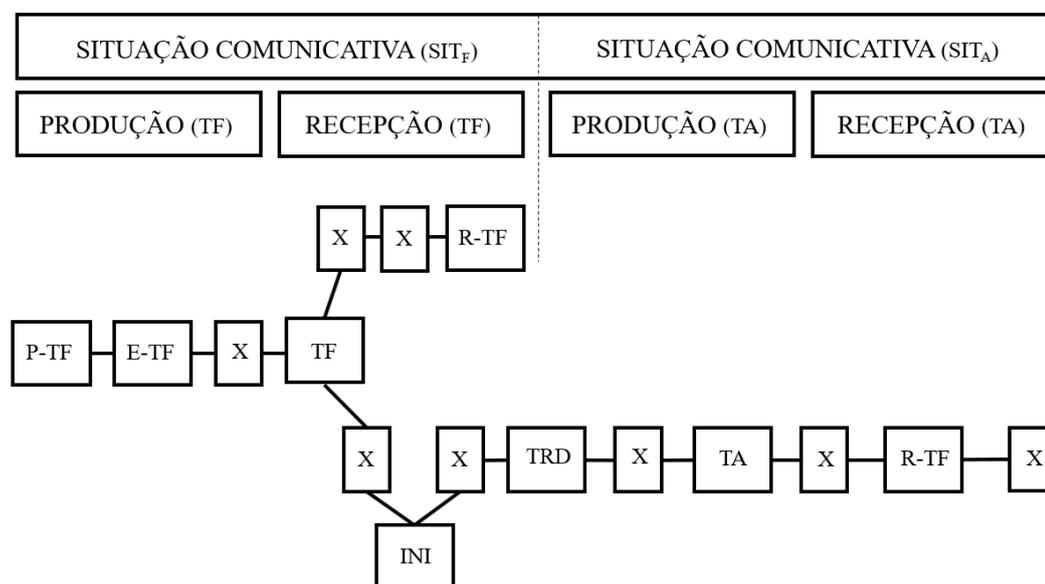
<sup>18</sup> [...] simultáneamente, los papeles de receptor del TB y de productor del TM, por lo que forma parte de las dos situaciones base y meta.

<sup>19</sup> [...] persona (o institución) que usa el texto con el fin de enviar un mensaje a alguien y/o para producir un efecto comunicativo.

normas de textualidade regentes em sua respectiva comunidade linguístico-cultural”<sup>20</sup>, função que, de maneira análoga com relação ao texto alvo, o tradutor assume durante o processo tradutório, como já pontuado.

Dito isto, a concepção teórica dos participantes e componentes da ação tradutória de Nord (2012) pode ser sintetizada de forma gráfica conforme a Figura 3. Nesta ilustração, os componentes e participantes opcionais dessa atividade (por exemplo, uma agência de tradução) são representados por um “X”.

Figura 3 – Representação esquemática dos participantes e componentes da ação tradutória de Nord (2012)

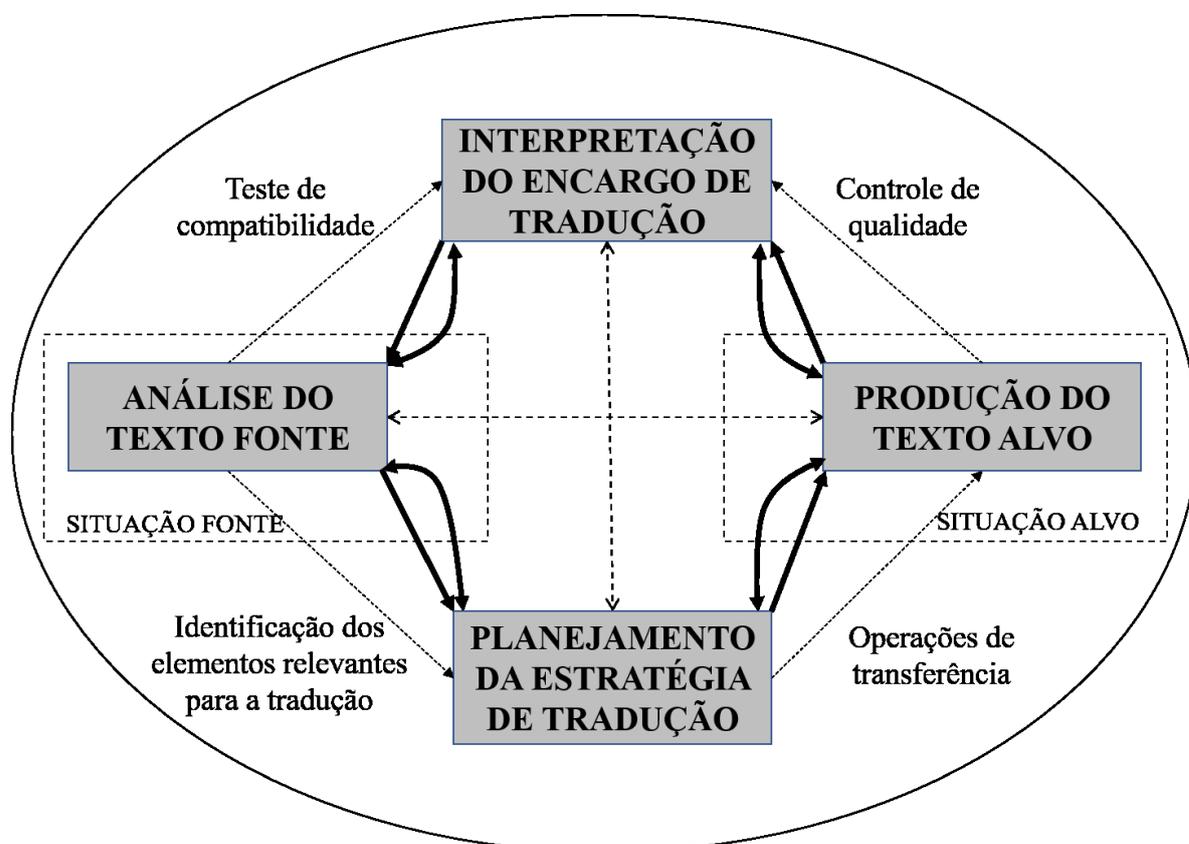


Fonte: Nord, 2012, p. 19.

É importante notar que, ao desempenhar o seu papel de intermediador linguístico-cultural, o tradutor realiza o processo tradutório propriamente dito, concebido por Nord (2012) enquanto um conjunto de procedimentos multifásico de caráter essencialmente circular, tal como representado graficamente na Figura 4.

<sup>20</sup> [...] escribe –sea por iniciativa propia o sea de acuerdo con las instrucciones del emisor–, cumpliendo con las reglas y normas de textualidad que rigen en su respectiva comunidad lingüístico-cultural.

Figura 4 – Modelo circular do processo tradutório de Nord (2012)



Fonte: NORD, 2012, p. 46.

Como se pode constatar através da Figura 4, a proposta de Nord (2012) tem quatro fases principais, a saber: (i) a interpretação do encargo de tradução, que diz respeito a uma análise “[...] dos fatores que determinam a função do texto alvo em uma determinada situação alvo [...]”<sup>21</sup> (2012, p. 47); (ii) a análise do texto fonte, que inclui um teste de compatibilidade do encargo de tradução com a oferta de informação do texto fonte, bem como uma análise textual extensiva para identificar possíveis elementos relevantes para a tradução; (iii) o planejamento da estratégia de tradução, que compreende a necessidade de “[...] transferir os elementos selecionados do texto fonte para a língua e cultura alvos, adaptando-os, caso necessário, às exigências da situação alvo”<sup>22</sup> (2012, p. 47); e (iv) a produção do texto alvo, que diz respeito a redação final de um texto alvo funcional em conformidade com os interesses do iniciador e com a intenção do emissor.

<sup>21</sup> [...] de los factores que determinan la función del TM en una determinada situación meta [...]

<sup>22</sup> [...] transferir los elementos seleccionados del TB a la lengua y cultura meta, adaptándolos, en caso necesario, a las exigencias de la situación meta.

Nord (2012, p. 43) ainda considera que o processo tradutório não ocorre linearmente, mas “[...] pode – e deve – incluir certo número de movimentos recursivos”<sup>23</sup>. Por esta razão, este modelo inclui pequenos movimentos circulares que relacionam a situação do texto fonte com a situação do texto alvo e os diversos processos de análise de modo que “[...] todo conhecimento novo adquirido no decorrer do processo analítico e de compreensão pode ser confirmado ou corrigido por descobrimentos posteriores”<sup>24</sup> (2012, p. 47), o que reflete a realidade profissional do tradutor com maior precisão. Dito de outra forma, o processo tradutório, embora multifásico, permite visitar fases anteriores para assegurar a qualidade final do texto alvo.

Com relação à análise do texto fonte a que Nord (2012) se refere, é importante salientar que tal etapa se pauta, de modo similar ao que sugeria Reiss (2000/1971), na análise dos fatores extratextuais (relacionados com a situação comunicativa), dos fatores intratextuais (relacionados com questões internas ao próprio texto) e do efeito pretendido (relativo ao processo comunicativo entre emissor e receptor) referentes ao texto fonte, tendo por objetivo “oferecer ao tradutor uma base confiável para toda decisão que seja necessária tomar durante o processo tradutório”<sup>25</sup> (NORD, 2012, p. 11). A partir dessa análise, portanto, é possível depreender que questões específicas de tradução deverão ser atendidas – incluindo questões relacionadas à terminologia – e traçar o perfil do texto alvo em consonância com o encargo de tradução.

Para a análise dos fatores extratextuais, Nord (2012) sugere a análise dos seguintes elementos: emissor e/ou produtor (quem?), a intenção do emissor (para quê?), o destinatário (para quem?), o meio de transmissão (através de quê?), o lugar e o tempo de produção (onde e quando?), o motivo (por quê?) e a função textual (com que função?). No que se refere aos fatores intratextuais, estes incluem elementos sobre a constituição do texto propriamente dito, incluindo a temática (sobre qual tema?), o conteúdo (que informação?), a informação que se pressupõe que seja conhecida pelos destinatários (pressupondo o quê?), a composição do texto (em qual ordem?), os elementos não verbais que acompanham o texto (usando quais elementos não verbais?), as características do léxico (quais palavras?), da sintaxe (que tipo de frases?) e

---

<sup>23</sup> [...] puede –y debe– incluir un cierto número de movimientos recursivos.

<sup>24</sup> [...] todo conocimiento nuevo adquirido a lo largo del proceso analítico y comprensivo poder ser confirmado o corregido por descubrimientos posteriores.

<sup>25</sup> ofrecer al traductor una base fiable para toda decisión que sea necesario tomar durante el proceso de traducción.

da prosódia e entonação (com qual tom?). Com relação ao efeito, este é compreendido pela referida autora enquanto “[...] o resultado (provisório ou definitivo) do processo comunicativo entre emissor e receptor”<sup>26</sup> (NORD, 2012, p. 152) e deve ser analisado a partir da perspectiva do receptor.

É importante destacar, por fim, que este modelo, apesar de seu enfoque predominantemente didático em que Nord (2012) o concebe, pode contribuir para uma análise minuciosa do processo tradutório em pesquisas acadêmicas e, portanto, o utilizo, guardadas suas devidas proporções, para auxiliar na identificação das necessidades terminológicas do tradutor de textos da arquitetura gótica durante o processo tradutório (vide subseção 3.1).

Tendo esboçado os principais fundamentos concernentes à ação tradutória a partir de um viés generalista, exploro a seguir as nuances relacionadas à tradução de textos especializados, que diz respeito ao tipo de prática ao qual o repertório terminológico produto deste trabalho está orientado mais especificamente.

### **2.1.3 Tradução de textos especializados**

Em primeiro lugar, é necessário esclarecer o significado da expressão “tradução de textos especializados” ao longo do presente estudo em detrimento da designação “tradução especializada”, amplamente empregada nos estudos contemporâneos da tradução<sup>27</sup>. Hurtado (2011), como outros teóricos da área, prefere adotar a primeira nomenclatura com base em duas premissas principais.

A primeira reside no fato de que ao se propor uma “tradução especializada” sugere-se a existência de uma dita “tradução geral”, que englobaria a tradução dos mais diversos tipos de textos, desprovidos de uma caracterização clara, acarretando dessa maneira, nas palavras da própria autora, em uma “zona de ninguém”. Gouadec (2010), por exemplo, indica que “tradução geral” compreenderia basicamente todo de tipo de tradução que não se enquadrasse enquanto “tradução especializada”, podendo ser, por exemplo, a tradução de textos não pertencentes a uma área específica ou que não demandassem o uso de algum equipamento específico. Nesse sentido, o termo “tradução geral” designaria um conceito sem delimitações

---

<sup>26</sup> [...] *el resultado (provisional o definitivo) del proceso comunicativo entre emisor y receptor.*

<sup>27</sup> Embora privilegie o uso de “tradução de textos especializado” neste trabalho, ainda utilizo fontes que versam igualmente sobre “tradução especializada”, realizando tão somente as considerações necessárias e pertinentes para a manutenção da coerência teórico-metodológica da presente pesquisa.

bem definidas, sem nenhuma característica distintiva real, e seria, segundo Mayoral (2016, p. 130), “[...] um conceito sem correspondência na realidade profissional”.

O segundo fator apontado por Hurtado (2011) é o de que toda tradução já poderia ser considerada especializada no sentido de demandar conhecimentos e habilidades especiais por parte do tradutor, seja ela uma tradução de cunho literário, técnico ou audiovisual. Dessa maneira, a autora (2011) condiciona, alternativamente, os critérios de classificação do tipo de tradução conforme as características do texto a ser traduzido. Na tradução escrita, a autora destaca dois tipos predominantes, considerando as características de cada texto: (i) a tradução de textos especializados (tradução de textos técnicos, científicos, jurídicos, econômicos, etc.) e (ii) a tradução de textos não especializados (tradução de textos literários, publicitários, jornalísticos, etc.). Segundo Hurtado (2011, p. 59), a distinção entre textos especializados e não especializados estaria marcada pela predominância da área de especialidade e pelo uso de gêneros textuais específicos em cada texto.

Cabré, Domènech e Estopà (2018), por outro lado, concebem o texto especializado a partir de uma perspectiva mais ampla e defendem que o texto especializado pode ser caracterizado a partir de três critérios fundamentais, a saber: (i) cognitivo, (ii) linguístico e (iii) pragmático. No que diz respeito aos critérios cognitivos, as autoras (2018) apontam que o texto especializado se distingue, sobretudo, pela temática veiculada e pela forma como ela é abordada dentro do texto, como explicitado por Hurtado (2011). Nesse sentido, esta temática se insere no cerne de um âmbito especializado e representa, portanto, uma percepção idealizada da realidade compartilhada por um grupo de especialistas de uma área.

No plano linguístico, um texto especializado se caracterizaria normalmente, segundo essas autoras (2018), pelo uso de formas linguísticas concisas, pela objetividade e impessoalidade no estilo e, principalmente, pelo uso de terminologia específica da área, normalmente de caráter opaco e preciso. Segundo Cabré (1999, p. 192), os termos são “[...] os elementos que concentram com maior densidade o conhecimento especializado [...]”<sup>28</sup>, tornando-se, assim, pontos fundamentais em textos especializados.

Sobre o critério pragmático, Cabré, Domènech e Estopà (2018) indicam que os textos especializados podem ser caracterizados com relação aos interlocutores envolvidos na situação comunicativa em questão e à função básica do texto. As autoras consideram crucial que o emissor do texto seja especialista na área em questão, tenha seu conhecimento sido adquirido

---

<sup>28</sup> [...] *los elementos que concentran con mayor densidad el conocimiento especializado [...]*

por meio de estudos acadêmicos ou por prática profissional. No entanto, Cabré (1993) indica que o texto especializado, embora produzido por um especialista, pode ser destinado a diferentes tipos de receptores (por exemplo, a outros especialistas, aprendizes da área ou público geral), o que pode interferir diretamente no nível de especialização do texto produzido e, conseqüentemente, na terminologia empregada. Além disso, a função dos textos especializados é predominantemente referencial (ou seja, informativa), não havendo textos especializados, por exemplo, com funções exclusivamente poéticas ou conotativas. Por apresentarem uma proposta mais holística, utilizo, para fins desta pesquisa, as considerações de Cabré, Domènech e Estopà (2018) para a caracterização de textos especializados.

Como observado previamente (vide subseção 2.1.2), a prática tradutória de modo geral se caracteriza também por ser um ato comunicativo em que o tradutor atua enquanto intermediário linguístico-cultural, papel este que continua a desempenhar na tradução de textos especializados. Não obstante, o tradutor, nesse contexto, deve assumir as mesmas competências do emissor, caracterizado enquanto um especialista da área de modo a assegurar a qualidade final do texto alvo. Assim sendo, Cabré (1999, p. 188) frisa que fazer tradução especializada “[...] pressupõe conhecer a matéria que se traduz [...], saber expressá-la precisa e adequadamente e fazer como faria espontaneamente um especialista, falante nativo de uma língua”<sup>29</sup>.

Gamero (2001) pontua ainda três tipos de conhecimentos que devem ser observados durante o processo de tradução de textos técnicos, considerações estas que podem ser estendidas aos demais tipos de textos especializados (GAMERO, 2001; HURTADO, 2011). Em primeiro lugar, Gamero (2001, p. 39) indica o conhecimento da área de especialidade, assim como apontado por Cabré (1999) e Hurtado (2011), como fator fundamental para esse tipo de tradução, uma vez que “[...] ao abordar um campo especializado, é inevitável nomear conceitos e, principalmente, estabelecer relações entre eles”<sup>30</sup>, enfatizando a impossibilidade de se fazer uma tradução quando não há a compreensão do texto de partida por parte do tradutor, o que considera também um princípio geral da tradução.

Além disso, de modo análogo a Hurtado (2011), Gamero (2001, p. 41) destaca que cada área de especialidade está relacionada a gêneros textuais característicos e aponta que “[...]”

---

<sup>29</sup> [...] *presupone conocer la materia que traduce [...], saber expresarla precisa y adecuadamente y hacerlo como lo haría espontáneamente un especialista, hablante nativo de una lengua.*

<sup>30</sup> [...] *al abordar un campo especializado es inevitable nombrar conceptos y sobre todo establecer relaciones entre ellos.*

a variedade de gêneros textuais que caracteriza o que denominamos ‘textos técnicos’ é extensíssima, e cada um deles apresenta características prototípicas de modo geral muito marcados”<sup>31</sup>. Dessa maneira, estar familiarizado com os gêneros textuais relacionados a cada área de especialidade e suas respectivas peculiaridades é um fator importante para se desempenhar eficientemente a tradução de textos especializados.

Por último, Gamero (2001) explica que cada área dispõe de sua própria terminologia e considera inquestionável a relevância dessa terminologia para a tradução de textos técnicos. Nesse tocante, é consensual entre diversos autores (por exemplo, CABRÉ, 1993; LÉRAT, 1997; GAMERO, 2001; HURTADO, 2011; FRANCO, 2013) que a tradução de textos especializados demanda com frequência a resolução de problemas de caráter terminológico, como já especificado anteriormente (vide subseção 1.1).

Cabré (1999), por exemplo, elenca algumas necessidades terminológicas que podem emergir durante a tradução especializada de forma geral. Com relação à terminologia em língua fonte, Cabré (1999) assinala que o tradutor pode ter a necessidade, por exemplo, de conhecer ou aferir o significado de um termo, confirmar seu caráter especializado ou conhecer suas variantes denominativas e suas condições de uso. No que diz respeito à terminologia na língua alvo, Cabré (1999) explica que o tradutor pode ter a necessidade de encontrar equivalentes terminológicos para os termos na língua de partida, saber quais equivalentes são os mais adequados para um determinado contexto, conhecer as alternativas denominativas de um mesmo conceito e suas condições pragmáticas, conhecer mecanismos de criação de termos caso necessário, entre outras.

É importante salientar, entretanto, que as possibilidades apresentadas pela autora (1999) são de caráter geral, ou seja, delineiam necessidades terminológicas comumente encontradas no processo de tradução de textos especializados, mas podem não refletir as especificidades de cada área de especialidade, como na tradução de textos especializados escritos da arquitetura gótica. Para se ter maior precisão neste tocante, Fuertes e Tarp (2014) sugerem, enquanto um procedimento eficaz para a determinação das necessidades terminológicas oriundas do processo tradutório, o uso do método dedutivo, que será melhor abordado posteriormente (vide subseção 2.3.3).

---

<sup>31</sup> [...] *la variedad de géneros textuales que caracteriza a lo que denominamos “textos técnicos” es extensísima, y cada uno de ellos presenta unos rasgos prototípicos por lo general muy marcados.*

De todos os modos, Cabré (1999) defende que a qualidade final de uma tradução especializada está diretamente associada à manipulação adequada de uma terminologia utilizada efetivamente por especialistas da área e ajustada ao nível de especialização em questão, evitando-se preferencialmente outras estratégias de tradução, tais como a paráfase.

Posto isto e embasado nas contribuições traçadas nesta subseção, é possível reafirmar o caráter fundamental desempenhado pelos conhecimentos terminológicos no que tange à tradução de textos especializados, muito embora os problemas terminológicos, como exposto acima, não sejam os únicos que emergem desse tipo de tradução. Tendo em vista, então, que “[...] cabe aos estudos terminológicos gerarem esses produtos [repertórios terminológicos], com base em metodologias adequadas, proporcionando recursos confiáveis para o exercício da tarefa tradutória” (AUBERT, 1996, p. 15), discorro sobre os principais conceitos a respeito da Terminologia e da Terminografia a seguir (vide, respectivamente, subseções 2.2 e 2.3) no intento de apresentar uma visão geral dos estudos terminológicos e fundamentar a prática terminográfica realizada nesta pesquisa.

## 2.2 TERMINOLOGIA

Em função da designação “terminologia” apresentar um caráter polissêmico, discorro, em primeiro lugar, sobre três de suas noções básicas. De acordo com Cabré (1999, p. 18, grifos da autora), a designação “terminologia” pode remeter: “*a*) à disciplina, *b*) à prática e *c*) ao produto de termos gerados por essa prática”<sup>32</sup>.

No que diz respeito à “terminologia” enquanto disciplina, Cabré (1999, p. 18) a descreve como “[...] a matéria que se ocupa dos termos especializados”<sup>33</sup>, isto é, a área do conhecimento que se dedica ao estudo dos conjuntos de palavras específicas utilizadas em diferentes âmbitos especializados (por exemplo, os termos da Linguística, da Medicina, do Direito ou da Informática). Em sua face prática, a designação “terminologia” remete ao “[...] conjunto de princípios destinados à compilação de termos especializados”<sup>34</sup> (1999, p. 18), também conhecida por Terminografia (EDO, 2012). Enquanto produto, a designação “terminologia” remeteria, ainda, ao “[...] conjunto de termos de uma determinada

---

<sup>32</sup> a) *a la disciplina*, b) *a la práctica*, y c) *al producto generado por esa práctica*.

<sup>33</sup> [...] *la materia que se ocupa de los términos especializados*.

<sup>34</sup> [...] *conjunto de principios encaminados a la recopilación de términos especializados*.

especialidade”<sup>35</sup>, ou seja, à coletânea de palavras específicas empregadas em âmbitos especializados determinados (por exemplo, a terminologia da Linguística inclui termos como “vozeamento”, “sufixação”, “partícula dêitica”, etc.), também conhecida por “conjunto terminológico” (BARROS, 2004). De modo a fazer a distinção entre essas acepções, utilizo, em toda a extensão deste trabalho, (i) “Terminologia” (com inicial maiúscula) para me referir à disciplina, (ii) “Terminografia” para designar a prática, e (iii) “terminologia” (com inicial minúscula) ou “conjunto terminológico” para denominar o conjunto de termos<sup>36</sup>.

Tendo exposto as acepções básicas que permeiam a designação “terminologia”, exploro a seguir os principais modelos teóricos da Terminologia moderna, destacando a relevância da proposta de Wüster (1998/1979) para o estabelecimento desta disciplina, além de pontuar as principais críticas lançadas a essa proposta e introduzir os preceitos de um paradigma de estudo terminológico: a Teoria Comunicativa da Terminologia (CABRÉ, 1999), com a qual fundamento a presente pesquisa.

### 2.2.1 Modelos teóricos da Terminologia

Embora o surgimento dos primeiros termos tenha coincidido com as primeiras manifestações da sociedade ainda na Antiguidade, o estabelecimento da Terminologia enquanto disciplina formal só ocorreu no início do século XX, graças aos esforços, em particular, de estudiosos como o engenheiro austríaco Eugen Wüster (CABRÉ, 2003; BARROS, 2004; EDO, 2012).

Com o intuito de sanar ambiguidades presentes nos discursos técnico-científicos, Wüster fez uma proposta de normalização da linguagem técnica em sua tese de doutorado na Alemanha em 1930, estudo este que viria a dar forma ao que se compreende atualmente pela Teoria Geral da Terminologia (TGT). Sua proposta teórica, contudo, somente seria assim intitulada depois de sua tradução para o inglês, o espanhol e o francês de sua obra póstuma *Einführung in die allgemeine Terminologielehre und terminologische Lexikographie*,

---

<sup>35</sup> [...] conjunto de términos de una determinada especialidad.

<sup>36</sup> Ressalvo que, na extensão desta pesquisa, opto por não me referir ao conjunto terminológico estudado por “nomenclatura”, uma vez que, no âmbito da Terminologia e da Terminografia, a distinção entre “nomenclatura” e “terminologia” ainda não está devidamente esclarecida (BARROS, 2004) e não pretendo adentrar nessa questão.

publicada por Helmut Felber, estudante de Wüster na Universidade de Viena de 1972 a 1974 (CABRÉ, 2003).

Em seu paradigma teórico, Wüster (1998/1979) apresenta a Terminologia na condição de disciplina autônoma, porém particularmente relacionada com outras áreas do conhecimento, tais como a Lógica, a Ontologia e a Ciência da Informação, e com “[...] a necessidade de ter um estreito intercâmbio de experiências com as diversas ‘áreas do saber’, como a Física, a Engenharia Elétrica ou a Economia”<sup>37</sup> (1998/1979, p. 26), evidenciando o caráter interdisciplinar inerente à Terminologia desde os seus primórdios enquanto disciplina.

Não obstante, Wüster (1998/1979) tinha o interesse de desvincular epistemologicamente a Terminologia de outros campos de estudo, em particular, com as bases teóricas da Linguística saussuriana. Para o autor da TGT (1998/1979), por exemplo, uma “unidade terminológica” seria composta simultaneamente por dois elementos essenciais: “conceito” e “denominação”; o primeiro seria um “elemento do pensamento” e, portanto, não poderia existir na realidade propriamente dita, enquanto que o segundo seria a representação linguística desses conceitos (1998/1979, p. 71). Embora “conceito” e “denominação” fossem elementos essenciais e inerentes à constituição das unidades terminológicas, esses dois componentes poderiam ser completamente dissociáveis, o que se contrapõe ao princípio saussuriano de que o signo linguístico (palavra) seria uma entidade psíquica composta por um conceito (significado) e uma imagem acústica (significante) não dissociáveis, como duas faces da mesma moeda (SAUSSURE, 2006). Além disso, na perspectiva da TGT, as unidades terminológicas seriam componentes independentes das unidades lexicais e, por conseguinte, constituiriam um sistema linguístico próprio, independente da língua geral. Em sua proposta, Wüster (1998/1979) advoga, ainda, em favor da univocidade dos termos em seus contextos especializados de modo que “[...] não deveria haver denominações ambíguas (homônimos e polissemia), nem mais de uma denominação para um mesmo conceito (sinônimos)”<sup>38</sup> (1998/1979, p. 137).

Muito embora a proposta wüsteriana tenha desempenhado um papel importante na estruturação teórica da Terminologia, existem diversas críticas que apontam deficiências que tornariam a TGT insatisfatória para ser aplicada em diferentes âmbitos, tanto do ponto de vista

---

<sup>37</sup> [...] *la necesidad de tener un estrecho intercambio de experiencias con las diversas “áreas del saber”, como la física, la ingeniería eléctrica o la economía.*

<sup>38</sup> [...] *no debería haber denominaciones ambiguas (homónimos y polisemia), ni denominaciones múltiples para un mismo concepto (sinónimos).*

teórico quanto metodológico, como indica Cabré (1996, 1999, 2003). Essa autora (1999) assinala que o modelo wüsteriano não permite lidar com toda a complexidade do léxico especializado, em particular, por seu caráter idealista e reducionista.

Para Cabré (1999), isso ocorreria devido ao fato de a TGT não ser capaz de trabalhar de maneira eficaz (i) com a poliedricidade da unidade terminológica (vide subseção 2.2.2); (ii) com a dupla função inerente às unidades terminológicas (representar e transmitir o conhecimento especializado); (iii) com a definição da linguagem enquanto real ou ideal e da comunicação enquanto atividade *in vivo* ou *in vitro*; e (iv) com a diversidade das aplicações terminológicas, determinadas pelas características pragmáticas da comunicação. Apesar de suas críticas, a autora, entretanto, ressalva que “o posicionamento crítico direcionado à TGT não a invalida como teoria, somente destaca sua limitação conceitual e funcional [...]”<sup>39</sup> (1999, p. 116) além de reconhecer o grande valor da TGT para o estabelecimento da Terminologia enquanto disciplina.

Pautada pelas críticas dirigidas à TGT descritas acima, Cabré (1999) encabeça um novo paradigma teórico-metodológico para o estudo terminológico moderno, conhecido como a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), cujos parâmetros fundadores foram compilados na obra intitulada *La terminología: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos* (1999), e posteriormente revisados e ampliados pela própria autora (2003, 2018) e pelos pesquisadores integrantes do grupo de pesquisa sobre léxico, terminologia e discurso especializado<sup>40</sup> (IULATERM), da Universitat Pompeu Fabra (UPF), mais notadamente através das publicações de Estopà (1999, 2001, 2010), Feliu (2004), Freixa (2002, 2005, 2006) e Lorente (2001, 2007). Coletivamente esses autores se intitulam “Escola de Barcelona” (CABRÉ; DOMÈNECH; ESTOPÀ, 2018).

No âmbito da TCT, Cabré (1999, p. 130) busca inicialmente “[...] desenhar um modelo teórico mais aberto que possa descrever as unidades terminológicas em toda a sua complexidade e localizá-las em uma teoria multidimensional mais ampla”<sup>41</sup>, levando em consideração a utilização real dos termos na comunicação especializada, além de “[...] estabelecer uma metodologia de trabalho coerente com os princípios da teoria e ao mesmo

---

<sup>39</sup> *Las posiciones críticas ante la TGT no la invalidan como teoría, sino que simplemente subrayan su limitación conceptual y funcional [...]*

<sup>40</sup> Grup de lèxic, terminologia i discurs especializat.

<sup>41</sup> [...] *diseñar un modelo teórico más abierto que pueda describir las unidades terminológicas en toda su complejidad y ubicarlas en una teoría multidimensional más amplia.*

tempo suficientemente flexível para poder adequar-se à diversidade de características das situações e aplicações”<sup>42</sup> em vez de focar-se somente na normalização terminológica, como previa a TGT. Cabré (1999, p. 133) considera, dessa maneira, a Terminologia enquanto um campo de estudo interdisciplinar e dotada de uma faceta teórica, responsável por “[...] descrever formal, semântica e funcionalmente as unidades que possam adquirir valor terminológico [...]”<sup>43</sup>, e outra aplicada, dedicada a “[...] compilar as unidades de valor terminológico em um tema e situação determinados e estabelecer suas características de acordo com esta situação”<sup>44</sup>, na qual se enquadra a Terminografia (vide subseção 2.3).

De maneira análoga ao que estabelece a proposta wüsteriana, Cabré (1999) indica que as unidades terminológicas propriamente ditas representam o objeto de estudo da Terminologia, porém essas unidades, diferentemente da TGT, estariam dotadas de um caráter poliédrico, formariam parte da linguagem natural e estariam sujeitas à gramática da língua em que estão inseridas, características essas que serão melhor tratadas na subseção 2.2.2. Além disso, embora a Terminologia possua inicialmente o termo como seu objeto de estudo, Estopà (1999, 2001) indica que o campo de interesse desta disciplina pode abranger igualmente outras unidades que possam representar e transmitir de maneira similar o conhecimento especializado, tais como as unidades fraseológicas especializadas, combinações sintagmáticas recorrentes e símbolos, que coletivamente são denominadas de unidades de significação especializada (USE). Contudo, saliento que esta pesquisa se centra tão somente no universo relativo às unidades terminológicas e, portanto, não aprofundo a discussão nessa questão.

Ademais, Cabré (1999) frisa que a finalidade aplicada do trabalho terminológico é bastante ampla e que suas aplicações são bastante variadas, e não apenas dedicadas à normalização. Nesse tocante, Lorente (2001, p. 84) afirma que uma aplicação terminológica (ou terminográfica) no marco da TCT inclui “[...] qualquer método, técnica, produto ou sistema que tente resolver algum problema relacionado com a comunicação especializada ou mesmo que funcione de apoio para que essa comunicação tenha maior alcance ou fluidez”<sup>45</sup>. No entanto, independente de qual seja a aplicação, Cabré (1999, p. 133) afirma que, em todos

---

<sup>42</sup> [...] establecer una metodología de trabajo coherente con los principios de la teoría y al mismo tiempo suficientemente flexible para poder adecuarse a la diversidad de características de las situaciones y aplicaciones.

<sup>43</sup> [...] describir formal, semántica y funcionalmente las unidades que pueden adquirir valor terminológico [...]

<sup>44</sup> [...] recompilar las unidades de valor terminológico en un tema y situación determinados y establecer sus características de acuerdo con esta situación.

<sup>45</sup> [...] cualquier método, técnica, producto o sistema que intenta resolver algún problema relacionado con la comunicación especializada o bien que sirve de ayuda para que esa comunicación tenga mayor alcance o fluidez.

os casos, “[...] se ativa a dupla função dos termos: a representação do conhecimento especializado e sua transferência, embora em graus e modos distintos e em situações diversas”<sup>46</sup>.

Dado assim o caráter mais abrangente da TCT, mais notadamente no que diz respeito à sua percepção com relação aos termos e à diversidade que promove no que se refere às aplicações terminológicas, considero que a presente pesquisa se alinha de melhor forma com o que está preconizado por essa teoria em vez dos preceitos restritivos da TGT. Por conseguinte, em base sempre que possível os demais aspectos terminológicos desta seção à luz dos aportes teórico-metodológicos da TCT, destacando suas dissonâncias perante o modelo wüsteriano de modo a reforçar a adoção de uma teoria de base comunicativa nesta pesquisa. Ademais, correlaciono as contribuições postuladas pela Escola de Barcelona com o fazer terminológico que desenvolvo durante esta pesquisa no intuito de apresentar exemplos pertinentes e demonstrar como teoria e prática estão alinhadas neste estudo. Sendo assim, apresento a seguir as principais características relativas ao objeto de estudo por excelência da Terminologia: a unidade terminológica.

### 2.2.2 A unidade terminológica

No âmbito da TCT, as unidades terminológicas são concebidas enquanto unidades lexicais que ativam o seu caráter de termo em face de condições pragmáticas específicas (CABRÉ, 1999; CABRÉ; DOMÈNECH; ESTOPÀ, 2018), suposição esta que diverge diretamente dos princípios da TGT, que defendia a concepção dos termos enquanto unidades independentes detentoras de um caráter de termo intrínseco. Para Cabré (1999, p. 25), uma “unidade lexical” (ou palavra) seria “[...] uma unidade descrita por um conjunto de características linguísticas sistemáticas e dotada da propriedade de se referir a um elemento da realidade”<sup>47</sup> ao passo que uma “unidade terminológica” corresponderia, então, a “[...] uma unidade de características linguísticas similares, utilizada em um domínio de especialidade”<sup>48</sup>, de modo que “[...] uma palavra que faça parte de uma área de especialidade seria um termo”<sup>49</sup>.

---

<sup>46</sup> [...] se activa la doble función de los términos: la representación del conocimiento especializado y su transferencia, aunque en grados y modos distintos y en situaciones también diversas.

<sup>47</sup> [...] una unidad descrita por un conjunto de características lingüísticas sistemáticas y dotada de la propiedad de referirse a un elemento de la realidad.

<sup>48</sup> [...] una unidad de características lingüísticas similares, utilizada en un dominio de especialidad.

<sup>49</sup> [...] una palabra que forme parte de un ámbito especializado sería un término.

Posto de outra forma, as unidades terminológicas seriam, a princípio, palavras que ao serem empregadas em determinados contextos especializados apresentariam um caráter de termo, pressuposto este que Cabré (1999) intitula “princípio do valor terminológico”. A título de ilustração, a designação “agulha” pode ser considerada uma unidade lexical que compõe a língua geral, sendo compreendida, por exemplo, como “instrumento para coser, bordar ou cerzir à mão que consiste em uma haste delgada, reta ou curva, geralmente de aço polido [...]”<sup>50</sup>, porém, ao ser utilizada no âmbito da arquitetura, ela apresenta um significado singularmente específico, ou seja, “arremate em forma piramidal ou cônica, de pequena base e grande altura, disposto no ponto mais alto de torres, sobretudo de igrejas, aumentando seu efeito de esbeltez” (ALBERNAZ; LIMA, 1998a, p. 22) e, nesse contexto, “ativa” seu caráter de termo, relacionando-se a uma área de especialidade. Assim sendo, as unidades terminológicas estariam sujeitas aos mesmos princípios linguísticos que as unidades lexicais, seriam dotadas da mesma capacidade de se referir a um elemento da realidade, porém se difeririam em seu uso pragmático.

Por conta do caráter multidimensional inerente aos termos, a Escola de Barcelona (por exemplo, CABRÉ, 1999, 2003; ESTOPÀ, 1999, 2001) advoga ainda em favor do princípio da poliedricidade das unidades terminológicas, ou seja, postulam que as unidades terminológicas seriam compreendidas enquanto unidades multifacetadas dotadas simultaneamente de aspectos de caráter cognitivo (o conceito), linguístico (a denominação) e comunicativo (a situação), os quais podem ser analisados em conjunto ou separadamente de acordo com os objetivos da pesquisa terminológica.

De modo análogo à TGT, as unidades terminológicas no marco teórico da TCT são igualmente constituídas de “conceito” (ou significado) e “denominação” (ou forma), porém, diferentemente da proposta wüsteriana, esses dois componentes não são considerados dissociáveis, uma vez que “[...] o conteúdo é simultâneo à forma”<sup>51</sup> (CABRÉ, 1999, p. 132), o que reaproxima a composição de uma unidade terminológica à de um signo linguístico saussuriano. Além de conceito e denominação, as unidades terminológicas estariam sujeitas à situação comunicativa em que ocorrem, o que não era contemplado de nenhuma forma na teoria de Wüster.

---

<sup>50</sup> Dicionário Michaelis Online. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=agulha>. Acesso em 28 jun. 2017.

<sup>51</sup> [...] *el contenido es simultáneo a la forma*.

Cabré (1999) frisa ainda que os termos fazem parte da linguagem natural e estão igualmente sujeitos à gramática da língua em que estão inseridos, diferentemente da TGT que apregoava que as unidades terminológicas formariam um subsistema linguístico completamente autônomo às unidades lexicais no qual os seus componentes estariam sujeitos a regras específicas. No âmbito da arquitetura gótica, por exemplo, o termo “arcobotante” atende aos mesmos parâmetros fonológicos, morfossintáticos e semânticos que outras palavras na língua portuguesa, bem como possui sua origem etimológica na língua francesa (“*arcoboutant*”) em decorrência de um possível decalque a fim de cobrir uma lacuna terminológica para se referir ao “pilar terminado em meio arco, que ampara exteriormente uma parede ou uma abóboda”<sup>52</sup>. Para a TCT, portanto, “[...] os termos não são unidades isoladas que constituem um sistema próprio, mas sim unidades que se incorporam ao léxico de um falante quando este adquire o papel de especialista por meio da aprendizagem de conhecimentos especializados”<sup>53</sup> (1999, p. 131). Entretanto, este fato não impede que esses mesmos termos, como bem assinala Cabré (1999), estejam sistematizados igualmente no âmbito especializado em que estão inseridos. Os termos podem, por exemplo, atender a tendências de estruturação dentro de uma área de especialidade (por exemplo, a organização conceitual).

Além disso, a TCT reconhece a plurivocidade das unidades terminológicas, ou seja, nenhum termo estaria necessariamente vinculado a um único conceito absoluto (e vice-versa), tal qual apregoava o princípio da univocidade da TGT (vide subseção 2.2.1)<sup>54</sup>. Cabré (1999, p. 137) pontua, dessa forma, que as unidades terminológicas podem apresentar variação denominativa, uma vez que um mesmo conceito pode ser representado simultaneamente por mais de uma denominação, com os mesmos valores pragmáticos ou não, porém estabelecendo entre si uma relação de valor sinonímico (vide subseção 2.2.3). Por exemplo, “rib vault” e “ribbed vault”, no âmbito da arquitetura gótica, são variantes denominativas do mesmo conceito uma vez que se referem ao mesmo tipo de abóbada e podem ser utilizadas nas situações comunicativas especializadas, sem prejuízo de sentido. Essas variações, como bem

---

<sup>52</sup> Dicionário Michaelis Online. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=mwP2>. Acesso em 30 jun. 2017.

<sup>53</sup> [...] *los términos no son unidades aisladas que constituyen un sistema propio, sino unidades que se incorporan en el léxico de un hablante en cuanto adquiere el rol de especialista por el aprendizaje de conocimientos especializados.*

<sup>54</sup> É interessante ressaltar, contudo, que embora o modelo wüsteriano inicialmente não reconhecesse a existência de variações denominativas, uma vez que seu propósito era promover a normalização terminológica, a TGT passou a cobrir esse tipo de relação, embora de forma mais pontual, após atualizações dessa teoria (CABRÉ, 2003).

indica Freixa (2002, 2005, 2006), podem ocorrer por diversas causas, tais como causas dialetais (geográfica, cronológica e social), funcionais (adequação ao nível linguístico ou de especialização) ou discursivas (evitar repetição ou economia linguística).

Da mesma forma que os conceitos podem ser representados por mais de um termo, conforme argumenta Cabré (1999), uma mesma unidade terminológica pode designar mais de um significado. Dessa forma, a TCT também reconhece tanto a polissemia quanto a homonímia no discurso especializado. Quanto à polissemia, Cabré (1999, p. 138) indica que “[...] uma unidade pode ser reutilizada com o mesmo significado em outro campo de conhecimento conservando os mesmos traços conceituais [...]” (por exemplo, “mármore” na Arquitetura e na Engenharia Civil representa o mesmo tipo de material de construção) ou “[...] [a partir] de uma só unidade de base podem se depreender sentidos essencialmente coincidentes, porém parcialmente específicos em função do campo em que se aplicam” (por exemplo, “abadia” na Arquitetura Religiosa pode representar tanto um tipo de mosteiro ou especificamente a igreja dentro desse mesmo mosteiro).

No que concerne à homonímia, Cabré (1993, p. 218) destaca que esse fenômeno ocorre quando dois ou mais termos “[...] coincidem na forma, mas representam conceitos totalmente diferentes”<sup>55</sup>. A designação “rosácea”, por exemplo, pode ser compreendida tanto como “abertura circular envidraçada, dividida em muitas partições, formando desenhos” (ALBERNAZ; LIMA, 1998b, p. 551) no campo da Arquitetura, quanto como uma “doença crônica da pele do nariz, da testa e bochechas, caracterizada por coloração vermelha [...]”<sup>56</sup> no domínio da Medicina. Portanto, “rosácea” (tipo de janela na Arquitetura) e “rosácea” (tipo de enfermidade na Medicina) não compartilham nenhuma característica similar entre si, somente possuem a mesma denominação em comum, o que revela assim um caso de homonímia. Por conta disso, Cabré (1999, p. 133, grifos da autora) destaca ainda que “os termos *não pertencem a uma área*, mas *são usados em uma área* com valor singularmente específico”<sup>57</sup>. Em outras palavras, as unidades terminológicas não integrariam de maneira exclusiva nenhuma área de especialidade, podendo transitar entre elas com valores e acepções específicas.

Quanto aos aspectos formais das unidades terminológicas, estas podem ser classificadas em dois tipos básicos: (i) “termo simples” ou (ii) “termo complexo” (CABRÉ,

<sup>55</sup> [...] *coinciden en la forma, pero representan conceptos totalmente diferentes.*

<sup>56</sup> Dicionário Médico. Disponível em: <http://www.xn--dicionariomdico-0gb6k.com/ros%C3%A1cea.html>. Acesso em 12 mai. 2017.

<sup>57</sup> *Los términos no pertenecen a un ámbito, sino que son usados en un ámbito con valor singularmente específico.*

1999; BARROS, 2004; KRIEGER; FINATTO, 2004). Denomina-se “termo simples” o termo constituído somente por um lexema (por exemplo, “gárgula”, “rosácea” ou “pináculo”, na arquitetura gótica) e “termo complexo” (ou “sintagma terminológico”) o termo que for composto por uma sequência lexemática (por exemplo, “arco ogival”, “abóbada de nervuras” ou “janela de lanceta”, na arquitetura gótica).

Cabré (1999) indica que cada unidade terminológica estaria ainda associada a uma única classe gramatical básica, com predominância da classe substantiva, e que as unidades adjetivas e verbais de caráter terminológico estariam normalmente atreladas a uma unidade terminológica nominal. Por exemplo, na arquitetura gótica, o adjetivo “ogival” está frequentemente associado à unidade nominal “arco”, formando o sintagma terminológico “arco ogival”, o que ocorre também com outros adjetivos de cunho terminológico dentro dessa área de especialidade (vide subseção 3.4).

Estopà (1999, p. 249-250) afirma, ainda, que os adjetivos especializados podem estar acompanhados de substantivos organizadores do discurso, denominados de “paratermos”, que possuem “[...] a função de ‘enxugar cognitivamente’ o texto e [...] proporcionar informação semântica, pragmática e extralingüística sobre as USE [...]”<sup>58</sup>, mas que de outra forma não seriam considerados termos. Por exemplo, o substantivo “período”, na arquitetura gótica, é frequentemente associado ao adjetivo especializado “gótico” (relativo à Arte Gótica) e, em conjunto, formam o sintagma “período gótico”. Neste sintagma, “período” funciona como um paratermo ao aportar informações ao adjetivo “gótico” (indicar um intervalo de tempo em que a Arte Gótica se manifestou), porém isoladamente “período” não representa ou transmite nenhum conhecimento especializado e, portanto, não seria considerado em nenhuma circunstância um termo por si próprio no âmbito da arquitetura gótica por ter um sentido demasiado genérico.

Apesar de cada unidade terminológica estar vinculada a uma única categoria gramatical básica, isto, contudo, não as impede de adotar o funcionamento de outra categoria, quando necessário, dentro do discurso especializado. A título de ilustração, “stained glass”, no inglês britânico, pode ser classificado enquanto um sintagma nominal, porém, em determinadas ocorrências, este termo pode assumir o funcionamento de um adjetivo ao fazer

---

<sup>58</sup> [...] *la funció “d’esponjar cognitivament” el text i [...] proporcionar informació semàntica, pragmàtica i extralingüística sobre les USE [...]*

parte de um sintagma maior, como na estrutura “stained-glass window” (marcado aqui por sua posição sintagmática e pela hifenização).

Além disso, para fins desta pesquisa, convém ressaltar que os sintagmas terminológicos são em geral compostos por até cinco lexemas (BARROS, 2004). Krieger e Finatto (2004, p. 81) afirmam, ainda, que existe uma “[...] prevalência das terminologias instituídas ao modo de sintagmas, num percentual que se situa em torno de 70% das ocorrências terminológicas”, opinião que é complementada pelo comentário de Barros (2004, p. 101) de que no “[...] discurso científico e especializado, a produtividade discursiva exprime-se em grande parte pela criação de termos de tipo sintagmático”, fator que influenciou no processo da extração terminológica na presente pesquisa (vide subseção 3.4).

Como discutido por diversos autores (CABRÉ, 1993, 1999; BARROS, 2004; KRIEGER; FINATTO, 2004), o reconhecimento terminológico pode se tornar em um processo moroso pelo fato de ser difícil determinar o caráter de termo do segmento linguístico analisado. Com vistas a facilitar o processo de reconhecimento terminológico, Cabré (1993) arrola um número de testes que podem ser aplicados a candidatos a termos, de modo a determinar o seu caráter de termo, os quais sintetizo a seguir e exemplifico com termos retirados do corpus de estudo:

- a) os sintagmas terminológicos organizam-se lexicalmente em volta de um único núcleo (“*arco ogival*”, “*arco quebrado*”);
- b) outros elementos linguísticos não podem ser inseridos no sintagma terminológico (“*arco ogival*” e não “*arco dos ogivais*”);
- c) nenhum dos componentes do sintagma terminológico pode ser alterado individualmente (“*arco quebrado*”, mas não “*arco requebrado*”);
- d) a unidade terminológica pode ser substituída por um sinônimo (“*arco ogival*” = “*arco quebrado*”);
- e) a frequência de recorrência de uma mesma unidade terminológica dentro de uma área de especialidade (“*vault*” e “*nave*” [en-GB] são bastante frequentes em textos especializados da arquitetura gótica [vide subseção 3.4]);
- f) o equivalente do sintagma terminológico em outras línguas é composto por somente um único lexema (“*rose window*” [en-GB] = “*rosácea*” [pt-BR]); e

- g) o significado da unidade terminológica como um todo não pode ser deduzida do significado individual de suas partes (por exemplo, “pé-direito” se refere genericamente, entre outras possibilidades, aos suportes de apoio de uma abóbada ou um arco, significado este que não poderia depreendido diretamente dos significados de “pé” e “direito”).

Por fim, Cabré (1999), como já bastante antecipado por Wüster (1998/1979), considera que as unidades terminológicas, em conjunto, mantêm entre si uma ampla gama de relações. A autora (1999) aponta que este fato se dá por conta de os termos não ocorrerem de forma isolada em uma dada área de especialidade nem tampouco serem empregados em situações descontextualizadas, mas sim sempre mantendo uma série de relações entre si. Por ser uma parte importante para a elaboração do sistema de remissivas do produto final deste trabalho (vide subseção 4.2), exploro com maiores detalhes esta temática na subseção a seguir.

### **2.2.3 As relações semântico-conceituais**

Nos estudos terminológicos, as relações entre conceitos de uma mesma área de especialidade são tradicionalmente marcadas por relações de caráter lógico e ontológico, mais notadamente por relações genéricas e relações partitivas (WÜSTER, 1998/1979; CABRÉ, 1993), o que não impede, contudo, a possibilidade de esses mesmos conceitos apresentarem outros tipos de relação.

Feliu (2004), por exemplo, revisita as relações conceituais propostas no âmbito da Terminologia, tais como as de Wüster (1998/1979) e da ISO 1087-1 (2000), e as complementa a partir dos aportes da Semântica Lexical, mais notadamente com base nos trabalhos de Cruse (1986, 2000) e Lyons (1978, 1995), propondo, ao final, uma tipologia de possíveis relações conceituais aos moldes da TCT. Apesar de Feliu (2004) continuar a denominar sua proposta tipológica de “relações conceituais”, mesmo após a inclusão de aportes oriundos da Semântica Lexical, prefiro, contudo, denominá-las, neste estudo, de “relações semântico-conceituais” (BARROS, 2004) para equilibrar as duas vertentes teóricas a que representam e contemplar que essas relações se mantêm tanto no plano conceitual quanto no linguístico.

Para Feliu (2004), pode haver, pelo menos, sete tipos gerais de relações conceituais, a saber: relações de (i) semelhança, (ii) inclusão, (iii) meronímia, (iv) sequencialidade, (v)

causalidade, (vi) instrumental e (vii) associação. Para efeitos desta pesquisa, contudo, abordo tão somente os aspectos concernentes às relações de semelhança, inclusão, meronímia e associação, de modo a se obter um panorama geral das relações semântico-conceituais mais representativas do conjunto terminológico desta pesquisa (vide subseção 4.1).

Em primeiro lugar, a relação de semelhança, segundo Feliu (2004, p. 35), corresponde, de maneira mais ampla, ao tipo de relação que “[...] se estabelece pela equivalência ou oposição entre dois ou mais elementos”, podendo haver, dessa forma, dois subgrupos: um de caráter positivo e outro de caráter negativo. No que tange ao subtipo positivo mais especificamente, a autora (2004) destaca inicialmente a existência da relação de equivalência total ou sinonímia que, conforme a ISO 1087-1 (2000, p. 8), seria a “relação [mantida] entre termos de uma dada língua que representam o mesmo conceito”<sup>59</sup>. Por exemplo, esta seria o tipo de relação existente entre os termos “rib vault” e “ribbed vault”, no âmbito da arquitetura gótica em inglês britânico, para representar o mesmo tipo de abóbada. No entanto, como bem reforça Barros (2004, p. 221), esse tipo de relação é bastante raro pelo fato das unidades terminológicas não serem “[...] permutáveis em todos os contextos [...]”.

Por conta disso, Barros (2004) indica que é preferível pensar em parassinonímia ou, no contexto terminológico, de quase-sinonímia, que seria o tipo de relação, de acordo com Boutin-Quesnel (1985, p. 21), mantida por “[...] termos de uma dada língua que designam um mesmo conceito, mas que se situam em níveis de língua e em níveis de conceptualização diferentes ou que se empregam em situações de comunicação diferentes”<sup>60</sup>. Por exemplo, “arco ogival” e “arco gótico”, no âmbito da arquitetura gótica, podem ser considerados quase-sinônimos, uma vez que se referem ao mesmo tipo de arco, porém são utilizados em contextos pragmáticos diferentes. A este último tipo de relação, Feliu (2004) denomina de equivalentes parciais ou similares. Para efeitos desta pesquisa, contudo, prefiro me referir aos subtipos positivos das relações de semelhança de Feliu (2004) (isto é, equivalência total e equivalência parcial), respectivamente, de sinonímia e quase-sinonímia para não acarretar em confusão terminológica com a relação de equivalência terminológica interlinguística, que será abordada na subseção 2.2.4.

---

<sup>59</sup> *relation between or among terms in a given language representing the same concept.*

<sup>60</sup> *[...] termes d'une langue donnée qui désignent une même notion, mais qui se situent à des niveaux de langue ou à des niveaux de conceptualisation différents ou qui s'emploient dans des situations de communication différentes.*

No que se refere à relação de inclusão, Feliu (2004, p. 36) enfatiza que esta corresponderia a uma “[...] relação que se estabelece pela inclusão de algumas características de um determinado elemento em outro”<sup>61</sup>, tradicionalmente conhecidas por “relações genéricas” ou “relação genérico-específico” (CABRÉ, 1993). A ISO 1087-1 (2000, p. 9), por exemplo, entende a relação genérica enquanto a “relação entre dois conceitos onde a compreensão de um dos conceitos inclui a de outro conceito e pelo menos uma característica distintiva a mais”<sup>62</sup>. Nesse sentido, é possível inferir que esse tipo de relação se estabelece quando um conceito mais amplo (o genérico) fornece todas as suas características a um segundo conceito (o específico), mas este último possui pelo menos mais alguma característica distintiva que o diferirá do primeiro. Por exemplo, a unidade terminológica “arco” (termo genérico ou hiperônimo) mantém uma relação de inclusão com os seguintes termos: “arco ogival” e “arco de volta perfeita” (termos específicos ou hipônimos), uma vez que os conceitos desses últimos são derivados do primeiro, bem como possuem características específicas que permitem diferenciá-los do termo genérico.

Além disso, é importante destacar que as unidades terminológicas subordinadas ao mesmo conceito no mesmo nível hierárquico também mantêm uma relação de co-hiponímia ou de coordenação lógica, que Cabré (1993) descreve enquanto um tipo de relação que “[...] se baseia no fato de os dois conceitos dividirem as características do conceito genérico, mas que cada um possui suas características específicas que os diferencia um do outro”<sup>63</sup>. Com base no exemplo anterior, “arco ogival” e “arco românico” mantêm uma relação de co-hiponímia entre si por serem conceitos que partem de um mesmo hiperônimo.

Por sua vez, segundo Feliu (2004, p. 38), a relação de meronímia trata da “[...] relação que se estabelece entre um elemento que constitui um todo e os seus que compõem as suas partes”<sup>64</sup>, também conhecida por “relações partitivas” ou “relação parte-todo” (CABRÉ, 1993). No âmbito da arquitetura gótica, uma “coluna” (o todo ou termo holônimo), por exemplo, podem ser formados por “base”, “fuste” e “capitel” (suas partes ou termos

---

<sup>61</sup> [...] relació que s'estableix per la inclusió d'algunes característiques d'un determinat element en un altre element.

<sup>62</sup> relation between two concepts where the intension of one of the concepts includes that of the other concept and at least one additional delimiting characteristic.

<sup>63</sup> [...] se basa en que las dos nociones son específicas de un mismo genérico; es decir, que ambos conceptos comparten las características del concepto genérico, pero que cada uno posee sus características particulares que los hacen diferentes el uno del otro.

<sup>64</sup> [...] relació que s'estableix entre un element que constitueix un tot i els elements que conformen les seves parts.

merônimos). Cabré (1993, p. 206) acrescenta que esse tipo de relação de ordem ontológica, além de estabelecer um tipo de relação entre o todo e suas partes, também se dá entre as diferentes partes do mesmo todo e que estas relações “[...] se baseiam na contiguidade dos objetos no espaço, e portanto são relações que ocorrem simultaneamente”<sup>65</sup>.

Além desses tipos de relações, é importante destacar que as unidades terminológicas estão inter-relacionadas por outros tipos de relações que nem sempre podem ser representadas pelos tipos de relação explorados até o momento. As relações associativas descritas por Feliu (2004) se configuram por uma “[...] relação que se estabelece pela correlação entre dois ou mais elementos”<sup>66</sup>. Na ISO 1087-1 (2000), este tipo relação é compreendido enquanto a “relação entre dois conceitos que possuem um vínculo temático não hierárquico em virtude de experiência”<sup>67</sup>, advindas de relações de caráter pragmático (por exemplo, entre, a relação mantida entre um “arco” e uma “enjunta”).

Após ter explorado as nuances relativas às relações semântico-conceituais, contribuições estas bastante pertinentes para a elaboração do sistema de remissivas do vocabulário projetado nesta pesquisa (vide subseção 3.1), sigo então à exposição da discussão teórica quanto aos conceitos que permeiam outro ponto crucial para elaboração de uma obra interlinguística: a equivalência terminológica.

#### 2.2.4 Equivalência terminológica

Ao se trabalhar a terminologia de uma área de especialidade determinada em nível bilíngue ou multilíngue, como ocorre no presente estudo, é essencial discorrer sobre a noção de “equivalência terminológica”, considerado um dos elementos principais para este tipo de pesquisa (CABRÉ, 1993). Embora de crucial relevância, esse conceito representa um dos principais pontos de controvérsia nos estudos terminológicos por sua multiplicidade de interpretações, variando conforme o enfoque teórico adotado.

Levando em consideração que a TCT não prevê critérios específicos para lidar com os diferentes tipos de equivalência terminológica interlinguística e na tentativa de suprir essa lacuna teórica, retomo inicialmente a proposta de equivalência de Felber (1987) que, apesar

---

<sup>65</sup> [...] se basan en la contigüidad de los objetos en el espacio, y por lo tanto son relaciones que tienen lugar simultáneamente.

<sup>66</sup> [...] relació que s'estableix per la correlació entre dos o més elements.

<sup>67</sup> relation between two concepts having a non-hierarchical thematic connection by virtue of experience.

de concebida no cerne da TGT, ainda representa uma das abordagens mais amplamente divulgadas a esse respeito e permite uma primeira aproximação à temática. Em suas assertivas, Felber (1987, p. 128) pontua que:

Ao se comparar os conceitos existentes de uma dada área em diferentes línguas, nota-se que determinados conceitos coincidem, o que não é o caso da maioria, e que existem graus de equivalência. Esses graus de equivalência dependem do número de características englobadas por compreensão de dois conceitos que coincidem<sup>68</sup>.

O autor (1987, p. 128) frisa que “a compreensão de um conceito consiste no conjunto de características que o constitui”<sup>69</sup>. Dessa forma, o estabelecimento do grau de equivalência se daria a partir da comparação de suas características conceituais. O autor considera a existência de duas línguas diferentes (língua 1 e língua 2), as quais apresentariam, respectivamente, o conceito “A” e o conceito “B”, onde o primeiro se constituiria do conjunto características “a” (a<sub>1</sub>, a<sub>2</sub>, a<sub>3</sub>, etc.) enquanto que o último, do conjunto de características “b” (b<sub>1</sub>, b<sub>2</sub>, b<sub>3</sub>, etc.). Nesse sentido, Felber (1987, p. 129) apresenta, a partir da análise comparativa dos elementos similares entre os dois conceitos e se valendo da teoria dos conjuntos, quatro graus de equivalência, a saber: (i) equivalência total (=); (ii) interseção ( $\cap$ ); (iii) superordenação ( $\supset$ ); e (iv) não equivalência ( $\neq$ ).

Na arquitetura gótica, por exemplo, seria possível afirmar que existe uma relação de equivalência total entre os conceitos de “trefoil” [en-GB] e “trifólio” [pt-BR], uma vez que ambos os termos designam exatamente o mesmo tipo de elemento decorativo (um ornato em forma de uma flor com três pétalas). Por outro lado, já se poderia dizer que há uma relação de interseção de conceitos entre “cricket” [en] e “Schlagball” [de], considerando que os dois jogos utilizam os mesmos instrumentos, porém possuem regras diferentes (FELBER, 1987).

Além disso, citando outro contexto, os termos “customs clearance” [en-US] e “desembaraço aduaneiro” [pt-BR] manteriam uma relação de superordenação, tendo em vista que o primeiro termo designaria todo o processo de liberação de mercadorias no âmbito aduaneiro, desde o recebimento da solicitação de liberação até a autorização final, enquanto

---

<sup>68</sup> *Lorsqu'on compare les notions qui existent dans un domaine donné dans différentes langues, on constate que quelques notions coïncident mais que ce n'est pas le cas de la plupart d'entre eux et qu'il existe des degrés différents d'équivalence. Ces degrés d'équivalence dépendent du nombre de caractères englobés par compréhension de deux notions qui coïncident.*

<sup>69</sup> *La compréhension d'une notion est l'ensemble des caractères qui constituent cette notion.*

que “desembaraço aduaneiro” destacaria tão somente a autorização final desse processo, de modo que o conceito do termo em inglês americano compreenderia completamente o conceito em português brasileiro e apresentaria ainda outras características distintivas (AZEVEDO, 2015). Por último, um caso de não equivalência se manifestaria justamente quando um conceito não encontra nenhum termo com traços conceituais correspondentes em outra língua, tal como ocorre com “bar tracery” (vide subseção 4.3.7).

Como já sinalizado pelo próprio Felber (1987) e demonstrado pelos exemplos descritos nos parágrafos anteriores, nota-se que o estabelecimento de relações de equivalências exatas entre termos de diferentes línguas nem sempre é possível. Segundo Barros (2004, p. 235), esse fenômeno ocorre “[...] uma vez que o recorte linguístico-cultural pode não ser o mesmo em todas as línguas [...]” e, como bem assinala Dubuc (1985), pode estar ainda atrelado a aspectos pragmáticos associados a cada termo em ambas as línguas.

Considerando que as unidades terminológicas, no marco da TCT, são unidades poliédricas dotadas de características conceituais, denominativas e pragmáticas (vide subseção 2.2.2), considero necessário, assim como pontua Dubuc (1985), levar em consideração, além da comparação das características conceituais, os aspectos pragmáticos que permeiam tais unidades terminológicas de modo a se estabelecer, com maior precisão, o tipo de relação mantida entre termos de línguas diferentes.

Para Dubuc (1985, p. 69), a equivalência terminológica entre dois termos em línguas diferentes ocorre somente, então, quando existe entre elas “[...] uma identificação quase completa de sentido e uso dentro de um mesmo domínio de aplicação”<sup>70</sup>. Por conseguinte, uma relação de equivalência total existiria somente quando houvesse não só uma correspondência conceitual entre os termos, como sugeria Felber (1987), mas também quando ambos os termos compartilhassem os mesmos fatores pragmáticos. Retomando o exemplo anterior, “trefoil” [en-GB] e “trifólio” [pt-BR], na arquitetura gótica, continuariam a ser considerados equivalentes ao passo que designam o mesmo conceito e são utilizados nas mesmas situações comunicativas. Contudo, quando essa equivalência não é perfeita, seja pelo sentido ou pelo uso, Dubuc (1985) prefere utilizar a designação “correspondência” em detrimento de “equivalência”. Dessa forma, a correspondência terminológica pode estar associada tanto a discrepâncias tanto conceituais quanto pragmáticas e, nos repertórios bilíngues e multilíngues, deveriam ser devidamente identificadas. Para fins desta pesquisa,

---

<sup>70</sup> [...] *une identité à peu près complète de sens et d'usage à l'intérieur d'un même domaine d'application.*

utilizo os conceitos de equivalência e correspondência terminológicas de Dubuc (1985) por estarem em melhor consonância com os aportes da TCT, embora reconheça o valor da proposta de Felber (1987) nos estudos terminológicos.

Por fim, convém frisar, conforme já antecipado nos parágrafos anteriores, que é possível que nem sempre uma unidade terminológica encontre um equivalente ou correspondente terminológico na língua alvo, gerando assim lacunas terminológicas. No contexto da tradução especializada, Estopà (2010, p. 17) indica que, para tais casos, o tradutor deve buscar “[...] uma solução lexical adequada e precisa, equivalente semântica e pragmaticamente ao termo utilizado na língua de partida [...]”<sup>71</sup>, o que em muitos casos conduz à criação de novos termos, prática esta conhecida por neologia especializada. O processo de criação terminológica faz uso tanto de mecanismos próprios da língua (por exemplo, derivação e abreviação) quanto de outras línguas (por exemplo, empréstimos linguísticos). Por ser um recurso produtivo, essa autora (2010) defende essa prática como um dos principais recursos à disposição do tradutor para lidar com essa problemática e, por conta disso, retomo brevemente esse conceito para suprir as lacunas terminológicas encontradas neste estudo na subseção 4.3.7.

Após haver discorrido sobre as questões de equivalência terminológica, apresento algumas considerações a respeito da Terminografia na subseção seguinte.

## 2.3 TERMINOGRAFIA

Caracterizada enquanto face aplicada da Terminologia, a disciplina de Terminografia pode ser compreendida, em um primeiro momento, como “[...] prática de elaboração de vocabulários técnicos, científicos e especializados” (BARROS, 2004, p. 68). Embora destaque as principais aplicações dessa área, a referida definição limita-se tão somente a evidenciar o caráter pragmático inerente à Terminografia, não levando em consideração questões teóricas que permeiam a sua prática.

Krieger e Finatto (2004, p. 50-51), por outro lado, destacam que os estudos terminográficos “[...] oferecem subsídios para o estabelecimento de princípios metodológicos e diretrizes para o fazer aplicado”, orientando, dessa forma, “[...] o tratamento a ser dado aos

---

<sup>71</sup> [...] una solució lèxica adequada i precisa, equivalent semànticament i pragmàticament al terme usat en la llengua de partida [...]

elementos constituintes do universo de informações que integram os instrumentos terminográficos [...]”. Portanto, é possível afirmar que a Terminografia, além de se ocupar do fazer terminológico propriamente dito, também estabelece princípios e reflexões a respeito da produção de instrumentos para a ordenação e representação dos dados terminológicos.

No âmbito da TCT, é importante frisar que “Terminografia” pode ser ainda compreendida enquanto uma vertente especializada da Lexicografia delimitada pela temática (LORENTE, 2001). Muito embora possa haver divergências entre Terminografia e Lexicografia em diversos aspectos, principalmente com respeito à especificidade de seus objetos de estudo<sup>72</sup>, essas duas disciplinas apresentam muitos pontos de contato (CABRÉ, 1993; LORENTE, 2001; BEVILACQUA; FINATTO, 2006; L’HOMME; VANDAELE, 2007), particularmente no que se refere à produção de inventários léxicos especializados. Por esta razão, apesar de a presente subseção estar dedicada ao estudo terminográfico, fundamento determinados aspectos desta pesquisa à luz de contribuições de teóricos renomados da Lexicografia, em especial da Lexicografia Especializada.

Destaco, no entanto, que meu objetivo neste trabalho não é discorrer extensivamente sobre as disparidades existentes entre Terminografia e Lexicografia, muito menos reivindicar a autonomia teórico-metodológica de nenhuma dessas disciplinas, mas sim estabelecer uma zona de confluência de modo que esta pesquisa possa se beneficiar das contribuições de ambas as áreas no tocante à elaboração de repertórios terminológicos. Dito isto, discorro a seguir acerca dos principais aspectos relacionados a esse tipo de aplicação terminológica.

### 2.3.1 Repertórios terminológicos

No que se refere às possibilidades de aplicações terminológicas, conforme sugeridas pela TCT (vide subseção 2.2.1), a disposição dos dados terminológicos coletados durante a execução de uma pesquisa terminológica em forma de repertórios terminológicos<sup>73</sup> está entre as opções mais recorrentes. Dada a multiplicidade de particularidades atreladas a esse tipo de

---

<sup>72</sup> A Terminografia se dedica ao léxico especializado e a Lexicografia trata de questões inerentes ao léxico geral.

<sup>73</sup> Dada a extensiva tipologia utilizada para designar de forma genérica uma compilação terminológica sistemática resultante de uma pesquisa terminológica, privilegio o uso da designação “repertório terminológico” (BOUTIN-QUESNEL et al., 1985) em toda a extensão deste trabalho em detrimento de outras utilizadas com mesma finalidade ou similar, tais como “fontes terminológicas” (CABRÉ, 1999), “produtos terminológicos” (ISO 1087-1, 2000), “instrumentos terminológicos” (KRIEGER; FINATTO, 2004) ou “obras terminológicas/terminográficas” (BARROS, 2004; KRIEGER; FINATTO, 2004), muito embora essas ainda possam ser utilizadas enquanto sinônimos em citações diretas, sem prejuízo ao entendimento do texto.

obra, exploro a seguir suas principais características e componentes estruturais com o intuito de melhor delinear o produto final objeto desta pesquisa.

### 2.3.1.1 Tipologia e classificação dos repertórios terminológicos

Com respeito à tipologia de repertórios terminológicos que podem emergir a partir de uma pesquisa terminológica, não há consenso entre os teóricos da área a esse respeito, como apontam diversos autores (por exemplo, BOUTIN-QUESNEL et al., 1985; CABRÉ, 1999; BARROS, 2004; KRIEGER; FINATTO, 2004). Para efeitos desta pesquisa, contudo, emprego a classificação proposta por Boutin-Quesnel et al. (1985) por se tratar de uma terminologia bastante abrangente e amplamente reconhecida por outros autores da área (por exemplo, CABRÉ, 1993; BARROS, 2004; KRIEGER; FINATTO, 2004). Dentro da tipologia proposta por Boutin-Questin et al. (1985), estão os seguintes tipos de repertórios terminológicos: (i) dicionário terminológico, (ii) vocabulário, (iii) léxico, (iv) glossário e (v) banco de dados terminológicos, cujas definições reproduzo no Quadro 1.

Quadro 1 – Tipologia dos repertórios terminológicos

<b>Tipologia</b>	<b>Definição</b>
<i>Dicionário terminológico</i>	[...] apresenta a terminologia de um ou mais domínios. Observação: um dicionário terminológico que trate de um único domínio dispõe normalmente de um alto grau de exaustividade <sup>74</sup> .
<i>Vocabulário</i>	[...] inventaria os termos de um domínio e que descreve os conceitos designados por seus termos por meio de definições ou ilustrações <sup>75</sup> .
<i>Léxico</i>	[...] inventaria termos acompanhados de seus equivalentes em uma ou mais línguas e não apresenta definições <sup>76</sup> .
<i>Glossário</i>	[...] define ou explica termos antigos, raros ou pouco conhecidos <sup>77</sup> .

<sup>74</sup> [...] présente la terminologie d'un ou de plusieurs domaines. Note : Un dictionnaire terminologique qui traite d'un seul domaine comporte généralement un haut degré d'exhaustivité.

<sup>75</sup> [...] inventorie les termes d'un domaine, et qui décrit les notions désignées par ces termes au moyen de définitions ou d'illustrations.

<sup>76</sup> [...] inventorie des termes accompagnés de leurs équivalants dans une ou plusieurs autres langues, et qui ne comporte pas de définitions.

<sup>77</sup> [...] définit ou explique des termes anciens, rares ou mal connus.

<i>Banco de dados terminológicos</i>	Repertório terminológico automatizado, constituído de um conjunto organizado de dados terminológicos <sup>78</sup> .
--------------------------------------	--

Fonte: elaborado com base em Boutin-Quesnel et al., 1985, p. 29-30.

Ao contrastar as definições arroladas acima e considerando os objetivos desta pesquisa, o tipo de repertório que busco elaborar, como recorrentemente mencionado em toda esta pesquisa, diz respeito ao que se denomina de “vocabulário”. Esta escolha se dá por conta de se pretender inventariar um conjunto de unidades terminológicas da arquitetura gótica juntamente com suas respectivas definições e ilustrações, além de outras informações relevantes de cunho gramatical e pragmático, sem se ter a pretensão de ser exaustivo, o que seria exigido, por exemplo, no caso de um dicionário terminológico.

Além de levar em consideração a natureza de um repertório terminológico, existem outros fatores que contribuem para uma melhor caracterização de tal obra. Ao mencionarem os critérios pragmáticos de classificação de obras lexicográficas, discussão esta que pode ser estendida aos repertórios terminológicos, Haensch e Omeñaca (2004) indicam uma série de parâmetros de classificação que podem auxiliar nesta função. Entre as categorias apresentadas, os parâmetros de classificação que considero pertinentes para esta pesquisa estão relacionados (i) ao número de línguas envolvidas, (ii) ao conjunto de materiais utilizados como fonte de coleta do repertório e (iii) ao grupo de destinatários pretendidos.

Quanto ao número de línguas, Haensch e Omeñaca (2004) apontam que as obras lexicográficas podem ser classificadas, de modo geral, entre monolíngues (uma língua) e plurilíngues (duas ou mais línguas). As obras plurilíngues seriam bilíngues ao envolverem duas línguas e multilíngues ao envolverem três ou mais línguas, classificação esta corroborada por outros autores, a exemplo de Barros (2004). Como mencionado anteriormente (vide capítulo 1), a obra terminológica final deste trabalho pode ser considerada bilíngue por lidar com o inglês britânico e o português brasileiro.

A respeito das obras bilíngues, Duran e Xatara (2006) indicam que estas podem ser classificadas, ainda, em conformidade com três categorias específicas, a saber: direcionalidade, funcionalidade e reciprocidade. Quanto à direcionalidade, as estudiosas (2006) mostram que essa categoria está associada à orientação das línguas utilizadas no repertório, podendo ser monodirecional, quando for somente da língua A para a língua B (ou

<sup>78</sup> *Répertoire terminologique automatisé, constitué d'un ensemble organisé de données terminologiques.*

vice-versa), ou bidirecional, quando a obra apresentar informações tanto da língua A para a língua B quanto na direção oposta. Como assinalado anteriormente (vide capítulo 1), o produto final desta pesquisa pretende auxiliar somente traduções diretas do inglês britânico ao português brasileiro e, portanto, caracteriza-se enquanto uma obra monodirecional.

No que concerne à funcionalidade, Duran e Xatara (2006) apontam que as obras bilíngues podem apresentar normalmente duas funções básicas: (i) apoio à codificação, para a produção em língua estrangeira, e (ii) apoio à decodificação, para a compreensão da língua estrangeira, havendo normalmente, como enfatizam Haensch e Omeñaca (2004), uma predominância na elaboração de dicionários monofuncionais. No entanto, Gómez e Vargas (2004) destacam que, considerando o papel de agente intermediário na comunicação especializada desempenhado pelo tradutor, o dicionário especializado bilíngue para a tradução deve servir tanto para a decodificação do texto fonte quanto para a codificação das ideias expressadas na língua alvo.

Quanto à reciprocidade, conforme Duran e Xatara (2006), essa categoria está associada à língua materna do público-alvo da obra, podendo ser recíproca, quando a obra for destinada a falantes tanto da língua A quanto da língua B, ou não recíproca, quando se limita somente ao público de uma das línguas. O produto final do presente estudo está elaborado para tradutores falantes do português brasileiro (vide subseção 2.3.3) e, por esta razão, configura-se enquanto uma obra não recíproca.

Com relação ao conjunto de materiais utilizados como fonte de coleta do repertório, Haensch e Omeñaca (2004) destacam que as obras lexicográficas podem ser elaboradas a partir de um corpus, de outros dicionários ou do idioleto de uma ou mais pessoas, enfatizando que a primeira opção seria o sistema ideal. Especificamente, elaboro o produto final desta pesquisa com base em corpus (vide subseção 3.2). Não obstante, é importante destacar que, embora a discussão promovida pelos autores enfatize a existência de um corpus como base de uma obra lexicográfica (e, neste caso, terminológica), eles não se detêm em questões inerentes à produção e ao processamento desse corpus. Para fins deste trabalho, utilizo os preceitos teórico-metodológicos da Linguística de Corpus para essa finalidade (vide subseção 2.4).

A respeito dos grupos de destinatários, Haensch e Omeñaca (2004) indicam que, ao se elaborar uma obra lexicográfica, deve haver uma determinação prévia dos seus respectivos usuários em potencial. Ao se considerar as limitações concernentes a esse tipo de obra, os autores (2004) pontuam que, independentemente do tamanho, uma obra lexicográfica não é

capaz de cobrir toda a extensão lexical de uma língua, sendo necessário sempre se realizar um recorte linguístico. Segundo os autores (2004, p. 28), tal seleção “[...] deveria levar em consideração [...] as necessidades específicas dos distintos grupos de usuários”<sup>79</sup>. Novamente, apesar de salientar a importância de se elaborar um repertório lexicográfico de acordo com as necessidades do grupo de usuários pretendido, esses autores não exploram metodologicamente como fazê-lo. Como será explorado a seguir (vide subseções 2.3.2 e 2.3.3), esta pesquisa se baseia ainda no princípio das funções lexicográficas para satisfazer esta demanda e para determinar as necessidades lexicograficamente relevantes dos tradutores de textos especializados da arquitetura gótica para a elaboração do produto final desta pesquisa.

Além disso, quanto aos tipos de recursos terminográficos especificamente voltados para a tradução, Gómez e Vargas (2004) afirmam existir dois tipos principais, a saber: (i) os recursos terminográficos *do* tradutor (ad hoc) e (ii) os recursos terminográficos *para* o tradutor. O primeiro, segundo essas autoras (2004, p. 369), se refere:

[...] à gestão terminológica puntual [...] que o tradutor realiza, frequentemente em decorrência da necessidade de se lidar com conjuntos de terminologias que aparecem de forma isolada ou em textos fragmentados [...] que guardam as diversas soluções propostas pelo tradutor em suas traduções, de maneira puntual e não sistemática<sup>80</sup>.

Embora possua suas vantagens, este tipo de material está vinculado, por conseguinte, ao próprio tradutor e às suas traduções específicas. O segundo, por sua vez, diz respeito a “[...] repertórios léxicos [...] elaborados seguindo uma metodologia sistemática, contendo uma série de informações úteis para a tomada de decisões no processo de tradução”<sup>81</sup> (GÓMEZ; VARGAS, 2004, p. 370), tal qual o produto final desta pesquisa, que visa realizar um trabalho terminográfico sistemático (vide subseção 2.3.3) para a compilação e o tratamento da terminologia da arquitetura gótica para fins de tradução.

---

<sup>79</sup> [...] *debería tener en cuenta [...] las necesidades específicas de los distintos grupos de usuarios.*

<sup>80</sup> [...] *a la gestión terminológica puntual [...] que realiza el traductor, a menudo consecuencia de la necesidad de enfrentarse a conjuntos de terminología que aparecen de forma aislada o en textos fragmentados [...] que guardan las diversas soluciones propuestas por el traductor en sus traducciones, de manera puntual y no sistemática.*

<sup>81</sup> [...] *repertorios léxicos [...] elaborados siguiendo una metodología sistemática, que contienen toda una serie de informaciones útiles para la toma de decisiones en el proceso de la traducción.*

Por fim, reitero que o repertório terminológico resultante da presente pesquisa, de acordo com a tipologia e características descritas nesta subseção, é um vocabulário bilíngue, monodirecional, bifuncional, não recíproco, baseado em corpus para tradutores.

### 2.3.1.2 Componentes estruturais dos repertórios terminológicos

Conforme já assinalado, os repertórios terminológicos podem ter diferentes arranjos e elementos internos de acordo com os objetivos do projeto terminográfico e as necessidades de seus usuários. Não obstante, existem determinados componentes estruturais inerentes a qualquer repertório terminológico que devem ser observados durante o processo de elaboração de dita obra, a saber: (i) macroestrutura, (ii) microestrutura e (iii) sistema de remissivas (BARROS, 2004) (também denominado de “medioestrutura”).

No que se refere ao primeiro componente, a ISO 1087-1 (2000) define “macroestrutura” como a “organização das entradas em um repertório”<sup>82</sup>. Nesse sentido, a macroestrutura estaria relacionada, por exemplo, ao arranjo escolhido para dispor um conjunto de entradas, como o arranjo alfabético ou sistemático. Barros (2004, p. 151), por outro lado, indica que a macroestrutura diz respeito à “[...] organização interna de uma obra lexicográfica ou terminográfica”, que se associa tanto a características gerais de um dado repertório, tais como “[...] estruturação das informações em verbetes [...]”, como também a “[...] presença ou não de anexos, índices remissivos, ilustrações, setores temáticos, mapa conceitual e outros”. De maneira análoga, Haensch e Omeñaca (2004, p. 45-46, grifos do autor) descrevem “macroestrutura” enquanto:

[...] a ordenação do conjunto dos materiais que formam o *corpo* de um dicionário (por exemplo, ordem alfabética ou sistemática), conjuntamente com o *prólogo* ou *prefácio*, assim como, às vezes, com uma *introdução fonética e gramatical*, as *instruções para o usuário* e os possíveis *anexos* (glossário de nomes geográficos, lista de abreviaturas e siglas, glossários de nomes próprios, etc. e, ultimamente, informação sobre a civilização de determinados países)<sup>83</sup>.

<sup>82</sup> *arrangement of entries in a collection.*

<sup>83</sup> [...] *la ordenación del conjunto de los materiales que forman el cuerpo de un diccionario (por ej., orden alfabético u orden sistemático), conjuntamente con el prólogo o prefacio, así como, a veces, con una introducción fonética y gramatical, las instrucciones para el usuario y los posibles anexos (glosarios de nombres geográficos, listas de abreviaturas y siglas, glosarios de nombres de pila, etc., y, últimamente información sobre la civilización de determinados países).*

Tanto Barros (2004) quanto Haensch e Omeñaca (2004) destacam que a macroestrutura não se restringe somente à organização do conjunto de entradas de um repertório, como indicado pela ISO 1087-1 (2000), mas também diz respeito a outros elementos que possam complementar tal obra, tais como prefácio, lista de abreviaturas e anexos, elementos estes que Welker (2008) denomina de “textos externos”. Para fins desta pesquisa, considero que a “macroestrutura” abrange tanto a organização interna do conjunto de entradas (por exemplo, arranjo alfabético ou sistemático) quanto os textos externos a esse conjunto (por exemplo, lista de abreviatura e anexos), conforme defendido tanto por Barros (2004) quanto por Haensch e Omeñaca (2004).

Se, por um lado, a macroestrutura, nos termos supracitados, se refere à organização geral do repertório terminológico, a microestrutura, por outro, corresponde à ordenação das informações contidas em cada verbete da obra (BOUTIN-QUESNEL et al., 1985; CABRÉ, 1993; ISO 1087-1, 2000; BARROS, 2004; HAENSCH; OMEÑACA, 2004; WELKER, 2008), verbetes estes compostos pela entrada (termo a ser descrito) e pelo enunciado terminográfico (informações sobre este termo) (BARROS, 2004).

Quanto à extensão e aos tipos de informações contidas nesses verbetes, como indica Barros (2004), estes alternam de acordo com o propósito da pesquisa e com a natureza da unidade descrita, podendo incluir, por exemplo, indicações gramaticais, definições e equivalentes (vide subseção 2.3.1.3). No entanto, Barros (2004, p. 156) indica que pelo menos “um número mínimo de dados deve [...] ser fornecido sobre a entrada” e Welker (2008, p. 107) enfatiza que a microestrutura “[...] deve ser organizada de forma constante [...] em todos os verbetes”, o que facilita tanto o processo de elaboração da obra quanto o processo de consulta pelos possíveis usuários. Por exemplo, um modelo de microestrutura foi projetado para a presente pesquisa conforme as necessidades terminológicas do tradutor de textos especializados da arquitetura gótica (vide subseção 3.1), contendo um mínimo de informações consideradas relevantes para esse público-alvo, que foi seguida de forma constante em todas as entradas do vocabulário (vide subseção 4.3).

No que concerne ao sistema de remissivas, este, como pontua Barros (2004, p. 174), “[...] procura resgatar as relações semântico-conceituais existentes entre as unidades lexicais ou terminológicas que compõem a nomenclatura de uma obra lexicográfica ou terminográfica”, promovendo assim a interação das informações contidas em um dado

repertório. De maneira análoga aos dois tipos de estruturas supracitados, o sistema de remissas também apresenta uma estrutura maleável que permite ser configurada de acordo com o projeto em questão, podendo estar presente tanto na macroestrutura quanto na microestrutura de maneira implícita ou explícita (BARROS, 2004).

Entretanto, no que diz respeito às limitações dessa estrutura, Barros (2004, p. 175) indica que “o anseio de evidenciar toda e qualquer relação semântico-conceptual estabelecida entre as entradas de uma obra lexicográfica ou terminográfica pode inviabilizar a execução de um projeto” de modo que existe a necessidade de se estabelecerem critérios para sua devida organização. Para fins desta pesquisa, elaborei um sistema de remissivas baseado nas relações semântico-conceituais observadas no conjunto terminológico em estudo de modo a destacar tão somente as relações semântico-conceituais mais relevantes para esta pesquisa (vide subseção 4.2).

Havendo explorado os componentes estruturais comuns a todos os repertórios terminológicos, abordo a seguir os principais elementos que podem ser encontrados em um verbete e que são de interesse para este estudo.

### 2.3.1.3 Elementos componentes dos verbetes

No contexto terminológico, como mencionado na subseção anterior, o verbete é composto basicamente por dois elementos gerais: (i) a entrada e (ii) o enunciado terminográfico. Quanto ao primeiro elemento, este se refere basicamente ao “[...] termo que é objeto de um verbete de um repertório” (BOUTIN-QUESNEL et al., 1985, p. 31). Quanto à sua apresentação em obras terminológicas, Barros (2004) aponta que a entrada normalmente está sujeita a determinadas convenções formais, sendo comumente grafada em negrito, com inicial minúscula (exceto quando o uso de maiúscula for obrigatório) e separada do enunciado terminográfico por algum tipo de recurso gráfico (ponto, espaço, etc.). Além disso, a mesma autora (2004) sugere o uso de formas canônicas (por exemplo, forma singular masculina para substantivos e adjetivos), salvo quando a flexão nominal ou verbal puder aportar algum traço conceitual distintivo ao termo descrito.

O “enunciado terminográfico”, por outro lado, diria respeito às informações fornecidas sobre a entrada cujo formato de apresentação e extensão podem variar consideravelmente de acordo com os propósitos do projeto e da natureza da unidade descrita

(BARROS, 2004), podendo incluir, por exemplo, definição, contexto e variantes gráficas (HAENSCH; OMEÑACA, 2004). Por esta razão, abordo apenas alguns elementos de um enunciado terminográfico que podem ser relevantes para a presente pesquisa, a saber: (i) definição terminológica; (ii) ilustração; (iii) indicação de equivalentes terminológicos; (iv) contextos; e (v) remissivas.

### 2.3.1.3.1 *Definição terminológica*

Barros (2004, p. 159) explica que a definição terminológica consiste em “[...] uma paráfrase sinonímica que exprime o conceito designado pela unidade [...] terminológica por meio de outras unidades linguísticas [...]” e aponta que não existe um padrão específico a ser seguido, muito embora destaque que o modelo dessa definição deve refletir os objetivos do trabalho terminográfico.

No marco teórico da TCT, é possível trabalhar com uma ampla variedade de definições, como aponta Lorente (2001), desde definições por compreensão a definições metalinguísticas. Para fins deste trabalho, no entanto, centro-me especificamente no que tange à definição por compreensão, que é considerada o tipo ideal para repertórios terminológicos (BARROS, 2004).

Esse tipo de definição ocorre quando há “[...] a compilação das características que descrevem os conceitos [...]”<sup>84</sup> (CABRÉ, 1993, p. 210), construída “[...] a partir de um descritor genérico e de uma sequência de características ordenadas que permitem classificar um conceito dentro de uma organização hierárquica”<sup>85</sup> (LORENTE, 2001, p. 107). Por exemplo, “faca” (termo) seria um “instrumento para cortar” (definição) (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 165), que parte de um descritor genérico à “faca” (ou seja, “instrumento”) e complementado por características específicas que a diferem de outros instrumentos (“para cortar”). Dependendo dos objetivos de cada projeto e do perfil do usuário, outras informações poderiam ser acrescentadas a esta definição. Além disso, Lorente (2001) aponta que as definições terminológicas na TCT deveriam ainda evidenciar a polissemia e a variação

---

<sup>84</sup> [...] *la recopilación de las características que describen los conceptos* [...]

<sup>85</sup> [...] *a partir de un descriptor genérico y de una secuencia de características ordenadas que permiten clasificar un concepto dentro de una organización jerárquica.*

conceitual, contemplados no âmbito dessa abordagem teórica (vide subseção 2.2.2), de modo que é possível que haja diversas definições para uma mesma entrada.

No que tange aos critérios que perpassam a elaboração de uma definição terminológica, Cabré (1993) indica que estas deveriam ser redigidas em conformidade com princípios e convenções amplamente aceitos e apresenta quatro categorias, a saber: (i) adequações gerais; (ii) adequações específicas; (iii) apresentação e (iv) expressão. Em relação às adequações gerais, as definições deveriam descrever um determinado conceito de modo que fosse possível diferenciá-lo de outros conceitos similares na mesma área de especialidade (ou mesmo de outras áreas) e estar adequadas aos objetivos do projeto ao qual estão atreladas. Quanto às adequações específicas, as definições deveriam ser compatíveis com uma estrutura prévia de definição dentro de uma área de especialidade, incluindo relações sistemáticas que um conceito estabelece com outros na mesma área. No que diz respeito às convenções de apresentação, uma definição deveria ser apresentada em uma frase completa, com um estilo impessoal e formal e em letras minúsculas, exceto pela primeira letra da primeira palavra. Do ponto de vista da expressão, as definições deveriam ser redigidas de forma que os descritores iniciais sejam da mesma categoria gramatical do termo descrito, utilizando palavras conhecidas e evitando circularidade, paráfrases desnecessárias e formulações metalinguísticas.

#### 2.3.1.3.2 *Ilustração*

De acordo com Cabré (1993, p. 208), as ilustrações são “[...] unidades icônicas que reproduzem a ideia que indivíduos têm de um determinado grupo de objetos na realidade”<sup>86</sup> que, somadas à definição, configuram uma das formas mais recorrentes de representação de significados. Haensch e Omeñaca (2004) inclusive frisam que, por vezes, é mais fácil explicar diferentes tipos de objetos por meio de uma ilustração do que por meio de uma definição bastante estendida, tal como pode ocorrer com elementos arquitetônicos (vide subseção 3.1.2.2). Apesar disto, Lorente (2001, p. 103) pontua que, em aplicações terminográficas, as representações visuais são normalmente melhor utilizadas enquanto complemento a uma representação linguística do significado de um termo, tal como a definição, uma vez que o

---

<sup>86</sup> [...] *unidad icónica que reproduce la idea que los individuos tienen de una determinada clase de objetos de la realidad.*

“[...] uso exclusivo de imagens resultaria em uma representação muito parcial do significado [...]”<sup>87</sup>.

### 2.3.1.3.3 *Indicação dos equivalentes terminológicos*

Cabré (1993, p. 264) afirma que os equivalentes terminológicos indicados em um repertório terminológico devem representar “[...] as denominações que os usuários de uma língua utilizam para se referir a um conceito [...]” e não serem meramente traduções literais dos termos da língua de partida, supostamente equivalentes. Por este motivo, Barros (2004, p. 247) indica que durante a busca por equivalentes terminológicos é imperativo “[...] recorrer, de preferência, a dicionários, manuais, tratados e outras obras especializadas originalmente elaboradas na(s) língua(s) de chegada”.

Como aponta Haensch e Omeñaca (2004, p. 246), caso nenhum termo equivalente na língua de chegada seja encontrado ou seja insatisfatório, cabe ao terminólogo “[...] propor as alternativas denominativas para os casos que os falantes não tenham resolvido bem”<sup>88</sup>, como visto anteriormente (vide subseção 2.2.4), mas de nenhuma forma se deveria dispensar a indicação de um equivalente. No entanto, Gómez e Vargas (2004) enfatizam que, seja qual for a proposta de cobertura das lacunas terminológicas, esta necessariamente deve ser validada por um especialista. No caso desta pesquisa, opto por utilizar soluções neológicas propostas por outros tradutores (vide subseção 3.1.3.2) que foram devidamente validadas por um especialista da área (vide subseção 3.6).

### 2.3.1.3.4 *Contexto de uso*

Cabré et al. (2002) apontam que existem elementos de decisão durante o processo de tradução que só podem ser extraídos a partir de contextos reais de uso dos termos. Em consonância com esse ponto, Gómez e Vargas (2004) acrescentam que os contextos de uso exemplificam [...] o funcionamento sintático, semântico e pragmático dos termos, com o intuito de servir de orientação contextual do significado que se oferece”<sup>89</sup>.

---

<sup>87</sup> [...] uso exclusivo de imágenes daría como resultado una representación muy parcial del significado [...]

<sup>88</sup> [...] proponer las alternativas de denominación para los casos que los hablantes no hayan resuelto bien.

<sup>89</sup> [...] el funcionamiento sintáctico, semántico y pragmático del término, con el fin de servir de orientación contextual del significado que se ofrece.

No que tange aos tipos de contexto, Aubert (1996) indica três, a saber: (i) o contexto associativo, (ii) o contexto explicativo e (iii) o contexto definatório. Quanto ao primeiro, este “[...] apresenta o termo como pertinente ao tema objeto da pesquisa, mas não indica os traços conceptuais específicos destes termos [...]” (1996, p. 66). No que se refere ao segundo, este tipo de contexto apresenta “[...] alguns traços conceptuais pertinentes específicos do termo sob observação, freqüentemente relativos à materialidade, finalidade, funcionamento, e similares [...]” (1996, p. 66). Por último, “os *contextos definatórios* proporcionam um conjunto completo dos traços conceptuais distintivos do termo” (1999, p. 67, grifos do autor), o que nas palavras do autor são considerados os mais desejados, porém com menor probabilidade de ocorrência.

#### 2.3.1.3.5 *Remissivas*

As remissivas, como já abordado previamente (vide subseção 2.3.1.2), permitem evidenciar os tipos de relações semântico-conceituais mantidas entre os termos compilados dentro de um repertório terminológico, muito embora, como já apontado por Barros (2004), a tentativa de demonstrar todas e quaisquer relações de um determinado vocabulário seria impraticável. Como os demais elementos apresentados acima, não existe um modelo específico a ser seguido, porém se faz necessário elaborar determinados recursos para evidenciar tais relações (BARROS, 2004). Por exemplo, Barros (2004, p. 176) recomenda o uso de “*Ver, Veja (V.)*” para “[...] dirigir o leitor a um verbete em que se encontram as informações que deseja”, podendo ser utilizada para remeter a uma unidade terminológica mais usual ou a variantes denominativas.

Tendo apresentado os principais elementos microestruturais de um verbete para fins desta pesquisa, exploro, na próxima subseção, os fundamentos teóricos relacionados ao trabalho terminográfico propriamente dito.

### 2.3.2 **Fundamentos teóricos do trabalho terminográfico**

De acordo com Cabré (1999), toda pesquisa terminológica realizada no cerne da TCT está amparada pelo princípio da adequação. Ao levar em conta a multiplicidade de aplicações terminológicas resultantes de uma prática terminológica, que nem sempre estão alinhadas aos interesses prescritivos da TGT, a referida autora considera que o conjunto de métodos a ser

seguido se modula às circunstâncias da pesquisa em questão, onde “[...] cada trabalho em particular adota uma estratégia em função da sua temática, objetivos, contexto, elementos implícitos e recursos disponíveis”<sup>90</sup> (1999, p. 137), desde que não haja transgressão aos princípios teóricos da TCT (vide subseções 2.2.1 e 2.2.2).

Nesse sentido, a TCT permite uma maleabilidade no que se refere ao conjunto de métodos empregados para que este se adeque aos propósitos da pesquisa em questão. Como assinala a própria autora (1999), é possível, por exemplo, realizar uma pesquisa terminológica tanto de cunho semasiológico (partindo das denominações para se chegar aos conceitos) quanto onomasiológico (partindo dos conceitos para se chegar às denominações), fato este que não seria possível na TGT, uma vez que a teoria clássica de Wüster, ao privilegiar os conceitos sobre as denominações, somente previa a abordagem onomasiológica (CABRÉ, 2003).

De todos os modos, Cabré (1999) destaca, contudo, que o método da TCT é inicialmente descritivo, muito embora seja possível adquirir um caráter prescritivo posteriormente. Dessa maneira, as pesquisas terminológicas no âmbito da TCT se dedicam prioritariamente ao estudo de unidades terminológicas efetivamente utilizadas na comunicação especializada, que é, segundo Cabré, Domènech e Estopà (2018), o “habitat natural” dessas unidades. Por esta razão, Cabré (1999) advoga em favor do uso de textos especializados reais como fonte para a coleta das unidades terminológicas objeto de uma pesquisa terminológica no âmbito da TCT, tal como utilizado no presente estudo (vide subseção 3.4).

Além disso, outro aspecto teórico que alicerça fundamentalmente o trabalho terminográfico realizado na presente pesquisa diz respeito ao que se compreende por “função lexicográfica”, conceito este importado da Lexicografia Especializada, mais precisamente da Teoria das Funções Lexicográficas (TFL), proposta inicialmente por Wiegand (1977) e remodelada posteriormente pelos autores da Escola de Aarhus, a exemplo de Fuertes e Tarp (2014).

Na perspectiva da TFL, todas as obras lexicográficas são consideradas ferramentas utilitárias e, por conta disso, devem ser “[...] elaboradas com a finalidade de satisfazer determinados tipos de necessidades humanas”<sup>91</sup> (FUERTES; TARP, 2014, p. 45). As

---

<sup>90</sup> [...] cada trabajo en concreto adopta una estrategia en función de su temática, objetivos, contexto, elementos implicados y recursos disponibles.

<sup>91</sup> [...] designed with the purpose of satisfying specific types of human needs.

necessidades que podem ser atendidas por meio de consulta a uma obra lexicográfica são denominadas de “necessidades lexicograficamente relevantes” e são determinadas de acordo com o perfil do grupo de usuários em potencial aos quais a obra está direcionada dentro de uma situação social específica em que possa ser utilizada. Ao satisfazer tais necessidades, a obra em questão cumpriria, então, sua função lexicográfica.

Posto de outra forma, a função lexicográfica representa o propósito com que uma obra lexicográfica é elaborada, delineada pelas necessidades de informação específicas demandadas por um determinado grupo de usuários em uma determinada situação de uso (FUERTES; TARP, 2004). Uma vez especificada, a função lexicográfica determina todas as decisões metodológicas posteriores relacionadas à produção de um repertório. Como bem apontam Fuertes e Tarp (2014), as funções lexicográficas “[...] determinam – ou deveriam determinar – tudo relacionado aos seus produtos práticos: o conteúdo e a forma, os dados e sua seleção, preparação e acessibilidade”<sup>92</sup>.

Ao considerar, então, a maleabilidade metodológica proporcionada pela TCT, descrita no início desta subseção, e o interesse da presente pesquisa de elaborar um vocabulário que satisfaça efetivamente as necessidades terminológicas de tradutores profissionais durante a tradução de textos especializados escritos da arquitetura gótica na direcionalidade inglês-português (sua função lexicográfica), considero crucial incorporar este conceito e suas respectivas implicações metodológicas (vide subseção 2.3.3) na elaboração deste repertório terminológico. Dito isto, na próxima subseção, apresento os principais aspectos metodológicos relacionados ao trabalho terminográfico sistemático à luz dos fundamentos aqui relacionados.

### **2.3.3 Metodologia do trabalho terminográfico sistemático**

Uma vez que as etapas e os materiais de trabalho utilizados em uma pesquisa sistemática podem ser bastante diversificados, consoante ao princípio da adequação da TCT apresentado anteriormente (vide subseção 2.3.2), abordo nesta subseção os principais aspectos metodológicos pertinentes à elaboração de um repertório terminológico partindo da premissa de que esta aplicação terminográfica deve ser elaborada de forma a cumprir com a sua respectiva função lexicográfica (vide subseção 2.3.2). Dessa forma, pondero a seguir as

---

<sup>92</sup> [...] *determine – or ought to determine – everything that has to do with its practical products: the content and form, the data and their selection, preparation and accessibility.*

contribuições de diferentes estudiosos da área com o intuito de estabelecer uma base metodológica comum em conformidade com os princípios teóricos da TCT (vide subseções 2.2.1 e 2.2.2) e alinhado com a função lexicográfica desse repertório.

Para a elaboração de qualquer repertório terminológico, o primeiro passo de comum acordo a se realizar se refere à condução de um planejamento prévio com vistas a viabilizar a execução do projeto (CABRÉ, 1993, 1999; BOWKER; PEARSON, 2003; BARROS, 2004; KRIEGER; FINATTO, 2004; LUŠICKY E WISSIK, 2015, etc.). Barros (2004), por exemplo, sugere que algumas questões prévias sejam observadas, tais como o objetivo da obra e o público-alvo, línguas de trabalho, conhecimento da área e limites da pesquisa, uma vez que as características essenciais de um repertório terminológico se derivam dessas decisões.

No âmbito desta pesquisa, compreendo que este passo se materializa ao definir a função lexicográfica do repertório em questão, sendo necessário delimitar o perfil do público-alvo e a situação de uso a que se orientam o repertório. Como recorrentemente inferido, a função lexicográfica do vocabulário produto final desta pesquisa seria justamente satisfazer as necessidades terminológicas (tipo de informação) de tradutores profissionais (grupo de usuários) durante a tradução de textos especializados escritos da arquitetura gótica do inglês britânico para o português brasileiro (situação de uso).

Ainda sobre o grupo de usuários, Fuertes e Tarp (2014) indicam que é importante se determinar algumas características desse grupo que podem ajudar na produção do repertório, tais como saber qual seria sua língua materna, seu nível de proficiência na segunda língua e o seu conhecimento da área de especialidade. Para efeitos desta pesquisa, considero que o público-alvo desse vocabulário possui como língua materna o português brasileiro, possui um alto nível de proficiência em língua inglesa, porém um conhecimento reduzido da área de especialidade em questão. Estas decisões se motivam por conta do interesse de direcionar esta obra aos tradutores brasileiros, que devem ser idealmente bilíngues (NORD, 2012), porém que, dada a realidade de trabalho do Brasil, nem sempre é possível se especializar em uma área como a arquitetura gótica.

Passada esta primeira etapa, de acordo com os preceitos da TFL, é necessário se realizar uma análise das necessidades lexicograficamente relevantes do seu público-alvo em potencial. Segundo Fuertes e Tarp (2014), essas necessidades podem ser determinadas com base em três métodos distintos: (i) questionário/entrevista, pelo qual é possível consultar uma parcela dos usuários perfilados a respeito de suas necessidades dentro de uma situação

específica; (ii) observação, pela qual é possível observar uma parcela dos usuários perfilados atuando dentro de uma situação específica; e (iii) dedução, pela qual um lexicógrafo e um especialista da área, com base em seu conhecimento e experiência profissional, determinam conjuntamente quais seriam essas necessidades dentro de uma situação específica e propõem soluções terminográficas para atendê-las. Embora Fuertes e Tarp (2004) destaquem que todas as três opções apresentam suas vantagens e desvantagens, os autores recomendam uso do método dedutivo por ser mais fácil, rápido e barato de se aplicar entre as três opções, sem comprometer, contudo, a qualidade do produto final. No âmbito da tradução de textos especializados, esse método é aplicado às fases e subfases do processo tradutório, tal como foi realizado na presente pesquisa (vide subseção 3.1).

Outra fase importante do trabalho terminológico sistemático corresponde à elaboração do corpus de estudo, que servirá como fonte para a seleção do conjunto terminológico da pesquisa. Como brevemente antecipado ao longo deste estudo (vide subseção 2.3.1.1), utilizo os aportes teórico-metodológicos da Linguística de Corpus para a elaboração desse corpus, tema este que será abordado mais detalhadamente na subseção 2.4.

Quanto à etapa de extração terminológica, Barros (2004) indica que esse procedimento pode ocorrer, por exemplo, de forma manual ou automática. O método manual se dá quando o pesquisador destaca candidatos a termos durante o processo de leitura dos textos constituintes do corpus de estudo. A autora (2004) pontua que, embora esse método seja considerado de certa forma arcaico, ele ainda apresenta sua validade em pesquisas terminológicas uma vez que nem sempre existem condições tecnológicas suficientes para a manipulação eletrônica de um corpus. Por outro lado, o método automático, conforme essa mesma autora (2004), realiza a extração dos primeiros candidatos a termos com o suporte de ferramentas especializadas, a exemplo da Estação Terminus 2.0 (vide subseção 2.3.2), porém sendo necessária a posterior validação dos termos por parte do pesquisador. Nesta pesquisa, a extração terminológica foi realizada de forma automática (vide subseção 3.4).

Sobre a extração terminológica automática, Estopà (1999) descreve que tal método pode ser realizado a partir de três vertentes: (i) estatística, (ii) linguística ou (iii) híbrida. O método estatístico está baseado sobretudo na frequência dos candidatos a termos. Na aplicação desse método, a autora (1999) destaca, contudo, que é comum a presença de “silêncio”, que seriam termos não reconhecidos por conta de baixa frequência no corpus de estudo, e “ruído”, que seriam os candidatos a termos extraídos por conta de sua alta frequência que não possuem

valor terminológico (por exemplo, artigos, preposições e conjunções), problemas que podem prejudicar uma pesquisa terminológica.

O método linguístico, por outro lado, se baseia em diferentes recursos de dados linguísticos que possam auxiliar na identificação terminológica, tais como outros dicionários de termos, padrões de estrutura interna da palavra, funções sintáticas, etc. Apesar da eficiência em delimitar estruturas de caráter terminológico, a aplicação única desse método também pode gerar bastante ruído pois nem sempre as estruturas terminológicas mais prototípicas (por exemplo, substantivo, substantivo + adjetivo, substantivo + de + substantivo em português) possuem valor terminológico. Dessa forma, Estopà (1999) recomenda a aplicação do método híbrido, tal qual utilizado nesta pesquisa (vide subseção 3.4), que conjugam tanto elementos provenientes do conhecimento estatístico quanto linguístico, otimizando a extração terminológica ao minimizar os problemas advindos de silêncio e ruído.

Após selecionar o conjunto terminológico, outra fase fundamental é o gerenciamento terminológico, que pode ser realizado tanto manualmente quanto eletronicamente. De modo a facilitar este processo, é bastante frequente o uso de fichas terminológicas. Segundo Krieger e Finatto (2004, p. 136), essas fichas representam:

[...] um registro completo e organizado de informações referentes a um dado termo. Nela, constam informações indispensáveis, tais como a fonte textual de coleta de um termo, segmentos de texto onde esse termo ocorre, seus contextos de uso, informações sobre variantes denominativas, sinônimos, construções operacionais ao trabalho, tais como nome do responsável pela coleta, datas de registro e revisão, etc.

Por conta da multiplicidade de informações que podem ser incluídas em uma ficha terminológica, a ISO 12616 (2002) recomenda que o formato dessas fichas seja o mais flexível possível de modo que cada usuário possa moldá-las às suas necessidades, o que corrobora o princípio metodológico da adequação da TCT e das funções lexicográficas da TFL (vide subseção 2.3.2). Dessa forma, projetei um modelo de ficha terminológica em consonância com as necessidades terminológicas dos tradutores de textos especializados identificadas, que contêm informações que serão utilizadas no produto final desta pesquisa (vide subseção 3.5).

Por fim, Lušický e Wissik (2015) recomendam a constante revisão das informações coletadas e sugerem a revisão das entradas por especialistas da área, que normalmente é realizada antes da publicação do trabalho final. Dito isto e levando em consideração, como

supracitado, que a coleta do conjunto terminológico desta pesquisa ocorre de forma automática, pautando-se pelos aportes teórico-metodológicos da Linguística de Corpus para a constituição e processamento de corpora, exploro os conceitos básicos referentes a essa disciplina no que diz respeito à definição de corpus, suas tipologias e os seus critérios de formação a seguir.

## 2.4 LINGUÍSTICA DE CORPUS

Consoante com os aportes de Sardinha (2004, p. 3), a Linguística de Corpus se dedica a compilar e analisar “[...] conjuntos de dados linguísticos textuais coletados criteriosamente, com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística”, fato este que priorizaria a “[...] exploração da linguagem por meio de evidências empíricas, extraídas por computador”. Nesse sentido, a Linguística de Corpus busca analisar os fenômenos linguísticos com base em exemplos reais de uso a partir de uma grande coleção de textos, conferindo maior objetividade ao estudo em questão, em vez de se fundamentar na experiência individual do pesquisador, assim como aponta McEnery e Wilson (2001, p. 103):

Dados empíricos permitem que linguistas façam afirmações objetivas e baseadas na língua como ela realmente é ao invés de fazerem afirmações subjetivas e baseadas em suas próprias percepções cognitivas internalizadas da língua<sup>93</sup>.

Com relação ao uso de corpus em pesquisas linguísticas, existem duas vertentes principais: (i) o “estudo baseado em corpus” (*corpus-based study*) e (ii) o “estudo direcionado pelo corpus” (*corpus-driven study*), conforme a terminologia cunhada por Tognini-Bonelli (2001) e, posteriormente, empregada por outros autores (BOWKER; PEARSON, 2003; MCENERY; HARDIE, 2012). De acordo com o glossário da Linguística de Corpus de Tagnin (2010, p. 358-359, grifos da autora), o primeiro termo diria respeito ao “estudo em que o *corpus* é usado (a) para comprovar (ou não) uma hipótese ou (b) para extrair exemplos”, enquanto que o segundo faria referência ao “estudo que se desenvolve conforme dados apresentados pelo *corpus*, sem pressuposições teóricas”. A presente pesquisa se apresenta,

---

<sup>93</sup> *Empirical data enable the linguist to make statements which are objective and based on language as it really is rather than statements which are subjective and based upon the individual's own internalised cognitive perception of the language.*

nesse sentido, enquanto um estudo baseado em corpus por fazer uso de corpora e dos preceitos metodológicos da Linguística de Corpus com a finalidade de extrair uma amostra do conjunto terminológico da arquitetura gótica, além de exemplos de uso e informações gramaticais e pragmáticas de seus termos, percebendo essa terminologia tal qual ela ocorre na realidade.

Deve-se ressaltar que ainda não há consenso sobre a natureza da Linguística de Corpus propriamente dita, havendo disputas que a consideram uma disciplina de caráter linguístico e em outras, como um método de pesquisa (TOGNINI-BONELLI, 2001; MCENERY; HARDIE, 2012). No presente estudo, não pretendo discorrer sobre essa temática que, embora relevante, foge aos seus propósitos. É importante notar, contudo, que a Linguística de Corpus em estudos baseados em corpus se caracteriza enquanto um *método* (TOGNINI-BONELLI, 2001; MCENERY; HARDIE, 2012) e pretendo utilizá-la nesse aspecto neste estudo.

Exploro na subseção a seguir as características relacionadas ao termo “corpus”, bem como discorro sobre os seus critérios de formação e suas respectivas tipologias.

#### 2.4.1 Corpus e suas tipologias

Para os fins desta pesquisa, alicerço-me na definição de corpus alvitada por Sánchez et al. (1995, p. 8-9) por se tratar de uma proposta, assim como afirma Sardinha (2004), completa e concisa ao fazer referência a todas as propriedades intrínsecas que caracterizam esse termo, a saber: origem dos dados, propósito, composição, formatação, representatividade e extensão. Por este viés, um corpus seria:

[...] um conjunto de dados linguísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso linguístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise<sup>94</sup>.

---

<sup>94</sup> [...] un conjunto de datos lingüísticos (pertencientes al uso oral o escrito de la lengua, o a ambos), sistematizados según determinados criterios, suficientemente extensos en amplitud y profundidad de manera que sean representativos del total del uso lingüístico o de alguno de sus ámbitos, y dispuestos de tal modo que puedan ser procesados mediante ordenador con el fin de obtener resultados varios y útiles para la descripción y el análisis.

Quanto à sua tipologia, corpora podem ser classificados de diferentes formas conforme o aspecto analisado, o que auxilia no processo de formação do corpus (vide subseção 3.2). Nesse sentido, por exemplo, um corpus pode ser classificado de acordo com o seu tamanho, calculado normalmente com base na sua extensão em números de palavras. Para esse parâmetro, Sardinha (2004, p. 26) propõe a seguinte classificação:

Quadro 2 – Classificação de corpus quanto a sua extensão em número de palavras

<b>Tamanho em palavras</b>	<b>Classificação</b>
<i>Menos de 80 mil</i>	Pequeno
<i>80 a 250 mil</i>	Pequeno-médio
<i>250 a 1 milhão</i>	Médio
<i>1 milhão a 10 milhões</i>	Médio-grande
<i>10 milhões ou mais</i>	Grande

Fonte: Sardinha, 2004, p. 26.

Além desse tipo de disposição, os corpora podem, ainda, ser classificados de acordo com outros parâmetros de análise. No Quadro 3, exponho, de forma sintética, a proposta de tipologia de corpus apresentada por Sardinha (2004).

Quadro 3 – Tipologia de corpus

<b>Critério</b>	<b>Tipo</b>	<b>Descrição</b>
<i>Modo</i>	Falado	composto de porções de fala transcritas.
	Escrito	composto de textos escritos, impressos ou não.
<i>Tempo</i>	Sincrônico	compreende um período de tempo.
	Diacrônico	compreende vários períodos de tempo.
	Contemporâneo	representa o período de tempo corrente.
	Histórico	representa um período de tempo passado.
<i>Seleção</i>	De amostragem	composto por porções de textos ou de variedades textuais, planejado para ser uma amostra finita da linguagem como um todo.
	Monitor	a composição é reciclada para refletir o estado atual de uma língua. Opõe-se a corpora de amostragem.

	Dinâmico ou orgânico	o crescimento e a diminuição são permitidos.
	Estático	oposto de dinâmico.
	Equilibrado	os componentes (gêneros, textos etc.) são distribuídos em quantidades semelhantes (por exemplo, mesmo número de textos por gêneros).
<i>Conteúdo</i>	Especializado	os textos são de tipos específicos (gêneros ou registros definidos).
	Regional ou dialetal	os textos são provenientes de uma ou mais variedades sociolinguísticas específicas.
	Multilíngue	inclui idiomas diferentes.
<i>Autoria</i>	De aprendiz	os autores dos textos não são falantes nativos.
	De língua nativa	os autores são falantes nativos.
<i>Finalidade</i>	De estudo	o corpus que se pretende descrever.
	De referência	usado para fins de contraste com o corpus de estudo.
	De treinamento ou teste	construído para permitir o desenvolvimento de aplicações e ferramentas de análise.

Fonte: elaborado com base em Sardinha, 2004, p. 20-21.

Além das categorias apresentadas, vale salientar ainda as definições associadas aos termos: “corpus paralelo” e “corpus comparável bi- ou multilíngue”, referente à disposição interna dos textos no corpus, por não haver um consenso entre os teóricos da área a respeito (FERNANDES, 2006; MCENERY; XIAO, 2007). Nesta pesquisa, utilizo as definições apresentadas por Tagnin (2010, p. 358, grifos da autora) para os referidos termos. Enquanto “corpus paralelo” diria respeito ao “*corpus* constituído de originais e suas respectivas traduções”, “corpus comparável bi- ou multilíngue”, por sua vez, se referiria ao “*corpus* composto por dois ou mais *subcorpora* com textos originais nas respectivas línguas”. Para os fins aqui propostos, projeto e analiso o corpus de estudo desta pesquisa consoante às categorias expostas acima (vide subseção 3.2), além de seguir os critérios de formação de corpora que discorro na subseção a seguir.

## 2.4.2 Critérios de formação de corpora

No que concerne à constituição de um corpus, Sardinha (2004, p. 19-23) apresenta quatro princípios básicos que deveriam ser seguidos, a saber:

- 1) Naturalidade: corpora deveriam ser compostos a partir de textos em linguagem natural.

De acordo com o autor (2004), corpora não deveriam conter textos redigidos em linguagens artificiais, tais como notações matemáticas ou linguagem de programação, ou elaborados para fins de uma dada pesquisa linguística. A título de ilustração, o corpus de estudo desta pesquisa foi composto a partir de textos em língua inglesa e portuguesa coletados de fontes reais, como bem sugere os princípios metodológicos da TCT (vide subseção 2.3.2), de forma que esses dados não foram preparados para os fins da presente pesquisa (vide subseção 3.2).

- 2) Autenticidade: corpora deveriam conter textos escritos por falantes nativos.

Dessa maneira, os corpora seriam idealmente compostos por textos escritos por falantes reais. Caso o corpus seja composto por textos criados por aprendizes da língua, esse corpus deveria ser classificado enquanto corpus de aprendizes. Para fins desta pesquisa, assim como exploro na subseção 3.2, compilo textos idealmente escritos por falantes nativos.

- 3) Critérios de escolha minuciosamente estipulados pelo formador do corpus, conforme o objetivo da pesquisa.

De acordo com as palavras do autor (2004, p. 19), “o conteúdo do corpus deve ser escolhido criteriosamente” de modo a estar em conformidade com os parâmetros da pesquisa e que, dessa forma, o corpus possa fornecer as informações desejadas. Nesse viés, adotei critérios específicos para compor o corpus de estudo desta pesquisa (vide subseção 3.2).

#### 4) Representatividade.

Embora a representatividade seja um fator importante no desenho do corpus, não há consenso entre os autores da Linguística de Corpus a respeito desse quesito. Por um lado, Sardinha (2004) indica que a representatividade do corpus normalmente está associada ao seu tamanho, porém isso não seria necessariamente verdadeiro para todos os tipos de pesquisa. Por conseguinte, segundo o autor (2004, p. 22), o pesquisador deveria realizar o seguinte questionamento: “representativo do quê e para quem?”. A partir dessa reflexão, embora o corpus de estudo da presente pesquisa possa ser enquadrado enquanto um corpus pequeno-médio, ele foi constituído de modo a ser representativo da área da arquitetura gótica (vide subseção 3.2), contemplando diferentes gêneros textuais e níveis de especialização com os quais o tradutor poderá se deparar em situações de tradução reais.

Após explorar os preceitos básicos referentes à Linguística de Corpus, discorro de forma geral a respeito da Arquitetura Gótica, área de especialidade a que se dedica este estudo.

## 2.5 ARQUITETURA GÓTICA

Com relação à área de especialidade, a presente pesquisa aborda especificamente o campo de conhecimento referente ao da Arquitetura Gótica. Para fins deste trabalho, faz-se necessário notar inicialmente que o referido campo integra, a partir de uma perspectiva macroestrutural, o âmbito da Arte Gótica no campo de domínio da História da Arte.

Os especialistas desta última disciplina, tal qual aponta Kleiner (2014, p. 2), se dedicam, em termos básicos, ao estudo dos “[...] objetos visuais tangíveis que os seres humanos produzem e as estruturas que constroem”<sup>95</sup>. Embora sucinta, a referida definição permite englobar diferentes expressões artísticas, tais como a escultura, a pintura e a arquitetura. Em termos de organização do conhecimento, a História da Arte agrupa determinadas expressões artísticas que compartilham características e contextos históricos similares em períodos ou estilos artísticos mais amplos. Essa classificação pode alternar de acordo com o autor consultado (por exemplo, JANSON; JANSON, 2009; PROENÇA, 2010; GOMBRICH, 2013; KLEINER, 2014), mas tradicionalmente se dividem, por exemplo, em arte românica, arte gótica, arte renascentista, entre outras.

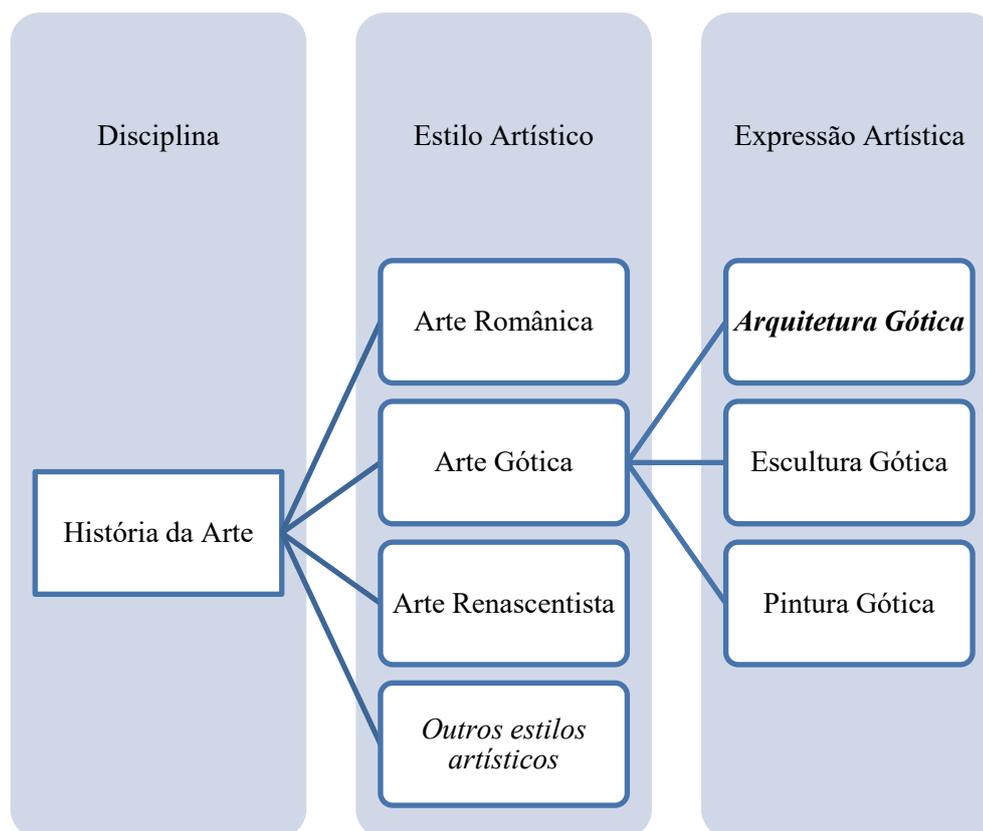
---

<sup>95</sup> [...] *the visual and tangible objects humans make and the structures humans build.*

Esta pesquisa está alinhada à arte gótica, como mencionado, que se manifestou a partir das três seguintes expressões principais: a arquitetura, a pintura e a escultura (TOMAN, 2004; PROENÇA, 2010; ADNE; LEMOS, 2013; KLEINER, 2014). É importante frisar, contudo, que a designação “arte gótica” foi utilizada originalmente para remeter tão somente à expressão artística representada pela arquitetura, passando a abranger a escultura e a pintura apenas no século XX (JANSON; JANSON, 2009).

De modo a localizar a arquitetura gótica dentro do campo da História da Arte, apresento a seguir uma proposta sintética de representação conceitual dessa disciplina, contemplando a sua divisão em estilos artísticos apresentados por diferentes autores e as expressões artísticas existentes durante o período gótico.

Figura 5 – Localização da arquitetura gótica no campo da História da Arte



Fonte: elaborado pelo autor com base em Toman (2004), Janson e Janson (2009), Proença (2010), Adne e Lemos (2013) e Kleiner (2014).

Após ter localizado a arquitetura gótica no âmbito da História da Arte, discorro a seguir acerca da contextualização histórica que permeia essa expressão artística.

### 2.5.1 Contextualização histórica

Embora o termo “gótico” propriamente dito possa sugerir que esse estilo artístico tenha surgido com os godos, povo germânico que invadiu o Império Romano no século V, ele, na realidade, foi cunhado somente no século XVI, como apontam diversos autores (por exemplo, PROENÇA, 2010; ADNE LEMOS, 2013; KLEINER, 2014), por artistas renascentistas com vistas a depreciar este estilo por ser considerado uma arte de “[...] mau gosto, exótica, carregada de apelos decorativos e exagerada na altura de suas torres” (ADNE; LEMOS, 2013, p. 10). Posteriormente, o termo “gótico” perdeu sua conotação depreciativa e passou a designar uma arquitetura marcada pelo uso de arcos ogivais (PROENÇA, 2010; KLEINER, 2014).

No que concerne ao surgimento do estilo gótico propriamente dito, não há um consenso entre os estudiosos da área quanto à data precisa, porém estima-se que tenha se manifestado entre os anos de 1137 e 1144. Klein (2004), por exemplo, estipula que este estilo tenha nascido precisamente no dia 14 de julho de 1140. Por outro lado, outros autores (por exemplo, JANSON; JANSON, 2009; PROENÇA, 2010; GOMBRICH, 2013) concordam com o fato de que esse então “novo estilo” tenha emergido, em primeira instância, nos arredores da então cidade de Paris – região conhecida por Île-de-France – com a reconstrução da Abadia Real de Saint-Denis. Inicialmente concebida em estilo românico, a abadia rapidamente sofreu uma série de reformas e ampliações sob a orientação do abade Suger (1081-1151), que tinha como propósito maior tornar aquele templo em um “[...] centro espiritual da França, uma igreja de peregrinação que excedesse todas as outras em esplendor, o centro das emoções religiosas e patrióticas” (JANSON; JANSON, 2009, p. 132).

A versão mais recente da abadia – atual Basílica Real de Saint-Denis – pode ser observada na Figura 6.

Figura 6 – Vista panorâmica da Basílica Real de Saint-Denis



Fonte: Basilique royale de Saint-Denis<sup>96</sup>.

Após o seu surgimento na Île-de-France, o estilo gótico se expandiu progressivamente por outros espaços do território europeu e, por conta das Cruzadas, se estendeu até o Oriente Próximo. Esse novo estilo artístico perdurou até meados do século XVI, perfazendo aproximadamente 400 anos de história de forma geral (JANSON; JANSON, 2009; ADNE; LEMOS, 2013).

De acordo com Kleiner (2014, p. 192), o período gótico poderia ser dividido genericamente em três grandes períodos históricos, a saber: (i) o gótico primitivo (1140-1194), definido pela “[...] reconstrução da abadia real de Saint-Denis com abóbodas de nervuras sobre arcos ogivais e janelas com vitrais”<sup>97</sup>; (ii) o alto gótico (1194-1300), marcado por edificações religiosas com “[...] abóbodas quadripartidas nas naves, sustentadas por arcobotantes externos, construções com três andares (arcada, trifório, clerestório) e janelas com vitrais em vez de

<sup>96</sup> Disponível em: <http://www.saint-denis-basilique.fr/Explorer/Histoire-du-monument>. Acesso em 30 jun. 2017.

<sup>97</sup> [...] *rebuilding the French royal abbey church at Saint-Denis with rib vaults on pointed arches and stained-glass windows.*

alvenaria pesada”<sup>98</sup>; e (iii) gótico tardio (1300-1500), caracterizado pela ênfase dada ao “[...] embelezamento da superfície em detrimento da claridade estrutural”<sup>99</sup>.

Apesar de sua ampla expansão, vale ressaltar que a sua evolução e o seu ciclo de vida ocorreram de maneira irregular, oscilando de acordo com a localidade que havia alcançado. Dessa forma, o estilo gótico adquiriu características particulares de acordo com a região em que se instalava, assim como indicam Adne e Lemos (2013, p. 10):

O estilo gótico difundiu-se por toda a Europa com grande variedade de formas, adaptando-se às tradições de cada região. Ao chegar a um determinado país, encontrava ali outras tendências, fazendo com que demorasse mais a ser incorporado.

É importante reiterar que a arquitetura gótica se manifestou especialmente na construção de templos religiosos católicos, mais notadamente nas catedrais, consideradas símbolos de pedra da fé cristã. Gombrich (2013, p. 112) ressalta que:

Hoje não é fácil imaginar o que uma igreja significava para as pessoas desse período. [...] A igreja era, geralmente, o único edifício de pedra em toda a redondeza; constituía a única construção de considerável envergadura muitas léguas em redor e seu campanário era um ponto de referência para todos os que vinham de longe.

Tais construções, dessa forma, deveriam erguer-se acima de todos os outros edifícios da cidade, de forma a se sobressaírem como centros sociais e religiosos (ADNE; LEMOS, 2013). Entretanto, é igualmente necessário notar que a arquitetura gótica, muito embora esteja predominantemente associada à arquitetura religiosa católica, engloba ainda, embora com menor destaque, outros tipos de arquitetura, inclusive edificações civis, como o Palácio Ca’ d’Oro em Veneza (Itália), e edificações religiosas não católicas, como a Sinagoga Velha-Nova em Praga (Áustria).

Após apresentar esta breve contextualização histórica da arquitetura gótica, discorro na próxima subseção sobre as principais características associadas a esse estilo arquitetônico, destacando em especial aquelas relacionadas às catedrais góticas por serem consideradas o maior expoente do estilo em questão.

<sup>98</sup> [...] *four-part nave vaults braced by external flying buttresses, three-story elevation (arcade, triforium, clerestory), and stained-glass windows in place of heavy masonry.*

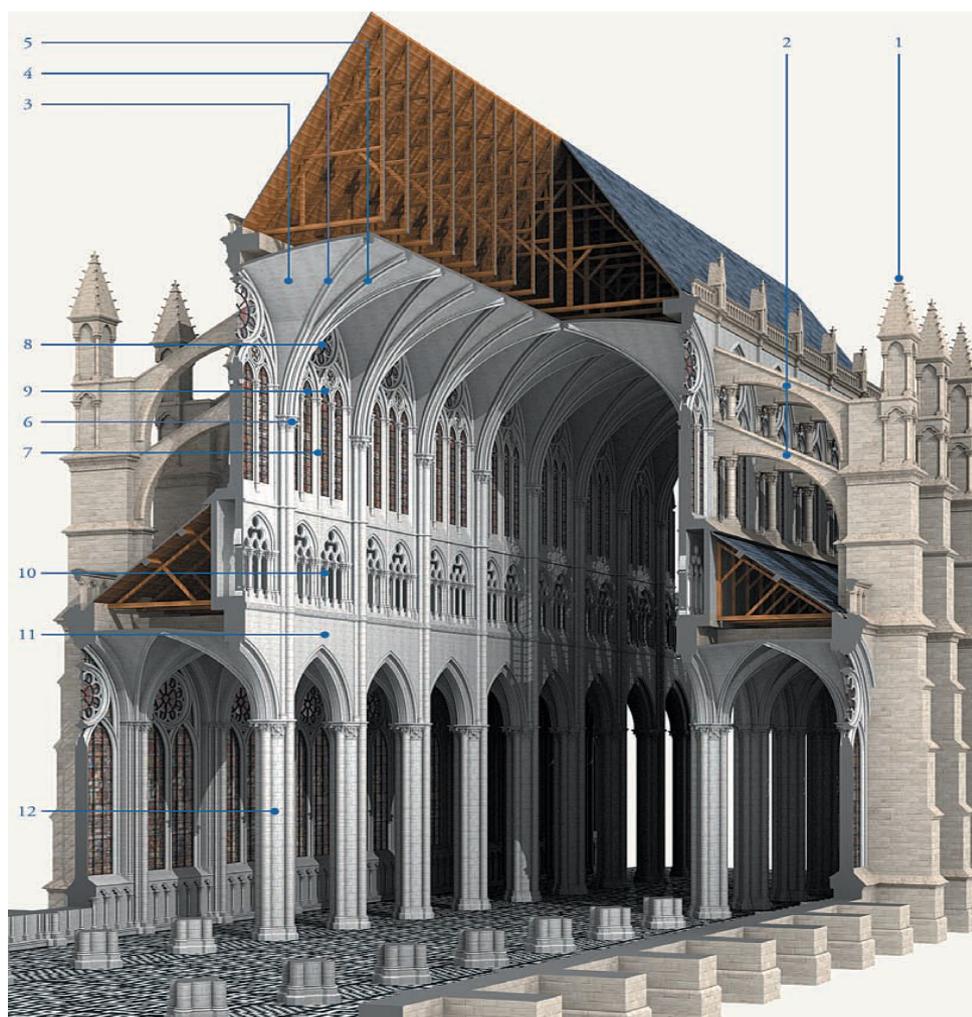
<sup>99</sup> [...] *surface embellishment over structural clarity.*

## 2.5.2 Características gerais e estilos regionais

De forma geral, existem diversos elementos arquitetônicos que caracterizam a arquitetura gótica, embora cada autor enfatize um determinado aspecto em detrimento de outro. Alguns desses elementos, de acordo com os autores consultados (JANSON; JANSON, 2009; PROENÇA, 2010; ADNE; LEMOS, 2013; GOMBRICH, 2013), dizem respeito, por exemplo, aos arcos ogivais, abóbadas de nervuras, vitrais, rosácea, arcobotantes e a ênfase na verticalidade.

De modo a oferecer uma visão geral desse estilo, apresento uma representação esquemática de uma catedral gótica na Figura 7.

Figura 7 – Representação esquemática de uma catedral gótica



Fonte: Kleiner, 2014, p. 197.

Por outro lado, Kleiner (2014, p. 197) assinala que “a maior parte dos elementos arquitetônicos das catedrais góticas surgiram em estruturas prévias, porém os arquitetos góticos os combinaram de novas maneiras”<sup>100</sup>. Por esta razão, Simson (1962, p. 4-5) considera que tais elementos são apenas “meios construtivos” propriamente ditos e que não necessariamente conferem uma identidade artística à arquitetura gótica. Nas palavras desse último autor (1962, p. 4-5), existiriam duas características que considera sem precedentes e seriam de fato a verdadeira marca distintiva do gótico, a saber: o uso da luz e a relação entre estrutura e aparência, convertendo o estilo gótico em uma “arquitetura diáfana, transparente”.

Do ponto de vista simbólico, a arquitetura gótica é uma expressão artística que se desenvolveu intrinsecamente atrelada ao pensamento cristão, podendo ser compreendida enquanto “[...] representação de uma realidade sobrenatural”<sup>101</sup> (SIMSON, 1962, p. XIV). Não é à toa que diversos autores, tais como Adne e Lemos (2013, p. 11), descrevem a arquitetura gótica como um estilo que “[...] sugere leveza, elevação a Deus e espiritualidade”. A simbologia do cristianismo está no cerne de sua própria concepção e reverbera, conseqüentemente, em diversos de seus elementos arquitetônicos. Huntsman (2016, p. 80), por exemplo, assinala que, na arquitetura gótica, “[...] a proporção é grandiosa de acordo com a glória de Deus; e Deus – que é luz – se manifesta por meio de vitrais monumentais que resplandecem como pedras preciosas para criar uma experiência sobrenatural para o devoto”<sup>102</sup>.

Além das características gerais apresentadas, o estilo gótico, como mencionado anteriormente (vide subseção 2.5.1), foi se modificando de acordo com a localidade em que adentrava, adquirindo características específicas de uma determinada região. Essas variações estilísticas vinculadas a uma determinada região geográfica são o que Kleiner (2014) denominada de “estilos regionais”, tais como o Gótico Inglês, o Gótico Francês e o Gótico Espanhol.

Considerando a multiplicidade de estilos regionais concernentes à arquitetura gótica e as limitações espaciais e temporais inerentes à presente pesquisa, pontuo que dedico os próximos parágrafos a descrever brevemente tão somente as características relacionadas ao

---

<sup>100</sup> *Most of the architectural components of Gothic cathedrals appeared in earlier structures, but Gothic architects combined the elements in new ways.*

<sup>101</sup> *[...] representation of supernatural reality.*

<sup>102</sup> *[...] scale is vast in accordance with the glory of God; and God – who is light – is made manifest in monumental stained-glass windows which dazzle like jewels to create an otherworldly experience for the worshipper.*

gótico francês e ao gótico inglês. O primeiro por ser o marco inicial da arquitetura gótica e funcionar como estilo de referência para os demais estilos regionais, o que pode oferecer certa generalização de suas características, e o segundo por ser o estilo regional com maior expressividade dentro da arquitetura gótica depois do gótico francês e por ser o estilo abordado com maior ênfase em textos especializados da área em inglês britânico (vide página 174).

No que diz respeito ao Gótico Francês, este é o precursor da arquitetura gótica e suas inovações marcam mais notadamente o desenvolvimento desta expressão artística. Este estilo, contudo, pode ser dividido de diferentes formas de acordo com o autor consultado (BATTISIONI FILHO, 2009; GOMBRICH, 2013; JANSON; JANSON, 2009; KLEINER, 2014, etc.), porém apresenta pelo menos três fases de comum acordo: o gótico primitivo, o gótico irradiante (*Rayonnant*) e o gótico flamejante (*Flamboyant*).

A primeira fase corresponde exatamente ao gótico primitivo geral da arquitetura gótica apresentado anteriormente (vide subseção 2.5.1), marcado pela reconstrução do coro da abadia real de Saint-Denis com arcos ogivais, abóbodas de nervuras e janelas com vitrais (BATTISIONI FILHO, 2009). O *Rayonnant* é caracterizado pela ênfase na iluminação interna das igrejas por meio dos vitrais enquanto o *Flamboyant* apresenta um rendilhado mais rebuscado em forma de chamas e apresenta com frequência o arco contracurvado (KLEINER, 2014). A título de ilustração, apresento na Figura 8, um símbolo do Gótico Francês: a Catedral de Notre-Dame de Paris (Paris, França).

Figura 8 – Catedral de Notre Dame de Paris (França)



Fonte: Office du Tourisme et des Congrès de Paris<sup>103</sup>.

Com relação ao Gótico Inglês, Hendrix (2012, p. 7) aponta que a evolução deste estilo regional foi relativamente consistente e homogênea durante toda a Idade Média e que as igrejas deste período “[...] contribuem na expressão de uma ideia coerente, que representa a teologia, a filosofia e a epistemologia (Escolasticismo) da Inglaterra medieval”<sup>104</sup>. De forma geral, o gótico inglês pode ser dividido em três grandes fases, a saber: o gótico primitivo inglês (*Early English*) (1175-1265), o gótico decorado (*Decorated*) (1270-1370) e o gótico perpendicular (*Perpendicular*) (1330-1540) (FAZIO; MOFFETT; WODEHOUSE, 2019; HENDRIX, 2012).

A primeira fase é marcada por elementos arquitetônicos menos rebuscados, como as abóbadas quadripartidas, e por janelas apontadas, chamadas de janelas de lanceta (FAZIO; MOFFETT; WODEHOUSE, 2019). Sua segunda fase passa a apresentar elementos arquitetônicos mais elaborados e ornamentadas, como seu próprio nome sugere. Nervuras

<sup>103</sup> Disponível em: <https://www.parisinfo.com/musee-monument-paris/71475/Cathedrale-Notre-Dame-de-Paris-et-son-tresor>. Acesso em 30 jun. 2017.

<sup>104</sup> [...] contribute to the expression of a coherent idea, representing the theology, philosophy, and epistemology (Scholasticism) of medieval England.

adicionais são inseridas à abóbada, tais como os liernes e os terciarões, e o seu rendilhado é enriquecido com trifólios e quadrifólios (FAZIO; MOFFETT; WODEHOUSE, 2019). A última fase do Gótico Inglês enfatiza as formas verticais e retilíneas, sendo caracterizada por traçados perpendiculares e pela abóbada de leque (FAZIO; MOFFETT; WODEHOUSE, 2019).

Apesar da divisão cronológica, Fazio, Moffett e Wodehouse (2019) indicam que as edificações góticas inglesas não podem ser analisadas estritamente nesta ordem, uma vez que “[...] elementos de todos os três períodos medievais estão presentes na estrutura de muitas delas”<sup>105</sup>, tais como na Abadia de Westminster. Para ilustrar esta questão, apresento a fachada norte da Abadia de Westminster, exemplar do *Early English*, na Figura 9, e a fachada oeste desta mesma edificação, construída durante o período *Perpendicular*, na Figura 10.

Figura 9 – Fachada norte da Abadia de Westminster (Londres, Reino Unido)



Fonte: acervo do pesquisador.

---

<sup>105</sup> [...] portions of all three medieval periods are represented in the fabric of many of them.

Figura 10 – Fachada oeste da Abadia de Westminster (Londres, Reino Unido)



Fonte: acervo do pesquisador.

Ao discorrer sobre as principais características relacionadas à arquitetura gótica, finalizo então o referencial teórico que embasa a realização da presente pesquisa. Exploro, no próximo capítulo, o conjunto de métodos utilizados para concretizar este estudo.

### 3 MÉTODO

No decorrer do presente capítulo, abordo os procedimentos metodológicos adotados na condução deste estudo. Mais especificamente, exploro a análise das necessidades terminológicas do tradutor de textos especializados da arquitetura gótica, a ferramenta de gestão do trabalho terminográfico utilizada neste trabalho, a formação do corpus de estudo da presente pesquisa, o processo de extração e seleção terminológica e, por fim, a gestão do conjunto terminológico compilado e sua revisão por especialistas. Dito isto, apresento a seguir a análise das necessidades terminológicas do tradutor da arquitetura gótica, que tomo por base para projetar o repertório terminológico desta pesquisa.

#### 3.1 ANÁLISE DAS NECESSIDADES TERMINOLÓGICAS DO TRADUTOR DE TEXTOS DA ARQUITETURA GÓTICA

Para a identificação das necessidades terminológicas do tradutor de textos especializados da arquitetura gótica, analiso minuciosamente cada etapa do processo tradutório buscando, tal como sugerido por Fuertes e Tarp (2014) (vide subseção 2.3.3), determinar necessidades lexicograficamente relevantes para a tradução de textos da referida área por meio de um método dedutivo. Tomo como ponto de partida, no entanto, as necessidades terminológicas já elencadas por Cabré (1999) (vide subseção 2.1.3), que possuem caráter genérico e que idealmente podem se adequar à tradução de qualquer texto especializado. Dessa forma, reviso, durante o processo de análise dedutiva de Fuertes e Tarp (2014), quais necessidades genéricas indicadas por Cabré (1999) são de fato pertinentes à presente pesquisa, além de expandir este rol com necessidades específicas percebidas ao longo desta mesma análise. Como resultado, apresento um conjunto de necessidades terminológicas para a tradução de textos especializados da arquitetura gótica, que utilizarei como base para formular o vocabulário produto desta pesquisa posteriormente (vide apêndice A).

Para efeitos desta análise, compreendo o processo tradutório conforme o modelo circular de Nord (2012), concebido no cerne do viés funcionalista da tradução (vide subseção 2.1.1 e 2.1.2) e composto por quatro fases principais: (i) interpretação do encargo de tradução, (ii) análise do texto fonte, (iii) planejamento das estratégias de tradução e (iv) produção do texto alvo. Como já amplamente discutido pela própria autora (2012), este modelo, embora

descrito linearmente por questões organizacionais, se propõe a refletir a realidade profissional do tradutor ao contemplar, entre outros aspectos, um conjunto de movimentos recursivos que promove a interação constante entre todas as etapas constituintes do processo tradutório, estabelecendo entre elas, contudo, uma relação de interdependência. Por esta razão, considero que uma descrição analítica com uma progressão estritamente lógica das necessidades identificadas não seria completamente factível, assim que opto por descrever essas necessidades conforme forem observadas durante este processo, agrupando-as por etapa de acordo com a ordenação estipulada por Nord (2012), porém buscando evidenciar sempre que possível paralelos entre as necessidades percebidas em uma determinada fase com as de outra.

Além disso, tendo em vista que as unidades terminológicas, no marco teórico da TCT (vide subseções 2.2.1 e 2.2.2), adquirem seu valor terminológico em situações comunicativas especializadas bem determinadas (e não fora de contexto), assim como a ação tradutória, no viés funcionalista (vide subseções 2.1.1 e 2.1.2), representa uma atividade de transferência linguístico-cultural realizada dentro de um contexto comunicativo específico, considero imperativo estabelecer cenários prototípicos para orientar e corroborar as afirmações realizadas neste tipo de análise. Dessa maneira, analiso cada etapa do processo tradutório circular de Nord (2012) amparado por exemplos advindos de três projetos de tradução elaborados para fins desta pesquisa e descritos formalmente com o suporte do modelo funcional de análise de tradução também proposto por essa autora (vide subseção 2.1.2). Esses cenários se embasam nos projetos de tradução de três textos fonte, oriundos do corpus de estudo (vide subseção 3.2), conforme descrito no Quadro 4.

Quadro 4 – Relação dos textos fonte dos cenários prototípicos

<b>Cenário</b>	<b>Texto fonte</b>
<b>Cenário 1</b>	STALLEY, R. <i>Innovation in English Gothic architecture: risks, impediments, and opportunities</i> . British Art Studies, Issue 6, 2017. Disponível em: <a href="https://doi.org/10.17658/issn.2058-5462/issue-06/rstalley/002">https://doi.org/10.17658/issn.2058-5462/issue-06/rstalley/002</a> . Acesso em 30 jun. 2017.
<b>Cenário 2</b>	HENDRIX, J. S. <i>The splendour of British Gothic architecture</i> . London: Parkstone International, 2012.
<b>Cenário 3</b>	WELLS CATHEDRAL. <i>Wells Visitor Leaflet</i> . Disponível em: <a href="http://www.wellscathedral.org.uk/wp-">http://www.wellscathedral.org.uk/wp-</a>

[content/uploads/2016/03/WELLS\\_Visitor\\_Leaflet\\_2016.pdf](content/uploads/2016/03/WELLS_Visitor_Leaflet_2016.pdf). Acesso em 06 set. 2016.

Fonte: dados da pesquisa.

Embora hipotéticos, estes cenários têm por objetivo emular possíveis situações comunicativas especializadas reais, pautando-se na tradução de textos especializados reais dirigidos a diferentes públicos-alvo (respectivamente, especialista-especialista, especialista-semiespecialista, especialista-público-geral) e levando em consideração um encargo de tradução bem determinado (vide subseção 3.1.1).

Por fim, destaco ainda que, à medida que apresento cada necessidade terminológica, descrevo brevemente um conjunto de possíveis soluções terminográficas para atender cada necessidade dentro de uma proposta de repertório terminológico, conforme os componentes estruturais e elementos previstos nas subseções 2.3.1.2 e 2.3.1.3. Dito isto, analiso a seguir as necessidades terminológicas dos tradutores de textos especializados da arquitetura gótica, examinando pormenorizadamente cada fase do processo tradutório e ilustrando tais necessidades a partir de exemplos dos cenários de tradução prototípicos supracitados, além de propor soluções terminográficas para atender essas necessidades.

### 3.1.1 Necessidades terminológicas na interpretação do encargo de tradução

Para efeitos desta análise, considero os seguintes encargos de tradução:

Quadro 5 – Encargos de tradução dos cenários prototípicos

<i>Cenário</i>	<i>Encargo de tradução</i>
<i>Cenário 1</i>	Os editores de um periódico especializado em Arquitetura buscam publicar uma versão em português brasileiro, em 2019, do artigo científico intitulado “Innovation in English Gothic Architecture: risks, impediments, and opportunités”, de Roger Stalley (2017), em um número temático sobre arquitetura medieval. Esse artigo aborda as possibilidades de inovação no âmbito da arquitetura gótica inglesa. A versão em português brasileiro será publicada em um referido número temático no site da revista e deverá reproduzir toda a informação contida no original,

incluindo as ilustrações, porém adequando-se estilisticamente à formatação exigida na chamada de submissão, contudo, sem limitação de espaço. Os editores solicitam que as ocorrências de “rib vault” sejam traduzidas consistentemente por “abóbada de nervuras” em todo o trabalho.

### ***Cenário 2***

Uma editora brasileira busca publicar, em 2019, uma versão em português brasileiro do livro “The splendour of English Gothic Architecture” (2012), de John Shannon Hendrix, com intuito de difundir especificidades deste estilo arquitetônico entre estudantes da área no Brasil. O texto desse autor descreve os principais períodos e características relacionadas à arquitetura gótica inglesa. A versão em português será publicada no Brasil e deverá reproduzir toda a informação contida no original, mantendo o tipo de impressão e ilustrações, etc. No que tange à tradução dos termos específicos da área, a editora fornece uma pequena relação contendo traduções preferenciais para determinados termos, que deverá ser observada durante o processo de tradução.

### ***Cenário 3***

A administração da Catedral de Wells busca publicar uma versão em português brasileiro de seu folheto turístico, em 2019, em decorrência do crescente número de visitantes brasileiros no local. O texto do folheto descreve brevemente a história e os principais elementos arquitetônicos da Catedral de Wells, além de fornecer informações pertinentes à visita do local (horários, localização, telefone, etc.). A versão em português brasileiro se oferecerá na própria catedral e eletronicamente, com a finalidade de aumentar a visita da Catedral. Esta versão deve reproduzir toda a informação contida no original, mantendo o mesmo tipo de impressão, ilustrações, etc.

Fonte: dados da pesquisa.

Durante esta primeira etapa, nenhuma necessidade lexicograficamente relevante pôde ser determinada com base na leitura dos encargos de tradução descritos no Quadro 5. No

entanto, é importante destacar que os encargos de tradução de forma geral podem apresentar orientações específicas quanto à tradução de determinados termos conforme o projeto de tradução, estabelecendo assim necessidades terminológicas *ad-hoc*. Tais necessidades podem se derivar, por exemplo, de exigências explícitas no que diz respeito tanto à consistência terminológica de um termo específico (Cenário 1) quanto à atenção às preferências terminológicas do iniciador (Cenário 2). Além disso, o encargo de tradução pode ainda estabelecer implicitamente o nível de especialidade a ser observado de acordo com o público-alvo pretendido (por exemplo, turistas brasileiros no Cenário 3).

Ao se considerar, portanto, a multiplicidade de necessidades terminológicas de caráter pontual que podem ser demandadas conforme o encargo de tradução, não é possível realizar uma previsão abrangente de todas estas necessidades. De todos os modos, espera-se que, com as informações terminológicas fornecidas em um repertório tal como o produzido nesta pesquisa, o tradutor possa obter as informações suficientes para embasar sua tomada de decisão em conformidade com o encargo de tradução em questão, seja mantendo a consistência ou ajustando o texto ao nível de especialidade desejado.

### 3.1.2 Necessidades terminológicas na análise do texto fonte

Como descrito anteriormente (vide subseção 2.1.2), a etapa de análise do texto fonte inclui uma análise minuciosa dos fatores extratextuais, fatores intratextuais e efeito comunicativo por ele pretendido. Para fins desta etapa, utilizo como referência a análise dos textos fonte conforme apresentados no Quadro 6.

Quadro 6 – Análise dos textos fonte

	CENÁRIO 1	CENÁRIO 2	CENÁRIO 3
<b>A. FATORES EXTRATEXTUAIS</b>			
<b><i>Emissor</i></b>	Roger Stalley	John Shannon Hendrix	E: Catedral de Wells P: Não informado
<b><i>Intenção</i></b>	Discutir fatores que permeiam a inovação na	Apresentar os períodos e as características da	Informar sobre a visita da Catedral de Wells, destacando seus principais

	arquitetura gótica inglesa	arquitetura gótica inglesa	elementos arquitetônicos.
<b>Receptor</b>	Especialistas anglófonos com alto conhecimento da área	Estudantes anglófonos com conhecimento médio da área	Turistas anglófonos, possivelmente sem conhecimento especializado da área
<b>Meio</b>	Artigo científico digital com ilustrações coloridas	Livro impresso com ilustrações coloridas	Folheto turístico impresso, com ilustrações coloridas
<b>Lugar</b>	Inglaterra	Inglaterra	Wells, Inglaterra
<b>Tempo</b>	2017	2013	2016
<b>Motivo</b>	Ampliar a discussão sobre inovação na arquitetura gótica inglesa	Celebrar a riqueza da arquitetura gótica inglesa	Promover a visita da Catedral de Wells
<b>Função</b>	Referencial	Referencial	Referencial
<b>B. FATORES INTRATEXTUAIS</b>			
<b>Tema</b>	Arquitetura gótica inglesa	Arquitetura gótica inglesa	Arquitetura gótica inglesa
<b>Conteúdo</b>	Inovação e risco, processo de construção, santos padroeiros	Períodos históricos da arquitetura gótica inglesa, com descrição extensiva de suas respectivas características	Horário de visita, atividades e histórico da Catedral de Wells, seus principais elementos arquitetônicos
<b>Pressuposições</b>	Conhecimento alto da área, cidades e história da Inglaterra.	Conhecimento médio da área, conhecimento reduzido sobre geografia, história e cultura da Inglaterra.	Nenhum conhecimento da área, conhecimento reduzido do contexto histórico-cultural da Inglaterra, interesse em

			conhecer a Catedral de Wells.
<b>Estruturação</b>	Introdução, sete seções de desenvolvimento, conclusões, notas finais.	Introdução, quatro capítulos de desenvolvimento, agradecimento, bibliografia e índice.	Informações sobre a visita, planta da Catedral de Wells, caixas laterais.
<b>Elementos não verbais</b>	Ilustrações	Ilustrações	Logos, ilustrações, planta da Catedral de Wells
<b>Léxico</b>	Inglês britânico, terminologia (ribbed vault, clerestory, etc.), Nomes próprios (William of Sens, Canterbury, etc.)	Terminologia (nave, transept, etc.), Nomes próprios (Lincoln Cathedral, William the Englishman, etc.)	Terminologia (scissor arches, chapter house, etc.), Nomes próprios (Vicar's Close, Wells, Wells Cathedral, etc.), formato de telefone e cifras em inglês
<b>Sintaxe</b>	Orações médias afirmativas	Orações médias afirmativas	Orações médias afirmativas
<b>Características suprassegmentais</b>	Negrito, itálico parênteses	Negrito nos títulos, parênteses, letra inicial de capítulo estilizada	Negrito, itálico, parênteses
<b>C. EFEITO COMUNICATIVO</b>			
<b>Efeito</b>	Abrir a discussão sobre as possibilidades de inovação na arquitetura gótica inglesa	Informar sobre as fases da arquitetura gótica inglesa	Incentivar a visita da Catedral de Wells.

Fonte: dados da pesquisa.

Conforme pode ser aferido no Quadro 6, esses textos se caracterizam pragmaticamente, tal como os demais textos especializados (vide subseção 2.1.3), por seu emissor especializado e sua função referencial, muito embora cada cenário esteja destinado a um receptor distinto (respectivamente, especialista-especialista, especialista-semiespecialista, especialista-público-geral), o que pode gerar diferenças terminológicas conforme o nível de especialidade.

É importante destacar que os fatores de tempo (2013-2016) e local (Inglaterra) incidem diretamente sobre as variantes terminológicas empregadas na produção do texto fonte, porém, considerando que a presente pesquisa tratará especificamente de um léxico especializado contemporâneo e arraigado ao contexto britânico (vide subseção 3.3), não adentro com profundidade nessas questões.

Dito isto, percebi e corroborei as seguintes necessidades terminológicas do tradutor de textos especializados da arquitetura gótica na etapa de análise do texto fonte.

#### 3.1.2.1 Confirmar o caráter especializado de um candidato a termo em língua fonte

Partindo do pressuposto de que o profissional realizando a tradução de textos especializados da arquitetura gótica pode não estar devidamente familiarizado com a área de especialidade em questão (vide subseção 2.3.3), é provável que haja inicialmente a necessidade de se confirmar, como bem aponta Cabré (1999), se determinada unidade observada no texto fonte possui caráter especializado ou não.

Nos cenários supracitados, essa necessidade se aplica, em especial, a unidades denominativas utilizadas mais corriqueiramente na linguagem geral que adquirem valor terminológico no contexto dessa área de especialidade, seja com significado parcialmente similar, tais como “arch”, “column” ou “cathedral” (Cenário 3), ou distinta, tais como “bay” (Cenários 1 e 2), “boss” e “rib” (Cenário 2), como pode ser observado no Quadro 7.

Quadro 7 – Exemplos de unidades que adquirem valor terminológico em textos especializados da arquitetura gótica

<i>Cenário</i>	<i>Excerto do texto fonte</i>
<i>Cenário 1</i>	The builders encountered problems quite soon, having decided to construct a crossing tower at a time when only two <b>bays</b> of the nave had been completed (STALLEY, 2017, p. 17, grifos nossos).
<i>Cenário 2</i>	Because there are only two <b>bosses</b> in each <b>bay</b> , there is only room for three <b>ribs</b> to connect the corbels and <b>bosses</b> , two on one side and one on the other of each <b>bay</b> (HENDRIX, 2012, p. 57, grifos nossos).
<i>Cenário 3</i>	English <b>Cathedrals</b> receive no regular funding from the Government or the Church of England towards maintenance, restoration and development work (WELLS CATHEDRAL, 2016, p. 1, grifos nossos).

Fonte: dados da pesquisa.

No que se refere a possíveis unidades terminológicas complexas, a necessidade de se confirmar seu caráter especializado reflete-se ainda sobre a necessidade de se precisar sua extensão sintagmática. Por exemplo, confirmar se “north transept” e “stone vault” (Cenário 1), “timber vault” (Cenário 2) e “stained glass” (Cenário 3), conforme apresentados no Quadro 8, são de fato unidades terminológicas complexas ou se configuram uma construção sintagmática sem valor terminológico propriamente dito.

Quadro 8 – Exemplos de possíveis unidades terminológicas complexas em textos especializados da arquitetura gótica

<i>Cenário</i>	<i>Excerto do texto fonte</i>
<i>Cenário 1</i>	The vault over the <b>north transept</b> , built shortly after 1100, is especially interesting, in that it involved the construction of a heavy <b>stone vault</b> over a clerestory furnished with a continuous passageway [...] (STALLEY, 2017, p. 6, grifos nossos).
<i>Cenário 2</i>	The current <b>timber vault</b> of the nave [...] was constructed by Sir George Gilbert Scott during the Victorian restoration of 1868-1876 (HENDRIX, 2012, p. 225, grifos nossos).
<i>Cenário 3</i>	Wells Cathedral has one of the most substantial collections of medieval <b>stained glass</b> in England, the crowning glory being the Jesse window

which narrowly escaped destruction during the English Civil War  
(WELLS CATHEDRAL, 2016, p. 2, grifos nosso).

Fonte: dados da pesquisa.

No caso de “north transept”, é possível notar, ao utilizar as estratégias de reconhecimento terminológico apresentadas anteriormente (vide subseção 2.2.2) e analisá-lo em contexto, que o adjetivo “north”, apesar de indicar sua localização espacial, não aporta nenhum traço conceitual distintivo ao termo “transept”, compreendido enquanto “os braços transversais de uma igreja cruciforme, normalmente entre a nave e a capela-mor [...]”<sup>106</sup> (FLEMING; HONOUR; PEVSNER, 1991, p. 748), muito embora possa haver ocasionalmente distinções construtivas e decorativas entre ambos os lados do transepto (“north transept” e “south transept”), mas sem que essas diferenças sejam necessariamente em decorrência de sua localização espacial, tal como explicado anteriormente com “nave vault” (vide subseção 3.4).

Além disso, “north transept” não apresenta uma estrutura sintagmática forte, sendo possível introduzir outros elementos linguísticos entre seus componentes sem alteração de sentido (por exemplo, “north portion of the transept”) ou mesmo depreender seu significado a partir do significado individual de suas partes (significado de “north” + significado de “transept”). Por estes motivos, “north transept” não poderia ser, por um lado, considerado uma unidade terminológica complexa, mas poderia, por outro, configurar uma combinação sintagmática recorrente, que podem também ser do interesse do tradutor, mas, como dito anteriormente (vide subseção 2.2.1), não serão abordadas nesta pesquisa. Por razões análogas, “timber vault” e “stone vault” não seriam igualmente consideradas unidades terminológicas complexas, mas possíveis combinações recorrentes sem valor terminológico propriamente dito. Não obstante, “stained glass” pode ser considerada uma unidade terminológica complexa ao representar um conceito específico dentro dessa área de especialidade, apresentando uma estrutura sintagmática forte e recorrente no corpus de estudo, além de ser uma forma já lexicalizada em outros repertórios lexicográficos e terminológicos (vide apêndice B).

Em um repertório terminológico, essa necessidade poderia ser atendida ao se incluir a unidade terminológica em questão na condição de termo-entrada, o que demonstraria seu caráter especializado (e precisaria sua extensão sintagmática) uma vez que ela já foi idealmente validada por, pelo menos, um terminógrafo e um especialista da área.

<sup>106</sup> *The transverse arms of a cross-shaped church, usually between NAVE and CHANCEL [...].*

### 3.1.2.2 Conhecer (ou aferir) o(s) significado(s) de um termo em língua fonte

Além de determinar o caráter especializado de uma unidade terminológica, é possível notar, como já bem assinalado por Cabré (1999) e Fuertes e Tarp (2014), a necessidade de se conhecer o significado de determinadas unidades terminológicas utilizadas no texto fonte, como pode ser o caso de “ribbed vault” e “clerestory” (Cenário 1), “sexpartite vault” (Cenário 2) e “niches” (Cenário 3), elencados no Quadro 9, ou mesmo aferir o significado de unidades terminológicas que possam ser parcialmente conhecidas pelo tradutor, sobretudo aqueles termos com significados similares àqueles utilizados na linguagem geral, tais como “arch”, “column” e “cathedral” mencionadas no item anterior.

Quadro 9 – Exemplos de possíveis unidades terminológicas desconhecidas em textos especializados da arquitetura gótica

<i>Cenário</i>	<i>Excerto do texto fonte</i>
<i>Cenário 1</i>	The experiment worked and the formula employed—the combination of a hollow <b>clerestory</b> with a <b>ribbed vault</b> —was repeated countless times in English architecture (STALLEY, 2017, p. 7, grifos nossos).
<i>Cenário 2</i>	The best example of the <b>sexpartite vault</b> in France can be found at Sens, though it was partially reconstructed in the 13th century (HENDRIX, 2012, p. 26, grifos nossos).
<i>Cenário 3</i>	Starting in the lower <b>niches</b> with biblical scenes, it rises through kings, bishops and orders of angels to the twelve apostles with Christ over all (WELLS CATHEDRAL, 2016, p. 2, grifos nossos).

Fonte: dados da pesquisa.

De todos os modos, tanto para conhecer quanto para aferir o significado de um termo, o tradutor pode recorrer à tradicional consulta a uma representação linguística (normalmente a definição terminológica) para solucionar essa problemática. Por exemplo, para “ribbed vault” (Cenário 1) contextualizado no Quadro 9, é possível encontrar a seguinte definição:

“[...] abóbada com uma estrutura em alvenaria de arcos (nervuras) que se cruzam sustentando células [...]”<sup>107</sup>.

Não obstante, nem sempre a representação linguística do significado é suficiente ou satisfatória para uma completa compreensão do termo buscado, fazendo-se necessário ainda a consulta a uma representação visual para complementar ou corroborar o significado descrito linguisticamente já encontrado. Dessa forma, uma ilustração de “ribbed vault”, tal como a apresentada na Figura 11 pode auxiliar o tradutor a aprofundar seu conhecimento sobre o termo em questão.

Figura 11 – Exemplo de abóbada nervurada (Basilica Real de Saint Denis)



Fonte: acervo do pesquisador.

---

<sup>107</sup> [...] vault with a masonry framework of intersecting arches (ribs) supporting cells [...]. Looking at Buildings glossary. Disponível em: <http://www.lookingatbuildings.org.uk/glossary/glossary.html>. Acesso em 16 abr. 2018.

Além disso, considerando que as unidades terminológicas no marco da TCT podem apresentar polissemia (vide subseção 2.2.2), tais como “abbey”, que pode se referir tanto ao conjunto de edificações onde vive uma comunidade monástica supervisionada por um abade ou abessa como pode indicar especificamente a igreja desse mosteiro (DAVIES; JOKINIEMI, 2008), seria interessante que todas as acepções utilizadas em textos especializados da área fossem devidamente inseridas no verbete do termo.

### 3.1.2.3 Conhecer as variantes denominativas de um termo e respectivas condições de uso

Além de conhecer o significado de uma determinada unidade terminológica, é possível perceber ainda a necessidade de se conhecer as possíveis variantes denominativas desse mesmo termo em língua fonte, como sugere Cabré (1999), considerando que o tradutor pode precisar confirmar se duas (ou mais) unidades terminológicas representam o mesmo conceito e/ou se possuem as mesmas situações pragmáticas, tal como ocorre com “choir” (Cenários 1 e 2) e “quire” (Cenário 3) grafados no Quadro 10.

Quadro 10 – Exemplos de variantes denominativas em textos especializados da arquitetura gótica

<i><b>Cenário</b></i>	<i><b>Excerto do texto fonte</b></i>
<i><b>Cenário 1</b></i>	Deference to the past could be far more dramatic: the opposite end of the spectrum can be found in the <b>choir</b> at Gloucester, the high point of creative adaption (STALLEY, 2017, p. 14, grifos nossos).
<i><b>Cenário 2</b></i>	In 1175, two piers on each side of the west end of the <b>choir</b> were constructed (HENDRIX, 2012, p. 23, grifos nossos).
<i><b>Cenário 3</b></i>	The western end of the <b>Quire</b> forms the oldest part of the present Cathedral (WELLS CATHEDRAL, 2016, p. 2, grifos nosso).

Fonte: dados da pesquisa.

Nos três cenários supracitados, “choir” e “quire” se referem exatamente ao mesmo espaço físico dentro de uma igreja (mais precisamente ao local onde os membros do coral se reúnem durante a celebração das missas), porém esses termos não são utilizados com os mesmos valores pragmáticos. A designação “quire” representa uma forma antiquada de

“choir”<sup>108</sup>, que, mesmo assim, ainda é utilizada, embora com menor frequência, em textos contemporâneos da arquitetura gótica pela tradição arquitetônica na Inglaterra. Sendo assim, “quire” representa uma variante denominativa marcada pelo tempo (antiquada), pela zona de uso (Inglaterra) e pela frequência (menos frequente) em comparação a “choir”. Por conta disso, é possível afirmar que “choir” e “quire” remetem exatamente ao mesmo conceito dentro da arquitetura gótica, porém são utilizados com valores pragmáticos distintos, mantendo assim uma relação de quase-sinonímia (vide subseção 2.2.3).

Suas diferenças pragmáticas deveriam ser sinalizadas em um repertório terminológico da área, seja por meio de marcas de uso ou notas, que podem ser utilizadas como sistema textual preferido para dialogar com o tradutor a esse respeito (vide subseção 4.3.12). De todas as formas, é importante que a variante denominativa também esteja repertoriada na qualidade de termo-entrada, mesmo com indicação de remissão, uma vez que o tradutor pode se deparar com tal variante durante a análise do texto fonte.

Além disso, o conhecimento acerca das variantes denominativas de um determinado termo e suas respectivas condições de uso em língua fonte podem influenciar diretamente sobre a tomada de decisão do tradutor durante a etapa de planejamento das estratégias de tradução (vide subseção 3.1.3), uma vez que o tradutor pode optar, entre os equivalentes e/ou correspondentes terminológicos disponíveis, a opção que melhor se adequa à condição de uso do termo em língua fonte (por exemplo, “Gothic arch” = “arco gótico” em vez de “arco ogival”) em consonância com a situação comunicativa e o encargo de tradução em questão.

#### 3.1.2.4 Conhecer informações enciclopédicas sobre um termo

Em complementação ao significado linguístico de uma determinada unidade terminológica, é possível ainda perceber a necessidade de se conhecer informações de caráter enciclopédico a seu respeito, tais como indicações do contexto histórico-cultural de um determinado termo ou o uso simbólico de um elemento arquitetônico em específico, especialmente ao considerar que a arquitetura gótica, como descrito anteriormente (vide subseção 2.5.2), foi um estilo artístico que se desenvolveu intrinsecamente arraigado a uma

---

<sup>108</sup> Collins Dictionary. Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/quire>. Acesso em 17 jun. 2019.

filosofia cristã e, por conta disso, muitos de seus elementos arquitetônicos podem ser interpretados a partir de algum aspecto do cristianismo.

Por exemplo, o termo “trefoil”, que se refere a um ornato com três lóbulos (DAVIES; JOKINIEMI, 2008), pode representar simbolicamente a Santíssima Trindade (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1990), assim como a verticalidade das edificações góticas pode ser interpretada como o anseio de se alcançar os céus (PROENÇA, 2010), a luz que adentra pelos vitrais representa a luz divina no recinto religioso (HUNTSMAN, 2016), dentre outros.

Essas informações extralinguísticas, muito embora prescindíveis em determinados casos, permitem, contudo, que o tradutor amplie seu conhecimento a respeito da área de especialidade em questão e propiciam uma aproximação, como no caso descrito acima, ao simbolismo e à filosofia que permeiam essas construções, sobretudo considerando o viés artístico-histórico no qual esta pesquisa está orientada. A inclusão desse tipo de informação em repertórios terminológicos é recorrentemente recomendada por diversos teóricos (por exemplo, GÓMEZ; VARGAS, 2004; LÉRAT, 1997, etc.) e podem ser adicionadas à própria definição, tornando-a uma definição enciclopédica, ou serem relacionadas em uma nota enciclopédica propriamente dita.

### 3.1.3 Necessidades terminológicas no planejamento das estratégias de tradução

Passada a etapa de análise textual, é importante planejar as estratégias de tradução para os textos apresentados. Considerando que o tipo de tradução como qual esta pesquisa se alinha diz respeito à tradução equifuncional, ou seja, mantendo a mesma função textual e observando quais elementos podem ser reproduzidos como tal e aqueles que devem ser adaptados, como mencionado anteriormente (vide subseção 2.1.2), realizo o planejamento de tradução conforme pode ser observado no Quadro 11.

Quadro 11 – Análise das questões de tradução

	CENÁRIO 1	CENÁRIO 2	CENÁRIO 3
<b>A. FATORES EXTRATEXTUAIS</b>			
<b><i>Emissor</i></b>	Adicionar o nome do tradutor	Adicionar o nome do tradutor	Adicionar o nome do tradutor
<b><i>Intenção</i></b>	Sem alteração	Sem alteração	Sem alteração

<i>Receptor</i>	Compensar desníveis em relação aos conhecimentos culturais	Compensar desníveis em relação aos conhecimentos culturais	Compensar desníveis culturais
<i>Meio</i>	Adequar às normas de publicação do periódico científico	Sem alteração	Observar limitação de espaço
<i>Lugar</i>	Observar as variantes denominativas diatópicas	Observar as variantes denominativas diatópicas	Manter topônimos em inglês (exceto “Wells Cathedral”)
<i>Tempo</i>	Controlar a validade das informações, observar uso sincrônico da língua.	Controlar a validade das informações, observar uso sincrônico da língua.	Controlar a validade das informações, observar uso sincrônico da língua.
<i>Motivo</i>	Acrescentar o motivo da produção do texto alvo?	Acrescentar motivo da produção do texto alvo?	Acrescentar o motivo da produção do texto alvo?
<i>Função</i>	Priorizar a informação	Priorizar a informação	Priorizar a informação
<b>B. FATORES INTRATEXTUAIS</b>			
<i>Tema</i>	Sem alteração	Sem alteração	Sem alteração
<i>Conteúdo</i>	Sem alteração	Sem alteração	Observar limitação de espaço.
<i>Pressuposições</i>	Explicar realidades culturais e nomes de monumentos	Adicionar notas explicativas para termos	Compensar desníveis culturais

		culturalmente marcados.	
<b><i>Estruturação</i></b>	Sem alteração	Reorganizar índice conforme a ordem em português	Sem alteração
<b><i>Elementos não verbais</i></b>	Sem alteração	Sem alteração	Sem alteração
<b><i>Léxico</i></b>	Consistência terminológica, observar demanda do cliente (ribbed vault = abóbada de nervuras)	Consistência terminológica, observar glossário do cliente	Manter consistência terminológica, observar nível de especialidade, manter topônimos e formatos de telefone e cifras em inglês (exceto “Wells Cathedral”)
<b><i>Sintaxe</i></b>	Sem alteração	Sem alteração	Observar limitação de espaço
<b><i>Características suprasegmentais</i></b>	Alterar conforme as normas da revista	Sem alteração	Sem alteração
<b>C. EFEITO COMUNICATIVO</b>			
<b><i>Efeito</i></b>	Sem alteração	Sem alteração	Sem alteração

Fonte: dados da pesquisa.

Na etapa de planejamento das estratégias de tradução, percebi e corroborei as seguintes necessidades:

### 3.1.3.1 Conhecer as possibilidades de equivalentes(s) e/ou correspondente(s) em língua alvo para um termo em língua fonte

Para dar início ao planejamento das estratégias de tradução em nível terminológico, o tradutor, levando em conta a própria natureza da ação tradutória, certamente necessita conhecer as possibilidades de equivalente(s) e/ou correspondente(s) utilizado(s) efetivamente

em textos especializados escritos da área em língua alvo para um determinado termo em língua fonte.

Retomando os excertos elencados no Quadro 9, o termo “clerestory” (Cenário 1), por exemplo, apresenta uma única unidade terminológica em português brasileiro (“clerestório”) que remete exatamente ao mesmo conceito (ao andar mais alto de uma igreja, repleto de janelas) e não apresenta nenhuma diferenciação em seu uso pragmático (por exemplo, ambos termos são utilizados nos mesmos níveis de especialidade e com frequência similar) (ou seja, um equivalente terminológico). Esta opção, ao considerar ainda o encargo de tradução deste cenário (vide Quadro 5) e ao contexto em que está inserido (vide Quadro 9), seria sem dúvidas a escolha de tradução a ser tomada dentro desse contexto.

No caso de haver mais de um equivalente e/ou correspondente por termo em língua fonte, no entanto, percebe-se que o tradutor necessitaria ainda estar a par dessas outras possibilidades e conhecer suas respectivas condições de uso para poder fundamentar suas decisões. Se “clerestory”, por um lado, apresenta apenas uma unidade denominativa conceitual e pragmaticamente equivalente, “ribbed vault” (Cenário 1) dispõe, por outro lado, de uma quantidade considerável de possibilidades de equivalente(s) e/ou correspondente(s) em língua alvo, a saber: “abóbada de nervuras”, “abóbada nervurada”, “abóbada de cruzaria”, “abóbada de arcos cruzados”, “abóbada gótica”, etc. (que se somam ainda à própria variação ortográfica do termo hiperônino que pode ser grafada tanto como “abóbada” quanto “abóboda”, duplicando o número de opções disponíveis). A título de ilustração, seria possível traduzir “ribbed vault”, a partir do excerto apontando no Quadro 9, das seguintes formas:

Quadro 12 – Possibilidades de tradução para “ribbed vault”

<i>Excerto do texto fonte</i>	<i>Possibilidades de tradução</i>
The experiment worked and the formula employed—the combination of a hollow clerestory with a ribbed vault—was repeated countless times in English architecture (STALLEY, 2017, p. 7).	1 O experimento funcionou e a fórmula empregada – a combinação de um clerestório oco com uma <b>abóbada nervurada</b> – foi repetida incontáveis vezes na arquitetura inglesa.
	2 O experimento funcionou e a fórmula empregada – a combinação de um clerestório oco com uma <b>abóbada de</b>

	<b>nervuras</b> – foi repetida incontáveis vezes na arquitetura inglesa.
	O experimento funcionou e a fórmula empregada – a combinação de um
<b>3</b>	clerestório oco com uma <b>abóbada gótica</b>
	– foi repetida incontáveis vezes na arquitetura inglesa.

Fonte: dados da pesquisa.

Embora as unidades denominativas supracitadas apresentem o mesmo valor conceitual (referem-se ao mesmo tipo de abóbada), elas se diferem em questões pragmáticas, o que pode condicionar as escolhas tradutórias de acordo com o contexto e encargo de tradução em questão. Sobre as opções utilizadas no Quadro 12, “abóbada de nervuras” ou “abóbada nervurada” são ambas as formas mais frequentemente utilizadas em textos especializados em todos os níveis de especialização em português brasileiro, se comparadas com as demais opções (abóbada de ogivas, abóbada de cruzaria, etc.), bem como como possuem uma situação privilegiada em repertórios lexicográficos e terminográficos consultados (por exemplo, Albernaz e Lima [1998a]), o que pragmaticamente se alinham melhor a “ribbed vault”, estabelecendo entre elas uma relação de equivalência terminológica. Já “abóbada gótica” possui um uso restrito (é normalmente utilizada em textos menos especializados e/ou em contraponto à “abóbada de berço” do estilo românico), o que a tornaria, em relação a “ribbed vault”, um correspondente terminológico. Dito isto e levando em consideração os fatores extratextuais do Cenário 1 (comunicação entre especialistas), as melhores opções, para este excerto em específico, seriam “abóbada de nervuras” ou “abóbada nervurada”.

No entanto, conforme o encargo de tradução do Cenário 1 (vide Quadro 5), o cliente solicita que as ocorrências de “ribbed vault” sejam traduzidas por “abóbada de nervuras”, o que condiciona, neste caso específico, a escolha final do equivalente terminológico em português brasileiro. Convém destacar que, caso a preferência terminológica do cliente aportasse alguma imprecisão terminológica ou fosse inadequada à situação comunicativa (por exemplo, se tivesse solicitado a tradução por “abóbada gótica”, o que poderia causar limitações na produção do texto alvo), o tradutor poderia entrar em contato com o iniciador do trabalho, por questões éticas derivadas do princípio de “lealdade” de Nord (2012), e informá-lo sobre

inconsistências no glossário apresentado e/ou argumentar em favor de um outro termo mais adequado ao contexto especificado, conforme o caso.

De todos os modos, tal necessidade poderia ser satisfeita com base em um conjunto de soluções terminográficas em repertório terminológico: a indicação propriamente dita de equivalente(s) e/ou correspondente(s), acompanhada de informações sobre a discrepância conceitual e/ou pragmática, quando necessário, por meio de notas ou marcas de uso.

### 3.1.3.2 Conhecer possíveis soluções tradutórias para termos sem equivalente e/ou correspondente em língua alvo

Na ausência de unidades denominativas conceitual e pragmaticamente equivalentes e/ou correspondentes utilizadas efetivamente em textos especializados em língua alvo, percebe-se ainda a necessidade de se conhecer outras possíveis soluções tradutórias para suprir tais lacunas terminológicas. Este é o caso, por exemplo, de “bosses”, “bar tracery” e “diagonal rib” (Cenário 2), como destacados no Quadro 13.

Quadro 13 – Exemplos de unidades terminológicas em língua fonte sem equivalente e/ou correspondente em língua alvo

<i>Cenário</i>	<i>Excerto do texto fonte</i>
<i>Cenário 2</i>	Because there are only two <b>bosses</b> in each bay, there is only room for three ribs to connect the corbels and <b>bosses</b> , two on one side and one on the other of <b>each bay</b> (HENDRIX, 2012, p. 57, grifos nossos).
<i>Cenário 2</i>	The clerestory does not contain any <b>bar tracery</b> [...] (HENDRIX, 2012, p. 89, grifos nossos).
<i>Cenário 2</i>	The vault is a quadripartite vault with thick <b>diagonal ribs</b> springing from corbels at the bottom of the clerestory level [...] (HENDRIX, 2012, p. 197, grifos nossos).

Fonte: dados da pesquisa.

Frente a essas unidades, o tradutor poderia adotar diferentes estratégias de tradução para solucionar esses problemas terminológicos, tais como utilizar uma paráfrase sinonímica, manter o termo em língua alvo, acompanhado de uma nota explicativa, cunhar um neologismo especializado ou reutilizar outras soluções tradutórias já empregadas por outros tradutores em

textos similares. Por exemplo, Carlos Kroauner, tradutor para o português brasileiro do *The Penguin Dictionary of Architecture and Landscape Architecture* (FLEMING; HONOUR; PEVSNER, 1991), já advertia em sua nota de tradução (FLEMING; HONOUR; PEVSNER, 1977) sobre a inexistência de equivalência e/ou correspondência em português para os termos derivados de “tracery” (rendilhado) e apresentava algumas propostas de tradução para cobrir essas lacunas terminológicas. Para “bar tracery”, por exemplo, o referido tradutor indica a forma “traçado em barra”. Em posse dessa informação, tradutores de textos especializados da arquitetura gótica poderiam reutilizar ou descartar esta proposta neológica para sanar uma lacuna terminológica, conforme o caso.

Por conta de a paráfrase sinonímica ser desaconselhada por Cabré (1999) em nível terminológico e a indicação das regras de criação de neologias especializadas dentro de um vocabulário terminológico ser possivelmente contraprodutiva, uma solução plausível para um repertório terminológico seria justamente indicar soluções terminológicas utilizadas por outros tradutores, terminólogos ou especialista da área para suprir tal lacuna terminológica, acompanhadas de uma indicação para alertar o consulente sobre o caráter neológico do termo relacionado, seja por notas de tradução ou marca de uso, ficando a critério do tradutor a decisão de adotar a solução apresentada ou não.

### 3.1.3.3 Conhecer discrepâncias culturais em nível terminológico

Considerando que, no cerne do funcionalismo, o tradutor atua como mediador linguístico-cultural, outra necessidade observada durante esta etapa é a de o tradutor conhecer justamente as discrepâncias culturais inerentes à terminologia de ambas as línguas envolvidas no processo tradutório, o que pode auxiliá-lo na sua tomada de decisão.

Por exemplo, o termo “chantry chapel” representa um tipo específico de capela construída inicialmente em homenagem aos fundadores (financeiros) de uma igreja em inglês britânico, onde se celebram missas para a alma destes indivíduos. Este termo não encontra correspondente na cultura alvo por se tratar de um conceito inexistente na realidade da comunidade receptora.

Desta forma, é importante que o tradutor esteja ciente desta discrepância de modo a produzir um texto alvo funcional, seja com a adoção, por exemplo, de alguma das soluções terminológicas apresentadas na subseção anterior (vide subseção 3.1.3.2), com o uso de um

termo hiperônimo conforme o encargo de tradução (por exemplo, utilizar “capela” para “chantry chapel” em textos menos especializados) ou mesmo incluir uma nota explicativa no texto alvo caso possível. Em um repertório terminológico, esta discrepância cultural pode ser indicada por meio de uma nota de tradução.

### 3.1.4 Necessidades terminológicas na produção do texto alvo

Para traçar o perfil dos textos alvo, utilizo como referência o Quadro 14.

Quadro 14 – Análise do perfil dos textos alvo

	CENÁRIO 1	CENÁRIO 2	CENÁRIO 3
<b>A. FATORES EXTRATEXTUAIS</b>			
<b><i>Emissor</i></b>	E: Roger Stalley P: Diego Napoleão Viana Azevedo	E: John Shannon Hendrix P: Diego Napoleão Viana Azevedo	E: Catedral de Wells P: Diego Napoleão Viana Azevedo
<b><i>Intenção</i></b>	Mesma intenção do texto fonte	Mesma intenção do texto fonte	Mesma intenção do texto fonte
<b><i>Receptor</i></b>	Especialistas brasileiros, com alto conhecimento da área, possivelmente com conhecimento histórico-cultural da Inglaterra reduzido	Estudantes brasileiros, com médio conhecimento da área e possivelmente com conhecimento histórico-cultural da Inglaterra reduzido	Turistas brasileiros, possivelmente sem conhecimento especializado da área e com conhecimento histórico-cultural da Inglaterra reduzido
<b><i>Meio</i></b>	Mesmo que o texto fonte, porém adequado às normas de publicação do	Mesmo que o texto fonte	Mesmo meio do texto fonte, com a possibilidade de adaptação do texto para

	periódico, sem limitação de espaço		encaixar dentro do espaço designado
<b>Lugar</b>	Brasil	Brasil	Wells, Inglaterra
<b>Tempo</b>	2019	2019	2019
<b>Motivo</b>	Sem menção ao motivo da produção do texto alvo	Redigir uma nota do tradutor explicitando os motivos da tradução	Sem menção ao motivo da produção do texto alvo
<b>Função</b>	Mesma que a do texto fonte	Mesma que a do texto fonte	Mesma que a do texto fonte
<b>B. FATORES INTRATEXTUAIS</b>			
<b>Tema</b>	Mesmo que o do texto fonte	Mesmo que o do texto fonte	Mesmo que o texto fonte
<b>Conteúdo</b>	Informação completa do texto fonte, conforme intenção e função	Informação completa do texto fonte, conforme intenção e função	Informação completa do texto fonte, realizando, porém, pequenas edições conforme as limitações de espaço
<b>Pressuposições</b>	Conhecimento alto da área, porém com conhecimento reduzido das cidades e história da Inglaterra	Conhecimento médio da área, porém com conhecimento reduzido das cidades e história da Inglaterra	Conhecimento reduzido da área e das cidades e história da Inglaterra
<b>Estruturação</b>	Mesma que a do texto fonte	Mesma que a do texto fonte, com índice organizado em português	Mesma estruturação do texto fonte
<b>Elementos não verbais</b>	Readequação do tamanho de fonte e	Mesmos que os do texto fonte	Mesmas ilustrações do texto fonte

	ilustrações, conforme as normas da revista		
<b>Léxico</b>	português brasileiro, terminologia consistente, de acordo com as preferências do cliente, léxico convencional, informativo	português brasileiro, terminologia consistente, de acordo com as preferências do cliente, nomes próprios em português	português brasileiro, terminologia consistente conforme o nível de especialidade, topônimos e formatos de telefone e cifras em inglês (exceto “Wells Cathedral”)
<b>Sintaxe</b>	Mesmas que a do texto fonte	Mesma que a do texto fonte	Mesma sintaxe do texto fonte, observando a limitação de espaço
<b>Características suprasegmentais</b>	Conforme o texto fonte, observando as normas da revista	Mesmas que a do texto fonte	Mesmas características suprasegmentais do texto fonte
<b>C. EFEITO COMUNICATIVO</b>			
<b>Efeito</b>	Mesmo que o do texto fonte	Mesmo que o do texto fonte	Mesmo que o do texto fonte

Fonte: dados da pesquisa.

Na etapa de produção do texto alvo, percebi e corroborei as seguintes necessidades:

#### 3.1.4.1 Conhecer as informações gramaticais do(s) equivalente(s) ou correspondente(s) em língua alvo

Em primeiro lugar, é possível notar a necessidade de se conhecer ou confirmar algumas informações gramaticais com relação aos equivalentes e/ou correspondentes em língua alvo para a redação do texto alvo propriamente dito. Essas informações estão relacionadas mais notadamente ao gênero gramatical dessas unidades (por exemplo, “gárgula” e “abisde”

[Cenário 1]) e a flexão de número (por exemplo, “capitéis” e “terciarões” [Cenário 2], “capelas-mores”), como pode ser observado no Quadro 15.

Quadro 15 – Exemplos de equivalentes terminológicos com informações gramaticais problemáticas

<i>Cenário</i>	<i>Excerto do texto fonte</i>	<i>Proposta de tradução</i>
<i>Cenário 1</i>	[...] the original <b>apse</b> was replaced with a mighty window [...] (STALLEY, 2017, p. 16, grifos nossos).	[...] <b>a abside</b> original foi substituída por uma janela imponente [...].
<i>Cenário 2</i>	The <b>tiercerons</b> spring from piers in the corners of the octagon [...] (HENDRIX, 2012, p. 158, grifos nossos).	Os <b>terciarões</b> emergem dos pilares nas quinas do octágono [...]

Fonte: dados da pesquisa.

Muito embora essas informações possam ser intuídas pelo tradutor com base em seu alto conhecimento nessa língua (vide subseção 2.3.3), a inclusão dessas informações em um repertório terminológico é importante para ratificar a opção em questão.

#### 3.1.4.2 Observar um contexto de uso do(s) equivalente(s) e/ou correspondente(s) em língua alvo

Além disso, é possível perceber a importância de se visualizar um contexto de uso do termo em língua alvo para se ter um exemplo de seu relacionamento sintático-discursivo. Como já apontado (vide subseção 2.3.1.3.4), existem elementos de decisão durante o processo de tradução que só podem ser extraídos a partir de contextos reais de uso dos termos (CABRÉ et al., 2000).

#### 3.1.5 Resumo das necessidades terminológicas e possíveis soluções terminográficas

Em uma proposta de tradução monodirecional (neste caso em questão, apenas do inglês britânico para o português brasileiro), percebi e corroborei diversas necessidades apontadas por Cabré (1999) durante o processo de análise dedutiva de Fuertes e Tarp (2014),

tais como conhecer o significado de um termo em língua fonte e conhecer suas respectivas variantes denominativas. Como previsto, nem todas as necessidades elencadas por essa autora se aplicaram de fato ao presente trabalho ou puderam ser observadas por conta de limitações inerentes a esta pesquisa, tais como conhecer a combinatória dos termos e saber a fraseologia comum da área de especialidades na língua de partida.

Além disso, graças ao método dedutivo de Fuertes e Tarp (2014), foi possível perceber outras necessidades ou especificidades concernentes à tradução de textos especializados da arquitetura gótica, tais como conhecer determinadas informações enciclopédicas sobre os termos da área de especialidade e visualizar uma representação gráfica de uma unidade terminológica. Dito isto, a relação de necessidades terminológicas do tradutor de textos da arquitetura conforme a etapa do processo tradutório e suas respectivas soluções terminográficas se configura como exposto no Quadro 16.

Quadro 16 – Resumo das necessidades terminológicas do tradutor de textos especializados da arquitetura gótica e suas possíveis soluções terminográficas, conforme as etapas do processo tradutório

<b><i>Etapa do processo tradutório</i></b>	<b><i>Necessidade terminológica do tradutor</i></b>	<b><i>Soluções terminográficas</i></b>
<i>Intepretação do encargo</i>	Necessidades <i>ad-hoc</i>	Soluções <i>ad-hoc</i>
<i>Análise do texto fonte</i>	Confirmar o caráter especializado de um candidato a termo em língua fonte	Inclusão de termo na qualidade de termo-entrada
	Conhecer (ou aferir) o(s) significado(s) de um termo em língua fonte	Definição terminológica, ilustração, indicação de acepção para termos polissêmicos
	Conhecer as variantes denominativas de um termo e respectivas condições de uso	Indicação de variantes denominativas, variantes enquanto termo-entrada, notas para indicar as condições de uso
	Conhecer informações enciclopédicas sobre um termo	Notas enciclopédicas

<i>Planejamento das estratégias de tradução</i>	Conhecer as possibilidades de equivalente(s) e/ou correspondente(s) em língua alvo	Indicação de equivalente e/ou correspondente, notas de tradução para indicar discrepâncias conceituais ou pragmáticas dos correspondentes
	Conhecer possíveis soluções tradutórias para termos sem equivalente(s) e/ou correspondente(s) em língua alvo	Indicação de soluções tradutórias já realizadas, notas de tradução para indicar essa condição
	Conhecer discrepâncias culturais relacionadas aos termos	Notas de tradução
<i>Produção do texto alvo</i>	Conhecer as informações gramaticais do(s) equivalente(s) e/ou correspondente(s) em língua alvo	Indicação de classe gramatical e gênero, indicação de flexão de número
	Observar um contexto de uso do(s) equivalente(s) e/ou correspondente(s) em língua alvo	Contexto de uso em textos especializados reais, indicação de fonte

Fonte: dados da pesquisa.

Tendo identificado um conjunto de necessidades terminológicas de tradutores de textos especializados escritos da arquitetura gótica, apresento, na próxima subseção, a ferramenta de gestão do trabalho terminográfico utilizada majoritariamente na presente pesquisa: a Estação Terminus 2.0.

### 3.2 FERRAMENTA DE GESTÃO DO TRABALHO TERMINOGRÁFICO

Para a gestão das etapas do trabalho terminográfico (vide subseção 2.3.3), utilizo majoritariamente os recursos disponibilizados pelo programa de gerenciamento de corpora e

terminologia Terminus 2.0, desenvolvido pelos pesquisadores do grupo IULATERM. Este programa engloba múltiplas ferramentas pertinentes à elaboração de repertórios terminológicos em uma única estação de trabalho integrada, possibilitando assim o gerenciamento de toda a cadeia do trabalho terminográfico em um mesmo ambiente, desde a constituição de corpora até a publicação propriamente dita dos repertórios.

A estação Terminus 2.0 está integrada com os bancos de dados do grupo IULATERM, que incluem, por exemplo, corpora de referência e listas de exclusão que propiciam a extração terminológica automática (vide subseção 3.4). A título de ilustração, apresento a interface inicial do referido programa na Figura 12.

Figura 12 – Interface inicial do Terminus 2.0.

Fonte: Website da estação Terminus 2.0<sup>109</sup>.

Com base na Figura 12, é possível notar que o Terminus 2.0 conta com seis componentes principais, a saber: (i) *Estructuración conceptual*, no qual é possível estruturar um mapa conceitual da área de especialidade em questão; (ii) *Documentos*, onde é possível

<sup>109</sup> Disponível em: <http://terminus.iula.upf.edu/cgi-bin/terminus2.0/terminus.pl>. Acesso em 18 out. 2018.

incluir fontes para a elaboração de corpora; (iii) *Corpus*, que permite criar os corpora propriamente ditos; (iv) *Análisis*, que permite analisar os corpora elaborados a partir de concordâncias, frequência e n-gramas, bem como realizar uma extração terminológica; (v) *Glosarios*, que cria os repertórios terminológicos propriamente ditos; (vi) *Términos*, que permite incluir e revisar as informações terminológicas em cada entrada dos repertórios.

Cada componente apresenta ferramentas específicas para cada etapa do trabalho terminográfico. No entanto, destaco que nem todas essas ferramentas foram utilizadas para fins desta pesquisa e, por conta disso, apresento as funções de cada componente conforme se tornarem pertinentes para este estudo nas subseções seguintes. Dessa forma, limito-me no momento a esta apresentação geral da plataforma. Sendo assim, exploro a seguir o processo de elaboração do corpus de estudo desta pesquisa.

### 3.3 FORMAÇÃO DO CORPUS DE ESTUDO

Nesta subseção, apresento os principais critérios de formação do corpus de estudo desta pesquisa, segundo os parâmetros de classificação propostos por Sardinha (2004) (vide subseções 2.4.1 e 2.4.2), bem como exploro os principais procedimentos de coleta, tratamento e armazenagem dos textos que compõem o referido corpus.

#### 3.3.1 Critérios de formação

Conforme mencionado anteriormente (vide subseção 1.2), a presente pesquisa se propõe a reunir uma amostra de termos da arquitetura gótica efetivamente utilizada em textos especializados escritos em inglês britânico e seus respectivos equivalentes e/ou correspondentes terminológicos em português brasileiro. Por conta disso, compilei um corpus de estudo comparável bilíngue composto por dois subcorpora: o subcorpus de estudo A (inglês britânico), para a extração dos termos de partida do repertório terminológico desta pesquisa (vide apêndice A), e o subcorpus de estudo B (português brasileiro), para a identificação de seus respectivos equivalentes e/ou correspondentes terminológicos.

Compilei este corpus a partir de publicações reais escritas, impressas e virtuais (vide, respectivamente, páginas 174 e 180), que tivessem por temática central a arquitetura gótica. Os textos pertencem a diferentes gêneros textuais (por exemplo, livros didáticos, artigos

científicos, artigos de revista, folhetos turísticos, etc.) e foram produzidos em distintos níveis de especialização (ou seja, elaborados por um emissor especializado dirigido a diferentes públicos-alvo: especialistas, semiespecialistas e público geral), de modo a elaborar uma amostra dos possíveis contextos especializados nos quais o tradutor pode se deparar com a terminologia da arquitetura gótica.

Ressalvo, contudo, que não houve uma porcentagem pré-estabelecida para cada gênero ou nível de especialização por não haver material suficiente disponível para tanto dentro do recorte temporal estabelecido para esta pesquisa. Esse recorte temporal, por sua vez, foi de quinze anos (2004-2019) sobre as datas de publicação do material compilado, ou seja, materiais cuja última data de publicação ou reimpressão não ultrapassasse o intervalo pré-estabelecido. Esta escolha teve por objetivo conferir um caráter sincrônico a este corpus, o que reflete a terminologia mais frequentemente utilizada em textos contemporâneos.

Quanto à autoria dos textos, optei por publicações produzidas por falantes nativos com o intuito de obter uma terminologia empregada em contexto de produção nativa. No que tange ao número de textos e palavras do corpus, não estipulei nenhum montante específico. No entanto, tendo em consideração que este estudo não almeja analisar a terminologia gótica em sua completude, embora pretenda ser abrangente, trabalhei com um corpus de pequena escala, amparado nas argumentações de Bowker e Pearson (2003) de que um corpus especializado não precisa necessariamente ser o maior possível para fornecer informações relevantes quanto à área de especialidade em estudo. Dessa forma, os subcorpora A e B podem ser considerados de tamanho “pequeno-médio”, de acordo com a tipologia de Sardinha (2004), uma vez que cada um possui, respectivamente, um montante de 98.214 e 192.395 palavras.

Coletei os referidos textos inicialmente entre junho de 2016 e junho de 2017, porém destaco que novos textos foram adicionados ao conjunto inicial de acordo com as necessidades percebidas ao longo do desenvolvimento desta pesquisa. Por exemplo, quando um termo equivalente ou correspondente não foi encontrado na delimitação textual realizada, busquei outros textos que pudessem ajudar nessa questão e os adicionei ao subcorpus em português brasileiro. Por esta razão, o corpus de estudo desta pesquisa se caracteriza também enquanto um corpus dinâmico, permitindo sua expansão no decorrer da pesquisa, conforme a tipologia de Sardinha (2004).

No Quadro 17, sintetizo as especificações do corpus de estudo de acordo com as características de seus subcorpora.

Quadro 17 – Resumo das especificações tipológicas do corpus de estudo

Critério de classificação	Especificação do corpus de estudo	
	<i>Subcorpus A</i>	<i>Subcorpus B</i>
<i>Língua</i>	Inglês britânico	Português brasileiro
<i>Número de textos</i>	78	90
<i>Número de palavras</i>	98.214	192.395
<i>Tamanho</i>	Pequeno-médio	Pequeno-médio
<i>Modo</i>	Escrito	Escrito
<i>Tempo</i>	Sincrônico	Sincrônico
<i>Seleção</i>	Amostragem, dinâmico, equilibrado	Amostragem, dinâmico, equilibrado
<i>Conteúdo</i>	Especializado	Especializado
<i>Autoria</i>	Língua nativa	Língua nativa
<i>Disposição interna</i>	Comparável	Comparável
<i>Finalidade</i>	Estudo	Estudo

Fonte: dados da pesquisa.

Expostos os critérios de formação do corpus de estudo e sua tipologia, discorro a seguir acerca dos procedimentos de coleta, tratamento e armazenagem dos textos coletados para fins desta pesquisa.

### 3.3.2 Coleta, tratamento e armazenagem dos textos

Para as publicações virtuais, realizei a coleta dos textos de forma manual por conta de esse tipo de método favorecer a leitura prévia do material coletado, permitindo analisar e determinar com precisão se o texto em questão poderia ou não integrar o corpus de estudo. No que se refere ao conteúdo copiado, selecionei apenas o conteúdo relevante para a pesquisa, que incluía desde o título da produção escrita até o último parágrafo de discussão (incluindo legendas, rodapés, etc.), desconsiderando elementos de navegação (cabeçalhos, lista de redirecionamentos, etc.), entre outras. Considerando que esta pesquisa se propõe a analisar a terminologia da arquitetura gótica tão somente em seu modo escrito, saliente, contudo, que

não coletei outros elementos presentes nas páginas que não fossem de caráter estritamente escrito, como ilustrações ou vídeos.

Para as publicações impressas, realizei a digitalização das páginas selecionadas para a coleta e, a partir delas, conduzi um reconhecimento óptico dos caracteres no material por meio de ferramentas como o Free OCR. Nesse tipo de conversão, é comum ocorrerem erros de reconhecimento que geram imprecisões gramaticais. Nesse processo, por essa razão, conduzi uma revisão ortográfica dos textos convertidos ao corrigir erros de reconhecimento ou falhas na acentuação gráfica.

O procedimento de coleta consistiu em copiar o conteúdo da página de origem e colá-lo em um arquivo em branco no programa *Bloco de notas* (BN). Cada página eletrônica correspondeu a um arquivo de texto em separado. Os arquivos foram salvos em formato de arquivo de texto comum (txt), por ser um formato legível pela ferramenta utilizada para o processo de corpora desta pesquisa (vide subseção 3.2) e em codificação UTF-8, por reconhecer uma grande variedade de caracteres, inclusive latinos com diacríticos (á, ç, ô, etc.) que outros tipos de codificação, como a ASCII, não são capazes de reconhecer.

De forma a organizar o sistema de referências, atribuí a cada arquivo criado um código alfanumérico de seis caracteres, constituído de três letras maiúsculas (CEA, para textos em inglês britânico, ou CEB, para textos em português brasileiro) acompanhadas de uma numeração de três casas (por exemplo, 001, 010, 055) de acordo com a ordem de coleta dos textos. Por exemplo, o primeiro texto coletado em inglês britânico, recebeu o código CEA.001 enquanto o terceiro coletado em português brasileiro recebeu o código CEB.003. Essa codificação permite a rápida recuperação das informações no computador, economiza espaço no campo destinado à referência da fonte em questão, tanto na ficha terminológica (vide subseção 3.5) quanto na construção do verbete (vide subseção 4.3.10). Esses arquivos foram subidos conjuntamente ao Terminus 2.0 utilizando a função *Documentos* e, posteriormente, foram compilados em um corpus específico utilizando a ferramenta *Corpus*.

Observados os critérios de formação do corpus de estudo e seu respectivo processo de coleta, tratamento e armazenagem, discorro a seguir sobre o processo de extração terminológica.

### 3.4 EXTRAÇÃO TERMINOLÓGICA

Para o processo de extração terminológica, adotei um método automático de caráter híbrido, conforme discorrido anteriormente (vide subseção 2.3.3), que se caracteriza pela extração inicial de candidatos a termo assistida por programas informáticos, integrando análises estatísticas e linguísticas, seguida pela validação terminológica do pesquisador posteriormente. Reitero que esta escolha tem por objetivo minimizar os problemas relacionados com ruído e silêncio dentro do corpus, bem como oferecer simultaneamente critérios objetivos (análise estatística do Terminus 2.0) e subjetivos (análise linguística do pesquisador) para a seleção do conjunto terminológico a ser estudado na presente pesquisa.

Para a extração dos candidatos a termo propriamente dita, empreguei sobretudo as ferramentas disponibilizadas no módulo *Análisis* do programa Terminus 2.0 que, como mencionado anteriormente (vide subseção 3.2), permitem manipular e analisar corpora a partir de diferentes perspectivas. Para fins desta pesquisa, utilizo mais precisamente as ferramentas *Extracción de términos*, que elabora uma relação de candidatos a termos com base em cálculos estatísticos e linguísticos, e a *Extracción de concordancias*, que permite analisar um determinado termo em seus diversos contextos de uso dentro do corpus.

Para funcionar adequadamente, a ferramenta *Extracción de términos* precisa ainda ser “alimentada” a partir de um dicionário de treinamento que, conforme as recomendações dos desenvolvedores do programa (IULATERM, 2018b), deve ser constituído por um repertório de termos da área de especialidade em questão ou de áreas correlatas, listados unitariamente por linha em um arquivo .txt e em codificação UTF-8. Por esta razão, compilei um montante de aproximadamente 500 termos a partir de outros dicionários relacionados à Arquitetura, tais como o *Dictionary of Architecture and Building Construction* (DAVIES; JOKINIEMI, 2008) e o *Oxford Dictionary of Architecture* (STEVENS; WILSON, 2015).

Após o treinamento do extrator, realizei a primeira análise do corpus de estudo, conforme os critérios estipulados pela ferramenta, a qual solicita a escolha da língua de trabalho, o dicionário de treinamento, a quantidade máxima de resultados, a frequência mínima de cada candidato, entre outros. Dessa forma, restringi esta primeira análise aos primeiros 500 candidatos a termo que tinham no mínimo três ocorrências no corpus de estudo. Essa decisão teve por objetivo reduzir o conjunto terminológico, uma vez que, como já explorado anteriormente (vide subseção 1.2), este estudo não pretende abordar a terminologia da

arquitetura gótica em sua completude, mas sim identificar um subconjunto dessa terminologia utilizada efetivamente em textos especializados. Na Tabela 1, exponho uma amostra dos 20 primeiros candidatos a termo extraídos pelo extrator.

Tabela 1 – Amostra da lista de candidatos a termo, classificados por ponderação

<b>Rank</b>	<b>Forma</b>	<b>Lema</b>	<b>Frecuencia</b>	<b>Ponderación</b>
1	<input type="checkbox"/> <a href="#">vault</a>	vault	429	32465041.213498
2	<input type="checkbox"/> <a href="#">choir</a>	choir	196	14841383.786160
3	<input type="checkbox"/> <a href="#">lierne</a>	lierne	113	3682952.748058
4	<input type="checkbox"/> <a href="#">tracery</a>	tracery	76	3014515.951540
5	<input type="checkbox"/> <a href="#">arcade</a>	arcade	134	2578188.195614
6	<input type="checkbox"/> <a href="#">cloister</a>	cloister	43	2159131.311653
7	<input type="checkbox"/> <a href="#">column</a>	column	14	2152527.476498
8	<input type="checkbox"/> <a href="#">clerestory</a>	clerestory	119	1913949.960395
9	<input type="checkbox"/> <a href="#">columns</a>	column	26	1770854.042295
10	<input type="checkbox"/> <a href="#">window</a>	window	111	1729430.095548
11	<input type="checkbox"/> <a href="#">choir vault</a>	choir vault	25	1192834.449607
12	<input type="checkbox"/> <a href="#">spire</a>	spire	33	1131727.826569
13	<input type="checkbox"/> <a href="#">liernes</a>	lierne	79	1125337.734945
14	<input type="checkbox"/> <a href="#">spandrels</a>	spandrel	56	1045045.716130
15	<input type="checkbox"/> <a href="#">vaults</a>	vault	56	1020088.706568
16	<input type="checkbox"/> <a href="#">crypt</a>	crypt	15	871064.302996
17	<input type="checkbox"/> <a href="#">tierceron</a>	tierceron	72	834136.645090
18	<input type="checkbox"/> <a href="#">ridge</a>	ridge	202	826005.992640
19	<input type="checkbox"/> <a href="#">spandrel</a>	spandrel	10	778430.361580
20	<input type="checkbox"/> <a href="#">lierne vault</a>	lierne vault	18	670972.305520

Fonte: dados da pesquisa.

Na Tabela 1, é possível notar que os candidatos a termos (coluna *Forma*) foram ordenados pelo índice de ponderação em ordem decrescente (coluna *Ponderación*). Por exemplo, é possível notar que o candidato a termo com o maior índice de ponderação foi

“vault”, marcando “32465041.213498” pontos nesta análise. Além dessas informações, nota-se que o candidato a termo ainda é acompanhado de seu lema em forma canônica (coluna *Lema*) e de sua respectiva frequência no corpus (coluna *Frecuencia*).

A partir dessa relação, analisei cada candidato a termo individualmente em seu contexto real de uso para aferir seu caráter de termo por meio da ferramenta *Extracción de concordancias*. Esta ferramenta permite buscar uma determinada palavra-chave (bastando clicar sobre o candidato a termo destacado na *Extracción de términos*) e observá-la em seus diversos contextos dentro do corpus, resultado este denominado de concordância ou KWIC (*Key-Word in Context* ou palavra-chave em contexto). No Quadro 18, apresento uma amostra da lista de concordância da palavra-chave “vault”.

Quadro 18 – Amostra da lista de concordância da palavra-chave “vault”

#	Fonte	KWIC	
1	<a href="#">CEA.001</a>	The	<b>vault</b> of the Ely presbytery is a copy of the Lincoln nave vault.
2	<a href="#">CEA.001</a>	The	<b>vault</b> of the chapter house at York is a centralised tierceron and lierne vault.
3	<a href="#">CEA.001</a>	The	<b>vault</b> in the nave (pp. 86-87), completed in 1242, along with a screen in the north transept, is the only part of the Early English rebuilding to survive
4	<a href="#">CEA.001</a>	It is a simple pointed arch and rib	<b>vault</b> , or tierceron vault on the model of Lincoln, with three pairs of tiercerons per bay and a ridge pole.
5	<a href="#">CEA.001</a>	The purity in part comes from a lack of ornament, with moulded rather than foliate capitals, a simple quadripartite	<b>vault</b> , and simple lancet windows.

Fonte: dados da pesquisa.

No Quadro 18, visualizam-se apenas 5 ocorrências da palavra-chave “vault” em seus diferentes contextos de uso. A título de ilustração, com base no recorte exposto, é possível perceber a palavra-chave “vault” sendo utilizada, de forma geral, para representar um determinado elemento construtivo em uma edificação religiosa, o que difere relativamente do uso geral dessa palavra em inglês britânico que se refere basicamente a um “[...] local seguro em um banco onde se armazenam objetos de valor”<sup>110</sup> (ou seja, um cofre).

Ademais, a arquitetura gótica, como apresentada anteriormente (vide subseção 2.5), está intimamente associada à construção de estruturas religiosas católicas e conseqüentemente se atrela à descrição de seus elementos construtivos. Dessa forma, o índice de ponderação, somado à observação da palavra-chave em contexto e ao conhecimento da área de especialidade permitem perceber o valor terminológico de “vault” dentro do campo da arquitetura gótica, qualidade esta corroborada ainda por consulta a outros repertórios lexicográficos e terminológicos (vide apêndice B) e a especialistas (vide subseção 3.6). Assim como ocorreu com “vault”, realizei esta análise com o restante dos candidatos a termo relacionados na lista do extrator.

Não obstante, é importante frisar que, como discorrido anteriormente (vide subseção 2.2.2), a classe gramatical mais representativa dos termos compõe-se de substantivos, embora haja destaque também para adjetivos e verbos. Em decorrência disso e por questões de limitações inerentes a este estudo, inventario somente as unidades terminológicas nominais, simples e complexas, desconsiderando assim unidades terminológicas adjetivas e verbais encontradas isoladamente, muito embora adjetivos especializados façam parte de sintagmas terminológicos nominais maiores, tais como “blind” e “foliage”, respectivamente, em “blind arcade” e “foliage capital”. Por razões análogas, outras unidades de significação especializada, tais como unidades fraseológicas especializadas e combinações recorrentes, não foram coletadas tampouco.

Além disso, friso que determinados candidatos a termo foram descartados por não apresentarem uma forma sintagmática forte ou não possuírem valor terminológico propriamente dito. Por exemplo, “nave vault” e “choir vault” podem ser igualmente rearranjados sintaticamente enquanto “vault of the nave” (= “abóbada da nave” [pt-BR]) e “vault of the choir” (= “abóbada do coro” [pt-BR]) sem perda de sentido, o que seria esperado

---

<sup>110</sup> [...] *secure room in a bank in which valuables are stored*. Oxford Dictionary. Disponível em: <https://en.oxforddictionaries.com/definition/vault>. Acesso em 03 abr. 2019.

de acordo com os critérios de reconhecimento de termo apresentados anteriormente (vide subseção 2.2.2). Nem “nave” nem “choir”, embora sejam ambos termos nessa área de especialidade, aportam nenhum traço conceitual adicional efetivo a “vault” além de indicar a localização propriamente da abóbada dentro da edificação religiosa. Em outras palavras, não há diferença conceitual efetiva entre a abóbada utilizada na nave ou no coro, muito embora cada espaço possa utilizar um tipo específico de abóbada (por exemplo, “rib vault” ou “fan vault”). Por conta disso, “nave vault” e “choir vault” não podem ser considerados termos propriamente ditos e, portanto, não foram coletados para fins desta pesquisa. No entanto, ressalvo que tanto “nave vault” quanto “choir vault” podem ser consideradas combinações recorrentes de interesse para o tradutor, mas, por limitações inerentes ao presente estudo, não serão aqui abordados com maior profundidade, como será indicado anteriormente (vide subseção 2.2.2).

Finalizada a etapa de extração terminológica, registrei as unidades terminológicas validadas em fichas terminológicas de trabalho e iniciei a etapa de pesquisa de informações terminológicas, que apresento na subseção a seguir, destacando questões inerentes ao gerenciamento terminológico.

### 3.5 GERENCIAMENTO TERMINOLÓGICO

Para o gerenciamento do conjunto terminológico extraído, utilizo como instrumento principal as fichas terminológicas de trabalho. Como descrito anteriormente (vide subseção 2.3.3), essas fichas incluem informações pertinentes a respeito de uma determinada unidade terminológica e podem ser elaboradas de acordo com as necessidades da pesquisa em questão. No caso desta pesquisa, elaborei um modelo de ficha terminológica de trabalho em consonância com as necessidades terminológicas do tradutor de textos especializados da arquitetura gótica determinadas anteriormente (vide subseção 3.1.5).

Ressalvo de antemão que, apesar de o Terminus 2.0 oferecer ferramentas de gestão das fichas terminológicas, optei por confeccionar e gerir essas fichas em um documento no Microsoft Word 2010. Tal decisão se motivou por conta de o programa supracitado, embora permitisse uma ampla maleabilidade na edição das fichas terminológicas, não se apresentou flexível o suficiente para acomodar as demandas específicas desta pesquisa, uma vez que seu desenho está melhor preparado para se trabalhar com glossários monolíngues ou monolíngues

com equivalências. No entanto, essa limitação não invalida a relevância e a capacidade tecnológica que o Terminus 2.0 oferece para a elaboração de repertórios terminológicos.

A título de ilustração, apresento um exemplo de ficha terminológica de trabalho utilizada no desenvolvimento desta pesquisa, preenchida para o termo “ribbed vault” no Quadro 19.

Quadro 19 – Exemplo de ficha terminológica de trabalho

<b>FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO</b>									
1	UTA.069	2	ribbed vault			3	n.	4	18
5	IMG_3513	7a	rib vault			8a	n.	9a	4
6	Saint Denis	7b	Gothic arch			8b	n.	9b	2
10a	A vault with a masonry framework of intersecting arches (ribs) supporting cells, used in Gothic and late Norman architecture.					11a	RDA.001		
10b	a vault constructed of structural arched stone members or ribs with an infill of masonry; often with tiercerons or secondary ribs, and liernes or tertiary ribs.					11b	RDA.002		
10c	A rib vault is a framework of diagonal arched ribs carrying the cells which cover in the spaces between them.					11c	RDA.003		
12	VAULT set within a framework of intersecting arched stone members.								
13a	abóbada de nervuras	14	s.f.	15a	12	16a	abóbadas de nervuras		
17a	É um arcabouço de nervuras diagonais arqueadas, suportando os painéis ou CÉLULAS que fecham os espaços entre elas					18a	RDB.009		
19a	No estilo gótico, é marcante a abóbada de nervuras, formada pelo encontro de arcos ogivais.					20a	CEB.013		
13b	abóbada nervurada	14b	s.f.	15b	12	16b	abóbadas nervuradas		
17b	Abóbada que possui nervuras no INTRADORSO que se cruzam, formando vários painéis.					18b	RDB.002		

19b	Três elementos de destaque do gótico são: arco ogival, pedra e abóbada nervurada.				20b	CEB.019	
13c	abóbada gótica	14	s.f.	15	2	16c	abóbada góticas
17c	abóbada cuja diretriz do intradorso são dois segmentos iguais de círculo, que se cruzam formando ângulos na parte superior				18c	RDB.005	
19c	Na abóbada gótica existe a transmissão localizada de cargas, o que permite paredes bem delgadas [...]				20c	CEB.071	
21	Em português brasileiro, “abóbada de nervuras” e “abóbada nervurada” são as duas formas mais frequentemente utilizadas em textos especializados da área em comunicações entre especialistas e semiespecialistas. Já “abóbada gótica” é normalmente utilizada em contraste com outros tipos de abóbadas de outros estilos arquitetônicos e utilizada em textos menos especializados. Outras possibilidades de tradução incluem: “abóbada ogival”, “abóbada de cruzaria”, “abóbada de arcos cruzados”, bem como todas as possibilidades com a variante denominativa “abóboda”.						
22	As abóbadas de nervuras são uma das principais características da arquitetura gótica. Arquitetonicamente, elas permitiram verticalizar as igrejas deste período. Elas podem ser compostas por diferentes tipos de nervura (RIB), conforme o caso, e tradicionalmente apresentam rosões (BOSS) na interseção destas nervuras.				23	RDA.001, RDA.002, RDA.003, RDA.004	
24	VER TAMBÉM: QUADRIPARTITE VAULT, SEXPARTITE VAULT.						
25	15/09/2018	26	06/07/2019	27	DNVA		

Fonte: dados da pesquisa.

Onde:

- 1) *Número de série*: aponta a sequência, em ordem alfabética contínua, da designação principal dentro do conjunto terminológico em estudo (vide subseção 4.1.1).

- 2) *Designação principal*: apresenta a unidade terminológica propriamente dita em inglês britânico extraída do subcorpus A.
- 3) *Referências gramaticais da designação principal*: indica a classe gramatical da designação principal. Como indicado anteriormente (vide subseção 3.4), somente inventariei unidades terminológicas nominais e, portanto, utilizo apenas a notação “n.” para “noun”.
- 4) *Frequência da designação principal*: aponta o número de ocorrências que a designação principal apresenta no subcorpus A, incluindo suas formas plurais.
- 5) *Ilustração*: fornece a indicação da representação gráfica da respectiva designação.
- 6) *Local da ilustração*: no caso das fotografias, indica em qual local a fotografia foi tirada. As fotografias foram realizadas de setembro a dezembro de 2018 nas seguintes edificações góticas: (i) Basílica Real de Saint Denis (Paris, França); (ii) Catedral de Notre Dame de Paris (Paris, França); (iii) Sainte Chapelle (Paris, França); (iv) Catedral de Westminster<sup>111</sup> (Londres, Inglaterra), (v) Catedral de Wells (Wells, Inglaterra); (vi) Paróquia de Saint Cuthbert (Wells, Inglaterra); (vii) Catedral de Bristol (Bristol, Inglaterra); (viii) Catedral de Canterbury (Canterbury, Inglaterra); (ix) Catedral de Barcelona (Barcelona, Espanha); e (x) Catedral de Sevilha (Sevilha, Espanha). Essas edificações foram selecionadas por conta de sua representação no âmbito da arquitetura gótica, por representarem os estilos regionais tratados mais especificamente dos estilos (isto é, franceses e ingleses) e levando em consideração as limitações logísticas e financeiras inerentes a esta pesquisa. Os desenhos esquemáticos foram elaborados com base nas plantas das catedrais da Catedral de Notre Dame de Paris e da Abadia de Westminster.
- 7) *Variante(s) denominativa(s) em língua fonte*: relaciona as variantes denominativas da designação principal encontradas no corpus de estudo.
- 8) Idem ao campo 3, porém referente a outras designações.
- 9) Idem ao campo 4, porém referente a outras designações.
- 10) *Definições da designação principal*: arrola as definições encontradas para a designação principal em outros repertórios terminológicos e lexicográficos.

---

<sup>111</sup> Somente de suas áreas externas. A fotografia no seu interior não é permitida por questões de preservação.

- 11) *Fonte da definição em língua alvo*: expõe a fonte na qual a definição foi extraída. Na página 188, apresento uma relação das fontes utilizadas.
- 12) *Proposta de definição*: apresenta uma sugestão de harmonização das definições encontradas para a designação principal, elaborada com base nas orientações expostas na subseção 2.3.1.3.1 e tendo em vista a função lexicográfica desse repertório (vide subseção 2.3.3).
- 13) *Indicação de equivalente/correspondente em língua alvo*: indica o equivalente e/ou correspondente terminológico da designação principal em português brasileiro encontrado no subcorpus B. Os itens de 13 a 20 podem se repetir caso haja mais de um equivalente ou correspondente por termo em língua fonte.
- 14) *Referências gramaticais do equivalente/correspondente*: indica a classe gramatical do equivalente e/ou correspondente terminológico em português brasileiro. Nesta pesquisa, utilizo somente as seguintes notações: *s.m.*, para substantivo masculino singular, e *s.f.*, para substantivo feminino singular.
- 15) *Frequência do equivalente/correspondente*: aponta o número de ocorrências do equivalente e/ou correspondente terminológico no subcorpus B em questão, incluindo suas formas plurais.
- 16) *Forma plural do equivalente/correspondente*: indica a forma plural do equivalente/correspondente em português brasileiro.
- 17) *Definição do equivalente/correspondente*: apresenta uma definição para o equivalente e/ou correspondente terminológico em português brasileiro em outros repertórios terminológicos e lexicográficos.
- 18) *Fonte da definição do equivalente/correspondente*: expõe a fonte da qual a definição foi extraída. Na página 189, apresento uma relação das fontes utilizadas.
- 19) *Contexto de uso do equivalente/correspondente*: relaciona um exemplo de uso do equivalente e/ou correspondente terminológico em português brasileiro extraído do subcorpus B.
- 20) *Fonte do contexto de uso do equivalente/correspondente*: aponta a fonte na qual o exemplo de uso foi encontrado no subcorpus B. Na página 180, apresento uma relação das fontes utilizadas.

- 21) *Notas de tradução*: apresenta informações relevantes para o processo de tradução, levando em consideração, por exemplo, discrepâncias de ordem conceitual ou pragmática entre a designação principal (termo em língua fonte) e o equivalente/correspondente terminológico (termo em língua alvo).
- 22) *Notas enciclopédicas*: inclui informações de cunho enciclopédico, quando pertinente.
- 23) *Fonte das notas enciclopédicas*: aponta a(s) fonte(s) da(s) nota(s) enciclopédica(s). As listas de fontes utilizadas para essa finalidade podem ser encontradas nas páginas 174, 180, 188 e 189.
- 24) *Remissivas*: destaca as principais relações semântico-conceituais mantidas entre a designação principal com outras unidades terminológicas dentro do conjunto terminológico em estudo.
- 25) *Data do primeiro registro*: apresenta a data em que a ficha foi criada.
- 26) *Data do último registro*: apresenta a data em que a ficha foi modificada pela última vez.
- 27) *Documentador*: indica as iniciais do documentador do termo.

Passada a etapa de gerenciamento terminológico, o repertório final desta pesquisa foi revisado e validado por um especialista da área em questão.

### 3.6 REVISÃO POR ESPECIALISTA

O produto final desta pesquisa foi revisado ainda por um especialista. Esse especialista possui graduação em Arquitetura e experiência profissional na área nos últimos dez anos. Além disso, possui o português brasileiro como língua materna, tem proficiência em língua inglesa, muito embora não possua experiência com tradução propriamente dita.

No processo de revisão do vocabulário propriamente dita, o especialista foi orientado a conferir de modo geral a precisão e a relevância das informações descritas no material e a realizar sugestões de alteração quando necessário. Mais precisamente o especialista buscou observar a relação de equivalência mantida entre as unidades terminológicas em inglês britânico e português brasileiro, a validade da definição proposta, a adequação da ilustração

com o termo a que se refere, entre outros. As modificações sugeridas foram ponderadas e incorporadas à versão final do repertório terminológico (vide apêndice A).

Dito isto, concluo as principais considerações sobre os aspectos metodológicos da presente pesquisa e parto, a seguir, para a explanação da proposta de organização do vocabulário que aqui produzo.

## 4 PROPOSTA DE ORGANIZAÇÃO DO VOCABULÁRIO

No presente capítulo, apresento a proposta de organização interna do vocabulário resultante desta pesquisa em termos macro, médio e microestruturais. Esta proposta, como recorrentemente reiterado, foi elaborada com o intuito de satisfazer as necessidades terminológicas de tradutores de textos especializados da arquitetura gótica (vide subseção 3.1), partindo de um viés funcionalista da tradução (vide subseção 2.1.2), de uma perspectiva comunicativa das unidades terminológicas (vide subseção 2.2.2) e com o amparo de orientações teóricas relacionadas à elaboração de um repertório terminológico (vide subseções 2.3.1.2 e 2.3.1.3).

### 4.1 PROPOSTA DE ORGANIZAÇÃO MACROESTRUTURAL

Como assinalado anteriormente (vide subseção 2.3.1.2), compreendo “macroestrutura”, para fins desta pesquisa, enquanto a organização geral das entradas propriamente ditas, bem como a organização dos demais elementos que compõem um repertório terminológico, tais como lista de abreviaturas e referências. Considerando que essas decisões se derivam sobretudo do conjunto terminológico a ser representado, apresento a seguir as principais características do conjunto compilado para este estudo e, em seguida, a proposta de organização geral dos verbetes e a organização geral do repertório.

#### 4.1.1 Caracterização do conjunto terminológico

Para a proposta de vocabulário que apresento ao final desta pesquisa (vide apêndice A), selecionei um total de 104 unidades terminológicas em inglês britânico (incluindo as variantes denominativas), conforme os parâmetros estipulados na subseção 3.4, apresentadas em ordem alfabética crescente no Quadro 20.

Quadro 20 – Conjunto terminológico em inglês britânico em estudo

<p>abacus, abbey, abbey church, aisle, altar, ambulatory, apse, arcade, arcading, arch, archivolt, bar tracery, base, bay, bell tower, blind arcade, boss, buttress, capital, cathedral, chancel, chantry chapel, chapel, chapter house, choir, choir screen, church, cinquefoil, clerestory,</p>
---

cloister, column, corbel, cornice, crocket, crossing, crypt, cusping, diagonal rib, facade, façade, fan vault, flying buttress, foil, foliate capital, gable, gallery, gargoyle, Gothic arch, Gothic vault, Lady chapel, lancet window, lantern, lierne, limestone, lintel, marble, nave, nave aisle, niche, ogee arch, ogival arch, parish church, pendant, pendant boss, perpendicular tracery, pier, pilaster, pillar, pinnacle, plate tracery, pointed arch, portal, presbytery, pulpitum, quadripartite vault, quatrefoil, quire, retrochoir, retroquire, rib, rib vault, ribbed vault, ridge rib, rose window, round arch, sanctuary, sandstone, sexpartite vault, shaft, spandrel, spire, springer, stained glass, star vault, strainer arch, tierceron, tracery, transept, transverse rib, trefoil, trilobe, triforium, tympanum, vault, vaulting shaft.

Fonte: dados da pesquisa.

Como pode ser observado no Quadro 20 e como já assinalado anteriormente (vide subseção 3.4), selecionei apenas unidades terminológicas de caráter nominal, simples e complexas. Não inventario, portanto, outras unidades de significação especializada, tais como as unidades adjetivas de valor terminológico “openwork” (relativo a qualquer elemento arquitetônico que possui espaços vazados) e “blind” (referente a qualquer elemento arquitetônico que poderia ter uma abertura, mas que foi aplicado diretamente a uma parede) (DAVIES; JOKINIEMI, 2008), exceto quando acompanhadas por uma unidade terminológica nominal (por exemplo, “blind arcade”).

É importante reiterar que o presente estudo não tem por objetivo tampouco registrar todas as unidades terminológicas do campo da arquitetura gótica (vide subseção 1.2), mas realizar um recorte dessa terminologia utilizada efetivamente em textos especializados escritos com o intuito de reunir uma amostra da realidade terminológica da área em questão para efeitos desta pesquisa. Assim sendo, muito embora outras unidades terminológicas pudessem ser incluídas neste conjunto, tais como “refectory” e “scriptorium” (espaços internos comuns a uma abadia), estas não foram aqui repertoriadas por não apresentarem nenhuma ocorrência no corpus de estudo. Nem mesmo variantes terminológicas percebidas em outras obras de referências foram consideradas para efeitos desta pesquisa. Por exemplo, “chapter” e “overstory” são, respectivamente, ambos registrados como sinônimos de “capital” e “clerestory” no *Oxford Dictionary of Architecture* (STEVENS; WILSON, 2015), porém, como não apresentam nenhuma ocorrência no corpus de estudo, não foram consideradas para esta pesquisa.

Por outro lado, a abordagem metodológica derivada da TCT permitiu realizar uma análise da utilização efetiva dos termos aqui reunidos em situações comunicativas especializadas reais, percebendo desde a utilização de variantes terminológicas mais usuais nesses contextos a unidades de valor terminológico tradicionalmente não contempladas em outras obras de referência. Por exemplo, o termo “quadripartite vault” coletado neste estudo pode ser considerado uma variação denominativa, sem alteração semântica ou pragmática, da forma comumente registrada “quadripartite rib vault” em outras obras de referências, tais como no *The Penguin Dictionary of Architecture and Landscape Architecture* (FLEMING; HONOUR; PEVSNER, 1991).

Ademais, é possível aferir o valor terminológico de outras unidades, tais como “Gothic arch” e “Gothic vault”, que de modo geral não possuem entradas em outras obras de referência de arquitetura, mas são relevantes para o âmbito da arquitetura gótica a partir do ponto de vista artístico-histórico. No corpus de estudo, “Gothic arch” (arco gótico) e “Gothic vault” (abóbada gótica) ativam seus valores terminológicos se referindo, respectivamente, a um tipo específico de arco (o arco ogival) e a um de abóbada (a abóbada de nervuras), porém com condições de uso específicas, sendo normalmente utilizados em distinção direta ao “round arch” (o arco de volta perfeita) e ao “barrel vault” (a abóbada de berço), que são elementos construtivos tradicionais do estilo românico aos quais o estilo gótico se contrapõe diretamente.

A partir do conjunto apresentado no Quadro 20, é possível perceber a presença de unidades que podem ser utilizadas na linguagem geral, mas que adquirem valor terminológico no contexto desta área de especialidade, a exemplo de “bay”, “boss”, “rib” e “vault”, tal qual apregoadado pela TCT (vide subseção 2.2.2). Essas unidades terminológicas sublinham ainda a importância da realização de um trabalho terminológico bilíngue para tradução, uma vez que poderiam gerar dúvidas quanto ao significado específico dentro dessa área de especialidade, o que poderia incorrer em erros de tradução. Por exemplo, “vault” dentro dessa área de especialidade não se confunde com “cofre”, nem “rib” com “costela”, mas sim equivalem, respectivamente, a “abóbada” e “nervura”.

#### **4.1.2 Organização geral dos verbetes**

Para organizar os verbetes do vocabulário proposto, parto de modo geral das unidades terminológicas da arquitetura gótica utilizadas efetivamente em língua fonte, por ser esta o

ponto de partida da prática profissional aqui perfilada (vide subseção 3.1.2.1), e as disponho em ordem alfabética contínua. Este arranjo, em contraponto ao arranjo conceitual tradicional nos estudos terminológicos, tem por objetivo facilitar a consulta ao termo buscado pelo grupo de usuários em questão, uma vez que este é possivelmente o tipo de arranjo ao qual estão mais acostumados.

Além disso, incluo as variantes denominativas na qualidade de termo-entrada neste vocabulário uma vez que o tradutor pode se deparar justamente com uma variante denominativa ao analisar o texto fonte e ir buscá-la diretamente no repertório em questão (vide subseção 3.1.2.3). No entanto, todas essas variantes denominativas remetem ao seu respectivo termo principal (ou seja, o termo com maior frequência dentro do corpus, lexicalizado e inventariado em outros repertórios terminológicos, sem restrições de uso, recomendado por especialistas, etc.). Por exemplo, “clerestory” foi escolhido como termo principal por ser mais frequente no corpus de estudo e ser lexicalizado em outros repertórios terminológicos enquanto que “clerestorey” não; muito embora não apresentem nenhuma variação conceitual ou pragmática).

### **4.1.3 Organização geral do repertório**

Além do corpo do vocabulário propriamente dito, a proposta de vocabulário aqui elaborada apresenta:

- uma lista de abreviações utilizadas nos verbetes;
- um índice remissivo dos equivalentes e/ou correspondentes em português brasileiro; e
- lista de fontes utilizadas no trabalho.

Posto isto, sigo para a discussão da proposta de organização medioestrutural.

## **4.2 PROPOSTA DE ORGANIZAÇÃO MEDIOESTRUTURAL**

A medioestrutura, como indicado previamente (vide subseção 2.3.1.2), reflete as relações semântico-conceituais mantidas entre os termos de um repertório terminológico e

pode se manifestar de diferentes formas, tanto na macroestrutura quanto na microestrutura de um repertório terminológico.

Nesta subseção, apresento algumas propostas para a representação das principais relações semântico-conceituais percebidas no conjunto terminológico em inglês britânico, conforme a tipologia descrita na subseção 2.2.3, que podem contribuir a satisfazer as necessidades terminológicas de seu público-alvo (vide subseção 3.1). De modo geral, indico de antemão que o recurso tipográfico utilizado consistentemente ao longo desta proposta de vocabulário foi grafar o termo remitido em fonte diferenciada e em maiúsculas (por exemplo, “ARCH” ou “CHURCH”).

#### 4.2.1 Representação de relações de sinonímia e quase-sinonímia

No tocante à sinonímia e à quase-sinonímia, proponho a representação desses tipos de relação semântico-conceitual a partir de duas maneiras distintas dentro da microestrutura do verbete, conforme a direcionalidade da relação (ou seja, do termo principal para suas respectivas variantes denominativas e vice-versa).

A partir do verbete do termo principal em língua fonte, elenco suas respectivas variantes denominativas em relação de sinonímia e quase-sinonímia por meio da indicação microestrutural de “variante(s) denominativa(s) em língua fonte” (vide subseção 4.3.3). Nessa indicação, as variantes denominativas são apresentadas entre parênteses, precedidas pela indicação “also” e ordenadas pela proximidade pragmática com relação ao termo principal, tais como exemplificado no Quadro 21.

Quadro 21 – Proposta de remissão a variantes denominativas em relação de sinonímia ou quase-sinonímia a partir do termo principal

<i>Termo principal</i>	<i>Proposta de remissiva a variantes denominativas</i>
choir	(also QUIRE)
pointed arch	(also OGIVAL ARCH, GOTHIC ARCH)
pulpitum	(also CHOIR SCREEN)

Fonte: dados da pesquisa.

No caso específico dos quase-sinônimos (como “Gothic arch”), opto por não utilizar marcas de uso para indicar suas discrepâncias pragmáticas, como tradicionalmente realizado

em outros repertórios lexicográficos ou terminológicos, uma vez que nem sempre é possível apontar claramente as nuances que permeiam o uso de uma determinada variante por meio desse recurso. Além disso, considero que, ao se adotar esse tipo de indicação, isto implicaria na elaboração de uma tipologia complexa e extensiva de etiquetas que tampouco poderiam ser aplicadas de forma abrangente e irrestrita em todos os casos presentes nesta pesquisa.

Alternativamente, prefiro indicar essas condições pragmáticas por meio das notas de tradução. Como será explicado (vide subseção 4.3.12), as notas promovem um melhor diálogo com o consulente do vocabulário e permitem uma maior maleabilidade discursiva nas informações inseridas, o que seria demandado para explicar as condições de uso de um termo. Como visto anteriormente (vide subseção 3.1.2.3), o tradutor pode utilizar o conhecimento referente às condições pragmáticas de uma determinada variante em língua fonte, sobretudo, para elaborar o planejamento de suas estratégias de tradução e a escolha de seus respectivos equivalentes e/ou correspondentes terminológicos. Desse modo, as notas de tradução se mostram como a localização mais adequada para a inserção pontual dessa informação para promover a melhor escolha terminológica conforme as situações pragmáticas em questão.

Como indicado na proposta macroestrutural (vide subseção 4.1.2), insiro ainda as variantes denominativas do termo principal em língua fonte na qualidade de termo-entrada (vide subseção 4.3.1). A partir do verbete dessas variantes, represento a relação de sinonímia e de quase-sinonímia com o termo principal por meio de uma seta (→), como pode ser observado no Quadro 22.

Quadro 22 – Proposta de remissão ao termo principal em relação de sinonímia ou quase-sinonímia a partir da variante denominativa

<i>Variante denominativa</i>	<i>Proposta de remissão para os termos principais</i>
choir screen	→ PULPITUM.
Gothic vault	→ POINTED ARCH.
quire	→ CHOIR.

Fonte: dados da pesquisa.

#### 4.2.2 Representação de relações genéricas

De igual forma que com as relações de sinonímia e quase-sinonímia, represento as relações genéricas diferentemente segundo a direcionalidade da relação (ou seja, do

hiperônimo para o hipônimo ou do hipônimo para o hiperônimo). Com relação ao primeiro grupo, os termos genéricos se relacionam com seus respectivos termos específicos em seus verbetes por meio da remissão microestrutural “**VER TAMBÉM:**” (vide subseção 4.3.14), tal como exemplificado no Quadro 23.

Quadro 23 – Proposta de remissão a hipônimos a partir dos hiperônimos

<i>Hiperônimo</i>	<i>Remissão para os hipônimos</i>
Arch	<b><u>VER TAMBÉM:</u></b> POINTED ARCH, ROUND ARCH.
Rib	<b><u>VER TAMBÉM:</u></b> DIAGONAL RIB, LIERNE, RIDGE RIB, TIERCERON, TRANSVERSE RIB.
Vault	<b><u>VER TAMBÉM:</u></b> FAN VAULT, RIB VAULT.

Fonte: dados da pesquisa.

Esta opção tem por objetivo oferecer ao tradutor informações mais específicas a respeito da tipologia existente de um determinado termo consultado, expandindo assim seus conhecimentos da área em questão, sem, contudo, sobrecarregar outros campos onde tais informações poderiam ser incluídas, tais como na definição.

Na direção inversa, por outro lado, incorporo os termos hiperônimos em sua proposta de definição em língua fonte (vide subseção 4.3.5), funcionando como genéricos próximos, como pode ser observado no Quadro 24.

Quadro 24 – Propostas de definição de hipônimos, utilizando hiperônimos como genérico próximo

<i>Hipônimo</i>	<i>Proposta de definição a partir do hiperônimo</i>
pointed arch	ARCH with a sharp end.
tierceron	secondary RIB which springs from the main SPRINGER or the central BOSS.
fan vault	VAULT formed by a set of inverted concave half cones.

Fonte: dados da pesquisa.

Apesar de conferir certa circularidade à definição, o que idealmente deveria ser algo a ser evitado (vide subseção 2.3.1.3.1), esta representação permite estabelecer uma rápida relação entre o termo consultado e seu hiperônimo.

### 4.2.3 Representação de relações partitivas

No que tange às relações partitivas, opto por representá-las, como no caso das relações anteriores, de acordo com a direcionalidade da relação. Para os termos holônimos (o todo), incluo seus termos merônimos (suas partes) textualmente nas notas enciclopédicas (vide subseção 4.3.13), utilizando a terminologia em português brasileiro (porque as notas estão regidas nessa língua), seguidos dos termos em inglês britânico entre parênteses, como exposto no Quadro 25.

Quadro 25 – Proposta de inclusão de merônimos nas notas enciclopédicas

<b><i>Holônimo Notas enciclopédicas com termos meronímicos</i></b>	
church	Em um plano cruciforme, as igrejas podem incluir, por exemplo, nave principal (NAVE), nave lateral (AISLE), cruzeiro (CROSSING), transepto (TRANSEPT), coro (CHOIR), presbitério (PRESBYTERY), deambulatório (AMBULATORY) e abside (APSE).
column	As colunas seguem a composição clássica grega que inclui, obrigatoriamente, o fuste (SHAFT) e o capitel (CAPITAL) e, por vezes, a base (BASE) e o ábaco (ABACUS).
rib vault	Elas podem ser compostas por diferentes tipos de nervura (RIB), conforme o caso, e tradicionalmente apresentam rosões (BOSS) na interseção destas nervuras.

Fonte: dados da pesquisa.

No sentido oposto, apresento os termos holônimos na definição em língua fonte (vide subseção 4.3.4), como pode ser observado no Quadro 26.

Quadro 26 – Proposta de inclusão de termos holônimos nas propostas de definição

<b><i>Merônimo Propostas de definição com termos holônimos</i></b>	
apse	semicircular or polygonal termination behind the main altar in a CHURCH.
shaft	main body of a COLUMN, PILLAR, PIER or PILASTER.
rib	projecting band on a ceiling, especially part of a RIB VAULT.

Fonte: dados da pesquisa.

Este formato tem por objetivo minimizar a quantidade de elementos microestruturais a serem incluídos no verbete, sobretudo considerando que as relações partitivas não se aplicam a grande maioria dos termos contemplados nesta pesquisa, porém sem deixar de apresentar informações que possam complementar o conhecimento de área do tradutor.

#### **4.2.4 Representação de relações associativas**

As relações associativas, como já apresentado (vide subseção 2.2.3), se manifestam pela correlação entre dois (ou mais) termos que não necessariamente mantêm um vínculo hierárquico entre si, mas que podem estar de alguma outra forma associados. Por conta da amplitude e da multiplicidade de possibilidades que esse tipo de relação propicia, não apresento um modelo específico para sua representação no vocabulário desta pesquisa, tampouco tenho por objetivo indicar todas as relações associativas que uma unidade terminológica pode apresentar.

Sendo assim, recubro tão somente uma pequena parcela de relações associativas que possam contribuir para uma melhor caracterização de determinados termos-entradas, optando por representá-las, quando relevante e pertinente, na própria definição do termo-entrada (vide subseção 4.3.4) e/ou nas notas enciclopédicas (vide subseção 4.3.13). Por exemplo, “pulpitum” representa um tipo de divisória de pedra utilizada especificamente para separar o coro da nave de uma igreja. Muito embora esse termo, de nenhuma forma, esteja relacionado hierarquicamente aos termos “choir” (coro) ou “nave” (nave), ele estabelece uma relação por conta de seu uso com ambas. Sendo tal informação importante então para a delimitação do seu significado, represento esse tipo de relação dentro da sua proposta de definição: “stone screen erected to divide CHOIR from the NAVE”.

Dito isto, reitero a complexidade e a problemática de se representar todas as relações semântico-conceituais mantidas entre as unidades terminológicas de um determinado conjunto na medioestrutura de um repertório terminológico e, como previsto, não abordo esta questão em todos os seus aspectos, tão somente me limitando à ilustração de algumas dessas relações para o benefício do tradutor. Na subseção a seguir, apresento, então, a proposta de organização microestrutural do vocabulário desta pesquisa.

### 4.3 PROPOSTA DE ORGANIZAÇÃO MICROESTRUTURAL

Em consonância com as necessidades terminológicas observadas anteriormente (vide subseção 3.1), realizo a seguinte proposta de microestrutura, tal como descrita no

Quadro 27.

Quadro 27 – Proposta de microestrutura dos verbetes do vocabulário

**termo-entrada em língua fonte** ± **indicação de aceção** ± (*also* VARIANTE (S) DENOMINATIVA (S) EM LÍNGUA FONTE) + *referência gramatical do termo-entrada em língua fonte* + definição do termo-entrada em língua fonte + ilustração + **indicação de equivalente/correspondente em língua alvo** + *referências gramaticais em língua alvo* + indicação de plural em língua alvo + *contexto do equivalente em língua alvo* + (fonte do contexto em língua alvo) ± notas de tradução ± notas enciclopédicas ± remissiva(s)

Fonte: dados da pesquisa.

Onde:

- a) “+”: indica a obrigatoriedade do componente que o sucede.
- b) “±”: indica a facultatividade do componente que o sucede.

#### 4.3.1 Termo-entrada em língua fonte

O termo-entrada em língua fonte apresenta as unidades terminológicas extraídas dos textos especializados escritos da arquitetura gótica em inglês britânico (vide subseção 4.1). São tipograficamente marcados em negrito, com recuo à esquerda e em minúsculas (por exemplo, “**ambulatory**”, “**base**” e “**lancet window**”), exceto quando o termo exigir a grafia em maiúscula (por exemplo, “**Lady chapel**”, “**Gothic arch**”, “**Gothic vault**”). Esses termos são apresentados em forma canônica, no singular. O termo-entrada permite que o tradutor, entre outras, confirme o caráter especializado da unidade pesquisada. Como apresentado anteriormente (vide subseção 4.1.2), as variantes denominativas são apresentadas na qualidade de termo-entrada, porém remetem ao termo principal.

### 4.3.2 Indicação de acepção

Circunscrita, destacada em vermelho e com recuo à esquerda, esta indicação distingue entre as acepções representadas por um termo-entrada polissêmico, quando for o caso. É importante reforçar que a polissemia abordada nesta pesquisa se limita tão somente àquela percebida dentro da área de especialidade em questão e, portanto, não inclui outras acepções que uma mesma unidade denominativa possa designar, por exemplo, no âmbito da História da Arte ou da Arquitetura.

Ao fazer a distinção entre as acepções de um termo-entrada, considero importante fornecer informações específicas para cada acepção individualmente uma vez que o tradutor pode demandar informações pontuais relativas a uma acepção específica em detrimento de outra. Por conta disso, opto por agrupar todas as informações referentes à mesma acepção em um mesmo bloco. Dessa forma, organizo o verbete de um termo-entrada polissêmico a partir de suas acepções de modo que cada acepção dispõe de seu próprio grupo de informações, desde definição (vide subseção 4.3.5) a equivalentes e/ou correspondentes (vide subseção 4.3.7). Por exemplo, subdividi o termo-entrada “abbey” em duas acepções, marcadas respectivamente por “①” e “②”. Cada acepção dessa entrada apresenta, então, seu conjunto específico de informações, incluindo variantes denominativas, definição, ilustração e equivalentes e/ou correspondentes terminológicos, como pode ser visto no exemplo de verbe completo apresentado na subseção 4.3.15.

### 4.3.3 Variante(s) denominativa(s) em língua fonte

Entre parênteses, grafada(s) em maiúsculas e precedida(s) da indicação “*also*” em itálico, este recurso sinaliza a(s) variante(s) denominativa(s) do termo-entrada identificadas no corpus de estudo, quando houver (por exemplo, “*also* QUIRE” para o termo-entrada “**choir**”). É importante reiterar que, por conta do desenho específico do corpus de estudo (vide subseção 3.3), houve um controle considerável das variantes denominativas inventariadas nesse campo, sobretudo no que refere a variantes denominativas motivadas por questões geográficas e/ou cronológicas. De todos os modos, quando um termo-entrada apresenta mais de uma variante denominativa, opto por ordenar essas variantes conforme a proximidade

pragmática com o termo-principal e, como já mencionado (vide subseção 4.2.1), destaco suas respectivas condições de uso nas notas de tradução (vide subseção 4.3.12).

#### **4.3.4 Referência gramatical em língua fonte**

Em itálico, este elemento apresenta a classe gramatical do termo-entrada. Para este item, utilizo apenas a indicação *n.* (*noun*) por trabalhar exclusivamente com unidades terminológicas nominais neste trabalho e por ser a indicação tradicional utilizada em língua inglesa para tanto. Essa indicação permite orientar o consulente sobre o funcionamento morfológico do termo-entrada e, conseqüentemente, antecipa quais informações poderá encontrar (ou não) no restante do verbete (por exemplo, saberá que não haverá informações sobre o termo-entrada funcionando como adjetivo).

#### **4.3.5 Definição em língua fonte**

Iniciada por letra minúscula e finalizada por um ponto final, este elemento terminográfico apresenta uma proposta de harmonização, em língua inglesa, das definições encontradas em outros repertórios lexicográficos ou terminológicos para o termo-entrada em questão (vide apêndice B). Para essas propostas de harmonização, utilizo como padrão a definição por compreensão, redigida conforme as orientações formais constantes no item “a” da subseção 2.3.1.3, levando em consideração a função lexicográfica do vocabulário proposto (vide subseção 2.3.3) e as contribuições realizadas pelo especialista da área consultado (vide subseção 3.6).

Essas harmonizações partem, portanto, de um genérico próximo e compreendem outras características que permitem distinguir um conceito de outro em mesmo nível hierárquico. Ressalvo, contudo, que as características que incluo nessas propostas se restringem àquelas pertinentes à arquitetura gótica observadas a partir de uma perspectiva histórico-artístico de modo que, muito embora um determinado termo apresente outras características relevantes (por exemplo, informações sobre os centros de um arco), estas não foram incluídas nessas propostas por possivelmente não serem demandadas para a tradução de textos especializados dessa área dentro desta perspectiva. Para os termos-entrada com termos

hiperônimos constantes no vocabulário, utilizo esse hiperônimo como seu genérico próximo, como explicado anteriormente (vide subseção 4.2.2).

Na tentativa de contornar possíveis imprecisões terminológicas ao utilizar a terminologia em língua portuguesa para descrever os termos em língua inglesa ou evitar a duplicação terminológica constante, como acontece com as relações partitivas nas notas enciclopédicas (vide subseção 4.2.3), opto por redigir em língua inglesa a proposta de definição de cada termo-entrada. Esta decisão se sustenta, muito embora a língua materna do público-alvo deste vocabulário seja o português brasileiro (vide subseção 2.3.3), ao considerar, sobretudo, o alto nível de conhecimento linguístico em inglês que se presume que esse mesmo grupo de usuários possua para desempenhar suas atividades. Em contrapartida, adequo a redação ao nível de conhecimento especializado do público-alvo ao tentar utilizar um vocabulário menos especializado, com uso de palavras cognatas e evitando o uso de outros termos dentro das definições, muito embora nem sempre seja possível.

No Quadro 28, apresento exemplos de propostas de definição que utilizo neste vocabulário, conforme as especificidades indicadas nos parágrafos anteriores.

Quadro 28 – Propostas de definição em língua fonte

<i><b>Termo-entrada</b></i>	<i><b>Proposta de definição em língua fonte</b></i>
corbel	projecting block from a wall which usually supports a structural member.
lintel	horizontal block over an opening.
niche	recess in a wall, usually to contain a decorative object.

Fonte: dados da pesquisa.

Para as variantes denominativas na condição de termo-entrada, incluo, no lugar da definição propriamente dita, apenas a indicação de remissão “→” seguida do termo principal a ser consultado, como explicado anteriormente (vide subseção 4.2.1), de modo que exista apenas uma definição por acepção encontrada.

#### **4.3.6 Ilustração**

Esta indicação diz respeito ao recurso gráfico para representar o significado do termo-entrada de forma complementar à definição em língua fonte, seja por meio de uma fotografia

do elemento arquitetônico em questão ou de um desenho esquemático para identificar as áreas internas de uma igreja gótica.

No que tange aos registros fotográficos, utilizei o foco da câmera e o enquadramento para delimitar o elemento arquitetônico a ser representado, tentando evitar o excesso de informação, como pode ser observado na proposta de ilustração para o termo-entrada “gargoyle” na Figura 13.

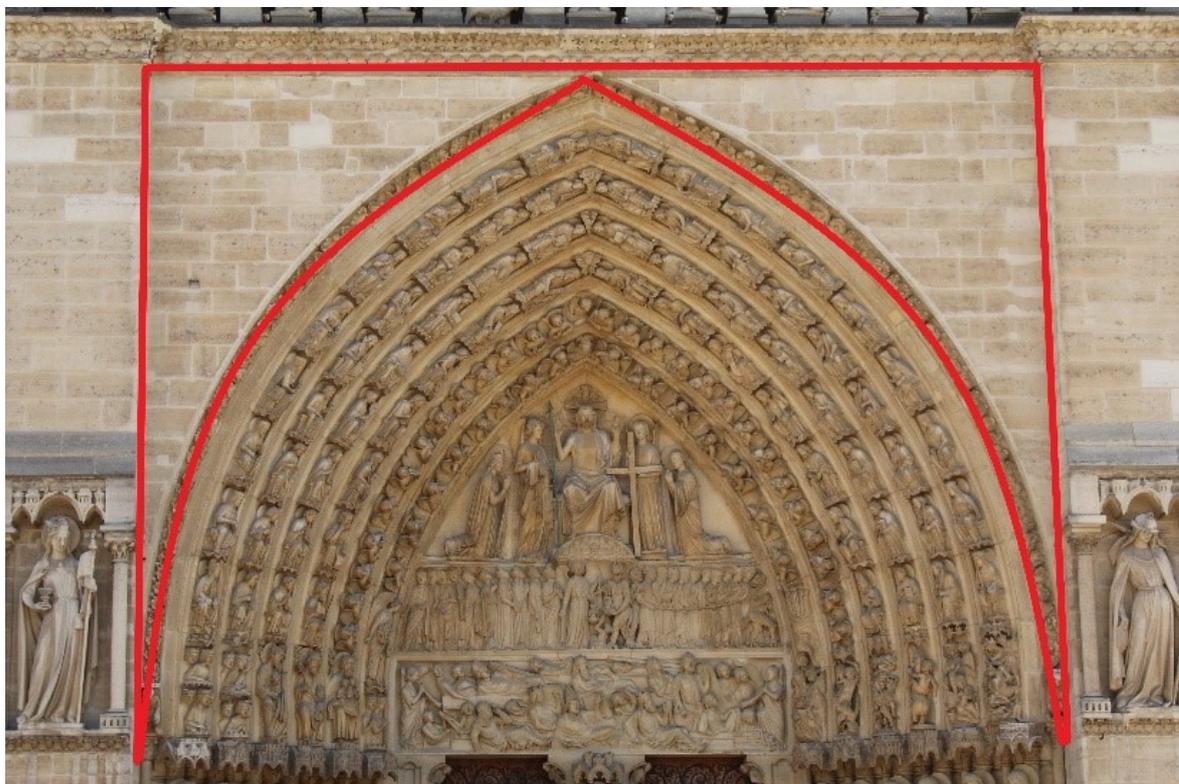
Figura 13 – Exemplo de ilustração para o termo-entrada “gargoyle”



Fonte: acervo do pesquisador.

Apesar disso, nem sempre pude isolar o elemento arquitetônico por completo e, para melhor delimitá-lo, faço uso de marcações gráficas (setas, contornos e outras formas em vermelho), conforme o caso, para destacar o elemento em questão, como ocorre para a proposta de ilustração do termo-entrada “spandrel” apresentada na Figura 14.

Figura 14 – Exemplo de ilustração para o termo-entrada “spandrel”



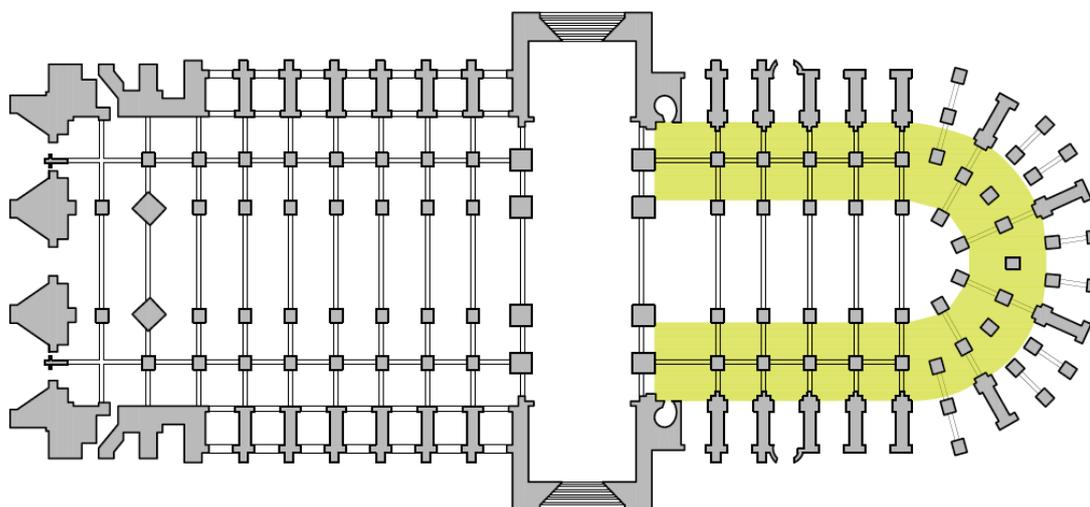
Fonte: acervo do pesquisador.

Apesar da tentativa de se representar os elementos arquitetônicos por meio de registro fotográfico, nem todos os termos se adequaram a essa forma de representação gráfica, como foi o caso em especial das áreas internas de uma igreja, tais como o “transept” ou o “crossing”. Por esta razão, utilizo desenhos esquemáticos<sup>112</sup>, baseadas nas plantas baixas da Catedral de Notre Dame de Paris e da Abadia de Westminster, para representar graficamente esses conceitos. Nessas representações, a área a ser representada está hanchurada, como demonstrado na Figura 15 para a proposta de ilustração do termo-entrada “ambulatory” (corredor que circunda o local onde se encontra o altar principal de uma igreja).

---

<sup>112</sup> Esses desenhos foram elaborados e cedidos a esta pesquisa pelo arquiteto Guilherme Vettoretti.

Figura 15 – Exemplo de ilustração para o termo-entrada “ambulatory”



Fonte: dados da pesquisa.

Além disso, cada ilustração é acompanhada por uma legenda com a indicação de onde a foto foi retirada ou a que se refere o desenho esquemático e tem por objetivo proporcionar uma melhor delimitação do significado que representam.

#### 4.3.7 Indicação de equivalente(s)/correspondente(s) em língua alvo

Em **negrito** e em **azul**, esta indicação aponta o(s) equivalente(s) e/ou correspondente(s) terminológico(s) em português brasileiro para o termo-entrada em questão. Como já explicado, os equivalentes e/ou correspondentes relacionados no referido campo representam as unidades terminológicas em língua alvo utilizadas efetivamente em textos especializados escritos da área, extraídas do corpus de estudo desta pesquisa (vide subseção 3.3).

Sendo assim, essas indicações tampouco abrangem todo o universo terminológico em português brasileiro, mesmo que seja possível encontrar outras unidades denominativas relacionadas como sinônimos em outros repertórios lexicográficos ou terminológicos. Albernez e Lima (1998b), por exemplo, indicam “grimpa” enquanto sinônimo de “pináculo”, porém o primeiro não foi encontrado em textos especializados da área e, portanto, não pude

determinar seu valor terminológico dentro de um contexto especializado (vide subseção 2.2.2), não sendo considerado um equivalente e/ou correspondente para efeitos desta pesquisa.

Dessa forma, a presente pesquisa mantém o interesse em atender às necessidades do tradutor de textos especializados da arquitetura gótica ao fornecer equivalentes e/ou correspondentes efetivamente utilizados nesse tipo de texto sempre que possível, e não apenas unidades terminológicas idealizadas ou sem uso na realidade profissional, conferindo assim confiabilidade aos termos aqui inventariados. Mas, como já antecipado, as lacunas terminológicas são igualmente recorrentes ao se trabalhar uma terminologia em nível bilíngue (vide subseção 2.2.4) e, por conta disto, nem sempre a indicação de equivalentes e/ou correspondentes terminológicos utilizada originalmente em textos especializados em língua alvo foi possível e recorro a outras alternativas de tradução, mas que de igual modo são representadas nesta seção, como será abordado mais adiante.

Para cada equivalente e/ou correspondente, apresento, respectivamente, sua referência gramatical (vide subseção 4.3.8), flexão de número (vide subseção 4.3.9), contexto de uso (vide subseção 4.3.10) e respectiva fonte (vide subseção 4.3.11). Por restrições inerentes a esta pesquisa, limito a quantidade máxima de indicações de equivalentes e/ou correspondentes em língua alvo nesse formato a três por aceção do termo-entrada. No entanto, quando o mesmo termo-entrada apresenta mais de três possibilidades, relacionei as demais unidades terminológicas dentro da nota de tradução (vide subseção 4.3.12). Essas indicações são ordenadas de acordo com a proximidade conceitual e pragmática com termo-entrada, fornecendo diferentes soluções tradutórias que podem funcionar dentro da produção do texto alvo em questão.

Por razões análogas à indicação de diferenças pragmáticas dos quase-sinônimos em língua fonte (vide subseção 4.2.1), opto por não utilizar nenhum sistema de marcação para identificar as discrepâncias conceituais e/ou pragmáticas dos correspondentes terminológicos em relação ao termo-entrada. Alternativamente, indico essa informação textualizada por meio das notas de tradução (vide subseção 4.3.12).

Para os termos-entrada que não encontram nenhum equivalente e/ou correspondente efetivamente utilizados em textos especializados em língua alvo, tais como “chantry chapel” e “bar tracery”, opto por incluir soluções tradutórias propostas por outros tradutores e especialistas em obras traduzidas. Para os termos supracitados, que dizem respeito respectivamente a um tipo de capela específica construída para celebrar missas para os

fundadores de uma igreja e o segundo um tipo específico de rendilhado encontrado na parte superior das janelas de edificações góticas (FLEMING; HONOUR; PEVSNER, 1991), apresento as soluções tradutórias encontradas no *Dicionário Enciclopédico da Arquitetura* (FLEMING; HONOUR; PEVSNER, 1977), tradução para o português brasileiro de *The Penguin Dictionary of Architecture and Landscape Architecture* (FLEMING; HONOUR; PEVSNER, 1991), a saber: “capela de dotação” e “traçado em barra”.

Essa medida tem por objetivo, em primeiro lugar, cobrir uma lacuna terminológica em língua alvo uma vez que o tradutor, quando busca por um equivalente e/ou correspondente, espera encontrar alguma solução, mesmo que esta não seja necessariamente a melhor opção, e, em segundo lugar, prestar visibilidade ao trabalho de outros tradutores de textos especializados da área. Além disso, essas soluções terminológicas foram validadas por um especialista da área (vide subseção 3.6).

Sob a ótica da TCT, essas soluções tradutórias podem ser consideradas neologias especializadas (vide subseção 2.2.4). Esse caráter neológico pôde ser atestado por conta de tais soluções não serem encontradas fora do contexto daquela obra em específico, não sendo observadas em outros textos especializados produzidos originalmente em língua portuguesa ou em outro repertório terminológico. Para alertar o consultante sobre essa especificidade, acrescento na nota de tradução (vide subseção 4.3.12) explicitamente que o equivalente e/ou correspondente indicado diz respeito a uma solução tradutória em textos especializados traduzidos para o português brasileiro, cabendo ao tradutor a decisão final de reutilizá-la ou não conforme o projeto de tradução em questão.

#### **4.3.8 Referências gramaticais em língua alvo**

Em itálico, esta indicação apresenta a classe gramatical, gênero e número do equivalente. Para efeitos desta pesquisa, utilizo somente as seguintes indicações: *s.m.* = substantivo masculino singular [pé-direito] e *s.f.* substantivo feminino singular [gárgula] por serem os únicos tipos identificados no conjunto terminológico desta pesquisa (vide subseção 4.1.1).

### 4.3.9 Flexão de número em língua alvo

Entre parênteses e precedido de “**pl.**” em negrito, este recurso indica a forma plural do equivalente e/ou correspondente terminológico em língua alvo, tal como pode ser observado no Quadro 29.

Quadro 29 – Proposta de indicação de flexão de número em língua alvo

<i><b>Equivalente e/ou correspondente</b></i>	<i><b>Proposta de indicação de flexão de número</b></i>
nave	<b>(pl. naves)</b>
pé-direito	<b>(pl. pés-direitos)</b>
terciarão	<b>(pl. terciarões)</b>

Fonte: dados da pesquisa.

Considerando que o grupo de usuários dessa obra tem o português brasileiro como língua materna (vide subseção 2.3.3), é provável que nem todas as informações fornecidas nesse campo sejam obrigatoriamente consultadas, como a forma plural de “nave”. Contudo, essa indicação corrobora a forma ortográfica adequada em português brasileiro e pode ajudar o tradutor a sanar possíveis dúvidas durante a produção do texto alvo propriamente dito, tais como as formas plurais de termos com terminação em “-ão” (terciarão) ou de substantivos compostos (pé-direito).

### 4.3.10 Contexto de uso em língua alvo

Entre aspas e em itálico, esta indicação apresenta um exemplo de uso do equivalente terminológico em contexto extraído do corpus de estudo. O equivalente e/ou correspondente ilustrado grifado ainda em negrito dentro do contexto, evidenciando o relacionamento sintático-discursivo do termo em uma situação real de uso, tal como pode ser observado no Quadro 30.

Quadro 30 – Exemplos de contextos de uso em língua alvo

<i><b>Equivalente e/ou correspondente</b></i>	<i><b>Exemplo de contexto de uso</b></i>	<i><b>Fonte</b></i>
capitel	<i>O <b>capitel</b> é a extremidade superior de uma coluna, pilar ou pilastra e possui utilidades decorativas e técnicas, como o sustento e a transmissão de força para o fuste.</i>	CEB.023
contraforte	<i>E os <b>contrafortes</b> eram reforços que substituíam as grossas muralhas das construções românicas</i>	CEB.006
claustro	<i>Os belíssimos <b>claustros</b>, construídos entre os séculos XIII e XIV, unem a igreja da Abadia [de Westminster] ao resto das dependências</i>	CEB.068

Fonte: dados da pesquisa.

Para essa solução terminográfica, utilizo prioritariamente os contextos definitórios por serem os mais recomendados para tal finalidade (vide subseção 2.3.1.3.4) e, uma vez que apenas forneço definições em língua fonte (vide subseção 4.3.5), tais contextos contribuem para corroborar o relacionamento semântico mantido entre o termo em língua fonte e o equivalente e/ou correspondente em língua alvo. Esse tipo de contexto pode ser observado no exemplo de “capitel”, no Quadro 30. No entanto, nem sempre é possível encontrar esse tipo de contexto e, portanto, utilizo contextos explicativos, como nos casos de “contraforte” e “claustro”, ou associativos.

Para as indicações de equivalentes e/ou correspondentes não efetivamente utilizados em textos especializados produzidos originalmente em português brasileiro, proponho a tradução nessa língua de excertos selecionados do subcorpus A (vide subseção 3.3) que contenham o termo-entrada em sua situação de uso. Tal medida tem por finalidade preencher a lacuna criada pela falta dessa informação na construção do verbete, bem como exemplificar o uso do equivalente e/ou correspondente em questão na produção do texto alvo.

Por fim, é importante reforçar que apenas apresento contextos de uso em língua alvo, uma vez que parto da premissa de que o tradutor busca soluções terminológicas para uma unidade terminológica que se deparou ao analisar o texto fonte, estando, portanto, esse mesmo termo já inserido em um contexto de uso específico. Dessa forma, opto por não incluir contextos de uso para os termos em língua fonte nesta proposta por não serem necessários para satisfazer sua função lexicográfica (vide subseção 2.3.3).

#### 4.3.11 Fonte do contexto de uso em língua alvo

Apresentada entre parênteses, este elemento fornece a fonte de extração do contexto de uso em língua alvo, codificada em uma sequência alfanumérica (por exemplo, CEB.001 ou CEB.059). A indicação da fonte corrobora o uso efetivo do termo encontrado em textos especializados da área. A codificação para esse campo é a mesma utilizada para o corpus de estudo desta pesquisa, localizada na página 180. A utilização de uma sequência alfanumérica permite economizar espaço com a referência dentro do verbete e, caso o tradutor tenha interesse, pode ser consultada na lista de referências do repertório (vide subseção 4.1.3).

#### 4.3.12 Notas de tradução

Marcado pela indicação “**NOTAS DE TRADUÇÃO:**”, apresentam informações relevantes que podem assistir o consulente durante o processo tradutório propriamente dito. Inclui, sobretudo, informações sobre as discrepâncias conceituais e/ou pragmáticas entre o termo em língua fonte e seus possíveis equivalentes e/ou correspondentes terminológicos em língua alvo, tais como as condições de uso de um determinado equivalente ou qual equivalente e/ou correspondente melhor se adequa às condições de uso da variante denominativa do termo-entrada, fornecendo ao consulente as informações necessárias para sua tomada de decisão tradutória, conforme a situação comunicativa e o encargo da tradução em questão.

Opto por utilizar essa indicação em vez das tradicionais marcas de uso por considerar as notas, como já explicado (vide subseção 4.2.1), um recurso discursivo mais maleável, o que permite a inclusão de uma maior gama de informações de acordo com a situação e facilita o diálogo com o consulente sem que este precise sempre consultar um outro conjunto de lista de marcas para compreender as informações repassadas nesta seção. No Quadro 31, apresento alguns exemplos de notas de tradução.

Quadro 31 – Exemplos de notas de tradução

<i>Termo-entrada</i>	<i>Proposta de nota de tradução</i>
buttress	Em português brasileiro, “contraforte” e “botaréu” representam o mesmo conceito, porém o primeiro se utiliza com maior frequência em textos especializados da área.

bar tracery	“traçado em barra” é uma solução tradutória documentada em repertórios terminológicos traduzidos para o português brasileiro.
nave	“nave”, em português brasileiro, inclui tanto o significado de sua contraparte em inglês britânico quanto aquela designada por “AISLE”, sendo importante observar seu uso conforme a situação para evitar confusão terminológica. Já “nave central” e “nave principal” representam exatamente o mesmo conceito que sua contraparte em inglês britânico, porém a primeira é a forma mais frequente em textos especializados da área.

Fonte: dados da pesquisa.

Como pode ser observado no Quadro 31, a nota de tradução para “buttress” serve como um recurso para demonstrar as possibilidades entre suas possíveis traduções “contraforte” e “botaréu”, indicando diferenças quanto ao uso pragmático de ambas as formas. Em “bar tracery”, a nota indica que o equivalente proposto (“traçado em barra”) diz respeito a uma solução tradutória encontrada em obras traduzidas e, portanto, não tendo sido encontrada em textos especializados escritos originalmente produzidos em português brasileiro e se caracterizando enquanto uma neologia especializada. Para “nave”, a nota de tradução indica que o conceito designado por sua contraparte em português brasileiro é mais abrangente e chama a atenção para o seu uso de modo a evitar eventuais imprecisões terminológicas, conforme o caso, bem como apresenta outras possibilidades de tradução levando em consideração o uso pragmático das outras formas.

#### 4.3.13 Notas enciclopédicas

Marcado pela indicação “**NOTAS ENCICLOPÉDICAS:**”, este recurso apresenta informações complementares ao termo-entrada em língua fonte (vide subseção 4.3.1), que expandem o conhecimento da área de especialidade. Essas notas incluem, por exemplo, informações sobre a simbologia cristã a qual o termo está associado e ao contexto histórico-cultural em qual o termo está inserido. Além disso, essas notas podem incluir informações sobre as relações partitivas (vide subseção 4.2.3) e associativas (vide subseção 4.2.4).

Apesar de se referir ao termo em língua inglesa, a metalinguagem utilizada nessa indicação terminográfica é o português brasileiro por esta ser a língua materna do seu público-alvo pretendido. De igual modo, outros termos utilizados na indicação também são textualizados nessa língua, porém, como assinalado anteriormente (vide subseção 4.2), são seguidos de sua respectiva contraparte em língua fonte e do termo-entrada a ser consultado entre parênteses, evidenciando algumas das possíveis relações semântico-conceituais mantidas entre os termos em questão. No Quadro 32, apresento alguns exemplos dessa proposta.

Quadro 32 – Propostas de notas enciclopédicas

<i><b>Termo-entrada</b></i>	<i><b>Proposta de nota enciclopédica</b></i>
column	As colunas seguem a composição clássica grega que inclui, obrigatoriamente, o fuste (SHAFT) e o capitel (CAPITAL) e, por vezes, a base (BASE) e o ábaco (ABACUS).
gargoyle	É comum encontrar diversas gárgulas dispostas estrategicamente no parapeito de um edifício, uma vez que ajudavam a minimizar os efeitos causados por chuvas fortes ou tempestades. Em termos simbólicos, as gárgulas representam a tentação incessante do demônio, exigindo a vigilância constante de todos.
lierne	Os liernes não partem de nenhum dos arranques (SPRINGER) da abóbada (VAULT) ou se conectam com rosão (BOSS) central, diferentemente dos terciarões (TIERCERON).

Fonte: dados da pesquisa.

Como pode ser visto no Quadro 32, a proposta de nota enciclopédica para “column” apresenta informações sobre sua tradição de construção histórica e seus componentes, evidenciando seu caráter de holônimo e seus termos merônimos (vide subseção 4.2.3). Para o termo “gargoyle”, a nota inclui informações sobre seu uso arquitetônico tradicional, bem como sua simbologia dentro da fé cristã. Quanto à nota para “lierne”, apresento informações complementares sobre sua extensão conceitual, diferindo mais precisamente de outro termo do glossário que poderia causar confusão terminológica (neste caso, o “tierceron”).

#### 4.3.14 Remissivas

Como explicado anteriormente (vide subseção 4.2), incorporei o sistema de remissivas em sua maior parte de forma diluída aos outros elementos microestruturais, exceto às relações de hiponímia. Neste campo, utilizo a indicação “**VER TAMBÉM:**” acompanhada dos respectivos termos hipônimos, como descrito anteriormente (vide subseção 4.2.2).

Dito isto, encerro as considerações sobre a proposta microestrutural propriamente dita e apresento a seguir alguns exemplos de verbetes completos. A edição final pode ser encontrada no apêndice A.

#### 4.3.15 Exemplos de verbetes

*Exemplo de verbete com apenas uma indicação de equivalente/correspondente*

**pinnacle** *n.* small termination in the shape of a pyramid or a cone over the extremities of a CHURCH, such as a SPIRE or a BUTTRESS, for ornamentation. ① **pináculo** *s.m.* (pl. pináculos) “*Além disso, os pináculos ecoavam a forma das torres e as estátuas de anjos, o que aponta novamente para a imaginação incomum com que o arquiteto de Reims transformou o modelo original*” (CEB.048). **NOTAS ENCICLOPÉDICAS:** Nas catedrais góticas, os pináculos são frequentemente adornados com cogulhos (CROCKET).



*Pináculo na Catedral de Notre Dame de Paris (França)*

*Exemplo de verbete com mais de uma indicação de equivalente/correspondente*

**ribbed vault** (*also* RIB VAULT, GOTHIC VAULT) *n.* VAULT set within a framework of intersecting arched stone members. ① **abóbada de nervuras** *s.f.* (**pl.** abóbadas de nervuras) “No estilo gótico, é marcante a **abóbada de nervuras**, formada pelo encontro de arcos ogivais” (CEB.013). ② **abóbada nervurada** *s.f.* (**pl.** abóbada nervurada) “Três elementos de destaque do gótico são: arco ogival, pedra e **abóbada nervurada**” (CEB.019). ③ **abóbada gótica** *s.f.* (**pl.** abóbadas góticas) “Na **abóbada gótica** existe a transmissão localizada de cargas, o que permite paredes bem delgadas [...]” (CEB.071).



*Abóbada de nervuras na Basílica Real de Saint Denis (França)*

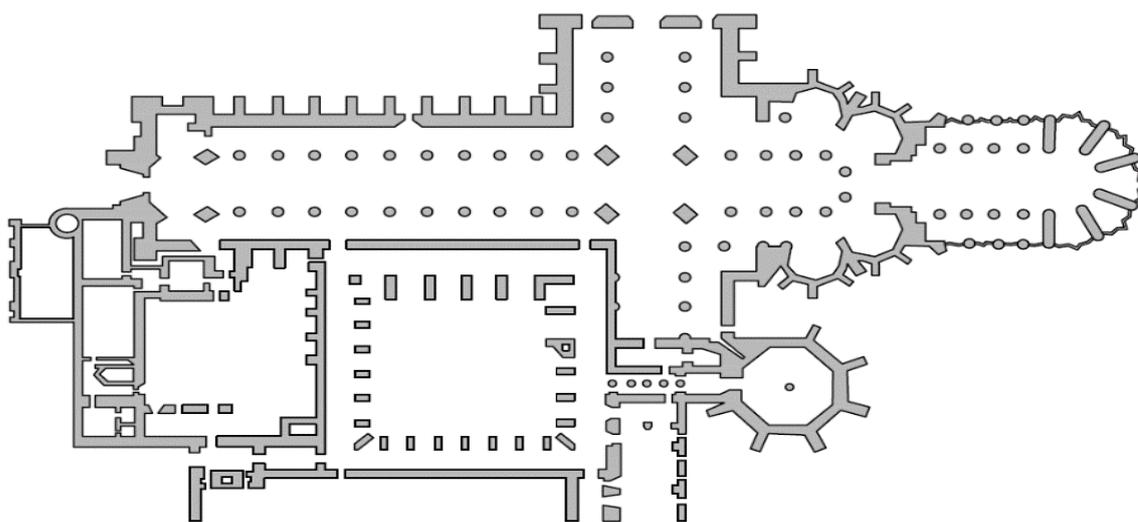
**NOTA DE TRADUÇÃO:** Em português brasileiro, “abóbada de nervuras” e “abóbada nervurada” são as duas formas mais frequentemente utilizadas em textos especializados da área em comunicações entre especialistas e semiespecialistas. Já “abóbada gótica” é normalmente utilizada em contraste com outros tipos de abóbadas de outros estilos arquitetônicos e utilizada em textos menos especializados. Outras possibilidades de tradução incluem: “abóbada ogival”, “abóbada de cruzaria”, “abóbada de arcos cruzados”, bem como todas as possibilidades com a variante denominativa “abóboda”. **NOTAS**

**ENCICLOPÉDICAS:** As abóbadas de nervuras são uma das principais características da arquitetura gótica. Arquitetonicamente, elas permitiram verticalizar as igrejas deste período. Elas podem ser compostas por diferentes tipos de nervura (RIB), conforme o caso, e tradicionalmente apresentam rosões (BOSS) na interseção dessas nervuras. **VER TAMBÉM:** QUADRIPARTITE VAULT, SEXPARTITE VAULT, STAR VAULT.

*Exemplo de verbete de termo-entrada polissêmico*

**abbey**

- ① *n.* group of buildings occupied by a community of monks or nuns supervised by an abbot or abbess. ① **abadia** *s.f.* (**pl.** abadias) “[O Abade Suger] *descreveu cada domínio da **abadia**, de acordo com sua memória, como também as transações financeiras de compra e venda de terras, de taxas e de impostos cobrados*” (CEB.049).



*Planta baixa de uma abadia*

② (also ABBEY CHURCH) *n.* CHURCH belonging to the abovementioned community or formerly occupied by them.

① **abadia** *s.f.* (pl. abadias) “*Em dias de festa, a **abadia** ficava tão cheia que não era possível nem entrar ou sair. Alguns tinham dificuldade de respirar devido à enorme multidão no interior da igreja*” (CEB.049).

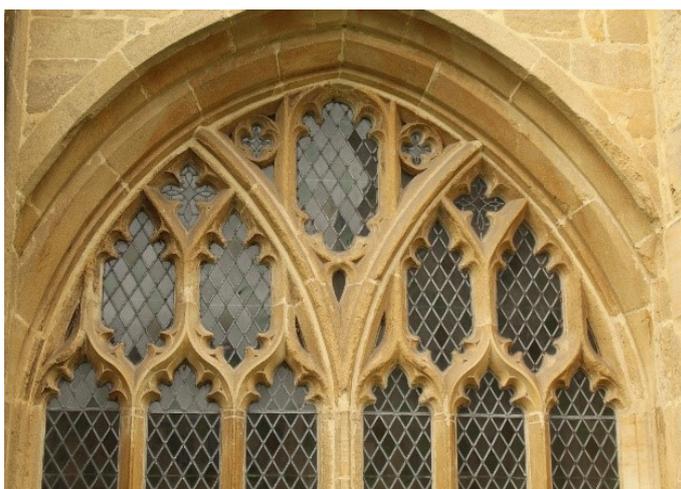
② **igreja abacial** *s.f.* (pl. igrejas abaciais) “*Considera-se que a **igreja abacial** de Saint-Denis, construída pelo Abade Suger, localizada nas proximidades da cidade de Pans, é o edifício ‘fundador’ do estilo gótico*” (CEB.055).



*Abadia de Westminster (Reino Unido)*

*Exemplo de verbete com indicação de solução tradutória*

**bar tracery** *n.* TRACERY composed of delicate intersecting shapes in the upper part of a window.



*Traçado em barra na Catedral de Wells (Reino Unido)*

① **traçado em barra** *s.m.* (pl. traçados em barra) “*O traçado em placa foi substituído pelo traçado em barra [...]*” (CEA.001). **NOTAS DE**

**TRADUÇÃO:** “traçado em barra” é uma solução tradutória documentada em repertórios terminológicos traduzidos para o português brasileiro. **NOTAS ENCICLOPÉDICAS:** O traçado em barra representa uma evolução do

traçado em placa (PLATE TRACERY) e surgiu na primeira metade do século XIII em Reims (França) e foi bastante utilizado na arquitetura gótica inglesa. **VER TAMBÉM:**

PERPENDICULAR TRACERY.

Tendo apresentando a proposta de organização interna das informações terminológicas coletadas para melhor satisfazer às necessidades terminológicas dos tradutores de textos especializados da arquitetura gótica, parto, por fim, para as considerações finais desta pesquisa.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente pesquisa, discorri sobre a elaboração de um vocabulário bilíngue da arquitetura gótica visando atender às necessidades terminológicas de tradutores profissionais durante a tradução de textos especializados escritos da referida área do inglês britânico para o português brasileiro, apresentando ainda tal repertório terminológico como produto final.

De modo a conduzir este estudo nesse sentido, realizei as seguintes perguntas de pesquisa: (i) quais são possíveis as necessidades terminológicas lexicograficamente relevantes de tradutores de textos especializados escritos da arquitetura gótica na direcionalidade inglês-português?; (ii) quais são as principais unidades terminológicas efetivamente utilizadas em textos especializados escritos da arquitetura gótica em inglês britânico e quais seus respectivos equivalentes e/ou correspondentes terminológicos em português brasileiro?; e (iii) quais soluções terminográficas são necessárias para atender as necessidades terminológicas deste público-alvo e como organizá-las em termos macro, médio e microestruturais?

Para responder a primeira pergunta de pesquisa, realizei uma análise dedutiva minuciosa de todo o processo tradutório e pude determinar um conjunto de nove possíveis necessidades terminológicas lexicograficamente relevantes do tradutor de textos especializados da arquitetura gótica (vide subseção 3.1). Essas necessidades podem representar as demandas mais recorrentes durante o processo tradutório na direcionalidade inglês-português e que podem ser atendidas por meio de consulta a uma obra lexicográfica.

Essas necessidades contemplam as especificidades atreladas à área de especialidade em questão, tais como conhecer o significado de uma unidade terminológica por meio de uma representação gráfica e conhecer as informações enciclopédicas relevantes para a compreensão do contexto histórico-cultural relacionadas a um determinado termo, as quais podem ajudar o tradutor durante o processo tradutório. Conhecer tais necessidades permite gerar produtos ajustados a essa realidade profissional e prover soluções terminográficas que possam saná-las adequadamente.

Para responder a segunda pergunta, compilei um corpus de estudo formado a partir de textos especializados da arquitetura gótica em situações comunicativas especializadas reais em inglês britânico e português brasileiro (vide subseção 3.3) e, a partir dele, extrai um conjunto amostral das unidades terminológicas efetivamente utilizadas em textos especializados da referida área em inglês britânico, composto por um montante de 104 termos

(vide subseção 4.1.1), e seus respectivos equivalentes e/ou correspondentes em português brasileiro. Como assinalado anteriormente, esse recorte terminológico não teve a pretensão de contemplar a terminologia da arquitetura gótica em sua totalidade, mas apenas uma parcela representativa dessa realidade terminológica com a qual o tradutor idealmente poderia se deparar com maior frequência durante a tradução de textos especializados escritos da arquitetura gótica.

Como já antecipado (vide subseção 2.2.4), nem sempre foi possível encontrar um equivalente e/ou correspondente terminológico em português brasileiro utilizado efetivamente por especialistas, gerando conseqüentemente lacunas terminológicas. Para tais casos, coletei soluções tradutórias propostas por outros tradutores ou termos encontrados em outros repertórios terminológicos e lexicográficos na tentativa de atender às necessidades do tradutor dessa área de especialidade, muito embora a TCT preconiza que as unidades terminológicas sejam observadas em seus contextos reais de uso. Dessa forma, reconheço que as soluções apresentadas podem não ser as mais adequadas para todos os contextos, porém podem ser úteis de acordo com as necessidades específicas de cada projeto de tradução, cabendo ao tradutor a decisão final de uso.

Quanto à terceira e última pergunta de pesquisa, propus um conjunto de soluções terminográficas em conformidade com as necessidades terminológicas do tradutor identificadas previamente e realizei uma proposta de organização interna do vocabulário em termos macro, médio e microestruturais também buscando melhor atender a essas mesmas necessidades. Em termos macroestruturais, organizei as entradas em ordem alfabética contínua partindo da terminologia da arquitetura gótica em inglês britânico e apresentei outros elementos complementares ao corpo do repertório propriamente dito, tais como uma lista de abreviaturas e um índice remissivo dos equivalentes e/ou correspondentes em português brasileiro. Em termos medioestruturais, busquei representar os principais tipos de relação semântico-conceituais mantidos entre os termos componentes do conjunto terminológico, tais como as relações genéricas, partitivas e associativas, por indicações remissivas inseridas nos elementos microestruturais, tais como na definição e nas notas enciclopédicas.

Em termos microestruturais, propus um modelo contendo soluções terminográficas conforme as necessidades percebidas em cada etapa do processo tradutório, desde a análise do texto fonte à produção do texto alvo. Como as necessidades terminológicas para cada língua diferiram entre si por conta do caráter monodirecional do processo tradutório aqui concebido,

o modelo microestrutural proposto demonstra igualmente uma estrutura assimétrica no que tange ao tipo de informação inserida para cada língua.

Conforme previsto (vide subseção 1.2), a elaboração de um vocabulário terminológico bilíngue (inglês-português) para tradutores de textos especializados escritos da arquitetura gótica envolveu tomadas de decisões desde a concepção do projeto terminográfico, pautadas pelas necessidades terminológicas desse público-alvo percebidas ao longo de todo o processo tradutório. Essas decisões perpassaram desde a escolha do corpus até a organização final do repertório para atender sua função lexicográfica. Nesse sentido, a noção de função lexicográfica e do método dedutivo da TFL se relevaram especialmente pertinentes, corroborando esta premissa e fornecendo uma abordagem metodológica condizente com a finalidade pretendida.

Levando em consideração ainda a natureza da atividade profissional do tradutor de textos especializados da arquitetura gótica, fiz uso de uma perspectiva teórica ampla, tanto no âmbito tradutológico quanto terminológico, de modo a abordar e descrever o processo tradutório e o conjunto terminológico inventariado desde a realidade terminológica em situações comunicativas especializadas. Por um lado, o paradigma teórico “funcionalismo + lealdade” ofereceu um modelo circular do processo tradutório alinhado à realidade profissional do tradutor, bem como ofereceu uma base de análise funcional desse processo, que reconhece o caráter pragmático da ação tradutória.

A TCT, por outro lado, se mostrou uma base teórico-metodológica apropriada para a elaboração de um repertório terminológico destinado a tradutores. Seus princípios teóricos incidiram, por exemplo, na elaboração da proposta microestrutural ao contemplar a polissemia, as variantes denominativas e o caráter pragmático das unidades terminológicas em situações comunicativas especializadas inerentes à realidade profissional do tradutor. Além disso, o trabalho terminográfico no cerne dessa teoria parte do princípio da adequação, proporcionando uma maleabilidade à pesquisa terminológica de acordo com os objetivos estipulados.

Como produto final, confeccionei um vocabulário bilíngue contendo um conjunto de 104 termos representativos da terminologia da arquitetura gótica (juntamente com suas variantes denominativas) em inglês britânico, acompanhados de suas respectivas informações gramaticais, variantes denominativas, definições, equivalentes e/ou correspondentes em português brasileiro e respectivas informações, notas de tradução, notas enciclopédicas e

remissivas. Essa proposta, como mencionado nos parágrafos anteriores, apresenta soluções terminográficas em conformidade com as necessidades observadas em cada língua de trabalho, demonstrando uma estrutura assimétrica no que tange ao tipo de informação que apresenta.

De maneira geral, acredito ter contribuído para a discussão sobre a elaboração de repertórios terminológicos para tradutores, mais especificamente para a tradução de textos especializados da arquitetura gótica do inglês britânico para o português brasileiro, além de fornecer uma proposta de vocabulário da referida área até então inexistente. No entanto, como qualquer outro trabalho acadêmico, este estudo também esteve condicionado às suas próprias limitações e, portanto, espero que esta pesquisa possa ser retomada e ampliada posteriormente.

Enquanto propostas de aperfeiçoamento do presente estudo, posso mencionar, portanto, inúmeras possibilidades, considerando que o vocabulário aqui proposto diz respeito a um projeto piloto e que o conjunto terminológico abordado neste repertório é bastante restrito tanto em termos quantitativos (em extensão terminológica) quanto qualitativos (incluindo apenas unidades terminológicas nominais). Muito embora um conjunto terminológico reduzido possibilite ilustrar a elaboração de um vocabulário direcionado ao tradutor, a pesquisa claramente não abrange toda a realidade terminológica utilizada e demandada no âmbito da arquitetura gótica. Dessa forma, seria importante realizar um estudo mais abrangente nesse tocante incluindo os demais termos que podem ser utilizados dentro deste âmbito. Nos parâmetros estabelecidos para esta pesquisa, isto pode ser realizado por meio da expansão do corpus de estudo e da ampliação dos critérios de seleção terminológica.

Por exemplo, é possível expandir o escopo do corpus de estudo para incluir outros textos especializados da arquitetura gótica, tanto em inglês britânico quanto em português brasileiro, de modo a cobrir uma maior quantidade de unidades terminológicas dessa área de especialidade, bem como observar outros contextos de uso desses termos e ampliar as condições pragmáticas repertoriadas neste trabalho. Além disso, seria possível incluir textos de outras variantes linguísticas do inglês não abordadas nesta pesquisa, mais notadamente a americana e a irlandesa para o reconhecimento de possíveis variantes denominativas motivadas por questões geográficas e/ou culturais, bem como ampliar o recorte temporal dos textos especializados propiciando uma análise evolutiva das unidades terminológicas dessa área ou encontrar formas de uso marcadas pelo tempo.

Considerando, ainda, que o vocabulário aqui apresentado foi concebido levando somente em consideração as unidades terminológicas nominais, outra sugestão de

aprimoramento e refinamento seria repensar esta proposta a partir da inclusão de outros tipos de unidades terminológicas (por exemplo, adjetivas e verbais), outras unidades de significação especializada (tais como as unidades fraseológicas especializadas e as combinações recorrentes) ou mesmo topônimos (por exemplo, “Canterbury Cathedral”), que possam ser de interesse para o tradutor desse tipo de texto. Por exemplo, “openwork” é uma unidade terminológica adjetiva que demandaria outro tipo de definição ademais da definição por compreensão, utilizada consistentemente neste trabalho, e que poderia ser traduzida por “vazado(a)” que apresenta flexão de gênero, característica que nenhum dos termos aqui repertoriado apresentou. A inclusão dessas novas unidades certamente seria uma medida que contribuiria para a ampliação da proposta atual.

Outra proposta que percebo como pertinente é rever o vocabulário para incorporar a tradução na direcionalidade inversa (ou seja, do português brasileiro para o inglês britânico). Como percebido, a monodirecionalidade da tradução implicou diretamente no escopo do conjunto terminológico abordado nesta pesquisa e seria interesse uma abordagem da terminologia utilizada em português brasileiro, ampliando consideravelmente o alcance deste estudo e complementando o trabalho do tradutor de textos especializados da arquitetura gótica.

Por fim, uma sugestão para futuras pesquisas seria repensar o vocabulário aqui apresentado a partir da interação do português brasileiro com outras línguas que possuem uma prolífera produção acadêmica com relação à arquitetura gótica, tais como o francês, o espanhol e o alemão. Dessa forma, seria possível produzir uma proposta de repertório em consonância com suas respectivas realidades linguístico-culturais, bem como elaborar outros repertórios terminológicos que possam contribuir com o ofício de tradutores de textos especializados da arquitetura gótica nos pares linguísticos francês-português, espanhol-português e alemão-português.

## REFERÊNCIAS

ADNE, E.; LEMOS, S. *Arte gótica*. São Paulo: Callis, 2013.

ALBERNAZ, M. P.; LIMA, C. M. *Dicionário ilustrado de arquitetura: volume 1 – A a I*. São Paulo: ProEditoras, 1998a.

ALBERNAZ, M. P.; LIMA, C. M. *Dicionário ilustrado de arquitetura: volume 2 – J a Z*. São Paulo: ProEditoras, 1998b.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *ABNT NBR 6023: informação e documentação: referências: elaboração*. 2ª ed. Rio de Janeiro: ABNT, 2018.

AUBERT, F. H. *Introdução à metodologia da pesquisa terminológica bilíngue*. São Paulo: Humanitas, 1996.

AZEVEDO, D. N. V. *A terminologia aduaneira para viajantes: proposta de glossário monolíngue com equivalências*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

BARROS, L. A. *Curso básico de terminologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004.

BATTISTONI FILHO, D. *Pequena história da arte*. 18ª ed. Campinas: Papyrus, 2009.

BEVILACQUA, C. R.; FINATTO, M. J. B. Lexicografia e terminografia: alguns contrapontos fundamentais. São Paulo: *Alfa*, 50 (2), 2006, p. 43-54.

BOUTIN-QUESNEL, R. et al. *Vocabulaire systématique de la terminologie*. Québec: Publications du Québec, 1985.

BOWKER, L.; PEARSON, J. *Working with specialized language: a practical guide to using corpora*. New York: Routledge, 2003.

BÜHLER, K. *Theory of language: the representational function of language*. Trad. Donald Fraser Goodwin. Philadelphia: John Benjamins, 1990/1965.

CABRÉ, M. T. Importancia de la terminología en la fijación de la lengua. *Revista internacional de língua portuguesa*. Lisboa: Editorial Notícias, n. 15, jul. 1996, p 9-24.

CABRÉ, M. T. *La terminología: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 1999.

CABRÉ, M. T. *La terminología: teoría, metodología, aplicaciones*. Trad. Carles Tebé. Barcelona: Antàrdia/Empúries, 1993.

CABRÉ, M. T. Theories of Terminology. *In: Terminology* 9:2, 2003, p. 163-199.

CABRÉ, M. T.; DOMÈNECH, O.; ESTOPÀ, R. *La terminología avui: termes textos i aplicacions*. Barcelona: UOC, 2018.

CABRÉ, M. T. et al. És la terminologia um simple instrument d'ajuda a la traducció? In: CHABÁS, J.; CASES, M.; GASER, R. *Proceedings: Fisrt International Conference on Specialized Translation*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 2000, p. 167-170.

CABRÉ, M. T. et al. Les necessitats terminològiques del traductor científic. In: CHABÁS, J.; GASER, R.; REY, J. *Translating science. Proceedings of the 2nd International Conference on Specialized Translation*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 2002, p. 165-174.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. *Metodologia científica*. 6ª ed. São Paulo: Pearson, 2012.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dictionnaire des symboles*. 15ª ed. Paris: Robert Laffont/Jupiter, 1990.

CORBEIL, J. C.; ARCHAMBAULT, A. *Dicionário visual SBS português-inglês-espanhol*. São Paulo: SBS, 2007.

CORNEA, I. *Unidades de conocimiento especializado para la traducción jurídica: identificación y propuesta de representación de la equivalencia del derecho de extranjería en un diccionario bilingüe español-rumano*. Tese (Doctorat en Lingüística Aplicada). Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 2015.

CRUSE, D. A. *Lexical semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

CRUSE, D. A. *Meaning in language: an introduction to semantics and pragmatics*. New York: Oxford University Press, 2000.

DAVIES, N.; JOKINIEMI, E. *Dictionary of architecture and building construction*. Oxford: Routledge, 2008.

DUBUC, R. *Manuel pratique de terminologie*. Québec: Linguatéc, 1985.

DURAN, M. S.; XATARA, C. M. Critérios de categorização de dicionários bilingue. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Vol. 3. Campo Grande: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2006.

DURÃO, A. B. A. B (coord.). *Dicionário de falsos amigos português-espanhol: volume 1 – A a D*. Florianópolis: Insular, 2014.

EDO, N. Lexicografia especializada y lenguajes de especialidad: fundamentos teóricos y metodológicos para la elaboración de diccionarios especializados. In: *Lingüística*, vol. 27, 2012, p. 98-135. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3956558>. Acesso em 10 nov. 2018.

ESTOPÀ, R. *Extracció de terminologia: elements per la construcció d'un SEACUSE (sistema d'extracció automàtica de candidats a unitats de significació especialitzada)*. Tese (Doctorat en Lingüística Aplicada). Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 1999.

ESTOPÀ, R. Les unités de signification spécialisées: élargissant l'objet du travail terminologie. *In: Terminology* 7:2, 2001, p. 217-237.

ESTOPÀ, R. La neologia especialitzada, repte constant per al mediador lingüístic. *In: COROMINA, E.; MESTRES, J. M. (org.). Aspectes de terminologia, neologia i traducció*. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans, 2010, p. 15-39.

FAZIO, M.; MOFFET, M.; WODEHOUSE, L. *Buildings across time: an introduction to world architecture*. 5<sup>th</sup> ed. New York: McGraw Hill, 2019.

FELBER, H. *Manuel de terminologie*. Paris: UNESCO-INFOTERM, 1987.

FELIU, J. *Relations conceptuels i terminologia: anàlisi i proposta de detecció semiautomàtica*. Tese (Doctorat en Lingüística Aplicada). Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 2004.

FERNANDES, L. Corpora in translation studies: revisiting Baker's typology. *In: Fragmentos*, n.º 30, p. 87-95, Florianópolis, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/viewFile/8217/7690>. Acesso em 25 jun. 2017.

FIALHO, C. N. Desconstruindo dificuldades terminológicas na tradução de um texto técnico-científico: a arquitetura gótica entre o francês e o português. *In: Cadernos do IL*, n. 31, UFRGS, dez. 2005, p. 79-93.

FLEMING, J.; HONOUR, H.; PEVSNER, N. *Dicionário enciclopédico da arquitetura*. Trad. Carlos Kroauner. Rio de Janeiro: Artenova, 1977.

FLEMING, J.; HONOUR, H.; PEVSNER, N. *The Penguin dictionary of architecture and landscape architecture*. 4<sup>a</sup> ed. London: Penguin, 1991.

FRANCO, J. La traducción científico-técnica: aportaciones desde los estudios de traducción. *In: Letras*, vol. 1, n.º 53, 2013, p. 37-60.

FREE OCR. Disponível em: <http://www.free-ocr.com>. Acesso de 20 dez. 2016 a 20 mar. 2017.

FREIXA, J. Causes of denominative variation in terminology: a typology proposal. *In: Terminology* 12:1, 2006, p. 51-77.

FREIXA, J. *La variació terminològica: anàlisi de la variació denominativa en textos de diferent grau d'especialització de l'àrea de medi ambient*. Tese (Doctorat en Lingüística Aplicada). Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 2002.

- FREIXA, J. Variación terminológica: ¿por qué y para qué? *In: Meta*, 50(4), 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.7202/019917ar>. Acesso em 18 dez. 2018.
- FROMM, G. *VoTec: a construção de vocabulários eletrônicos para aprendizes de tradução*. Tese (Doctorat en Lingüística Aplicada). Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 2002. Tese (Doutorado em Letras). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-08072008-150855/publico/TESE\\_GUILHERME\\_FROMM.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-08072008-150855/publico/TESE_GUILHERME_FROMM.pdf). Acesso em 27 jun. 2017.
- FUERTES, P. A.; TARP, S. *Theory and practice of specialized online dictionaries: lexicography versus terminography*. Berlin: De Gruyter, 2014.
- GAMERO, S. *La traducción de textos técnicos: descripción y análisis de textos (alemán-español)*. Barcelona: Ariel, 2001.
- GENTZLER, E. *Teorias contemporâneas da tradução*. Trad. Marcos Malvezzi. São Paulo: Madras, 2009.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOMBRICH, E. H. *A história da arte*. Trad. Álvaro Cabral. 16ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2013.
- GÓMEZ, A.; VARGAS, C. Aspectos metodológicos para la elaboración de diccionarios especializados bilingües destinados al traductor. *In: GONZÁLEZ, L.; HERNÚÑEZ, P. (org.). Las palabras del traductor*. Bruselas: ESLEtRA, 2004, p. 365-398.
- GOUADEC, D. *Translation as a profession*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2010.
- HAENSCH, G.; OMEÑACA, C. *Los diccionarios del español en el siglo XXI*. 2.ª ed. Salamanca: Universidad de Salamanca, 2004.
- HENDRIX, J. S. *The splendour of British Gothic*. London: Parkstone International, 2012.
- HOLMES, J. S. The name and nature of Translation Studies. *In: Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies*. Amsterdam: Rodopi, 1988/1972.
- HUNTSMAN, P. *Thinking about art*. Oxford: Wiley Blackwell, 2016.
- HURTADO, A. *Traducción y traductología: introducción a la traductología*. 5ª ed. Madrid: Cátedra, 2011.
- INTERNATIONAL STANDARD ORGANIZATION. *Terminology work – vocabulary – part 1: theory and application*. Genebra, ISO, 2000 (ISO 1087-1).
- INTERNATIONAL STANDARD ORGANIZATION. *Translation-oriented terminography*. Genebra, ISO, 2002 (ISO 12616).

IULATERM. *Estació Terminus* ® (versão 2.0) [programa de computador]. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 2018a. Disponível em: <http://terminus.iula.upf.edu/cgi-bin/terminus2.0/terminus.pl>. Acesso entre 04 set. 2018 a 28 jun. 2019.

IULATERM. *Breves instrucciones para utilizar Terminus 2.0*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 2018b. Disponível em: [http://terminus.iula.upf.edu/terminus2.0/PDF/instruccions\\_terminus2.0\\_Es.pdf](http://terminus.iula.upf.edu/terminus2.0/PDF/instruccions_terminus2.0_Es.pdf). Acesso em 10 set. 2018.

JAKOBSON, R. *Lingüística e comunicação*. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 24ª ed. São Paulo: Cultrix, 2007/1959.

JANSON, H. W.; JANSON, A. F. *Iniciação à história da arte*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. 3.ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

KLEINER, F. S. *Gardner's art through the ages: a concise western history*. 3ª ed. Boston: Wadsworth, 2014.

KRIEGER, M. G.; FINATTO, M. J. B. *Introdução à terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

LÉRAT, P. *Las lenguas especializadas*. Trad. Alberto Ribas. Barcelona: Ariel, 1997.

L'HOMME, M. C.; VANDAELE, S. (org.) *Lexicographie et Terminologie: compatibilité des modèles et des méthodes*. Ottawa: Les Presses de l'Université d'Ottawa, 2007.

LORENTE, M. Les unitats lèxiques verbals dels textos especialitzats: redefinició d'una proposta de classificació. In: LORENTE, M et al. (ed.). *Estudis de lingüística i de lingüística aplicada en honor de M. Teresa Cabré Castellví*. Vol. 2. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 2007, p. 365-380.

LORENTE, M. Teoría e innovación en terminografía: la definición terminográfica. In: CABRÉ, M. T.; FELIU, J. (org.). *La terminología científico-técnica: reconocimiento, análisis y extracción de información formal y semántica*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 2001, p. 81-112.

LUŠICKY, V.; WISSIK, T. *Procedural manual on terminology: translation-oriented terminology work*. 2015. Disponível em: [http://www.sep.gov.mk/data/file/Preveduvanje/Procedural\\_Manual\\_on\\_Terminology\\_final\\_version.pdf](http://www.sep.gov.mk/data/file/Preveduvanje/Procedural_Manual_on_Terminology_final_version.pdf). Acesso em 06 jun. 2017.

LYONS, J. *Éléments de sémantique*. Paris: Larousse, 1978.

LYONS, J. *Linguistic Semantics: an introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

- MAYORAL, R. Tradução especializada: um conceito que precisa ser revisado. Trad. Wisley Vilela. In: *Tradução em Revista*, n. 21, PUC-Rio, 2016, p. 122-131. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/28106/28106.PDFXXvmi=>. Acesso em 16 out. 2018.
- MCENERY, A. M.; XIAO, R. Z. Parallel and comparable corpora: What are they up to? In: JAMES, G.; ANDERMAN, G. *Incorporating corpora: translation and the linguist*. Clevedon: Multilingual Matters, 2007, p. 1-13. Disponível em: [http://eprints.lancs.ac.uk/59/1/corpora\\_and\\_translation.pdf](http://eprints.lancs.ac.uk/59/1/corpora_and_translation.pdf). Acesso em 05 dez. 2015.
- MCENERY, T.; HARDIE, A. *Corpus linguistics: method, theory and practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- MCENERY, T.; WILSON, A. *Corpus linguistics: an introduction*. 2ª ed. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2001.
- MUNDAY, J. *Introducing translation studies: theories and applications*. 2ª ed. New York: Routledge, 2008.
- NORD, C. *Translating as a purposeful activity: functionalist approaches explained*. 3ª ed. Manchester: St. Jerome, 2007.
- NORD, C. *Texto base-texto meta: un modelo funcional de análisis pretraslativo*. Trad. Christiane Nord. Castelló de la Plana: Universitat Jaume I, 2012.
- PROENÇA, G. *História da arte*. 18ª ed. São Paulo: Ática, 2010.
- REISS, K. *Translation Criticism – the potentials and limitations: categories and criteria for translation quality assessment*. Trad. Erroll F. Rhodes. Manchester: St. Jerome, 2000/1971.
- REISS, K.; VERMEER, H. J. *Towards a general theory of translation action: skopos theory explained*. Trad. Christiane Nord. London: Routledge, 2014/1984.
- SÁNCHEZ, A et al. *CUMBRE: corpus lingüístico del español contemporáneo: fundamentos, metodología y aplicaciones*. Madrid: SGEL, 1995.
- SARDINHA, T. B. *Lingüística de corpus*. Barueri: Manole, 2004.
- SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. Trad. Antônio Chelini. 27ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SIMSON, O. V. *The Gothic cathedral*. 2 ed. New York: Harper, 1962.
- STEVENS, J.; WILSON, S. *The Oxford Dictionary of Architecture*. 3ª ed. Oxford: Oxford University Press, 2015.
- STONES, A. *Glossary of medieval art and architecture*. Disponível em: <http://www.pitt.edu/~medart/menuglossary/INDEX.HTM>. Acesso entre 08 abr. 2017 a 30 jan. 2019.

TAGNIN, S. E. O. Glossário de linguística de corpus. In: VIANA, V; TAGNIN, S. E. O. (org.). *Corpora no ensino de línguas estrangeiras*. São Paulo: HUB Editorial, 2010, p. 357-361. Disponível em: [http://www.hubeditorial.com.br/site/recursos/5\\_glossario/glossario\\_423.pdf](http://www.hubeditorial.com.br/site/recursos/5_glossario/glossario_423.pdf). Acesso em 20 mai. 2017.

TARP, S. Reflexiones sobre el papel y diseño de los diccionarios de traducción especializada. In: *Monti*, n. 6, 2014, p. 63-89. Disponível em: <http://www.e-revistas.uji.es/index.php/monti/article/view/1668/1450>. Acesso em 12 nov. 2018.

TELES, L. B. *Elaboração de um dicionário português-francês de termos de estatutos sociais: contribuição ao trabalho dos tradutores*. São José do Rio Preto: Universidade Estadual Paulista, 2015.

TOGNINI-BONELLI, E. *Corpus linguistics at work: studies in corpus linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

TOMAN, R. *The art of Gothic: architecture, sculpture, painting*. Trad. Christian von Armim et al. Cambridge: Könemann, 2004.

TOURY, G. *Descriptive translation studies and beyond*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

VERMEER, H. J. *Esboço de uma teoria de tradução*. Lisboa: ASA, 1986/1978.

WELKER, H. A. *Dicionários: uma pequena introdução à Lexicografia*. 2ª. ed. Brasília: Thesaurus, 2008.

WIEGAND, H. E. Nachdenken über Wörterbücher: Aktuelle Probleme. In: DROSDOWSKI, G.; HENNE, H.; WIEGAND, H. E. *Nachdenken über Wörterbücher*. Vienna: Bibliographisches Institut, 1977, p. 51-102.

WÜSTER, E. *Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica*. Trad. Anne-Cécile Nokerman. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra: 1998/1979.

## REFERÊNCIAS DO SUBCORPUS EM INGLÊS BRITÂNICO (A)

CÓD.	REFERÊNCIA
CEA.001	HENDRIX, J. S. <i>The splendour of British Gothic architecture</i> . London: Parkstone International, 2012.
CEA.002	THE HISTORY LEARNING SITE. <i>Gothic church architecture</i> . Disponível em: <a href="http://www.historylearningsite.co.uk/medieval-england/gothic-church-architecture/">http://www.historylearningsite.co.uk/medieval-england/gothic-church-architecture/</a> . Acesso em 04 ago. 2016.
CEA.003	BRITAIN EXPRESS. <i>Gothic Architecture in England</i> . Disponível em: <a href="http://www.britainexpress.com/History/Gothic-architecture.htm">http://www.britainexpress.com/History/Gothic-architecture.htm</a> . Acesso em 04 ago. 2016.
CEA.004	BRITISH EXPRESS. <i>Durham Cathedral</i> . Disponível em: <a href="http://www.britainexpress.com/counties/durham/az/durham/cathedral.htm">http://www.britainexpress.com/counties/durham/az/durham/cathedral.htm</a> . Acesso em 04 ago. 2016.
CEA.005	BRITISH EXPRESS. <i>Wells Cathedral</i> . Disponível em: <a href="http://www.britainexpress.com/counties/somerset/churches/wells-cathedral.htm#heritage">http://www.britainexpress.com/counties/somerset/churches/wells-cathedral.htm#heritage</a> . Acesso em 04 ago. 2016.
CEA.006	BRITISH EXPRESS. <i>Ely Cathedral</i> . Disponível em: <a href="http://www.britainexpress.com/counties/cambridgeshire/churches/ely.htm#heritage">http://www.britainexpress.com/counties/cambridgeshire/churches/ely.htm#heritage</a> . Acesso em 04 ago. 2016.
CEA.007	BRITISH EXPRESS. <i>Salisbury Cathedral</i> . Disponível em: <a href="http://www.britainexpress.com/counties/wiltshire/churches/Salisbury-Cathedral.htm">http://www.britainexpress.com/counties/wiltshire/churches/Salisbury-Cathedral.htm</a> . Acesso em 04 ago. 2016.
CEA.008	BRITISH EXPRESS. <i>Exeter Cathedral</i> . Disponível em: <a href="http://www.britainexpress.com/counties/devon/az/exeter/cathedral.htm">http://www.britainexpress.com/counties/devon/az/exeter/cathedral.htm</a> . Acesso em 04 ago. 2016.
CEA.009	BRITISH EXPRESS. <i>King's College Chapel</i> . Disponível em: <a href="http://www.britainexpress.com/counties/cambridgeshire/az/cambridge/kings-college-chapel.htm">http://www.britainexpress.com/counties/cambridgeshire/az/cambridge/kings-college-chapel.htm</a> . Acesso em 04 ago. 2016.
CEA.010	BRITISH EXPRESS. <i>Bath Abbey</i> . Disponível em: <a href="http://www.britainexpress.com/counties/somerset/Bath-Abbey.htm">http://www.britainexpress.com/counties/somerset/Bath-Abbey.htm</a> . Acesso em 04 ago. 2016.
CEA.011	BRITISH EXPRESS. <i>Westminster Abbey origins</i> . Disponível em: <a href="http://www.britainexpress.com/articles/London/Westminster_Abbey_origins.htm">http://www.britainexpress.com/articles/London/Westminster_Abbey_origins.htm</a> . Acesso em 04 ago. 2016.
CEA.012	BRITISH EXPRESS. <i>Westminster Abbey history</i> . Disponível em: <a href="http://www.britainexpress.com/articles/London/London.htm">http://www.britainexpress.com/articles/London/London.htm</a> . Acesso em 04 ago. 2016.
CEA.013	BRITISH EXPRESS. <i>Westminster Abbey virtual tour</i> . Disponível em: <a href="http://www.britainexpress.com/articles/London/Westminster_Abbey_tour.htm">http://www.britainexpress.com/articles/London/Westminster_Abbey_tour.htm</a> . Acesso em 04 ago. 2016.
CEA.014	BRITISH EXPRESS. <i>Westminster Abbey plan</i> . Disponível em: <a href="http://www.britainexpress.com/articles/London/Westminster_Abbey_plan.htm">http://www.britainexpress.com/articles/London/Westminster_Abbey_plan.htm</a> . Acesso em 04 ago. 2016.
CEA.015	BRITISH EXPRESS. <i>Northleach, St Peter and St Paul</i> . Disponível em: <a href="http://www.britainexpress.com/attractions.htm?attraction=1566">http://www.britainexpress.com/attractions.htm?attraction=1566</a> . Acesso em 04 ago. 2016.

CEA.016	THE GUARDIAN. <i>Gothic buildings: pillars of faith</i> . Disponível em: <a href="https://www.theguardian.com/artanddesign/2011/sep/10/gothic-buildings-architecture">https://www.theguardian.com/artanddesign/2011/sep/10/gothic-buildings-architecture</a> . Acesso em 30 ago. 2016.
CEA.017	THE GUARDIAN. <i>Gothic architecture in Britain: examples from the era</i> . Disponível em: <a href="https://www.theguardian.com/artanddesign/2011/sep/10/gothic-architecture-british">https://www.theguardian.com/artanddesign/2011/sep/10/gothic-architecture-british</a> . Acesso em 30 ago. 2016.
CEA.018	THE GUARDIAN. <i>Five of the best lady chapels</i> . Disponível em: <a href="https://www.theguardian.com/artanddesign/2011/sep/10/gothic-architecture-lady-chapels">https://www.theguardian.com/artanddesign/2011/sep/10/gothic-architecture-lady-chapels</a> . Acesso em 30/08/2016.
CEA.019	THE GUARDIAN. <i>Gothic buildings: a spotter's guide</i> . Disponível em: <a href="https://www.theguardian.com/artanddesign/gallery/2011/sep/10/gothic-buildings-spotters-guide">https://www.theguardian.com/artanddesign/gallery/2011/sep/10/gothic-buildings-spotters-guide</a> . Acesso em 30 ago. 2016.
CEA.020	THE GUARDIAN. <i>Saint Chapelle's miracle of light</i> . Disponível em: <a href="https://www.theguardian.com/artanddesign/jonathanjonesblog/2009/mar/11/saint-chapelle-paris-gothic-architecture">https://www.theguardian.com/artanddesign/jonathanjonesblog/2009/mar/11/saint-chapelle-paris-gothic-architecture</a> . Acesso em 30 ago. 2016.
CEA.021	THE GUARDIAN. <i>Gothic Architecture – what's it all about?</i> Disponível em: <a href="http://architecture.about.com/od/earlychristianmedieval/ss/gothic.htm">http://architecture.about.com/od/earlychristianmedieval/ss/gothic.htm</a> . Acesso em 30 ago. 2016.
CEA.022	THE GUARDIAN. <i>What is a buttress? What is a flying buttress?</i> Disponível em: <a href="http://architecture.about.com/od/B-Architecture-Terms/ss/What-is-a-buttress-What-is-a-flying-buttress.htm">http://architecture.about.com/od/B-Architecture-Terms/ss/What-is-a-buttress-What-is-a-flying-buttress.htm</a> . Acesso em 30 ago. 2016.
CEA.023	THE GUARDIAN. <i>The History of Architecture in Photos – 1100-1450: Gothic</i> . Disponível em: <a href="http://architecture.about.com/od/periodsstyles/ss/History-Architecture.htm#step6">http://architecture.about.com/od/periodsstyles/ss/History-Architecture.htm#step6</a> . Acesso em 30 ago. 2016.
CEA.024	THE GUARDIAN. <i>Architecture for our Spirit and Soul – Sacred Buildings – Chartres Cathedral</i> . Disponível em: <a href="http://architecture.about.com/od/greatbuildings/ss/Sacred-Buildings.htm#step5">http://architecture.about.com/od/greatbuildings/ss/Sacred-Buildings.htm#step5</a> . Acesso em 30 ago. 2016.
CEA.025	THE GUARDIAN. <i>Architecture for our Spirit and Soul – Sacred Buildings – Basilique Saint-Denis (Church of St. Denis)</i> . Disponível em: <a href="http://architecture.about.com/od/greatbuildings/ss/Sacred-Buildings.htm#step24">http://architecture.about.com/od/greatbuildings/ss/Sacred-Buildings.htm#step24</a> . Acesso em 30 ago. 2016.
CEA.026	THE GUARDIAN. <i>Architecture for our Spirit and Soul – Sacred Buildings – St. Patrick's Cathedral</i> . Disponível em: <a href="http://architecture.about.com/od/greatbuildings/ss/Sacred-Buildings.htm#step2">http://architecture.about.com/od/greatbuildings/ss/Sacred-Buildings.htm#step2</a> . Acesso em 30 ago. 2016.
CEA.027	ABOUT TRAVEL. <i>Eye-catching details at Notre Dame Cathedral: highlights and facts</i> . Disponível em: <a href="http://goparis.about.com/od/sightsattractions/a/Notre_Dame_Hlts.htm">http://goparis.about.com/od/sightsattractions/a/Notre_Dame_Hlts.htm</a> . Acesso em 30 ago. 2016
CEA.028	ABOUT TRAVEL. <i>Notre Dame Cathedral Profile and visitor information</i> . Disponível em: <a href="http://goparis.about.com/od/sightsattractions/p/Notre_Dame.htm">http://goparis.about.com/od/sightsattractions/p/Notre_Dame.htm</a> . Acesso em 30 ago. 2016.

CEA.029	ABOUT TRAVEL. <i>St. Patrick's Cathedral</i> . Disponível em: <a href="http://goireland.about.com/od/dublincityandcounty/gr/stpatrickscath.htm">http://goireland.about.com/od/dublincityandcounty/gr/stpatrickscath.htm</a> . Acesso em 30 ago. 2016.
CEA.030	DURHAM CATHEDRAL. <i>Architecture</i> . Disponível em: <a href="https://www.durhamcathedral.co.uk/heritage/architecture">https://www.durhamcathedral.co.uk/heritage/architecture</a> . Acesso em 06 set. 2016.
CEA.031	WELLS CATHEDRAL. <i>Plan your visit</i> . Disponível em: <a href="http://www.wellscathedral.org.uk/visit/">http://www.wellscathedral.org.uk/visit/</a> . Acesso em 06 set. 2016.
CEA.032	WELLS CATHEDRAL. <i>Wells Visitor Leaflet</i> . Disponível em: <a href="http://www.wellscathedral.org.uk/wp-content/uploads/2016/03/WELLS_Visitor_Leaflet_2016.pdf">http://www.wellscathedral.org.uk/wp-content/uploads/2016/03/WELLS_Visitor_Leaflet_2016.pdf</a> . Acesso em 06 set. 2016.
CEA.033	WELLS CATHEDRAL. <i>Manson's Marks Trail</i> . Disponível em: <a href="http://www.wellscathedral.org.uk/wp-content/uploads/2015/08/Masons-Marks-Trail-2015-07.pdf">http://www.wellscathedral.org.uk/wp-content/uploads/2015/08/Masons-Marks-Trail-2015-07.pdf</a> . Acesso em 06 set. 2016.
CEA.034	WELLS CATHEDRAL. <i>Glass Trail</i> . Disponível em: <a href="http://www.wellscathedral.org.uk/wp-content/uploads/2015/08/Glass-Trail-2015-04.pdf">http://www.wellscathedral.org.uk/wp-content/uploads/2015/08/Glass-Trail-2015-04.pdf</a> . Acesso em 06 set. 2016.
CEA.035	WELLS CATHEDRAL. <i>The Jesse Window</i> . Disponível em: <a href="http://www.wellscathedral.org.uk/history/heritage-conservation/the-jesse-window-project/">http://www.wellscathedral.org.uk/history/heritage-conservation/the-jesse-window-project/</a> . Acesso em 06 set. 2016.
CEA.036	WELLS CATHEDRAL. <i>Development Project (completed 2009)</i> . Disponível em: <a href="http://www.wellscathedral.org.uk/history/heritage-conservation/development-project/">http://www.wellscathedral.org.uk/history/heritage-conservation/development-project/</a> . Acesso em 06 set. 2016.
CEA.037	WELLS CATHEDRAL. <i>The West Front Restoration</i> . Disponível em: <a href="http://www.wellscathedral.org.uk/history/heritage-conservation/the-west-front-restoration/">http://www.wellscathedral.org.uk/history/heritage-conservation/the-west-front-restoration/</a> . Acesso em 06 set. 2016.
CEA.038	WELLS CATHEDRAL. <i>Chronological History</i> . Disponível em: <a href="http://www.wellscathedral.org.uk/history/timeline/">http://www.wellscathedral.org.uk/history/timeline/</a> . Acesso em 06 set. 2016.
CEA.039	NORTHLEACH. <i>Beginnings</i> . Disponível em: <a href="http://www.northleach.org/history/beginnings/">http://www.northleach.org/history/beginnings/</a> . Acesso em 25 set. 2016.
CEA.040	NORTHLEACH. <i>The fifteenth century</i> . Disponível em: <a href="http://www.northleach.org/history/fifteenth-century/">http://www.northleach.org/history/fifteenth-century/</a> . Acesso em 25 set. 2016.
CEA.041	NORTHLEACH. <i>Later Years</i> . Disponível em: <a href="http://www.northleach.org/history/later-years/">http://www.northleach.org/history/later-years/</a> . Acesso em 25 set. 2016.
CEA.042	WESTMINSTER ABBEY. <i>Architecture</i> . Disponível em: <a href="http://www.westminster-abbey.org/our-history/architecture">http://www.westminster-abbey.org/our-history/architecture</a> . Acesso em 25 set. 2016.
CEA.043	WESTMINSTER ABBEY. <i>Dimensions of Westminster Abbey</i> . Disponível em: <a href="http://www.westminster-abbey.org/_data/assets/pdf_file/0009/86076/ABBEY-Dimensions-for-web-.pdf">http://www.westminster-abbey.org/_data/assets/pdf_file/0009/86076/ABBEY-Dimensions-for-web-.pdf</a> . Acesso em 25 set. 2016.
CEA.044	BATH ABBEY. <i>History</i> . Disponível em: <a href="http://www.bathabbey.org/history">http://www.bathabbey.org/history</a> . Acesso em 25 set. 2016.

CEA.045	KING'S COLLEGE – CAMBRIDGE. <i>History of the Chapel</i> . Disponível em: <a href="http://www.kings.cam.ac.uk/chapel/history.html">http://www.kings.cam.ac.uk/chapel/history.html</a> . Acesso em 25 set. 2016.
CEA.046	KING'S COLLEGE – CAMBRIDGE. <i>Online Tour</i> . Disponível em: <a href="http://www.kings.cam.ac.uk/visit/online-tour.html">http://www.kings.cam.ac.uk/visit/online-tour.html</a> . Acesso em 25 set. 2016.
CEA.047	EXETER CATHEDRAL. <i>Plan Your Visit</i> . Disponível em: <a href="http://www.exeter-cathedral.org.uk/visiting/plan-your-visit.ashx">http://www.exeter-cathedral.org.uk/visiting/plan-your-visit.ashx</a> . Acesso em 25 set. 2016.
CEA.048	SALISBURY CATHEDRAL. <i>Salisbury Cathedral Spire</i> . Disponível em: <a href="http://www.salisburycathedral.org.uk/visit-what-see/salisbury-cathedral-spire">http://www.salisburycathedral.org.uk/visit-what-see/salisbury-cathedral-spire</a> . Acesso em 25 set. 2016.
CEA.049	SALISBURY CATHEDRAL. <i>Carta Magna Exhibition</i> . Disponível em: <a href="http://www.salisburycathedral.org.uk/visit-what-see/magna-carta-exhibition">http://www.salisburycathedral.org.uk/visit-what-see/magna-carta-exhibition</a> . Acesso em 25 set. 2016.
CEA.050	SALISBURY CATHEDRAL. <i>Medieval Clock</i> . Disponível em: <a href="http://www.salisburycathedral.org.uk/visit-what-see/medieval-clock">http://www.salisburycathedral.org.uk/visit-what-see/medieval-clock</a> . Acesso em 25 set. 2016.
CEA.051	SALISBURY CATHEDRAL. <i>Tower Tours</i> . Disponível em: <a href="http://www.salisburycathedral.org.uk/visit/tower-tours">http://www.salisburycathedral.org.uk/visit/tower-tours</a> . Acesso em 25 set. 2016.
CEA.052	SALISBURY CATHEDRAL. <i>A new start – Building the Cathedral</i> . Disponível em: <a href="http://www.salisburycathedral.org.uk/history/new-start-building-cathedral">http://www.salisburycathedral.org.uk/history/new-start-building-cathedral</a> . Acesso em 01 out. 2016.
CEA.053	SALISBURY CATHEDRAL. <i>Adding the Spire</i> . Disponível em: <a href="http://www.salisburycathedral.org.uk/history/adding-spire">http://www.salisburycathedral.org.uk/history/adding-spire</a> . Acesso em 01 out. 2016.
CEA.054	SALISBURY CATHEDRAL. <i>Medieval unrest</i> . Disponível em: <a href="http://www.salisburycathedral.org.uk/history/medieval-unrest">http://www.salisburycathedral.org.uk/history/medieval-unrest</a> . Acesso em 01 out. 2016.
CEA.055	SALISBURY CATHEDRAL. <i>Reformation</i> . Disponível em: <a href="http://www.salisburycathedral.org.uk/history/reformation">http://www.salisburycathedral.org.uk/history/reformation</a> . Acesso em 01 out. 2016.
CEA.056	SALISBURY CATHEDRAL. <i>Civil War and Restoration</i> . Disponível em: <a href="http://www.salisburycathedral.org.uk/history/civil-war-and-restoration">http://www.salisburycathedral.org.uk/history/civil-war-and-restoration</a> . Acesso em 01 out. 2016.
CEA.057	SALISBURY CATHEDRAL. <i>Eighteenth Century repair and Wyatt</i> . Disponível em: <a href="http://www.salisburycathedral.org.uk/history/eighteenth-century-repair-and-wyatt">http://www.salisburycathedral.org.uk/history/eighteenth-century-repair-and-wyatt</a> . Acesso em 01 out. 2016.
CEA.058	SALISBURY CATHEDRAL. <i>Reordering and Gilbert Scott</i> . Disponível em: <a href="http://www.salisburycathedral.org.uk/history/reordering-and-gilbert-scott">http://www.salisburycathedral.org.uk/history/reordering-and-gilbert-scott</a> . Acesso em 01 out. 2016.
CEA.059	SALISBURY CATHEDRAL. <i>Twentieth Century and Major Repair</i> . Disponível em: <a href="http://www.salisburycathedral.org.uk/history/twentieth-century-and-major-repair">http://www.salisburycathedral.org.uk/history/twentieth-century-and-major-repair</a> . Acesso em 01 out. 2016.
CEA.060	ENGLISH HERITAGE. <i>Medieval Part I: Architecture</i> . Disponível em: <a href="http://www.english-heritage.org.uk/learn/story-of-england/medieval-part-1/architecture/">http://www.english-heritage.org.uk/learn/story-of-england/medieval-part-1/architecture/</a> . Acesso em 09 nov. 2016.

CEA.061	ENGLISH HERITAGE. <i>Byland Abbey</i> . Disponível em: <a href="http://www.english-heritage.org.uk/visit/places/byland-abbey/">http://www.english-heritage.org.uk/visit/places/byland-abbey/</a> . Acesso em 09 nov. 2016.
CEA.062	ENGLISH HERITAGE. <i>Roche Abbey</i> . Disponível em: <a href="http://www.english-heritage.org.uk/visit/places/roche-abbey/">http://www.english-heritage.org.uk/visit/places/roche-abbey/</a> . Acesso em 09 nov. 2016.
CEA.063	VICTORIA AND ALBERT MUSEUM. <i>Gothic architecture</i> . Disponível em: <a href="http://www.vam.ac.uk/content/articles/g/gothic-architecture/">http://www.vam.ac.uk/content/articles/g/gothic-architecture/</a> . Acesso em 09 nov. 2016.
CEA.064	ASSOCIATION OF ENGLISH CATHEDRALS. <i>Wells Cathedral</i> . Disponível em: <a href="http://www.englishcathedrals.co.uk/cathedral/wells-cathedral/">http://www.englishcathedrals.co.uk/cathedral/wells-cathedral/</a> . Acesso em 13 nov. 2016.
CEA.065	ASSOCIATION OF ENGLISH CATHEDRALS. <i>Durham Cathedral</i> . Disponível em: <a href="http://www.englishcathedrals.co.uk/cathedral/durham-cathedral/">http://www.englishcathedrals.co.uk/cathedral/durham-cathedral/</a> . Acesso em 13 nov. 2016.
CEA.066	ASSOCIATION OF ENGLISH CATHEDRALS. <i>Ely Cathedral</i> . Disponível em: <a href="http://www.englishcathedrals.co.uk/cathedral/ely-cathedral/">http://www.englishcathedrals.co.uk/cathedral/ely-cathedral/</a> . Acesso em 13 nov. 2016.
CEA.067	ASSOCIATION OF ENGLISH CATHEDRALS. <i>Exeter Cathedral</i> . Disponível em: <a href="http://www.englishcathedrals.co.uk/cathedral/exeter-cathedral/">http://www.englishcathedrals.co.uk/cathedral/exeter-cathedral/</a> . Acesso em 13 nov. 2016.
CEA.068	ASSOCIATION OF ENGLISH CATHEDRALS. <i>Salisbury Cathedral</i> . Disponível em: <a href="http://www.englishcathedrals.co.uk/cathedral/salisbury-cathedral/">http://www.englishcathedrals.co.uk/cathedral/salisbury-cathedral/</a> . Acesso em 13 nov. 2016.
CEA.069	ASSOCIATION OF ENGLISH CATHEDRALS. <i>Westminster Abbey</i> . Disponível em: <a href="http://www.englishcathedrals.co.uk/cathedral/westminster-abbey/">http://www.englishcathedrals.co.uk/cathedral/westminster-abbey/</a> . Acesso em 13 nov. 2016.
CEA.070	UNIVERSITY OF CAMBRIDGE. <i>Charting the rise and the decline of the Gothic Cathedral</i> . Disponível em: <a href="http://www.cam.ac.uk/research/news/charting-the-rise-and-decline-of-the-gothic-cathedral">http://www.cam.ac.uk/research/news/charting-the-rise-and-decline-of-the-gothic-cathedral</a> . Acesso em 13 nov. 2016.
CEA.071	UNIVERSITY OF CAMBRIDGE. <i>"Infinity made imaginable": The glories of English Gothic Architecture</i> . Disponível em: <a href="http://www.pem.cam.ac.uk/international-programmes/pembroke-kings-programme/academics/courses/architecture-the-gothic-experience/">http://www.pem.cam.ac.uk/international-programmes/pembroke-kings-programme/academics/courses/architecture-the-gothic-experience/</a> . Acesso em 13 nov. 2016.
CEA.072	UNIVERSITY OF CAMBRIDGE. <i>Heavenly matters, earthly delights</i> . Disponível em: <a href="http://www.cam.ac.uk/research/features/heavenly-matters-earthly-delights">http://www.cam.ac.uk/research/features/heavenly-matters-earthly-delights</a> . Acesso em 13 nov. 2016.
CEA.073	UNIVERSITY OF CAMBRIDGE. <i>Slade Lectures Lent Term 2012: The Gothic Cathedral: a New Heaven and a New Earth - An Architecture of Reason?</i> . Disponível em: <a href="http://www.hoart.cam.ac.uk/aboutthedept/events/anarchitectureofreason">http://www.hoart.cam.ac.uk/aboutthedept/events/anarchitectureofreason</a> . Acesso em 13 nov. 2016.
CEA.074	BBC. <i>Gothic</i> . Disponível em: <a href="http://www.bbc.co.uk/homes/design/period_gothic.shtml">http://www.bbc.co.uk/homes/design/period_gothic.shtml</a> . Acesso em 13 nov. 2016.

CEA.075	THE GUARDIAN. <i>Laser surgery restores Sainte-Chapelle stained glass window to Gothic glory</i> . Disponível em: <a href="https://www.theguardian.com/world/2015/may/20/sainte-chapelle-paris-stained-glass-window-restoration-completed">https://www.theguardian.com/world/2015/may/20/sainte-chapelle-paris-stained-glass-window-restoration-completed</a> . Acesso em 13 nov. 2016.
CEA.076	THE GUARDIAN. <i>US architecture critic sparks row over Chartres Cathedral restoration</i> . Disponível em: <a href="https://www.theguardian.com/artanddesign/2014/dec/19/us-architect-sparks-row-chartres-cathedral-restoration-paul-calvel">https://www.theguardian.com/artanddesign/2014/dec/19/us-architect-sparks-row-chartres-cathedral-restoration-paul-calvel</a> . Acesso em 13 nov. 2016.
CEA.077	ENCYCLOPEDIA BRITANNICA. <i>Gothic art</i> . Disponível em: <a href="https://www.britannica.com/art/Gothic-art">https://www.britannica.com/art/Gothic-art</a> . Acesso em 18 nov. 2016.
CEA.078	STALLEY, R. <i>Innovation in English Gothic Architecture: risks, impediments, and opportunities</i> . Disponível em: <a href="https://doi.org/10.17658/issn.2058-5462/issue-06/rstalley/002">https://doi.org/10.17658/issn.2058-5462/issue-06/rstalley/002</a> . Acesso em 30 jun. 2017.

Fonte: dados da pesquisa.

## REFERÊNCIAS DO SUBCORPUS EM PORTUGUÊS BRASILEIRO (B)

CÓD.	REFERÊNCIA
CEB.001	PROENÇA, G. <i>História da arte</i> . 18ª ed. São Paulo: Ática, 2010, p. 72-83.
CEB.002	INFOESCOLA. <i>Arquitetura gótica</i> . Disponível em: <a href="http://www.infoescola.com/arquitetura/arquitetura-gotica/">http://www.infoescola.com/arquitetura/arquitetura-gotica/</a> . Acesso em 19 set. 2016.
CEB.003	HISTÓRIA DO MUNDO. <i>Inovação da arquitetura gótica</i> . Disponível em: <a href="http://historiadomundo.uol.com.br/idade-media/inovacao-da-arquitetura-gotica.htm">http://historiadomundo.uol.com.br/idade-media/inovacao-da-arquitetura-gotica.htm</a> . Acesso em 19 set. 2016.
CEB.004	COLA DA WEB. <i>Arquitetura gótica</i> . Disponível em: <a href="http://www.coladaweb.com/artes/arquitetura/arquitetura-gotica">http://www.coladaweb.com/artes/arquitetura/arquitetura-gotica</a> . Acesso em 19 set. 2016.
CEB.005	CARCASSE. <i>Arquitetura gótica</i> . Disponível em: <a href="http://www.carcasse.com/revista/pesadelar/arquitetura_gotica/">http://www.carcasse.com/revista/pesadelar/arquitetura_gotica/</a> . Acesso em 19 set. 2016.
CEB.006	CONCRETO EM CURVA. <i>Arquitetura gótica</i> . Disponível em: <a href="https://concretoemcurva.com/2016/03/30/arquitetura-gotica/">https://concretoemcurva.com/2016/03/30/arquitetura-gotica/</a> . Acesso em 19 set. 2016.
CEB.007	ARQUITETO FALA. <i>Arquitetura gótica... muito mais que vitrais!</i> Disponível em: <a href="http://arquitetofala.blogspot.com.br/2011/12/arquitetura-gotica-muito-mais-do-que.html">http://arquitetofala.blogspot.com.br/2011/12/arquitetura-gotica-muito-mais-do-que.html</a> . Acesso em 17 nov. 2016.
CEB.008	MUNDO ESTRANHO. <i>O que são as gárgulas</i> . Disponível em: <a href="http://mundoestranho.abril.com.br/cultura/o-que-sao-as-gargulas/">http://mundoestranho.abril.com.br/cultura/o-que-sao-as-gargulas/</a> . Acesso em 17 nov. 2016.
CEB.009	HISTÓRIA DAS ARTES. <i>Arte gótica</i> . Disponível em: <a href="http://www.historiadasartes.com/nomundo/arte-medieval/arte-gotica/">http://www.historiadasartes.com/nomundo/arte-medieval/arte-gotica/</a> . Acesso em 17 nov. 2016.
CEB.010	HISTÓRIA DAS ARTES. <i>Arte gótica espanhola</i> . Disponível em: <a href="http://www.historiadasartes.com/nomundo/arte-medieval/arte-gotica/arte-gotica-espanhola/">http://www.historiadasartes.com/nomundo/arte-medieval/arte-gotica/arte-gotica-espanhola/</a> . Acesso em 17 nov. 2016.
CEB.011	CHAVES, R.; GALANTE, C.; SCULTZ, B. S. <i>Notre-Dame e a arte gótica: o contexto político e cultural na arquitetura do século XII</i> . Disponível em: <a href="http://cac-php.unioeste.br/eventos/iisnel/CD_IISnell/pages/simposios/simposio%2007/NOTRE-DAME%20E%20A%20ARTE%20GOTICA%20O%20CONTEXTO%20POLITICO%20E%20CULTURAL%20NA%20ARQUITETURA%20DO%20SEculo%20XII.pdf">http://cac-php.unioeste.br/eventos/iisnel/CD_IISnell/pages/simposios/simposio%2007/NOTRE-DAME%20E%20A%20ARTE%20GOTICA%20O%20CONTEXTO%20POLITICO%20E%20CULTURAL%20NA%20ARQUITETURA%20DO%20SEculo%20XII.pdf</a> . Acesso em 20 nov. 2016.
CEB.012	FREITAS, E. P. <i>O desenvolvimento da arquitetura gótica a partir da Filosofia Escolástica</i> . Disponível em: <a href="http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/nuntius_antiquus/article/view/4857/5037">http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/nuntius_antiquus/article/view/4857/5037</a> . Acesso em 20 nov. 2016.
CEB.013	PROENÇA, G. <i>Descobrimos a história da arte</i> . 2ª ed. São Paulo: Ática, 2011, p. 52-63.
CEB.014	BATTISTONI FILHO, D. <i>Pequena história da arte</i> . 18ª ed. Campinas: Papirus, 2009, p. 54-60.

CEB.015	O GLOBO. <i>Arquitetura: Catedral de Sevilha</i> . Disponível em: <a href="http://noblat.oglobo.globo.com/arte-hoje/noticia/2011/08/arquitetura-catedral-de-sevilha-396900.html">http://noblat.oglobo.globo.com/arte-hoje/noticia/2011/08/arquitetura-catedral-de-sevilha-396900.html</a> . Acesso em 17 dez. 2016.
CEB.016	O GLOBO. <i>Arquitetura – Catedral de Colônia</i> . Disponível em: <a href="http://noblat.oglobo.globo.com/noticias/noticia/2009/04/arquitetura-catedral-de-colonia-179962.html">http://noblat.oglobo.globo.com/noticias/noticia/2009/04/arquitetura-catedral-de-colonia-179962.html</a> . Acesso em 17 dez. 2016.
CEB.017	O GLOBO. <i>Arquitetura – Notre Dame de Paris</i> . Disponível em: <a href="http://noblat.oglobo.globo.com/noticias/noticia/2009/04/arquitetura-notre-dame-de-paris-179122.html">http://noblat.oglobo.globo.com/noticias/noticia/2009/04/arquitetura-notre-dame-de-paris-179122.html</a> . Acesso em 17 dez. 2016.
CEB.018	O GLOBO. <i>Arquitetura – Basílica de Saint-Denis, do Abade Suger</i> . Disponível em: <a href="http://noblat.oglobo.globo.com/noticias/noticia/2008/04/arquitetura-basilica-de-saint-denis-do-abade-suger-98373.html">http://noblat.oglobo.globo.com/noticias/noticia/2008/04/arquitetura-basilica-de-saint-denis-do-abade-suger-98373.html</a> . Acesso em 17 dez. 2016.
CEB.019	ARQUITETURA COM CAFÉ. <i>Arquitetura gótica</i> . Disponível em: <a href="http://arquitetandocomcafe.blogspot.com.br/2015/02/arquitetura-gotica.html">http://arquitetandocomcafe.blogspot.com.br/2015/02/arquitetura-gotica.html</a> . Acesso em 17 dez. 2016.
CEB.020	POZENATO, K.; GAUER, M. <i>Introdução à história da arte</i> . 4ª ed. Caxias do Sul: Maneco, 2009, p. 39-42.
CEB.021	PINTO, T. S. <i>Arte gótica</i> . Disponível em: <a href="http://brasilecola.uol.com.br/historiag/arte-gotica.htm">http://brasilecola.uol.com.br/historiag/arte-gotica.htm</a> . Acesso em 19 dez. 2016.
CEB.022	ESTÉTICA E HISTÓRIA DA ARTE. <i>Arte gótica</i> . Disponível em: <a href="http://esteticaehistoriadarte.blogspot.com.br/2009/07/arte-gotica.html">http://esteticaehistoriadarte.blogspot.com.br/2009/07/arte-gotica.html</a> . Acesso em 21 dez. 2016.
CEB.023	TRAVESSIA POÉTICA. <i>Arte gótica</i> . Disponível em: <a href="http://valiteratura.blogspot.com.br/2011/01/arte-gotica.html">http://valiteratura.blogspot.com.br/2011/01/arte-gotica.html</a> . Acesso em 21 dez. 2016.
CEB.024	BARLACH, B. <i>Estilo Gótico (Arquitetura Gótica) – história, características e tipos</i> . Disponível em: <a href="http://www.fontedosaber.com/artes/estilo-gotico-arquitetura-gotica.html">http://www.fontedosaber.com/artes/estilo-gotico-arquitetura-gotica.html</a> . Acesso em 21 dez. 2016.
CEB.025	COLÉGIO DE ARQUITETOS. <i>O que é ogiva?</i> Disponível em: <a href="http://www.colegiodearquitetos.com.br/dicionario/2009/07/ogiva/">http://www.colegiodearquitetos.com.br/dicionario/2009/07/ogiva/</a> . Acesso em 21 dez. 2016.
CEB.026	CONEXÃO PARIS. <i>Notre Dame: detalhes da sua arquitetura</i> . Disponível em: <a href="https://www.conexaoparis.com.br/2013/09/30/notre-dame-detalhes-da-sua-arquitetura/">https://www.conexaoparis.com.br/2013/09/30/notre-dame-detalhes-da-sua-arquitetura/</a> . Acesso em 21 dez. 2016.
CEB.027	VIAJENTO. <i>Paris – arquitetura, história e arte da Notre-Dame</i> . Disponível em: <a href="https://viajento.com/2016/06/09/paris-arquitetura-historia-e-arte-da-notre-dame/">https://viajento.com/2016/06/09/paris-arquitetura-historia-e-arte-da-notre-dame/</a> . Acesso em 21 dez. 2016.
CEB.028	ABRIL. <i>Catedral de Notre-Dame</i> . Disponível em: <a href="http://viagemeturismo.abril.com.br/atracao/catedral-de-notre-dame/">http://viagemeturismo.abril.com.br/atracao/catedral-de-notre-dame/</a> . Acesso em 21/12/2016.
CEB.029	DICAS E TURISMO. <i>Catedral de Notre-Dame</i> . Disponível em: <a href="http://www.dicaseturismo.com.br/catedral-de-notre-dame/">http://www.dicaseturismo.com.br/catedral-de-notre-dame/</a> . Acesso em 21 dez. 2016.

CEB.030	GUIA VIAJAR. <i>A Catedral de Notre-Dame, em Paris</i> . Disponível em: <a href="http://www.guiaviajar.com.br/pontos-turisticos/catedral-de-notre-dame.html">http://www.guiaviajar.com.br/pontos-turisticos/catedral-de-notre-dame.html</a> . Acesso em 21 dez. 2016.
CEB.031	DICAS PARIS. <i>Catedral de Notre Dame em Paris</i> . Disponível em: <a href="http://www.dicasparis.com.br/2015/03/catedral-de-notre-dame-paris-franca.html">http://www.dicasparis.com.br/2015/03/catedral-de-notre-dame-paris-franca.html</a> . Acesso em 21 dez. 2016.
CEB.032	CASINI, R. M.; BONOTO, P. L. Principais aspectos e apontamentos relativos ao estilo arquitetônico gótico europeu. In: <i>Anais do XII Congresso de Educação do Norte Pioneiro</i> . Jacarezinho: Universidade Estadual do Norte do Paraná, 2012, p. 482-494. Disponível em: <a href="http://www.uenp.edu.br/trabalhos/cj/anais/congressoEducacao2012/Richarly%20moreira%20Casini.pdf">http://www.uenp.edu.br/trabalhos/cj/anais/congressoEducacao2012/Richarly%20moreira%20Casini.pdf</a> . Acesso em 26 dez. 2016.
CEB.033	LINARDI, F. Catedral de Notre-Dame: construção gótica de quase 900 anos abriga 6 mil pessoas. In: <i>Aventuras na História</i> , 2010, p. 16+. Academic One File. Disponível em: <a href="http://go-galegroup.ez46.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?&amp;id=GALE A296836699&amp;v=2.1&amp;u=capes&amp;it=r&amp;p=AONE&amp;sw=w">http://go-galegroup.ez46.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?&amp;id=GALE A296836699&amp;v=2.1&amp;u=capes&amp;it=r&amp;p=AONE&amp;sw=w</a> . Acesso em 28 dez. 2016.
CEB.034	ADNE, E.; LEMOS, S. <i>Arte gótica</i> . São Paulo: Instituto Callis, 2013, p. 10-17; 22-24.
CEB.035	ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. <i>Gótico</i> . Disponível em: <a href="http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3789/gotico">http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3789/gotico</a> . Acesso em 08 fev. 2016.
CEB.036	SOUSA, R., G. <i>O gótico alemão</i> . Disponível em: <a href="http://brasilecola.uol.com.br/historiag/arte-gotica2.htm">http://brasilecola.uol.com.br/historiag/arte-gotica2.htm</a> . Acesso em 08 fev. 2016.
CEB.037	BENUTTI, M. A. <i>A geometria das catedrais góticas e neogóticas</i> . Disponível em: <a href="http://www.lematec.net.br/CDS/GRAPHICA11/PDFs/EPIST/EPIST01.pdf">http://www.lematec.net.br/CDS/GRAPHICA11/PDFs/EPIST/EPIST01.pdf</a> . Acesso em 08 fev. 2017.
CEB.038	ALTMAN, M. <i>Hoje na História: 1144 – No interior da Basílica de Saint Denis, nasce a arquitetura gótica</i> . Disponível em: <a href="http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/22361/hoje+na+historia+1144+-++no+interior+da+basilica+de+saint+denis+nasce+a+arquitetura+gotica.shtml">http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/22361/hoje+na+historia+1144+-++no+interior+da+basilica+de+saint+denis+nasce+a+arquitetura+gotica.shtml</a> . Acesso em 08 fev. 2017.
CEB.039	EDITORA ABRIL. <i>Catedral de Sevilha e La Giralda</i> . Disponível em: <a href="http://viagemeturismo.abril.com.br/atracao/catedral-de-sevilha-e-la-giralda/">http://viagemeturismo.abril.com.br/atracao/catedral-de-sevilha-e-la-giralda/</a> . Acesso em 08 fev. 2017.
CEB.040	EDITORA ABRIL. <i>Catedral de Barcelona</i> . Disponível em: <a href="http://viagemeturismo.abril.com.br/atracao/catedral-de-barcelona/">http://viagemeturismo.abril.com.br/atracao/catedral-de-barcelona/</a> . Acesso em 08 fev. 2017.
CEB.041	EDITORA ABRIL. <i>Catedral de Chartres</i> . Disponível em: <a href="http://viagemeturismo.abril.com.br/atracao/catedral-de-chartres/">http://viagemeturismo.abril.com.br/atracao/catedral-de-chartres/</a> . Acesso em 08 fev. 2017.
CEB.042	EDITORA ABRIL. <i>Duomo</i> . Disponível em: <a href="http://viagemeturismo.abril.com.br/atracao/duomo/">http://viagemeturismo.abril.com.br/atracao/duomo/</a> . Acesso em 08 fev. 2017.

CEB.043	EDITORA ABRIL. <i>Catedral de Glasgow</i> . Disponível em: <a href="http://viagemeturismo.abril.com.br/atracao/catedral-de-glasgow/">http://viagemeturismo.abril.com.br/atracao/catedral-de-glasgow/</a> . Acesso em 08 fev. 2017.
CEB.044	EDITORA ABRIL. <i>Salisbury Cathedral</i> . Disponível em: <a href="http://viagemeturismo.abril.com.br/atracao/salisbury-cathedral/">http://viagemeturismo.abril.com.br/atracao/salisbury-cathedral/</a> . Acesso em 08 fev. 2017.
CEB.045	MARSON, T. C. F.; ALMEIDA, R. J. P. <i>Os vitrais da Catedral de Notre-Dame de Chartres</i> . Disponível em: <a href="http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/42818533/artigo_HISTORIA_DA_ARTE.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&amp;Expires=1486744073&amp;Signature=yFHVG8uf3wrQITZ0xDaY7dVORFw%3D&amp;response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DOS_VITRAIS_DA_CATEDRAL_DE_NOTRE-DAME_DE.pdf">http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/42818533/artigo_HISTORIA_DA_ARTE.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&amp;Expires=1486744073&amp;Signature=yFHVG8uf3wrQITZ0xDaY7dVORFw%3D&amp;response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DOS_VITRAIS_DA_CATEDRAL_DE_NOTRE-DAME_DE.pdf</a> . Acesso em 10 fev. 2017.
CEB.046	MARTINS, S. <i>Catedral de Chartres</i> . Disponível em: <a href="http://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/catedral-de-chartres/">http://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/catedral-de-chartres/</a> . Acesso em 10 fev. 2017.
CEB.047	BENUTTI, M. A.; SILVA, A. B. <i>Os vitrais em forma de rosáceas da Catedral de Notre Dame de Paris</i> . Disponível em: <a href="http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/135468/ISSN2317-1707-2014-07-01-140-143.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y">http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/135468/ISSN2317-1707-2014-07-01-140-143.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y</a> . Acesso em 10 fev. 2017.
CEB.048	FONSECA, F. M.; VIZIOLI, S. H. T. <i>Os desenhos de Villard de Honnecourt e o processo projetivo na Idade Média</i> . Disponível em: <a href="http://papers.cumincad.org/data/works/att/sigradi2014_227.content.pdf">http://papers.cumincad.org/data/works/att/sigradi2014_227.content.pdf</a> . Acesso em 11 fev. 2017.
CEB.049	NEVES, T. M. <i>Arquitetura e espiritualidade – Suger (1081-1151) e a edificação do gótico</i> . Dissertação (Mestrado em Artes). Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2016, p. 41-73. Disponível em: <a href="http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/2138/1/tese_9845_DISSERTA%C3%87%C3%83O%20TAINAH%20MOREIRA%20NEVES.pdf">http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/2138/1/tese_9845_DISSERTA%C3%87%C3%83O%20TAINAH%20MOREIRA%20NEVES.pdf</a> . Acesso em 11 fev. 2017.
CEB.050	UOL VIAGEM. <i>Catedral de Notre Dame, em Paris, inaugura novos sinos</i> . Disponível em: <a href="https://viagem.uol.com.br/noticias/efe/2013/03/23/catedral-de-notre-dame-em-paris-inaugura-novos-sinos.htm">https://viagem.uol.com.br/noticias/efe/2013/03/23/catedral-de-notre-dame-em-paris-inaugura-novos-sinos.htm</a> . Acesso em 12 fev. 2017.
CEB.051	UOL VIAGEM. <i>Catedral de Notre Dame de Paris completa 850 anos</i> . Disponível em: <a href="https://viagem.uol.com.br/noticias/afp/2012/12/10/catedral-notre-dame-de-paris-completa-850-anos.htm">https://viagem.uol.com.br/noticias/afp/2012/12/10/catedral-notre-dame-de-paris-completa-850-anos.htm</a> . Acesso em 12 fev. 2017.
CEB.052	UOL VIAGEM. <i>França celebra os 850 anos da catedral de Notre Dame com festival que dura um ano</i> . Disponível em: <a href="https://viagem.uol.com.br/noticias/bbc/2012/12/25/franca-celebra-os-850-anos-da-catedral-de-notre-dame.htm">https://viagem.uol.com.br/noticias/bbc/2012/12/25/franca-celebra-os-850-anos-da-catedral-de-notre-dame.htm</a> . Acesso em 12 fev. 2017.
CEB.053	MELO, P. <i>Arquitetura gótica</i> . Disponível em: <a href="http://www.estudopratico.com.br/arquitetura-gotica/">http://www.estudopratico.com.br/arquitetura-gotica/</a> . Acesso em 12 fev. 2017.

CEB.054	NUNES, R. F. <i>Vitreorum Ministerium: o didatismo dos vitrais medievais, história e linguagem visual – os vitrais de Yorkminster</i> . Tese (Doutorado em Linguística Geral). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012, p. 16-52; 57-60. Disponível em: <a href="http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-13122012-102204/pt-br.php">http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-13122012-102204/pt-br.php</a> . Acesso em 12 fev. 2017.
CEB.055	MACHADO, L. C.; DIAS, S. I. S. <i>O simbólico da geometria na arquitetura sagrada: o caso do gótico e do desconstrutivismo</i> . Disponível em: <a href="http://www.fag.edu.br/upload/arquivo/1431177851.pdf">http://www.fag.edu.br/upload/arquivo/1431177851.pdf</a> . Acesso em 15 fev. 2017.
CEB.056	EDITORA ABRIL. <i>Abadia de Westminster</i> . Disponível em: <a href="http://viagemeturismo.abril.com.br/atracao/abadia-de-westminster/">http://viagemeturismo.abril.com.br/atracao/abadia-de-westminster/</a> . Acesso em 15 fev. 2017.
CEB.057	IWASHITA, S. <i>Abadia de Westminster</i> . Disponível em: <a href="http://simonde.com.br/abadia-de-westminster-abbey/">http://simonde.com.br/abadia-de-westminster-abbey/</a> . Acesso em 15 fev. 2017.
CEB.058	G1. <i>Símbolo de Paris, Catedral de Notre Dame faz 850 anos</i> . Disponível em: <a href="http://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2012/12/saqueada-e-restaurada-varias-vezes-catedral-de-notre-dame-faz-850-anos.html">http://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2012/12/saqueada-e-restaurada-varias-vezes-catedral-de-notre-dame-faz-850-anos.html</a> . Acesso em 15 fev. 2017.
CEB.059	MENDONÇA, C. <i>Arquitetura gótica</i> . Disponível em: <a href="https://www.guiaestudo.com.br/arquitetura-gotica">https://www.guiaestudo.com.br/arquitetura-gotica</a> . Acesso em 14 abr. 2019.
CEB.060	HENNING, P. <i>Arquitetura cristã: das igrejas bizantinas às góticas</i> . São Paulo: Campus Virtual Cruzeiro do Sul, 2010, p. 25-39. Disponível em: <a href="https://arquivos.cruzeirodosulvirtual.com.br/materiais/disc_2010/mat_grad_hau/unidade3/teorico.pdf">https://arquivos.cruzeirodosulvirtual.com.br/materiais/disc_2010/mat_grad_hau/unidade3/teorico.pdf</a> . Acesso em 20 abr. 2019.
CEB.061	SANTOS, C. F. <i>Da coluna ao pilotis</i> . Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). São Paulo: Universidade Prestibiteriana Mackenzie, 2010, p. 72-90. Disponível em: <a href="http://tede.mackenzie.br/jspui/bitstream/tede/2656/1/Carla%20Fonseca%20dos%20Santos1.pdf">http://tede.mackenzie.br/jspui/bitstream/tede/2656/1/Carla%20Fonseca%20dos%20Santos1.pdf</a> . Acesso em 25 abr. 2019.
CEB.062	SANTOS, A. B. <i>Muta predicatio: a pintura parietal moralizante da Inglaterra como normalização social e transmissão da doutrina cristã (séculos XIV e XV)</i> . Monografia (Especialização em Artes). Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2016, p. 26-62. Disponível em: <a href="https://wp.ufpel.edu.br/especializacaoemartesvisuais/files/2016/04/Amanda-Basilio-Santos-2016.pdf">https://wp.ufpel.edu.br/especializacaoemartesvisuais/files/2016/04/Amanda-Basilio-Santos-2016.pdf</a> . Acesso em 26 abr. 2019.
CEB.063	CULTURA AVANÇADA. <i>A arquitetura gótica</i> . Disponível em: <a href="https://cultura.avancada.info/index.php/34-secao-arquitetonica/estilo-arquitetonico/64-a-arquitetura-gotica">https://cultura.avancada.info/index.php/34-secao-arquitetonica/estilo-arquitetonico/64-a-arquitetura-gotica</a> . Acesso em 29 abr. 2019.
CEB.064	TROVO, P. A. <i>História e teoria da arquitetura, urbanismo e paisagismo II</i> . Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2017, p. 47-67.
CEB.065	LIMA, M. A. M. <i>Igreja, ícone da Trindade, espaço litúrgico, imago ecclesiae</i> . Tese (Doutorado em Teologia). Belo Horizonte: Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, 2012, p. 102-104. Disponível em:

	<a href="https://www.faculdadejesuita.edu.br/documentos/060912-fxiHROlj937VG.pdf">https://www.faculdadejesuita.edu.br/documentos/060912-fxiHROlj937VG.pdf</a> . Acesso em 29 abr. 2019.
CEB.066	VIVADDECORA. <i>Arquitetura manuelina – o gótico português tardio</i> . Disponível em: <a href="https://www.vivadecora.com.br/pro/arquitetura/arquitetura-portuguesa/">https://www.vivadecora.com.br/pro/arquitetura/arquitetura-portuguesa/</a> . Acesso em 08 mai. 2019.
CEB.067	MOREIRA, M. <i>Rota borbulhante</i> . Disponível em: <a href="http://feeds.folha.uol.com.br/fsp/turismo/fx0712200603.htm">http://feeds.folha.uol.com.br/fsp/turismo/fx0712200603.htm</a> . Acesso em 08 mai. 2019.
CEB.068	CÔRTEZ, A. <i>Abadia de Westminster: tudo sobre a história, visitação, horários e preços</i> . Disponível em: <a href="https://turismo.euodicas.com.br/abadia-de-westminster/">https://turismo.euodicas.com.br/abadia-de-westminster/</a> . Acesso em 13 mai. 2019.
CEB.069	RIBEIRO, M. E. B. <i>Verdade e fé: as linguagens da catedral nos séculos XII – XIII</i> . Disponível em: <a href="http://periodicos.unb.br/index.php/esteticaesemiotica/article/download/12230/10724/">periodicos.unb.br/index.php/esteticaesemiotica/article/download/12230/10724/</a> . Acesso: 13 mai. 2019.
CEB.070	COMENTANDO ARQUITETURA. <i>Vitrais</i> . Disponível em: <a href="http://comentararquitetura.blogspot.com/2012/09/vitrais.html">http://comentararquitetura.blogspot.com/2012/09/vitrais.html</a> . Acesso 18 mai. 2019.
CEB.071	ROSA et al. <i>Arquitetura e métodos construtivos góticos</i> . Disponível em: <a href="https://architexs.tumblr.com/post/166793199026/no-meio-do-caminho-tinha-uma-pedra">https://architexs.tumblr.com/post/166793199026/no-meio-do-caminho-tinha-uma-pedra</a> . Acesso em 28 mai. 2019.
CEB.072	COLÉGIO DE ARQUITETOS. <i>O que é ábaco?</i> Disponível em: <a href="http://www.colegiodearquitetos.com.br/dicionario/2009/02/o-que-e-abaco/">http://www.colegiodearquitetos.com.br/dicionario/2009/02/o-que-e-abaco/</a> . Acesso em 28 mai. 2019.
CEB.073	LOPES, I. <i>Materiais e técnicas construtivas medievais</i> . Disponível em: <a href="https://ireneslopes-isl.blogspot.com/2017/09/materiais-e-tecnicas-construtivas_19.html">https://ireneslopes-isl.blogspot.com/2017/09/materiais-e-tecnicas-construtivas_19.html</a> . Acesso em 17 jun. 2019.
CEB.074	SILVA, R. <i>Arte gótica: altura e luz</i> . Disponível em: <a href="http://www.lsdores.com.br/portalnied/turma_211_artes_arquivos/conteudo/conteudo_4.pdf">http://www.lsdores.com.br/portalnied/turma_211_artes_arquivos/conteudo/conteudo_4.pdf</a> . Acesso em 17 jun. 2019.
CEB.075	RODRIGUES, D. S. et al. <i>A arquitetura gótica em compasso com a filosofia medieval</i> . Disponível em: <a href="http://tradicaoemfococomroma.blogspot.com/2011/11/arquitetura-gotica-em-compasso-com.html">http://tradicaoemfococomroma.blogspot.com/2011/11/arquitetura-gotica-em-compasso-com.html</a> . Acesso em 17 jun. 2019.
CEB.076	ARANTES, M. P. <i>Arte gótica – a Europa em expansão e transformação</i> . Disponível em: <a href="https://arqsc.com.br/arte-gotica-europa-em-expansao-e-transformacao/">https://arqsc.com.br/arte-gotica-europa-em-expansao-e-transformacao/</a> . Acesso em 20 jun. 2019.
CEB.077	MILANI, E. M. <i>Arquitetura, luz e liturgia: um estudo da iluminação nas igrejas católicas</i> . Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006, p. 77-78. Disponível em: <a href="https://www.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/Arquitetural/Pesquisa/arquitetura%20luz%20e%20liturgia.pdf">https://www.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/Arquitetural/Pesquisa/arquitetura%20luz%20e%20liturgia.pdf</a> . Acesso em 20 jun. 2019.
CEB.078	BARSA SABER. <i>gótico, a</i> . Disponível em: <a href="http://www.barsa.planetasaber.com/brasil/asp/Preview3.asp?IdPack=3&amp;IdPildora=10511490">http://www.barsa.planetasaber.com/brasil/asp/Preview3.asp?IdPack=3&amp;IdPildora=10511490</a> . Acesso em 21 jun. 2019.

CEB.079	TOURISTLINK. <i>Santa Giulia</i> . Disponível em: <a href="https://www.touristlink.com.br/It%C3%A1lia/santa-giulia/overview.html">https://www.touristlink.com.br/It%C3%A1lia/santa-giulia/overview.html</a> . Acesso 21 jun. 2019.
CEB.080	SILVEIRA, R. <i>A arte gótica</i> . Disponível em: <a href="http://ahistoriapresente.blogspot.com/2012/12/a-arte-gotica.html">http://ahistoriapresente.blogspot.com/2012/12/a-arte-gotica.html</a> . Acesso em 21 jun. 2019.
CEB.081	ANDALO JÚNIOR, A. <i>Burgos, no caminho de Santiago de Compostela</i> . Disponível em: <a href="https://www.diariodaregiao.com.br/ conteudo/2019/01/secoes/blogs/vinhos_e_os_prazeres/1136932-burgos-no-caminho-de-santiago-de-compostela.html">https://www.diariodaregiao.com.br/ conteudo/2019/01/secoes/blogs/vinhos_e_os_prazeres/1136932-burgos-no-caminho-de-santiago-de-compostela.html</a> . Acesso em 22 jun. 2019.
CEB.082	FONSECA, F. M. <i>Os desenhos de Villard de Honnecourt e o processo projetivo na Idade Média</i> . Disponível em: <a href="https://www.iau.usp.br/pesquisa/grupos/nelac/wp-content/uploads/2015/01/Relat%c3%b3rio_Final_FI%c3%a1via.pdf">https://www.iau.usp.br/pesquisa/grupos/nelac/wp-content/uploads/2015/01/Relat%c3%b3rio_Final_FI%c3%a1via.pdf</a> . Acesso em 28 jun. 2019.
CEB.083	SARAMAGO, R. C. P. <i>Ensino de estruturas nas escolas de arquitetura do Brasil</i> . Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). São Carlos: Universidade de São Paulo, 2011, p. 301. Disponível em: <a href="https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18141/tde-31052011-101630/publico/dissertacaorita.pdf">https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18141/tde-31052011-101630/publico/dissertacaorita.pdf</a> . Acesso em 28 jun. 2019.
CEB.084	TERRA. <i>1880: conclusão da Catedral de Colônia</i> . Disponível em: <a href="https://www.terra.com.br/noticias/1880-conclusao-da-catedral-de-colonia,1e0b0029b7c90d9dcda859ee805a750atk6go87m.html">https://www.terra.com.br/noticias/1880-conclusao-da-catedral-de-colonia,1e0b0029b7c90d9dcda859ee805a750atk6go87m.html</a> . Acesso em 29 mai. 2019.
CEB.085	GLOBO. <i>Notre-Dame: Empresa holandesa oferece impressão 3D para reconstrução</i> . Disponível em: <a href="https://epocanegocios.globo.com/Empresa/noticia/2019/04/notre-dame-empresa-holandesa-oferece-impressao-3d-para-reconstrucao.html">https://epocanegocios.globo.com/Empresa/noticia/2019/04/notre-dame-empresa-holandesa-oferece-impressao-3d-para-reconstrucao.html</a> . Acesso em 29 jun. 2019.
CEB.086	CASTELNOU, A. <i>Mobiliário &amp; decoração</i> . Disponível em: <a href="http://arquiteturadeinteriores.weebly.com/uploads/3/0/2/6/3026071/apostila_parte_01.pdf">http://arquiteturadeinteriores.weebly.com/uploads/3/0/2/6/3026071/apostila_parte_01.pdf</a> . Acesso em 30 jun. 2019.
CEB.087	BOULLAN. <i>A Capela de Henrique VII</i> . Disponível em: <a href="https://boullan.wordpress.com/2014/04/21/a-capela-de-henrique-vii/">https://boullan.wordpress.com/2014/04/21/a-capela-de-henrique-vii/</a> . Acesso em 30 jun. 2019.
CEB.088	RABELO, M. M. <i>O abade Suger, a igreja de Saint-Denis e os primórdios da arquitetura gótica na Île-de-France do século XII</i> . Dissertação (Mestrado em História). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2005. Disponível em: <a href="http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/281566/1/Rabelo_MarcosMonteiro_M.pdf">http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/281566/1/Rabelo_MarcosMonteiro_M.pdf</a> . Acesso em 30 jun. 2019.
CEB.089	CATEDRAL DE YORK. Disponível em: <a href="http://arquicarolina.com/blog/category/arquitetura/page/8/">http://arquicarolina.com/blog/category/arquitetura/page/8/</a> . Acesso em 2 jul. 2019.
CEB.090	FERNANDES, B. <i>Arquitetura gótica</i> . Disponível em: <a href="https://pt.scribd.com/document/364256651/Sobre-arquitetura-gotica">https://pt.scribd.com/document/364256651/Sobre-arquitetura-gotica</a> . Acesso em 2 jul. 2019.

Fonte: dados da pesquisa.

## REFERÊNCIAS DAS DEFINIÇÕES EM LÍNGUA FONTE

CÓD.	REFERÊNCIA
RDA.001	LOOKING INTO BUILDINGS GLOSSARY. Disponível em: <a href="http://www.lookingatbuildings.org.uk/glossary/glossary.html">http://www.lookingatbuildings.org.uk/glossary/glossary.html</a> . Acesso entre 15 set. 2018 a 04 jul. 2019.
RDA.002	DAVIES, N.; JOKINIEMI, E. <i>Dictionary of architecture and building construction</i> . Oxford: Routledge, 2008.
RDA.003	FLEMING, J.; HONOUR, H.; PEVSNER, N. <i>The Penguin dictionary of architecture and landscape architecture</i> . 4ª ed. London: Penguin, 1991.
RDA.004	STEVENS, J.; WILSON, S. <i>The Oxford Dictionary of Architecture</i> . 3 ed. Oxford: Oxford University Press, 2015
RDA.005	OXFORD DICTIONARY. Disponível em: <a href="https://en.oxforddictionaries.com/">https://en.oxforddictionaries.com/</a> . Acesso entre 15 set. 2018 a 04 jul. 2019
RDA.006	CAMBRIDGE DICTIONARY. Disponível em: <a href="https://dictionary.cambridge.org/">https://dictionary.cambridge.org/</a> . Acesso entre 15 set. 2018 a 04 jul. 2019.
RDA.007	THE GUARDIAN. <i>Gothic buildings: a spotter's guide</i> . Disponível em: <a href="https://www.theguardian.com/artanddesign/gallery/2011/sep/10/gothic-buildings-spotters-guide">https://www.theguardian.com/artanddesign/gallery/2011/sep/10/gothic-buildings-spotters-guide</a> . Acesso em 04 mar. 2019.
RDA.008	COLLINS DICTIONARY. Disponível em: <a href="https://www.collinsdictionary.com/">https://www.collinsdictionary.com/</a> . Acesso entre 15 set. 2018 a 04 jul. 2019.
RDA.009	MACMILLIAN DICTIONARY. Disponível em: <a href="https://www.macmillandictionary.com/">https://www.macmillandictionary.com/</a> . Acesso entre 15 set. 2018 a 04 jul. 2019.

Fonte: dados da pesquisa

## REFERÊNCIAS DAS DEFINIÇÕES EM LÍNGUA ALVO

CÓD.	REFERÊNCIA
RDB.001	PROENÇA, G. <i>História da arte</i> . 18. <sup>a</sup> ed. São Paulo: Ática, 2010.
RDB.002	ALBERNAZ, M. P.; LIMA, C. M. <i>Dicionário ilustrado de arquitetura: volume 1 – J a Z</i> . São Paulo: ProEditoras, 1999a.
RDB.003	ALBERNAZ, M. P.; LIMA, C. M. <i>Dicionário ilustrado de arquitetura: volume 1 – J a Z</i> . São Paulo: ProEditoras, 1999b.
RDB.004	MOUTINHO, S.; PRADO, R. B.; LONDRES, R. <i>Dicionário de artes decorativas e decorações de interiores</i> . Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.
RDB.005	HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. [Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa]. <i>Dicionário Houaiss da língua portuguesa</i> . Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
RDB.006	FERREIRA, A. B. H. <i>Novo Aurélio Século XXI</i> . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999
RDB.007	MICHAELIS. Disponível em: <a href="https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/">https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/</a> . Acesso entre 15 set. 2019 a 04 jul. 2019.
RDB.008	DICIONÁRIO DE ARTE INTERNACIONAL. Disponível em: <a href="http://brasilartesenciclopedias.com.br/tablet/internacional/abaco.php">http://brasilartesenciclopedias.com.br/tablet/internacional/abaco.php</a> . Acesso 15 set. 2019 a 04 jul. 2019.
RDB.009	PEVSNER, N.; FLEMING, J.; HONOUR, H. <i>Dicionário enciclopédico de arquitetura</i> . Tradução, revisão e ampliação: Carlos Kronauer. São Cristóvão: Artenova, 1977.
RDB.010	CHING, F. <i>Dicionário visual de arquitetura</i> . Trad. Júlio Fischer. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
RDB.011	FAZIO, M.; MOFFET, M.; WODEHOUSE, L. <i>A história da arquitetura mundial</i> . Trad. Alexandre Salvaterra. 3 <sup>a</sup> ed. Porto Alegre: Bookman, 2011.

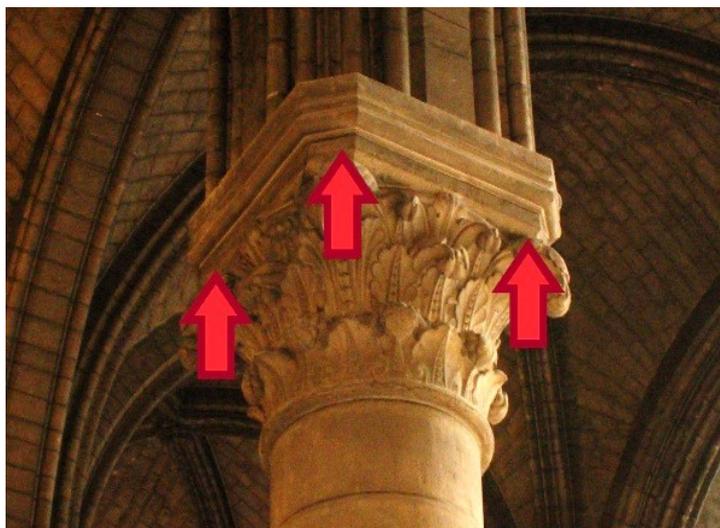
Fonte: dados da pesquisa

**APÊNDICE A – PROPOSTA DE VOCABULÁRIO**

**LISTA DE ABREVIATURAS**

<i>n.</i>	noun
<b>pl.</b>	forma plural
<i>s.f.</i>	substantivo feminino
<i>s.m.</i>	substantivo masculino

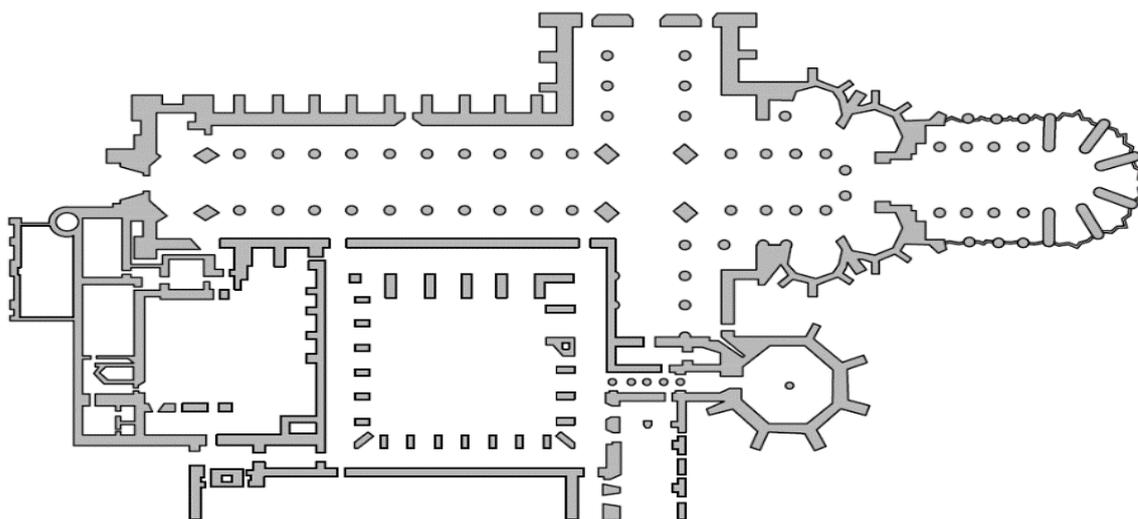
**abacus** *n.* flat squared block at the top of a CAPITAL which supports the weight of the structural element above it. ① **ábaco** *s.m.* (**pl.** ábacos) “*Ábaco [...] é a laje da cobertura do capitel. Este elemento é geralmente achatado e mais largo que o capitel, pois a sua função principal é servir de base de apoio ao peso exercido pelo elemento superior*” (CEB.072).



*Ábaco na Catedral de Notre Dame de Paris (França)*

### abbey

① *n.* group of buildings occupied by a community of monks or nuns supervised by an abbot or abbess. ① **abadia** *s.f.* (**pl.** abadias) “[O Abade Suger] *descreveu cada domínio da abadia, de acordo com sua memória, como também as transações financeiras de compra e venda de terras, de taxas e de impostos cobrados*” (CEB.049).



*Planta baixa de uma abadia*

② (also ABBEY CHURCH) *n.* CHURCH belonging to the abovementioned community or formerly occupied by them.

① **abadia** *s.f.* (pl. abadias) “*Em dias de festa, a **abadia** ficava tão cheia que não era possível nem entrar ou sair. Alguns tinham dificuldade de respirar devido à enorme multidão no interior da igreja*” (CEB.049).

② **igreja abacial** *s.f.* (pl. igrejas abaciais) “*Considera-se que a **igreja abacial** de Saint-Denis, construída pelo Abade Suger, localizada nas proximidades da cidade de Pans, é o edifício ‘fundador’ do estilo gótico*” (CEB.055).



*Abadia de Westminster (Reino Unido)*

**abbey church** → ABBEY ②.

**aisle** (also NAVE AISLE) *n.* area parallel to the NAVE and separated from it by an ARCADE. ① **nave lateral** *s.f.* (pl. naves laterais) “*A claridade vem pelas janelas do clerestório, pelas janelas das paredes externas das **naves laterais** e pelos grandes vitrais*” (CEB.001).



*Nave lateral na Basílica Real de Saint-Denis (França)*

**altar** *n.* elevated structure used for mass celebrations in a CHURCH. ① **altar** *s.m.* (**pl.** altares) “A ornamentação de ouro do **altar** continha várias pedras preciosas (jacintos, rubis, safiras,



*Altar da Catedral de Bristol (Reino Unido)*

*esmeraldas, topázios e várias pérolas, doados pelos reis, nobres e pelo alto clero da Igreja), tudo para exaltar o santo protetor”* (CEB.049). **NOTAS**

**ENCICLOPÉDICAS:** As catedrais (CATHEDRAL) podem apresentar mais de um altar, que são destruídos nas capelas (CHAPEL). O

altar principal de uma catedral se localiza à leste do cruzeiro (CROSSING) e marca a localização do presbitério (PRESBYTERY).

**ambulatory** *n.* passageway which goes around the main altar of a CHURCH. ① **deambulatório**

*s.m.* (**pl.** deambulatórios) “No **deambulatório**, o caminho é delimitado por duas fileiras de doze colunas monolíticas”

(CEB.009). ② **charola** *s.f.*

(**pl.** charolas) “Nessa

*catedral* [Catedral de

Barcelona] são peculiares as

*capelas laterais, de dois*

*pisos e duas por tramo; a*

*ampla cripta debaixo do*

*presbitério, onde se colocou*

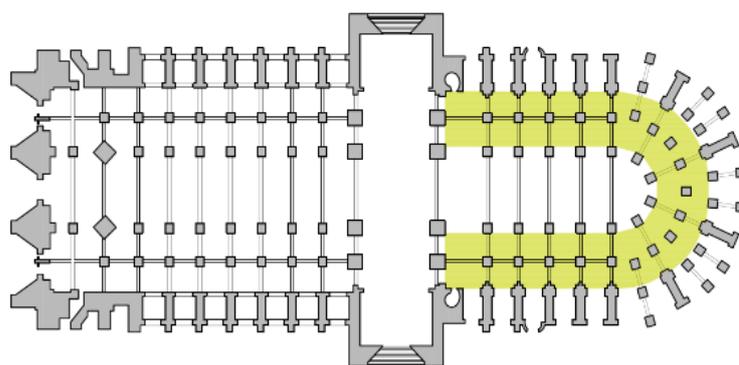
*o sepulcro de Santa Eulália;*

[e] a **charola** rodeada por

*capelas [...]*” (CEB.010). **NOTAS DE TRADUÇÃO:** Em português brasileiro, “deambulatório”

e “charola” designam o mesmo conceito, porém a primeira opção se utiliza com maior

frequência em textos especializados da área.



*Deambulatório em uma igreja cruciforme*

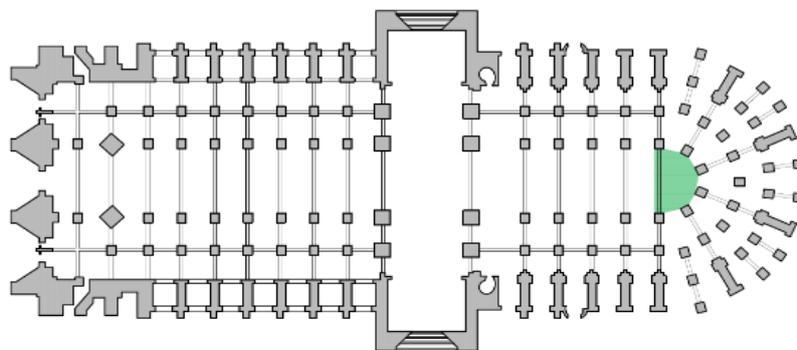
**apse** *n.* semicircular or polygonal termination behind the main altar in a CHURCH. ① **abside** *s.f.*

(**pl.** absides) “As laterais e a parede externa da **abside** são ricamente decoradas por estátuas e gárgulas intercaladas por contrafortes e arcobotantes alternados com as janelas”

(CEB.034). **NOTAS**

**ENCICLOPÉDICAS:** O

espaço da abside pode ser utilizado também como coro (CHOIR) ou assento para o clero.



*Abside em uma igreja cruciforme*

**arcade** *n.* (also ARCADING) series of ARCHES supported by COLUMNS or PIERS. ① **arcada** *s.f.* (**pl.** arcadas) “As **arcadas**, como o próprio nome revela, são arcos ogivais (na arquitetura gótica) posicionados em sequência, geralmente próximo aos claustros” (CEB.023). **NOTAS**

**ENCICLOPÉDICAS:** Nas catedrais góticas, as arcadas são tradicionalmente encontradas na parte inferior da nave (NAVE) ou no claustro (CLOISTER).



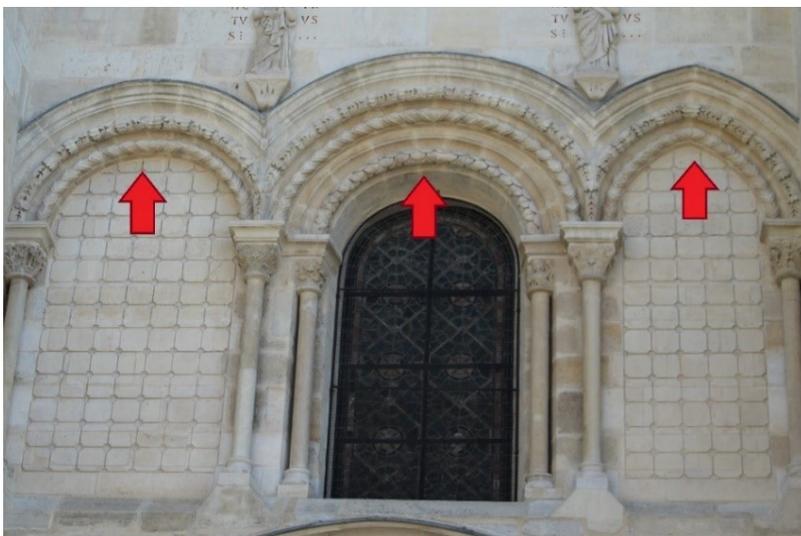
*Arcada na Catedral de Notre Dame de Paris (França)*

**arcading** → ARCADE.

**arch** *n.* curved structural element, usually for supporting loads between two points over an

opening. ① **arco** *s.m.* (**pl.** arcos) “A característica mais importante da arquitetura gótica é a abóbada de nervuras, muito diferente da abóbada de arestas românica [...] porque deixa visíveis os **arcos** que formam sua estrutura” (CEB.013).

**VER TAMBÉM:** POINTED ARCH, ROUND ARCH.



*Arcos na Basilica Real de Saint Denis (França)*

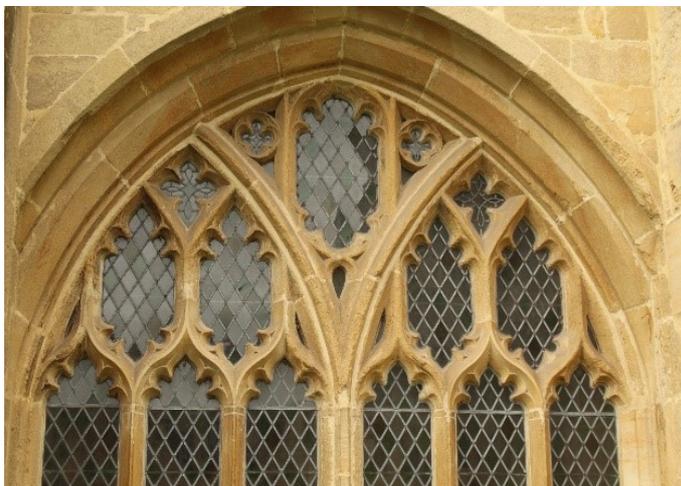
**archivolt** *n.* ornamental band in the inner part of an ARCH, usually following its shape.

① **arquivolta** *s.f.* (**pl.** arquivoltas) “As esculturas aparecem nas **arquivoltas** em forma reduzida para não comprometer a estrutura da ogiva [...]” (CEB.032).



*Arquivoltas no portal principal da Sainte Chapelle (França)*

**bar tracery** *n.* TRACERY composed of delicate intersecting shapes in the upper part of a window.



*Traçado em barra na Catedral de Wells (Reino Unido)*

① **traçado em barra** *s.m.* (pl. traçados em barra) “O traçado em placa foi substituído pelo **traçado em barra** [...]” (CEA.001). **NOTAS DE TRADUÇÃO:** “traçado em barra” é uma solução tradutória documentada em repertórios terminológicos traduzidos para o português brasileiro. **NOTAS ENCICLOPÉDICAS:** O traçado em barra representa uma evolução do

traçado em placa (PLATE TRACERY) e surgiu na primeira metade do século XIII em Reims (França) e foi bastante utilizado na arquitetura gótica inglesa. **VER TAMBÉM:** PERPENDICULAR TRACERY.

**base** *n.* lowest thickened part of COLUMN, PIER or PILASTER. ① **base** *s.f.* (pl. bases). “Os capitéis de Chartres intercedem entre as **bases** pesadas dos pilares principais e o verticalismo ascendente dos fustes sob as nervuras da abóbada, procurando dar articulação ao conjunto, acima do contraste” (CEB.061).



*Base de pilar na Basílica Real de Saint Denis (França)*

**bay** *n.* subdivision of space marked by repeated architectural elements, such as ARCHES or COLUMNS, in a building. ① **tramo** *s.m.* (**pl.** tramos). “*Nessa catedral [Catedral de Barcelona] são peculiares as capelas laterais, de dois pisos e duas por tramo [...]*” (CEB.010).



*Tramo de uma abóbada na Basílica Real de Saint Denis (França)*

**bell tower** *n.* vertical structure containing the bells of a CHURCH. ① **campanário** *s.m.* (**pl.** campanários) “*Durante três semanas, os sinos foram expostos na nave central da igreja de Notre Dame, até serem içados aos campanários*” (CEB.050). ② **torre sineira** *s.f.* (**pl.** torres sineiras) “*Nas torres (principalmente nas torres sineiras) os telhados são em forma de pirâmide*” (CEB.022). **NOTAS DE TRADUÇÃO:** Em português brasileiro, “campanário” e “torre sineira” compreendem o mesmo significado, porém o primeiro é associado com maior frequência a edificações religiosas.



*Campanário na Abadia de Westminster (Reino Unido)*

**blind arcade** *n.* ARCADE applied to a solid wall for ornamentation. ① **arcada cega** *s.f.* (**pl.**

*arcadas cegas*) “O uso de *arcadas cegas* na fachada é um elemento de transição do românico para arquitetura gótica” (CEB.079). ②

**arcatura** *s.f.* (**pl.** *arcaturas*) “Tratava-se de uma igreja grande, de grossas paredes e caracterizada desde o século XI por uma arquitetura que se faz reconhecer pelo emprego sistemático das *arcaturas* e de *bandas lisas*” (CEB.069).



*Arcada cega na Catedral de Wells (Reino Unido)*

**boss** *n.* projection, usually carved, covering the intersection of the RIBS in a VAULT. ① **rosão** *s.m.* (**pl.** *rosões*) “Os *rosões* da abóbada são considerados os melhores do período” (CEA.001). **NOTAS DE**

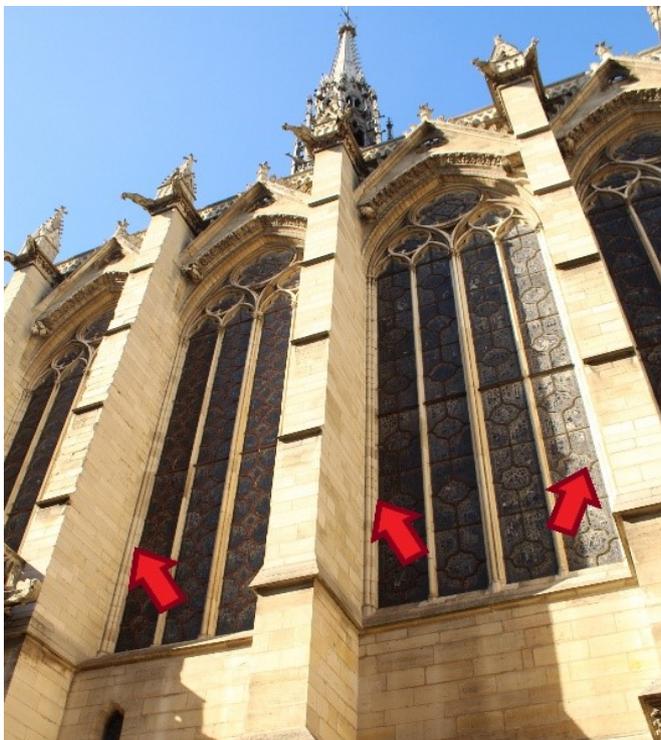
**TRADUÇÃO:** “rosão” é uma solução tradutória documentada em repertórios terminológicos traduzidos para



*Rosões na Catedral de Wells (Reino Unido)*

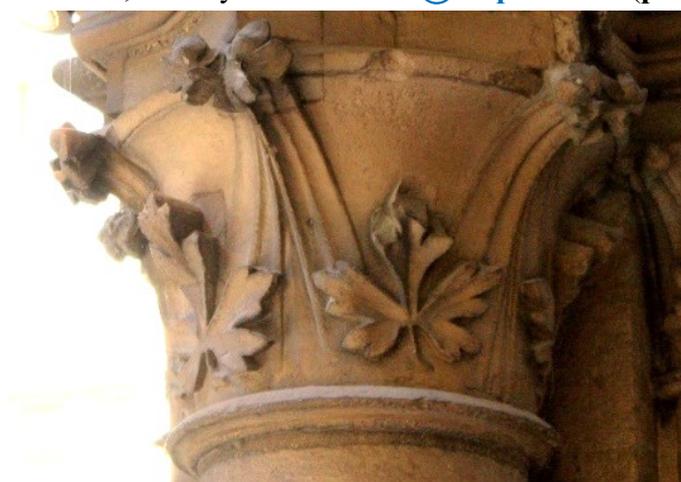
o português brasileiro. **NOTAS ENCICLOPÉDICAS:** Na arquitetura gótica, os rosões são normalmente esculpido com elementos vegetais.

**buttress** *n.* vertical structural member projecting from a wall to support the lateral thrust of an ARCH, VAULT or other element. ① **contraforte** *s.m.* (**pl.** contrafortes) “*E os **contrafortes** eram reforços que substituíam as grossas muralhas das construções românicas*” (CEB.006). ② **botaréu** *s.m.* (**pl.** botaréus). “*Os arcobotantes são uma espécie de meios arcos construídos por cima da cobertura das naves laterais entre os extradorsos da abóbada central e os **botaréus***” (CEB.073). **NOTAS DE TRADUÇÃO:** Em português brasileiro, “contraforte” e “botaréu” representam o mesmo conceito, porém o primeiro se utiliza com maior frequência em textos especializados da área.



*Contrafortes na Sainte Chapelle (França)*

**capital** *n.* head of a COLUMN, PIER or PILASTER, usually ornamented. ① **capitel** *s.m.* (**pl.** capitéis) “*O **capitel** é a extremidade superior de uma coluna, pilar ou pilastra e possui utilidades decorativas e técnicas, como o sustento e a transmissão de força para o fuste*” (CEB.023). **NOTAS ENCICLOPÉDICAS:** Os capitéis góticos são ornamentados com elementos vegetais. **VER TAMBÉM:** FOLIATE CAPITAL.



*Capitel de uma coluna em Sainte Chapelle (França)*

**cathedral** *n.* main CHURCH of a diocese, usually very large. ① **catedral** *s.f.* (**pl.** catedrais) “O estilo gótico das grandes **catedrais** medievais teve grande influência sobre a arquitetura das igrejas católicas ao longo dos séculos” (CEB.001). **NOTAS ENCICLOPÉDICAS:** As catedrais são o tipo de edificação mais icônico da arquitetura gótica. Verticalmente, podem ter três níveis: o primeiro marcado pela arcada (ARCADE), o segundo pelo trifório (TRIFORIUM) e o terceiro pelo clerestório (CLERESTORY).

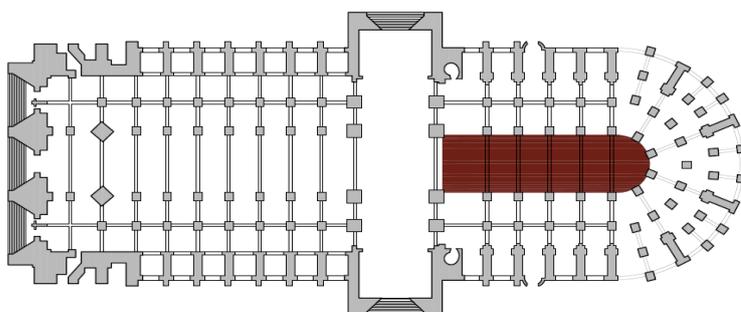


*Catedral de Bristol*

**chancel** *n.* liturgical area surrounding the main ALTAR in a CHURCH. ① **capela-mor** *s.f.* (**pl.** capelas-mores) “A planta da igreja gótica era em forma de cruz latina. Sua implantação era feita de forma que a nave e a **capela-mor** se situassem no braço longitudinal no sentido Leste-Oeste” (CEB.054).

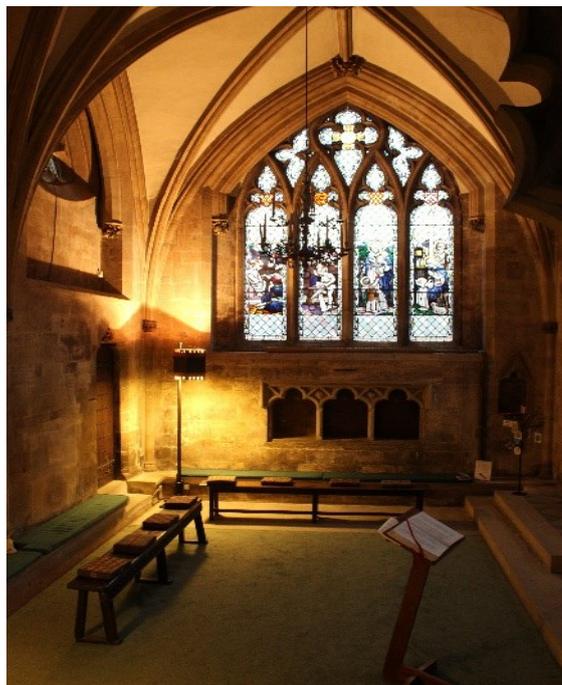
**NOTAS ENCICLOPÉDICAS:**

A capela-mor pode incluir a área do coro (CHOIR), do presbitério (PRESBYTERY) e da abside (APSE).



*Capela-mor em uma igreja cruciforme*

**chantry chapel** *n.* CHAPEL where masses are celebrated for the souls of the founders or other individuals. ① **capela de dotação** *s.f.* (pl. capelas de dotação) “*Estas eram capelas de dotação, construídas especialmente para a celebração de missas para as almas dos fundadores*” (CEA.054). **NOTA DE TRADUÇÃO:** “capela de dotação” é uma solução tradutória documentada em repertórios terminológicos traduzidos para o português brasileiro. De acordo com o contexto, é possível utilizar o hiperônimo “capela” para se produzir um texto alvo funcional.



*Capela de dotação na Catedral de Bristol (Reino Unido)*

**chapel** *n.* place for the worship of a particular saint or individual in or attached to a CHURCH. ① **capela** *s.f.* (pl. capelas) “*Em cada capela [da Basílica Real de Saint Denis], há um altar e duas amplas janelas em vitral*” (CEB.049). **VER TAMBÉM:** CHANTRY CHAPEL, LADY CHAPEL.



*Capela na Catedral de Bristol (Reino Unido)*

**chapter house** *n.* meeting place for the governing body of an ABBEY or a CHURCH. ① **sala**

**capitular** *s.f.* (pl. salas capitulares) “A sala com estrutura octogonal conhecida como **sala capitular** ainda conserva os chãos de mosaico do século XIII” (CEB.068).

**NOTAS ENCICLOPÉDICAS:**

Nas igrejas inglesas, as salas capitulares são normalmente poligonais, com assentos e podem ter um pilar (PIER) central.



*Sala capitular da Catedral de Wells (Reino Unido)*

**choir** (*also* QUIRE) *n.* area where the service is sung in a CHURCH. ① **coro** *s.m.* (pl. coros) “No dia 11 de junho de 1144, a inauguração do **coro** da Basílica de Saint-Denis marca o nascimento da arte gótica” (CEB.038).



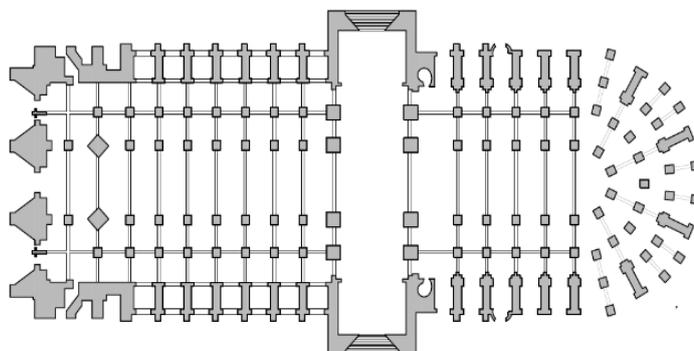
*Coro da Catedral de Bristol (Reino Unido)*

**choir screen** → PULPITUM.

**church** *n.* building for Christian worship and other religious activities. ① **igreja** *s.f.* (**pl.** igrejas)

“A primeira das **igrejas** de Amiens foi destruída por um incêndio em 1218 e sua reconstrução se dá a partir do ano 1236” (CEB.004). **NOTAS ENCICLOPÉDICAS:** As igrejas góticas têm

normalmente formato de cruz latina (cruciforme), simbolizando o Corpo de Jesus crucificado. Em um plano cruciforme, estas igrejas podem incluir, por exemplo, nave principal (NAVE), nave lateral (AISLE), cruzeiro (CROSSING), transepto (TRANSEPT), coro



*Planta baixa de uma igreja em formato de cruz.*

(CHOIR), presbitério (PRESBYTERY), deambulatório (AMBULATORY) e abside (APSE). **VER**

**TAMBÉM:** ABBEY ②, CATHEDRAL, PARISH CHURCH.

**cinquefoil** *n.* ornamental form which

has five lobes, resembling a five-petaled flower. ① **pentafólio** *s.m.*

(**pl.** pentafólios) “A decoração diagonal aparece acima do arco ogival principal do portal central da fachada oeste da Catedral de Lincoln, com uma janela abaixo com o posterior traçado perpendicular e com um



*Pentafólios na Abadia de Westminster  
(Reino Unido)*

**pentafólio** inscrito em um círculo acima [...]” (CEA.001). **NOTAS DE TRADUÇÃO:**

“pentafólio” é uma solução tradutória documentada em repertórios terminológicos traduzidos para o português brasileiro e documentada em repertórios lexicográficos monolíngues.

**clerestorey** → CLERESTORY.

**clerestory** (*also* CLERESTOREY) *n.* upper story of a CHURCH, usually with many windows. ①

**clerestório** *s.m.* (**pl.** clerestórios) “*A claridade vem pelas janelas do **clerestório**, pelas janelas das paredes externas das naves laterais e pelos grandes vitrais*” (CEB.001). **NOTAS ENCICLOPÉDICAS:** O clerestório tinha por finalidade verticalizar a edificação e permitir a entrada de luz no ambiente por meio de suas janelas, características tradicionais da arquitetura gótica.



*Clerestório da Basílica Real de Saint Denis (França)*

**cloister** *n.* covered quadrangle around an open area. ① **claustro** *s.m.* (**pl.** claustros) “*Os*

*belíssimos **claustros**, construídos entre os séculos XIII e XIV, unem a igreja da Abadia [de Westminster] ao resto das dependências*” (CEB.068). **NOTAS ENCICLOPÉDICAS:** O claustro normalmente se localiza no lado sul das igrejas e interconecta este mesmo edifício com as partes domésticas de uma abadia (ABBEY).



*Vista parcial do claustro da Catedral de Canterbury (Reino Unido)*

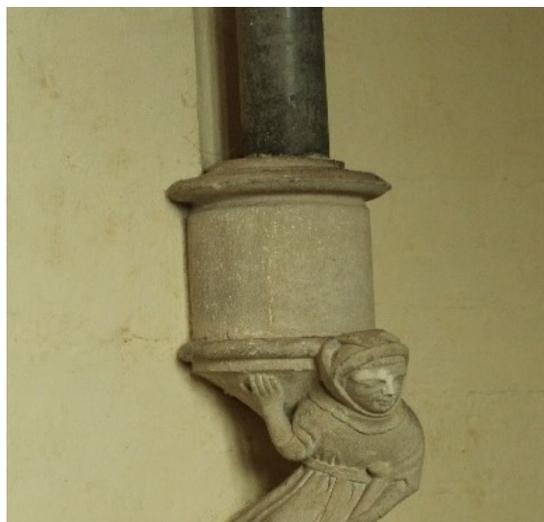
**column** *n.* vertical element of round section for support or decorative purposes. ① **coluna** *s.f.* (**pl.** colunas) “As **colunas** não serviam apenas de sustentação, mas representavam, para a época, os apóstolos e profetas do cristianismo, assim como Jesus seria a união de uma parede a outra” (CEB.055).

**NOTAS ENCICLOPÉDICAS:** As colunas seguem a composição clássica grega que inclui, obrigatoriamente, o fuste (SHAFT) e o capitel (CAPITAL) e, por vezes, a base (BASE) e o ábaco (ABACUS).



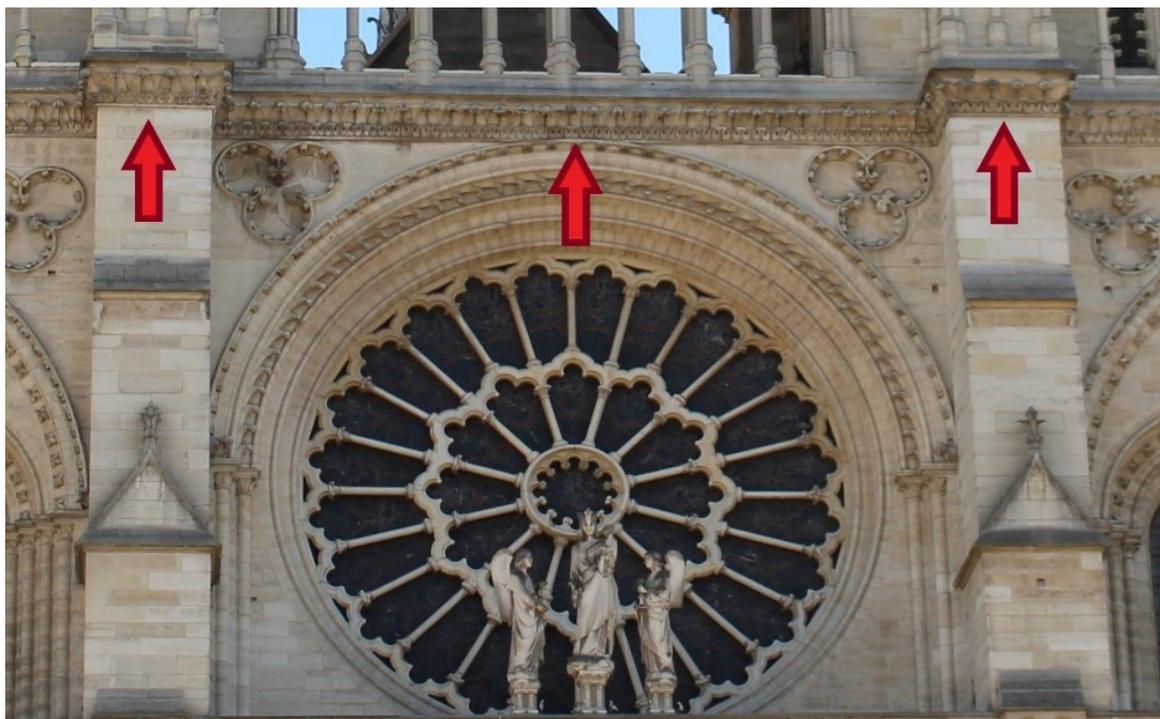
*Coluna na Catedral de Notre Dame de Paris (França)*

**corbel** *n.* projecting block from a wall which usually supports a structural member. ① **mísula** *s.f.* (**pl.** mísulas) “Ele [estilo gótico português] também se caracteriza pela aplicação de algumas técnicas de altura, como as abóbadas com nervuras polinervadas a partir de **mísulas**” (CEB.066). **NOTAS ENCICLOPÉDICAS:** As mísulas podem ser ornamentadas com elementos em forma de pessoas, animais ou vegetais.



*Mísula na Catedral de Wells (Reino Unido)*

**cornice** *n.* horizontal projecting band that crowns a building or part of a it. ① **cornija** *s.f.* (**pl.** cornijas) “Na Itália, este estilo foi profundamente influenciado pela tradição romana que a verticalidade característica do gótico ficou neutralizada pela **cornija** e outras linhas horizontais” (CEB.063). **NOTAS ENCICLOPÉDICAS:** As cornijas têm por função principal desviar as águas pluviais que descem do telhado.



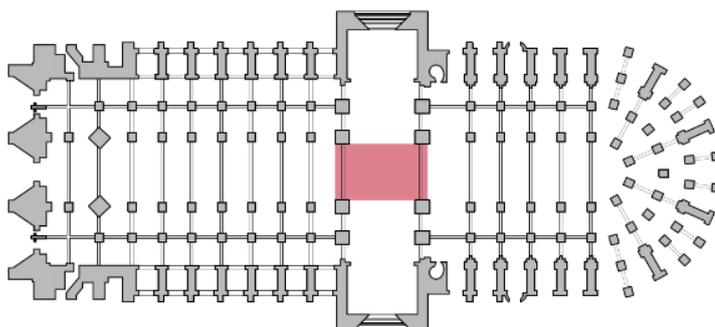
*Cornija na Catedral de Notre Dame de Paris (França)*

**crocket** *n.* leaf-shaped hook carved into stone for decoration. ① **cogulho** *s.m.* (**pl.** cogulhos) “O **cogulho** é representado por uma pedra que faz alusão a folhas estilizadas” (CEB.023). **NOTAS ENCICLOPÉDICAS:** Os cogulhos são normalmente dispostos em intervalos regulares e ornamentam, por exemplo, pináculos (PINNACLE) e capitéis (CAPITAL).



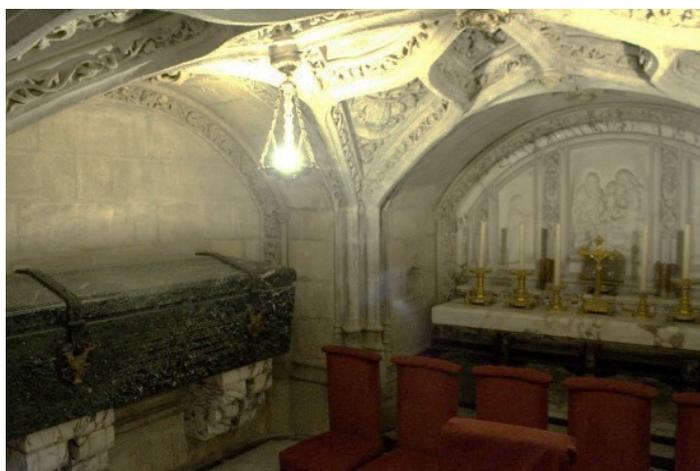
*Cogulhos decorando pináculo na Catedral de Notre Dame de Paris (França)*

**crossing** *n.* area at the intersection of the four arms of a cross-shaped CHURCH. ① **cruzeiro** *s.m.* (**pl.** cruzeiros) “o **cruzeiro** [...] é uma zona de encontro da nave com o transepto” (CEB.010).



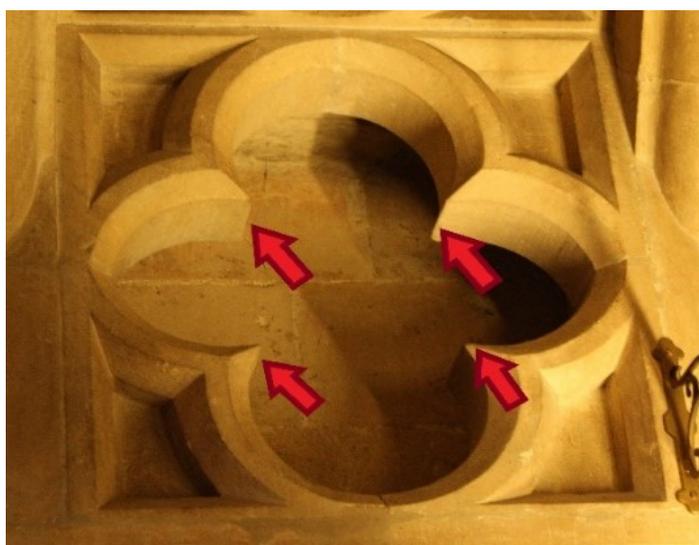
*Cruzeiro em uma igreja cruciforme*

**crypt** *n.* underground area for religious activities, burials or the storage of sacred objects in a CHURCH. ① **cripta** *s.f.* (**pl.** criptas) “Considerando a grande ameaça que pairava sobre a coroa, Suger fez retirar as relíquias dos santos da **cripta** e colocou-as em exposição no grande altar” (CEB.088).



*Cripta da Catedral de Sevilha (Espanha)*

**cusping** *n.* point made by the intersection of two curved lines. ① **cúspide** *s.f.* (**pl.** cúspides) “O coro alto da Catedral de Exeter, projetado por Thomas Witney, incorpora arcos contracurvados, **cúspides** [...] e cogulhos [...]”. (CEA.001). **NOTAS DE TRADUÇÃO:** “cúspide” é uma solução tradutória documentada em repertórios terminológicos traduzidos para o português brasileiro e documentada em repertórios lexicográficos monolíngues.



*Cúspides na Catedral de Bristol (Reino Unido)*

**diagonal rib** *n.* RIB which marks the diagonals in a RIB VAULT. ① **nervura diagonal** *s.f.* (pl. nervuras diagonais) “*Abóbadas da nave principal voltam a ter apenas nervuras diagonais (ou seja, não são mais sexpartidas)*” (CEB.090).



*Nervuras diagonais na Basílica Real de Saint Denis (França)*

**façade** (also FACADE) *n.* external face of a building, especially the main front. ① **fachada** *s.f.* (pl. fachadas) “*A fachada da Basílica de Saint-Denis, idealizada por Suger, serviu de modelo para outras importantes construções em estilo gótico na França, como Chartres, Notre Dame e outras*” (CEB.054).

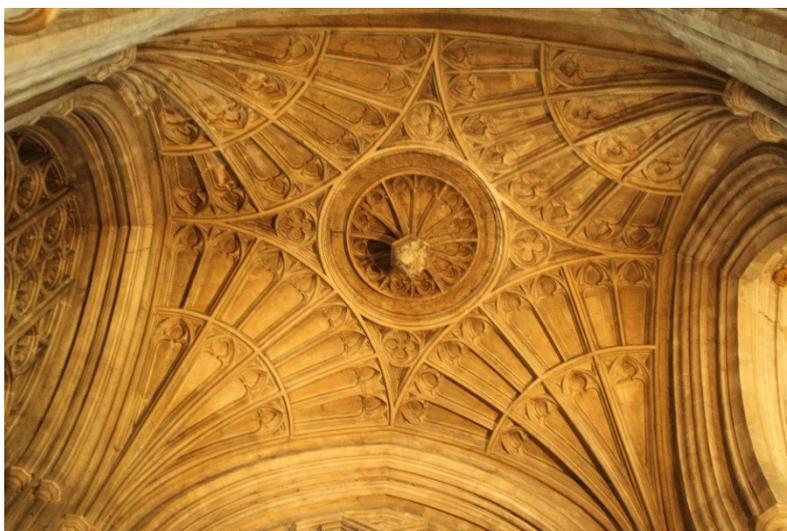


*Fachada da Catedral de Notre Dame de Paris (França)*

**fan vault** *n.* VAULT formed by a set of inverted concave half cones. ① **abóbada de leque** *s.f.*

(**pl.** abóbadas de leque) “As alas do claustro da catedral [Catedral de Gloucester], construídas em 1351 e 1377, são cobertas por **abóbada de leque**, com formas semelhantes à metade de um funil, côncavas em todas as seções verticais, mas convexas em todas as seções horizontais” (CEB.083). ②

**abóbada em leque** *s.f.* (**pl.** abóbadas em leque) “Já a Capela do King’s College ilustra a sofisticação



Abóbada de leque na Catedral de Canterbury (Reino Unido)

adquirida na construção das abóbadas de nervuras, apresentando **abóbadas em leque**, típicas do estilo perpendicular inglês do século XIV” (CEB.005). ③ **abóbada em cálice** *s.m.* (**pl.** abóbadas em cálice) “O gótico inglês se diferencia do francês também por conferir maior importância à ornamentação. Um exemplo disso é o teto do claustro que vemos na imagem abaixo; uma série de nervuras se abre como um leque até alcançar o teto, formando a **abóbada em cálice**” (CEB.034). **NOTA:** A abóbada de leque surgiu depois da segunda metade do século XIV e é bastante característica da última fase da arquitetura gótica na Inglaterra.

**flying buttress** *n.* arched structural member which transmits the thrust of the VAULT to the

BUTTRESS. ① **arcobotante** *s.m.* (**pl.** arcobotantes) “O **arcobotante** é uma peça em forma de arco que transmite a pressão de uma abóbada da parte superior de uma parede para os contrafortes externos” (CEB.001).

**NOTAS**

**ENCICLOPÉDICAS:** Os arcobotantes são um dos elementos mais característicos da arquitetura gótica.

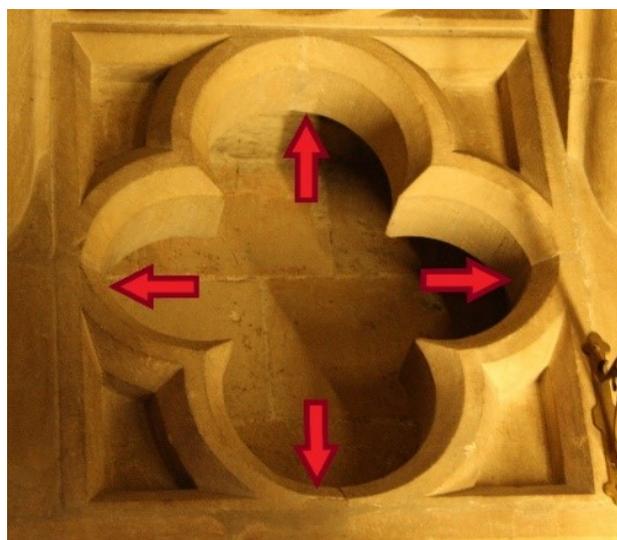


Arcobotantes na Catedral de Wells (Reino Unido)

**foil** *n.* curve between two projecting points inside of a circular ornament. ① **lóbulo** *s.m.* (**pl.**

lóbulos) “*Este tipo de construção geométrica [rosácea] pode ser encontrado [...] na catedral de Amiens, com oito lóbulos*” (CEB.082). **NOTAS**

**ENCICLOPÉDICAS:** Os ornamentos circulares podem ser classificados pelo número de lóbulos que apresentam: 3 – trifólio (TREFOIL), 4 – quadrifólio (QUATREFOIL) e 5 – pentafólio (CINQUEFOIL).



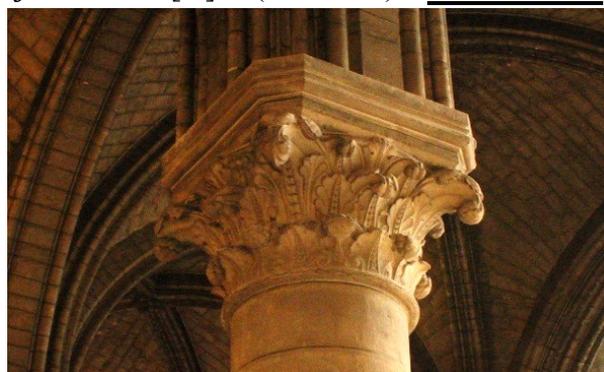
*Lóbulos na Catedral de Bristol (Reino Unido)*

**foliate capital** *n.* CAPITAL decorated with leafy elements. ① **capitel folheado** *s.m.* (**pl.** capitéis

folheados). “*Os pilares possuem capitéis folheados [...]*” (CEA.001). **NOTAS DE**

**TRADUÇÃO:** “capitel folheado” é uma solução tradutória documentada em repertórios terminológicos traduzidos para o português brasileiro. **NOTAS**

**ENCICLOPÉDICAS:** Este é um dos tipos mais tradicionais de capitel (CAPITAL) na arquitetura gótica.

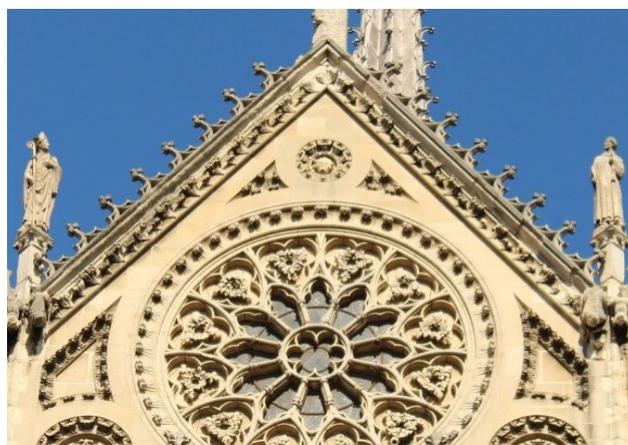


*Capitel folheado na Catedral de Notre Dame de Paris (França)*

**gable** *n.* triangular external wall at the end of a pitched roof. ① **gablete** *s.f.* (**pl.** gabletes)

“*Todas as torres da igreja de Burgos são enfeitadas com gabletes [...]*” (CEB.080).

**NOTAS ENCICLOPÉDICAS:** Os gabletes auxiliavam na percepção de verticalidade das edificações góticas.



*Gablete na Catedral de Notre Dame de Paris (França)*

**gallery** *n.* story over the AISLES which opens on to the nave through an ARCADE. ① **galeria**

*s.f. (pl. galerias) “A catedral gótica aspirava em primeiro lugar à completude, caminhando para maior síntese na imagem [...] mediante a eliminação de todos elementos julgados como supérfluos, como a cripta, a galeria e as torres, exceto as duas do lado frontal.” (CEB.061).*

**NOTAS ENCICLOPÉDICAS:** O comprimento da galeria corresponde à extensão da nave lateral (AISLE) abaixo dela. Embora inicialmente comum, este espaço tende a desaparecer nas fases posteriores da arquitetura gótica.



*Galeria sobre nave lateral da Catedral de Notre Dame de Paris (França)*

**gargoyle** *n.* water spout carved into a grotesque figure projecting from the roof. ① **gárgula** *s.f. (pl. gárgulas) “E as gárgulas, em alguma medida, inspiram os pesadelos humanos – frente a frente, é quase impossível não imaginá-las em súbito movimento, abandonando a vigia para*



*Gárgula na Sainte Chapelle (França)*

*aterrorizar no escuro da noite” (CEB.008).*

**NOTAS ENCICLOPÉDICAS:** É comum encontrar diversas gárgulas dispostas estrategicamente no parapeito de um edifício, uma vez que ajudavam a minimizar os efeitos causados por chuvas fortes ou tempestades. Em termos

simbólicos, as gárgulas representam a tentação incessante do demônio, exigindo a vigilância constante de todos.

**Gothic arch** → POINTED ARCH.

**Gothic vault** → RIB VAULT.

**Lady chapel** *n.* CHAPEL dedicated to the

Virgin Mary. ① **capela de Nossa**

**Senhora** *s.f.* (pl. capelas de Nossa

Senhora) “*Não há melhor exemplo*

*sobrevivente dos ‘projetos’ do rei*

*[Henrique VII] do que a Capela de Nossa*

*Senhora da Abadia de Westminster”*

(CEB.087). ② **capela da Virgem** *s.f.* (pl.

capelas da Virgem) “[...] *nos vitrais do*

*coro, a imagem de sua ascendência*

*humana [de Jesus Cristo] – a Árvore de Jessé – e de sua infância figuravam lado a lado na*

*capela da Virgem”* (CEB.088). **NOTAS ENCICLOPÉDICAS:** Nas igrejas inglesas, as capelas

dedicadas à Nossa Senhora normalmente se localizam na extremidade leste.



*Capela de Nossa Senhora na Basílica Real de Saint Denis (França)*

**lancet window** *n.* slender window with a POINTED ARCH at its

upper part. ① **janela de lanceta** *s.f.* (pl. janelas de lanceta) “*Na*

*zona alta da igreja e em toda a capela-mor, abrem-se grandes*

*janelas de lanceta, com vitrais coloridos e figurativos”*

(CEB.009). **NOTAS ENCICLOPÉDICAS:** As janelas de lanceta

são bastante características da arquitetura gótica em suas fases

iniciais.



*Janela de lanceta na Abadia de Westminster (Reino Unido)*

**lantern** *n.* windowed part of a tower which allows light in. ① **lanterna** *s.f.* (**pl.** lanternas) “No cruzeiro, a luz aparece através da **lanterna**, como uma luz divina que purifica o homem preparando-o para a manifestação da presença divina na abside” (CEB.077).



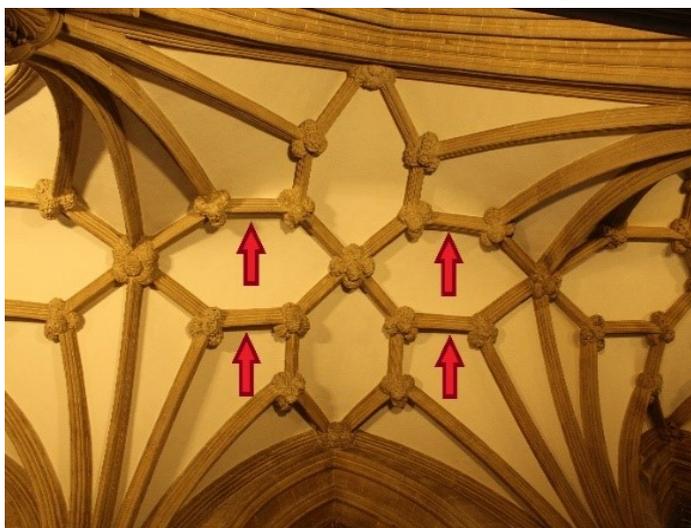
Lanterna na Sainte Chapelle (França)

**lierne** *n.* short decorative RIB which connects one RIB to another. ① **lierne** *s.m.* (**pl.** liernes)

“[...] os **liernes** são pequenas nervuras na abóbada, que ligam uma nervura principal a outra [...]” (CEB.090)

**NOTAS**

**ENCICLOPÉDICAS:** Os liernes não partem de nenhum dos arranques (SPRINGER) da abóbada (VAULT) ou se conectam com o rosão (BOSS) central, diferentemente dos terciarões (TIERCERON).



Liernes na Catedral de Wells (Reino Unido)

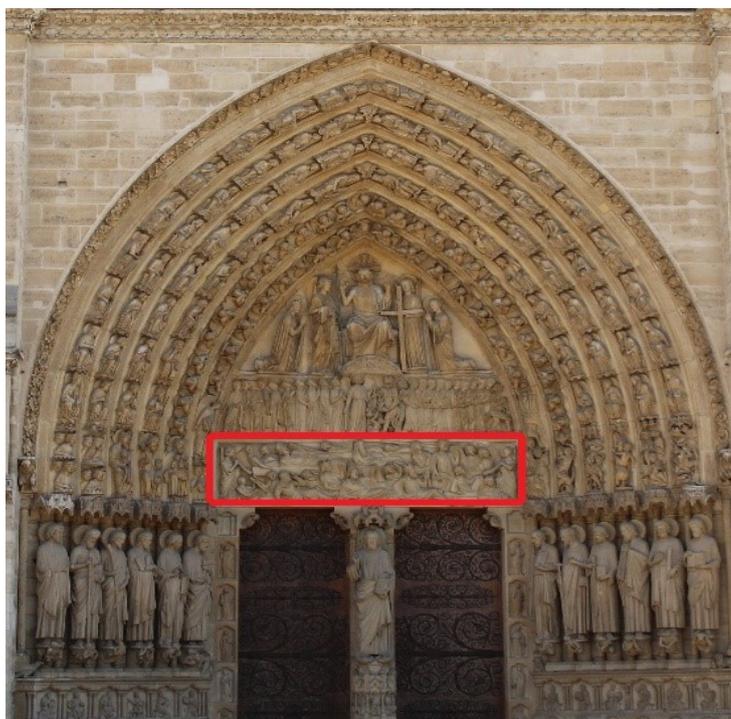
**limestone** *n.* hard sedimentary rock composed of calcium carbonate. ① **calcário** *s.m.* (**pl.** calcários) “O **calcário** utilizado originalmente para construir Notre-Dame, e também grande parte da cidade de Paris, foi retirado de minas que agora se encontram enterradas, o que não permite a utilização do mesmo material para a



Calcário na Catedral de Notre Dame de Paris (França)

**reconstrução**” (CEB.085). **NOTAS ENCICLOPÉDICAS:** Os calcários são rochas de fácil maleabilidade e foram bastante utilizadas nas construções e ornamentações góticas.

**lintel** *n.* horizontal block over an opening. ① **lintel** *s.m.* (**pl.** lintéis) “[...] [O abade] *Suger* é representado entre os ressuscitados, com seu hábito de monge e em posição de prece, aos pés de Jesus, em alusão ao verso inscrito no **lintel**” (CEB.049). ② **dintel** *s.m.* (**pl.** dintéis) “No **dintel** aparecem os apóstolos” (CEB.075).



*Lintel no portal principal da Catedral de Notre Dame de Paris (França)*

**marble** *n.* crystalline LIMESTONE capable of taking a polish. ① **mármore** *s.m.* (**pl.** mármore) “Apesar do desejo de fazer referência às colunas de mármore da nave antiga em sua obra [Abadia de Saint Denis], mesmo com um grande esforço, não conseguiram encontrar **mármore** ou um material equivalente nas localidades próximas” (CEB.049). **NOTAS**

**ENCICLOPÉDICAS:** A coloração do mármore pode variar bastante de acordo com as substâncias que o compõem.



*Mármore na Catedral de Wells (Reino Unido)*

**nave** *n.* area where people attend to masses in a CHURCH, usually flanked by AISLES. ① **nave** *s.f.* (**pl.** naves) “As **naves** tinham cada vez mais maiores dimensões verticais [no estilo gótico], como atestam as catedrais de Notre-Dame de Paris (35 metros), Reims (38 metros) e Notre-Dame de Amiens (42 metros)” (CEB.012). ② **nave central** *s.f.* (**pl.** naves centrais) “A **nave**



*Nave central da Basílica Real de Saint-Denis (França)*

**central** era merecedora de grande atenção entre os planejadores destas construções [igrejas], pois quanto maior a altura desta, mais intensa seria a luz interior que, combinada aos vitrais conferia iluminação uniforme a todo o ambiente” (CEB.005). ③ **nave**

**principal** *s.f.* (**pl.** naves principais) “Já no centro da construção, em sua **nave principal**, há uma cobertura abobadada com 210 toneladas, suportada por uma sequência de colunatas” (CEB.059).

**NOTAS DE TRADUÇÃO:** “nave”, em português brasileiro, inclui tanto o significado de sua contraparte em inglês britânico quanto aquela designada por

“AISLE”, sendo importante observar seu uso conforme a situação para evitar confusão terminológica. Já “nave central” e “nave principal” representam exatamente o mesmo conceito que sua contraparte em inglês britânico, porém a primeira é a forma mais frequente em textos especializados da área.

**nave aisle** → AISLE.

**niche** *n.* recess in a wall, usually to contain a decorative object. ① **nicho** *s.m.* (**pl.** nichos) “*Vários danos ainda são nítidos, particularmente na parede interna da fachada [da Catedral de Reims] – obra única na história da arquitetura gótica, pela sucessão de nichos com imagens e cenas bíblicas*” (CEB.067).



*Nicho na Catedral de Canterbury  
(Reino Unido)*

**ogee arch** *n.* POINTED ARCH with two S-shaped curves meeting at the top. ① **arco contracurvado** *s.m.* (**pl.** arcos contracurvados) “*Outro elemento característico do Estilo Flamejante [...] era o arco contracurvado, formado por 02 curvas e 02 contracurvas, muitas vezes ladeado de 02 pináculos*” (CEB.086). **NOTAS ENCICLOPÉDICAS:** Com origem na arquitetura islâmica, o arco contracurvado foi introduzido na arquitetura gótica no século XIV, sendo bastante característico de sua última fase.



*Arco contracurvado na Catedral de Wells  
(Reino Unido)*

**ogival arch** → POINTED ARCH.

**parish church** *n.* main CHURCH in a subdivision of a diocese. ① **paróquia** *s.f.* (**pl.** paróquias) “Na cabeceira da igreja, à direita, vemos a sequência de capelas absidais (pequenos absides em que eram colocadas as relíquias da **paróquia**), acessíveis pelo deambulatório duplo, de modo que os fiéis possam vê-los sem atrapalhar a cerimônia” (CEB.060).



*Paróquia de St. Cuthbert (Reino Unido)*

**pendant** (*also* PENDANT BOSS) *n.* elongated projecting block which hangs down from a VAULT. ① **fecho pendural** *s.m.* (**pl.** fechos pendurais) “O **fecho pendural** pode ser visto enquanto a evolução das mísulas suspensas [...]” (CEA.001). **NOTAS DE TRADUÇÃO:** “fecho pendural” é uma solução tradutória documentada em repertórios terminológicos traduzidos para o português brasileiro.



*Catedral de Canterbury (Reino Unido)*

**perpendicular tracery** *n.* BAR TRACERY with vertical forms. ① **traçado perpendicular** *s.m.*

(**pl.** traçados perpendiculares) “*A decoração diagonal aparece acima do arco ogival principal do portal central da fachada oeste da Catedral de Lincoln, com uma janela abaixo com o posterior traçado perpendicular e com um pentafólio inscrito em um círculo acima [...]*” (CEA.001). **NOTAS DE TRADUÇÃO:**

“traçado perpendicular” é uma solução tradutória documentada em repertórios terminológicos traduzidos para o português brasileiro. **NOTAS ENCICLOPÉDICAS:** Os traçados perpendiculares foram introduzidos

no século XIV e caracterizam a última fase da arquitetura gótica na Inglaterra.

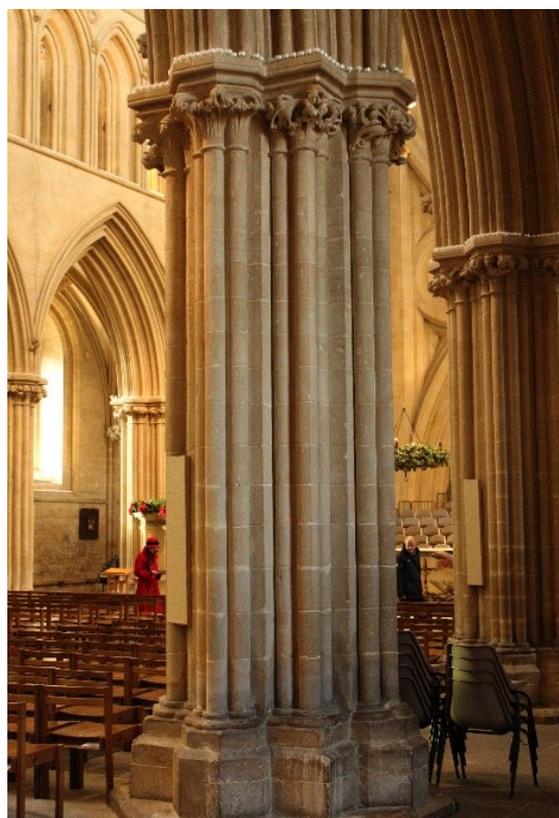


*Traçado perpendicular na Abadia de Westminster (Reino Unido)*

**pier** (*also* PILLAR) *n.* vertical structural element of polygonal or rectangular section, usually working as a support for an ARCH. ① **pilar** *s.m.*

(**pl.** pilares) “*A consequência estética mais importante da introdução dos pilares foi a substituição das sólidas paredes com janelas estreitas, do estilo românico, pela combinação de pequenas áreas de parede com grandes áreas preenchidas por vidros coloridos e trabalhados, chamados vitrais*” (CEB.001).

**NOTAS ENCICLOPÉDICAS:** Os pilares, diferentemente das colunas (COLUMN), não precisam ser cilíndricas e nem seguir a composição clássica grega que inclui, obrigatoriamente, o fuste (SHAFT) e o capitel (CAPITAL) e, por vezes, a base (BASE) e o ábaco (ABACUS).



*Pilar na Catedral de Wells (Reino Unido)*

**pilaster** *n.* rectangular vertical element which projects only slightly from the wall for decoration. ① **pilastra** *s.f.* (**pl.** pilastras) “[...] os pilares e as **pilastras** conduzem o olhar do observador para o alto, reforçando a percepção da altura do edifício” (CEB.001). **NOTAS ENCICLOPÉDICAS:** As pilastras, diferentemente dos pilares (PIER) e das colunas (COLUMN), não possuem função estrutural. As pilastras seguem a composição clássica grega que inclui, obrigatoriamente, o fuste (SHAFT) e o capitel (CAPITAL) e, por vezes, a base (BASE) e o ábaco (ABACUS).



*Pilastras na Catedral de Notre Dame de Paris (França)*

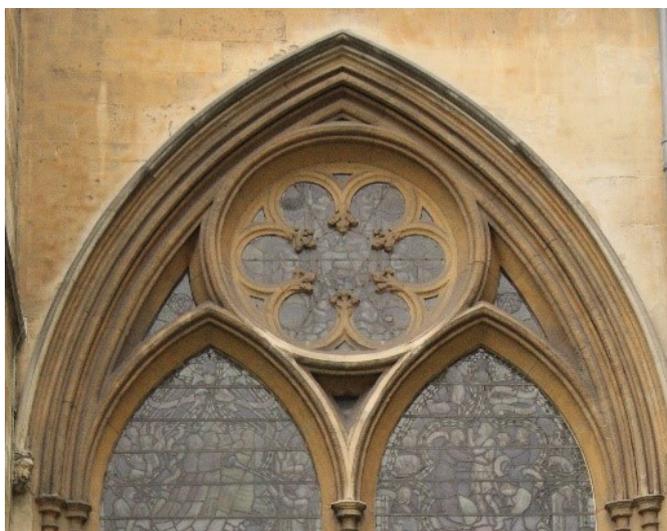
**pillar** → PIER.

**pinnacle** *n.* small termination in the shape of a pyramid or a cone over the extremities of a CHURCH, such as a SPIRE or a BUTTRESS, for ornamentation. ① **pináculo** *s.m.* (**pl.** pináculos) “Além disso, os **pináculos** ecoavam a forma das torres e as estátuas de anjos, o que aponta novamente para a imaginação incomum com que o arquiteto de Reims transformou o modelo original” (CEB.048). **NOTAS ENCICLOPÉDICAS:** Nas catedrais góticas, os pináculos são frequentemente adornados com cogulhos (CROCKET).



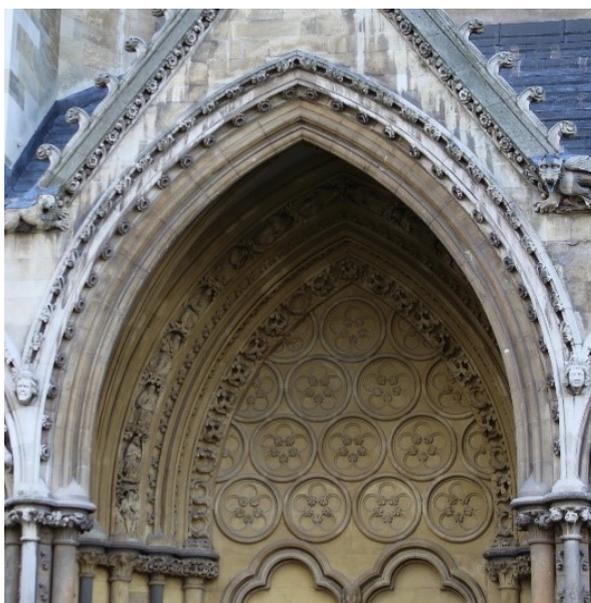
*Pináculo na Catedral de Notre Dame de Paris (França)*

**plate tracery** *n.* TRACERY with shapes cut through stone elements in the upper part of a window. ① **traçado em placa** *s.m. (pl. traçados em placa)* “O *traçado em placa* foi substituído pelo *traçado em barra* [...]” (CEA.001). **NOTAS DE TRADUÇÃO:** “traçado em placa” é uma solução tradutória documentada em repertórios terminológicos traduzidos para o português brasileiro. **NOTAS ENCICLOPÉDICAS:** O traçado em placa representa o primeiro tipo de rendilhado (TRACERY) encontrado na arquitetura gótica.



*Traçado em placa na Abadia de Westminster (Reino Unido)*

**pointed arch** (*also* OGIVAL ARCH, GOTHIC ARCH) *n.* ARCH with a sharp end. ① **arco ogival** *s.m. (pl. arcos ogivais)* “O *arco ogival*, diferente do *arco pleno românico*, permitia a construção desse novo tipo de abóbada [abóbada de nervuras] e também de igrejas mais altas”



*Arco ogival na Abadia de Westminster (Reino Unido)*

(CEB.005). ② **arco quebrado** *s.m. (pl. arcos quebrados)* “Pode-se dizer que dentro da arquitetura, a substituição do arco de volta perfeita pelo *arco quebrado* ou ogival marca o início das inovações e características do estilo gótico” (CEB.032). ③ **arco gótico** *s.m. (pl. arcos góticos)* “A grande massa superior da fachada repousa sobre galerias de *arcos góticos*” (CEB.014). **NOTAS DE TRADUÇÃO:** Em português brasileiro, “arco ogival” é utilizado com maior frequência em

comunicações entre especialistas enquanto “arco quebrado” e “arco gótico” em comunicações direcionadas à semiespecialistas ou ao público geral. Além disso, “arco gótico” é normalmente utilizado em oposição ao arco pleno (ROUND ARCH) do estilo românico. Outras possibilidades

de tradução incluem: “arco apontado”, “arco agudo”, “arco em ogiva”. **NOTAS**

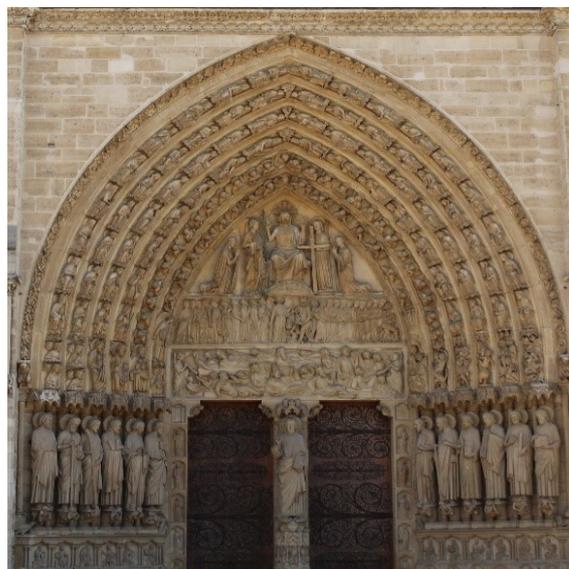
**ENCICLOPÉDICAS:** O arco ogival é um dos elementos construtivos mais característicos da arquitetura gótica e responsável por propiciar a verticalidade característica desse estilo. Em termos simbólicos, os arcos ogivais podem representar as mãos dos fiéis unidas em oração.

**VER TAMBÉM:** OGEE ARCH.

**portal** *n.* entrance, usually ornamented, for large public buildings. ① **portal** *s.m.* (**pl.** portais)

*“Entre os muitos aspectos interessantes de sua arquitetura [Catedral de Chartres], destaca-se o portal principal, conhecido como Portal Régio e considerado pelos historiadores da arte como um dos mais belos conjuntos escultóricos do mundo [...]”* (CEB.001). **NOTAS**

**ENCICLOPÉDICAS:** Nas catedrais góticas, os portais normalmente possuem formas apontadas e apresentam outros elementos arquitetônicos em sua composição, tais como o tímpano (TYMPANUM) e o lintel (LINTEL).



*Portal principal da Catedral de Notre Dame de Paris (França)*

**presbytery** (*also* SANCTUARY) *n.* area where the main ALTAR is placed in a CHURCH, east of the CHOIR and reserved for the clergy. ① **presbitério** *s.m.* (**pl.** presbitérios) *“Nessa catedral*

*[de Barcelona] são peculiares as capelas laterais [...]; a ampla cripta debaixo do presbitério, onde se colocou o sepulcro de Santa Eulália; [e] a charola rodeada por capelas [...]”* (CEB.010).

② **santuário** *s.m.* (**pl.** santuários) *“As igrejas góticas tinham sua abside virada*



*Presbitério da Catedral de Canterbury (Reino Unido)*

*para sudeste e a sua fachada para noroeste [...] de modo que os fiéis entrando pelo ocidente se dirigissem para o santuário no oriente, virado para o nascer do sol”* (CEB.046).

**pulpitum** (*also* CHOIR SCREEN) *n.* stone screen erected to divide CHOIR from the NAVE. ①

**coro alto** *s.m.* (**pl.** coros altos) “O coro é separado da nave pelo **coro alto** com escultura dos reis da Inglaterra [...]” (CEB.089).

**NOTAS ENCICLOPÉDICAS:** Os coros altos são ricamente entalhados e ornamentados com esculturas. Tinham por finalidade separar a parte sacra da igreja, representada pela capela-mor (CHANCEL), de sua parte mundana, representada pela nave (NAVE).



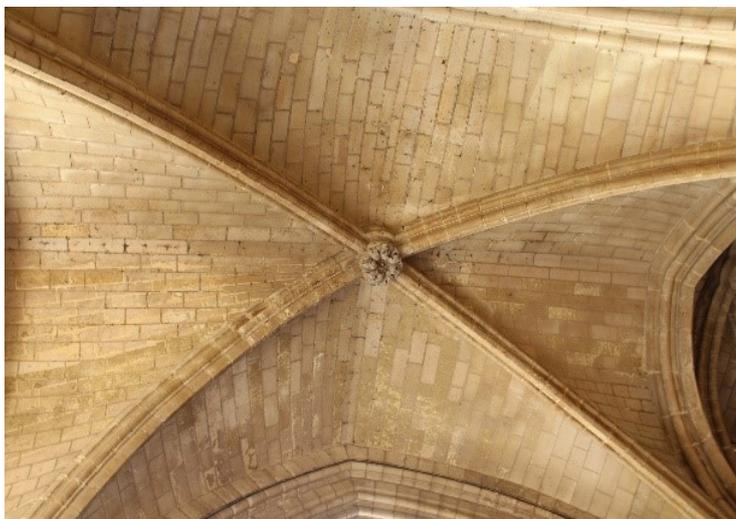
Coro alto da Catedral de Bristol (Reino Unido)

**quadripartite vault** *n.* RIB VAULT which is divided into four compartments. ① **abóbada**

**quadripartida** *s.f.* (**pl.** abóbada quadripartidas) “O ápice do desenvolvimento da abóbada sexpartida na França ocorreu em Bourges [...] e, logo em seguida, foi substituída pela **abóbada quadripartida**, já que os empuxos adicionais não eram mais necessários no desenvolvimento do arcobotante” (CEA.001).

**NOTAS DE TRADUÇÃO:**

“abóbada quadripartida” é uma solução tradutória documentada em repertórios terminológicos



Abóbada quadripartida na Sainte Chapelle (França)

traduzidos para o português brasileiro. **NOTAS ENCICLOPÉDICAS:** A abóbada quadripartida é composta por duas nervuras diagonais (DIAGONAL RIB) que se cruzam no ponto mais alto da abóbada (VAULT) e são separadas entre si pelas nervuras transversais (TRANSVERSE RIB).

**quatrefoil** *n.* ornamental form which has four lobes, resembling a four-petaled flower. ① **quadrifólio** *s.m.* (**pl.** quadrifólios) “*Na circunferência seguinte, com divisão em 12 partes, temos as imagens dos doze profetas inseridos em quadrifólios*” (CEB.047).



*Quadrifólio na Sainte Chapelle (França)*

**quire** → CHOIR.

**retrochoir** (*also* RETROQUIRE) *n.* area behind the main altar in a major CHURCH. ① **retrocoro** *s.m.* (**pl.** retrocoros) “*Estas [catedrais inglesas] apresentam [...] entre o coro e a abside uma espécie de segundo transepto menor, chamado de retrocoro [...]*” (CEB.032). **NOTAS**

**ENCICLOPÉDICAS:**

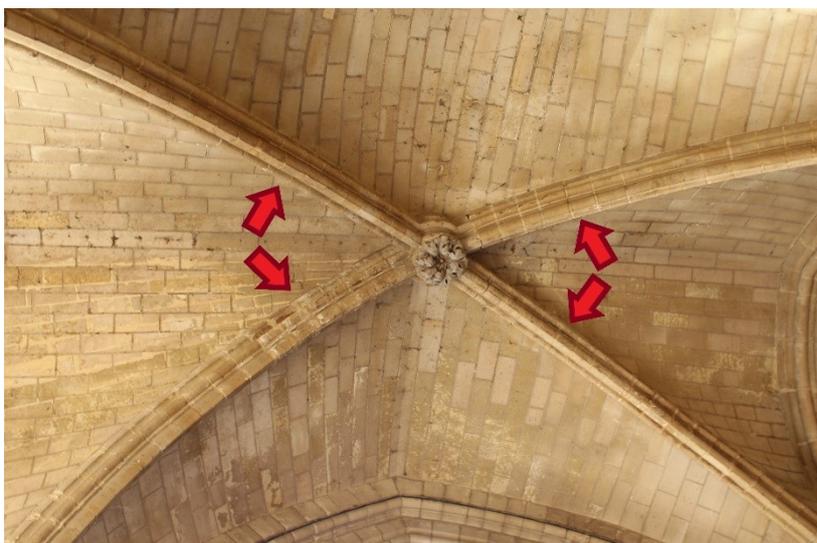
Apesar de opcional, o retrocoro é uma área bastante comum nas igrejas góticas inglesas. Era normalmente utilizado para abrigar a comunidade monástica durante a celebração das missas.



*Retrocoro na Catedral de Canterbury (Reino Unido)*

**retroquire** → RETROCHOIR.

**rib** *n.* projecting band on a ceiling, especially part of a RIB VAULT. ① **nervura** *s.f.* (**pl.** nervuras) “As *nervuras da abóbada proporcionam mais solidez à cobertura do telhado, que já não precisa mais ser sustentado pelas paredes*” (CEB.019). **VER TAMBÉM:**



*Nervuras em uma abóbada na Sainte Chapelle (França)*

DIAGONAL RIB,

LIERNE RIDGE RIB, TIERCERON, TRANSVERSE RIB.

**rib vault** → RIBBED VAULT.

**ribbed vault** (*also* RIB VAULT, GOTHIC VAULT) *n.* VAULT set within a framework of intersecting arched stone members. ① **abóbada de nervuras** *s.f.* (**pl.** abóbadas de nervuras) “No estilo gótico, é marcante a *abóbada de nervuras, formada pelo encontro de arcos ogivais*” (CEB.013). ② **abóbada nervurada** *s.f.* (**pl.** abóbada nervurada) “Três elementos de destaque do gótico são: arco ogival, pedra e *abóbada nervurada*” (CEB.019). ③ **abóbada gótica** *s.f.* (**pl.** abóbadas góticas) “Na *abóbada gótica existe a transmissão localizada de cargas, o que permite paredes bem delgadas [...]*” (CEB.071).



*Abóbada de nervuras na Basílica Real de Saint Denis (França)*

**NOTA DE TRADUÇÃO:** Em português brasileiro, “abóbada de nervuras” e “abóbada

nervurada” são as duas formas mais frequentemente utilizadas em textos especializados da área em comunicações entre especialistas e semiespecialistas. Já “abóbada gótica” é normalmente utilizada em contraste com outros tipos de abóbadas de outros estilos arquitetônicos e utilizada em textos menos especializados. Outras possibilidades de tradução incluem: “abóbada ogival”, “abóbada de cruzaria”, “abóbada de arcos cruzados”, bem como todas as possibilidades com a variante denominativa “abóboda”. **NOTAS**

**ENCICLOPÉDICAS:** As abóbadas de nervuras são uma das principais características da arquitetura gótica. Arquitetonicamente, elas permitiram verticalizar as igrejas deste período. Elas podem ser compostas por diferentes tipos de nervura (RIB), conforme o caso, e tradicionalmente apresentam rosões (BOSS) na interseção dessas nervuras. **VER TAMBÉM:** QUADRIPARTITE VAULT, SEXPARTITE VAULT, STAR VAULT.

**ridge rib** *n.* RIB along the uppermost part of a VAULT.

① **nervura longitudinal** *s.f.* (pl. nervuras longitudinais) “[...] *uma nervura longitudinal é esboçada por uma série de terciarões entrelaçados que percorrem a cumeeira*” (CEA.001). **NOTAS DE TRADUÇÃO:** “nervura longitudinal” é uma solução tradutória documentada em repertórios terminológicos traduzidos para o português brasileiro.



*Nervura longitudinal na Catedral de Sevilha (Espanha)*

**rose window** *n.* circular window subdivided with TRACERY and decorated with STAINED

GLASS. ① **rosácea** *s.f.* (**pl.** rosáceas)

“A *rosácea* é um elemento arquitetônico muito característico do estilo gótico, presente em quase todas as igrejas construídas entre os séculos XII e XIV” (CEB.001). **NOTAS**

**ENCICLOPÉDICAS:** A rosácea é um dos elementos arquitetônicos mais característicos da arquitetura gótica, estando presente em quase todas as igrejas construídas entre os séculos XII e XIV.



Rosácea na Basílica Real de Saint Denis (França)

**round arch** *n.* ARCH with a semicircular curve. ① **arco pleno** *s.m.* (**pl.** arcos plenos) “Enquanto

o *arco pleno* é semicircular, o arco ogival é composto por dois segmentos de arco, conferindo-lhe um aspecto ‘pontudo’, mais estreito e alto” (CEB.060). ② **arco de volta perfeita** *s.m.*

(**pl.** arcos de volta perfeita) “O estilo gótico era contraposto ao estilo arquitetônico românico, anteriormente em voga nas construções medievais,

principalmente em mosteiros e

basílicas. Essas construções eram

caracterizadas pelos **arcos de volta**

**perfeita**, redondos, e por abóbodas

de arestas [...] feitas em estruturas

maciaças e com poucos vãos”

(CEB.021). ③ **arco semicircular**

*s.m.* (**pl.** arcos semicirculares) “A

construção desse novo tipo de abóboda [abóbada de nervuras] foi possível graças ao arco ogival, diferente do **arco semicircular** do estilo românico” (CEB.001). **NOTAS**

**ENCICLOPÉDICAS:** O arco pleno é bastante característico da arquitetura românica, mas ainda pode ser encontrado nas primeiras edificações góticas de forma remanescente.



Arco pleno na Basílica Real de Saint Denis (França)

**sanctuary** → PRESBYTERY.

**sandstone** *n.* sedimentary rock composed of sand or quartz particles bound together by other minerals. ① **arenito** *s.m.* (**pl.** arenitos) “A chuva ácida, resultante da combustão de carvão e óleo e comum em regiões altamente industrializadas, agride principalmente o calcário e o **arenito** usados na construção desse Patrimônio Cultural da



*Arenito na Catedral de Wells (Reino Unido)*

*Humanidade [Catedral de Colônia]” (CEB.084). **NOTAS ENCICLOPÉDICAS:** Os arenitos normalmente possuem coloração avermelhada, amarelada ou amarronzada. São relativamente fáceis de moldar e foram utilizadas com bastante frequência nas construções góticas.*

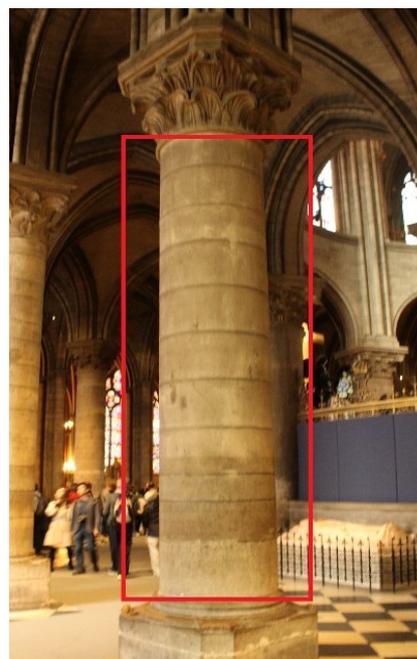
**sexpartite vault** *n.* RIB VAULT which is divided into six compartments. ① **abóbada sexpartida** *s.f.* (**pl.** abóbadas sexpartidas) “Com o tempo, a abóbada gótica evoluiu e apareceu a **abóbada sexpartida**, de forma retangular, mediante o acréscimo de um terceiro arco ogival [...]” (CEB.078).



*Abóbada sexpartida na Catedral de Notre Dame de Paris (França)*

**shaft** *n.* main body of a COLUMN, PIER or PILASTER. ①

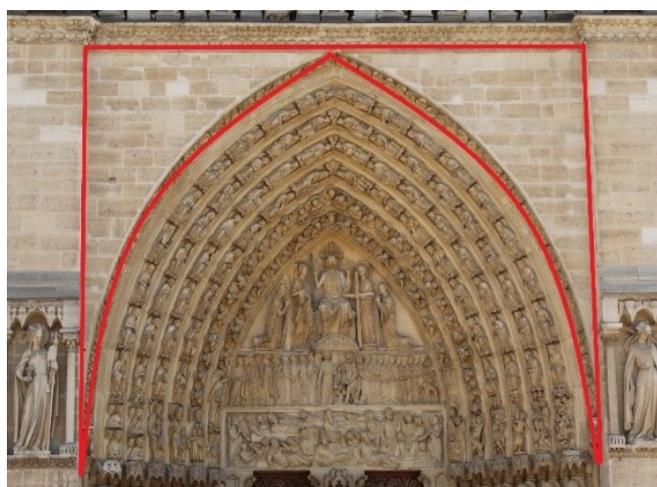
**fuste** *s.m.* (**pl.** fustes) “Os capitéis de Chartres intercedem entre as bases pesadas dos pilares principais e o verticalismo ascendente dos **fustes** sob as nervuras da abóbada, procurando dar articulação ao conjunto, acima do contraste” (CEB.061).



*Fuste de uma coluna na Catedral de Notre Dame de Paris (França)*

**spandrel** *n.* space between an ARCH and the rectangle that frames it in a wall, usually of a triangular shape. ①

**enjunta** *s.f.* (**pl.** enjuntas) “As **enjuntas** da arcada na Catedral de Lincoln são decoradas com trifólios em relevo [...]” (CEA.001). **NOTAS DE TRADUÇÃO:** “enjunta” é uma solução tradutória documentada em repertórios lexicográficos em português brasileiro.



*Enjuntas na Catedral de Notre Dame de Paris (França)*

**spire** *n.* tall pointed structure of conical or pyramidal shape at the top of a tower or roof. ① **flecha** *s.f.* (**pl.** flechas) “Somente em 1254 é terminada a sua construção [Catedral de Notre Dame de Paris] com as torres sem as **flechas**” (CEB.014). ② **coruchéu** *s.m.* (**pl.** coruchéus) “[A Catedral de Salisbury] possui o mais alto **coruchéu** da Inglaterra, que atinge 123 metros de altura” (CEB.062). **NOTAS DE TRADUÇÃO:** Em português brasileiro, “flecha” é utilizado com maior frequência em textos especializados da área do que “coruchéu”. **NOTAS ENCICLOPÉDICAS:** As flechas anunciavam a presença de uma igreja gótica à distância e, simbolicamente, estavam associadas ao anseio de se alcançar os céus.



*Flecha da Catedral de Notre Dame de Paris (França)*

**springer** *n.* lowest stone in any side of an ARCH or a VAULT. ① **arranque** *s.m.* (**pl.** arranques) “Este elemento [arcobotante] nasce do **arranque** da abóbada e transmite o empuxo até o contraforte, permitindo uma maior estabilidade nas altas alturas [...]” (CEB.060).



*Arranque na Catedral de Bristol (Reino Unido)*

**stained glass** *n.* coloured glass in the windows of a CHURCH used for decoration. ① **vitral** *s.m.* (**pl.** vitrais) “Os **vitrais** são feitos de vidros coloridos que, ao deixar passar a luz do Sol, criam um ambiente interno sereno e cheio de cores” (CEB.001). **NOTAS ENCICLOPÉDICAS:** Os vitrais são um dos elementos mais característicos da arquitetura gótica e são utilizados com frequência para ilustrar passagens bíblicas. Eles permitem a entrada de luz natural nas igrejas que, simbolicamente, representa a luz divina.



*Vitrais na Sainte Chapelle (França)*

**star vault** *n.* RIB VAULT in the shape of a star. ① **abóbada estrelada** *s.f.* (**pl.** abóbadas estreladas) “*A nave é coberta por uma abóbada estrelada*” (CEB.081).



*Abóbada estrelada na Catedral de Wells (Reino Unido)*

**tierceron** *n.* secondary RIB which is connected to the main SPRINGER or the central BOSS. ① **terciarão** *s.m.* (**pl.** terciarões) “*Mais tarde, esse tipo [de abóbada] foi reforçado com nervuras suplementares, chamadas terciarões*” (CEB.078).



*Terciarões na Catedral de Bristol*

**tracery** *n.* ornamental intersecting work in an opening. ① **rendilhado** *s.m.* (**pl.** rendilhados) “A

*evolução dos rendilhados determina algumas etapas deste estilo [estilo gótico], como o perpendicular e o flamejante”*

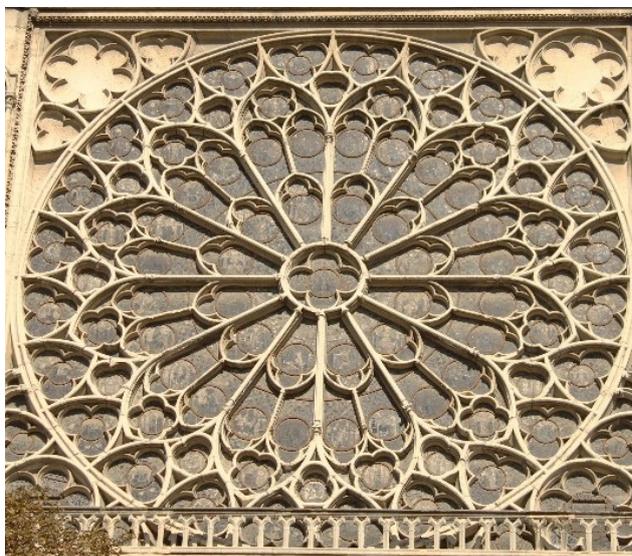
(CEB.036). ② **traçado ornamental** *s.m.*

(**pl.** traçados ornamentais) “O traçado em barra foi a primeira forma de **traçado ornamental** nas janelas com vitrais góticas [...]” (CEA.001). **NOTAS DE**

**TRADUÇÃO:** Em português brasileiro, “rendilhado” é a forma mais amplamente utilizada para designar “tracery” em textos especializados da área enquanto “traçado

ornamental”, por outro lado, é uma solução tradutória documentada em repertórios terminológicos traduzidos para o português brasileiro. Esta solução foi incluída por paralelismo com as propostas de tradução de BAR TRACERY e PLATE TRACERY. **VER**

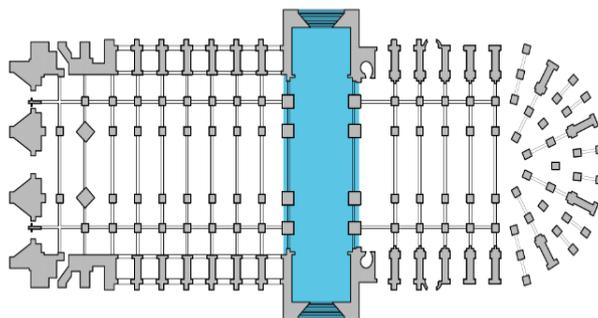
**TAMBÉM:** BAR TRACERY, PLATE TRACERY.



*Rendilhado de uma janela na Catedral de Notre Dame de Paris (França)*

**transept** *n.* tranverse area in a cross-shaped CHURCH, between NAVE and CHANCEL. ①

**transepto** *s.m.* (**pl.** transeptos) “Conforme o fiel avança pela nave rumo ao **transepto**, ele é confrontado por uma série elementos artísticos que, juntos, fazem da catedral uma imensa obra de arte total cristã [...]” (CEB.054).



*Transepto em uma igreja cruciforme*

**transverse rib** *n.* RIB which runs between two walls in a RIB VAULT. ① **nervura transversal**

*s.f.* (pl. nervuras transversais) “[...] Como em Canterbury, as nervuras diagonais em Sens são arcos semicirculares e as **nervuras transversais** são ogivais [...] (CEA.001).

**NOTAS**

**ENCICLOPÉDICAS:** São as nervuras transversais que marcam os tramos (BAY) da abóbada de nervuras (RIB VAULT).



*Nervuras transversais na Basílica Real de Saint Denis (França)*

**trefoil** (*also* TRILOBE) *n.* ornamental form which has three rounded shapes, resembling a three-petaled flower. ① **trifólio** *s.m.* (pl. trifólio) “Os espaços vazios entre as ogivas eram preenchidos com os quadrifólios ou **trifólios**, elementos decorativos com curvas caprichosas, recortadas em pedra” (CEB.070). **NOTAS ENCICLOPÉDICAS:** O trifólio, simbolicamente, representa a Santíssima Trindade.



*Trifólio na Catedral de Notre Dame de Paris (França)*

**triforium** *n.* middle story in the interior of a large CHURCH facing the NAVE, usually with openings leading to a GALLERY. ① **trifório** *s.m.* (**pl.:** trifórios) “Na reconstrução, a parede

*interna da catedral [de Chartres] foi dividida internamente em três andares: arcada principal, trifório e clerestório. Essa divisão permitiu aumentar a altura da igreja: a cúpula ficou a 36,50 metros do chão”*



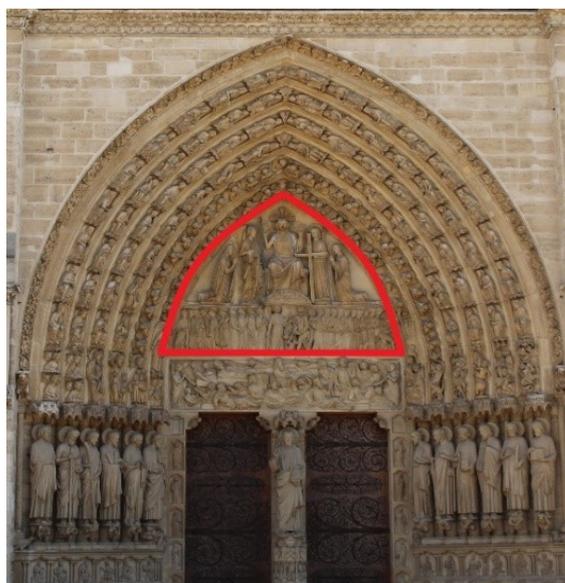
*Trifório da Basílica Real de Saint-Denis (França)*

(CEB.001). **NOTAS**

**DE TRADUÇÃO:** Por vezes, “triforium” pode incluir o conceito de “GALLERY”, muito embora este uso seja desaconselhado entre especialistas. Em português brasileiro, o termo “trifório” inclui tanto o significado de “triforium” quanto de “GALLERY”.

**tympanum** *n.* area between an ARCH and a horizontal block above an entrance. ①

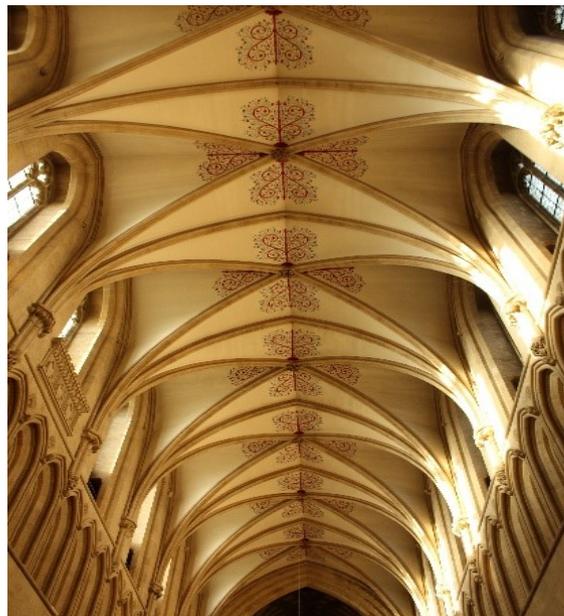
**tímpano** *s.m.* (**pl.** tímpanos) “Cada um desses portais apresenta um **tímpano** inteiramente preenchido por trabalhos de escultura” (CEB.001). **NOTAS ENCICLOPÉDICAS:** Nas edificações góticas, os tímpanos possuem normalmente formas triangulares e são decorados por esculturas.



*Tímpano no portal principal da Catedral de Notre Dame de Paris (França)*

**trilobe** → TREFOIL.

**vault** *n.* ceiling with curved shapes. ① **abóbada** *s.f.* (**pl.** abóbadas) “*A catedral de Notre-Dame de Paris tem 150,20 metros de comprimento e suas principais abóbadas estão a 32,50 metros do chão*” (CEB.001). ② **abóboda** *s.f.* (**pl.** abóbodas) “*Uma vez que o sistema de construção gótico permite fazer com que o peso vertical da abóboda incida sobre os pilares e a pressão lateral sobre os arçobotantes e seus contrafortes, as paredes não têm funções estáticas e podem ser substituídas sem qualquer problema por uma série de arcadas e de grandes janelas [...]*” (CEB.009). **NOTA DE TRADUÇÃO:**



*Abóbada da nave central da Catedral de Bristol (Reino Unido)*

“abóbada” e “abóboda” são ambos conceitual e pragmaticamente equivalentes à “vault”. Ao se traduzir, recomenda-se, contudo, a adoção de uma das formas e que a consistência seja mantida inclusive em termos derivados (por exemplo, “abóbada de nervuras” ou “abóboda de nervuras”). **VER TAMBÉM:** RIB VAULT, FAN VAULT.

**vaulting shaft** *n.* vertical structure supporting a VAULT. ① **pé-direito** *s.m.* (**pl.** pés-direitos) “*O fato de o peso do teto não ser mais descarregado no pé-direito permitirá paredes mais finas e vazadas por grandes janelas [...]*” (CEB.065). **NOTAS DE TRADUÇÃO:** Em português brasileiro, “pé-direito” também pode significar a altura entre o pavimento e o teto de uma edificação. **NOTAS ENCICLOPÉDICAS:** O pé-direito pode se elevar diretamente do pavimento ou a partir de uma mísula (CORBEL) e pode ser representado por qualquer tipo de suporte de sustentação, tais como uma coluna (COLUMN) ou pilar (PIER), contanto que faça parte de uma abóbada (VAULT).



*Pé-direito na Basílica Real de Saint Denis (França)*

## ÍNDICE REMISSIVO

<b>A</b>		<b>campanário</b> .....	198
<b>ábaco</b> .....	192	<b>capela</b> .....	202
<b>abadia</b> .....	192, 193	<b>capela da Virgem</b> .....	213
<b>abóbada</b> .....	235	<b>capela de dotação</b> .....	202
<b>abóbada de leque</b> .....	210	<b>capela de Nossa Senhora</b> .....	213
<b>abóbada de nervuras</b> .....	225	<b>capela-mor</b> .....	201
<b>abóbada em cálice</b> .....	210	<b>capitel</b> .....	200
<b>abóbada em leque</b> .....	210	<b>capitel folheado</b> .....	211
<b>abóbada estrelada</b> .....	231	<b>catedral</b> .....	201
<b>abóbada gótica</b> .....	225	<b>charola</b> .....	194
<b>abóbada nervurada</b> .....	225	<b>claustro</b> .....	205
<b>abóbada quadripartida</b> .....	223	<b>clerestório</b> .....	205
<b>abóbada sexpartida</b> .....	228	<b>cogulho</b> .....	207
<b>abóboda</b> .....	235	<b>coluna</b> .....	206
<b>abside</b> .....	195	<b>contraforte</b> .....	200
<b>altar</b> .....	194	<b>cornija</b> .....	207
<b>arcada</b> .....	195	<b>coro</b> .....	203
<b>arcada cega</b> .....	199	<b>coro alto</b> .....	223
<b>arcatura</b> .....	199	<b>coruchéu</b> .....	230
<b>arco</b> .....	196	<b>cripta</b> .....	208
<b>arco contracurvado</b> .....	217	<b>cruzeiro</b> .....	208
<b>arco de volta perfeita</b> .....	227	<b>cúspide</b> .....	208
<b>arco gótico</b> .....	221	<b>D</b>	
<b>arco ogival</b> .....	221	<b>deambulatório</b> .....	194
<b>arco pleno</b> .....	227	<b>dintel</b> .....	215
<b>arco quebrado</b> .....	221	<b>E</b>	
<b>arco semicircular</b> .....	227	<b>enjuta</b> .....	229
<b>arcobotante</b> .....	210	<b>F</b>	
<b>arenito</b> .....	228	<b>fachada</b> .....	209
<b>arquivolta</b> .....	196	<b>fecho pendural</b> .....	218
<b>arranque</b> .....	230	<b>flecha</b> .....	230
<b>B</b>		<b>fuste</b> .....	229
<b>base</b> .....	197	<b>G</b>	
<b>botaréu</b> .....	200	<b>gablete</b> .....	211
<b>C</b>		<b>galeria</b> .....	212
<b>calcário</b> .....	214		

<b>gárgula</b> .....	212	<b>pilar</b> .....	219
		<b>pilastra</b> .....	220
		<b>pináculo</b> .....	220
		<b>portal</b> .....	222
		<b>presbitério</b> .....	222
	<b>I</b>		<b>Q</b>
<b>igreja</b> .....	204	<b>quadrifólio</b> .....	224
<b>igreja abacial</b> .....	193		<b>R</b>
	<b>J</b>		
<b>janela de lanceta</b> .....	213	<b>rendilhado</b> .....	232
		<b>retrocoro</b> .....	224
	<b>L</b>	<b>rosácea</b> .....	227
<b>lanterna</b> .....	214	<b>rosão</b> .....	199
<b>lierne</b> .....	214		<b>S</b>
<b>lintel</b> .....	215	<b>sala capitular</b> .....	203
<b>lóbulo</b> .....	211	<b>santuário</b> .....	222
	<b>M</b>		<b>T</b>
<b>mármore</b> .....	215	<b>terciarão</b> .....	231
<b>mísula</b> .....	206	<b>tímpano</b> .....	234
	<b>N</b>	<b>torre sineira</b> .....	198
<b>nave</b> .....	216	<b>traçado em barra</b> .....	197
<b>nave central</b> .....	216	<b>traçado em placa</b> .....	221
<b>nave lateral</b> .....	193	<b>traçado ornamental</b> .....	232
<b>nave principal</b> .....	216	<b>traçado perpendicular</b> .....	219
<b>nervura</b> .....	225	<b>tramo</b> .....	198
<b>nervura diagonal</b> .....	209	<b>transepto</b> .....	232
<b>nervura longitudinal</b> .....	226	<b>trifólio</b> .....	233
<b>nervura transversal</b> .....	233	<b>trifório</b> .....	234
<b>nicho</b> .....	217		<b>V</b>
	<b>P</b>	<b>vitral</b> .....	230
<b>paróquia</b> .....	218		
<b>pé-direito</b> .....	235		
<b>pentafólio</b> .....	204		

**APÊNDICE B – FICHAS TERMINOLÓGICAS DE TRABALHO**

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.001	2	abacus			3	n.	4	9
5	IMG 3279(c)	7a	-			8a	-	9a	-
6	Notre Dame de Paris	7b	-			8b	-	9b	-
10a	Flat slab forming the top of a capital on a column or pilaster.					11a	RDA.001		
10b	a flat squared slab at the very top of a classical column, the upper part of a capital above echinus and below an entablature.					11b	RDA.002		
10c	The flat slab on the top of a CAPITAL.					11c	RDA.003		
12	flat squared block at the top of a CAPITAL which supports the weight of the structural element above it.								
13	ábaco	14	s.m.	15	1	16	ábacos		
17	Parte superior do CAPITEL de uma coluna. Tem como função transmitir as cargas vindas do coronamento da edificação ou de pavimentos superiores para a coluna. Deste modo alivia as pressões sobre o restante do capitel, que frequentemente é mais frágil e delicado.					18	RDB.002		
19	Ábaco é a laje da cobertura do capitel. Este elemento é geralmente achatado e mais largo que o capitel, pois a sua função principal é servir de base de apoio ao peso exercido pelo elemento superior.					20	CEB.072		
21	-								
22	-					23	-		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/09/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.002	2	abbey ①			3	n.	4	262
5	IMG_0002	7a	-			8a	-	9a	-
6	Westminster	7b	-			8b	-	9b	-
10a	a community of monks overseen by an abbot, or of nuns by an abess; also the main buildings of this community.					11a	RDA.002		
10b	A MONASTRY governed by an abbot or abess.					11b	RDA.003		
10c	The building or buildings occupied by a community of monks or nuns.					11c	RDA.005		
12	group of buildings occupied by a community of monks or nuns supervised by an abbot or abess.								
13	abadia	14	s.f.	15	119	16	abadias		
17	local que abriga uma comunidade religiosa monástica [...] dirigida por abade ou abadesa.					18	RDB.005		
19	[O Abade Suger] descreveu cada domínio da abadia, de acordo com sua memória, como também as transações financeiras de compra e venda de terras, de taxas e de impostos cobrados.					20	CEB.049		
21	-								
22	-					23	-		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.002	2	abbey ②			3	n.	4	262
5	IMG 1494	7a	abbey church			8a	-	9a	-
6	Westminster	7b	-			8b	-	9b	-
10a	the church of an abbey.					11a	RDA.002		
10b	a church belonging or formerly belonging to an abbey; a conventual church.					11b	RDA.004		
10c	A church that was formerly an abbey.					11c	RDA.005		
12	CHURCH belonging to the abovementioned community or formerly occupied by them.								
13a	abadia	14a	s.f.	15a	290	16a	abadias		
17a	igreja desse mosteiro; igreja abacial					18a	RDB.005		
19a	Em dias de festa, a abadia ficava tão cheia que não era possível nem entrar ou sair. Alguns tinham dificuldade de respirar devido à enorme multidão no interior da igreja.					20a	CEB.049		
13b	igreja abacial	14a	s.f.	15a	22	16b	igrejas abaciais		
17b	igreja desse mosteiro; igreja abacial					18b	RDB.005		
19b	Considera-se que a igreja abacial de Saint-Denis, construída pelo Abade Suger, localizada nas proximidades da cidade de Pans, é o edifício 'fundador' do estilo gótico.					20b	CEB.055		
21	-								
22	-					23	-		
24	-								
25	15/09/2019	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.003	2	aisle			3	n.	4	11
5	IMG 3578	7a	nave aisle			8a	n.	9a	76
6	Saint Denis	7b	-			8b	-	9b	-
10a	Subsidiary space alongside the body of a building, separated from it by columns, piers or posts.					11a	RDA.001		
10b	a longitudinal corridor flanking the nave of church, basilica etc., bounded by an arcade or row of columns.					11b	RDA.002		
10c	Part of a church, hall or other building, parallel to the main span and divided from it by an ARCADE of piers or columns or in rare cases by a screen wall.					11c	RDA.003		
12	area parallel to the NAVE and separated from it by an ARCADE.								
13	nave lateral	14	s.f.	15	290	16	naves laterais		
17	Espaço livre no interior das igrejas destinado àqueles que assistem aos rituais religiosos. Em geral abrange a área compreendida entre o PÓRTICO e a CAPELA-MOR, sendo disposta no sentido longitudinal à construção. Pode ser subdividida por COLUNAS, PILARES ou ARCOS. É comum igrejas de maior porte possuírem três naves: uma central, a nave central ou principal, e duas laterais, as naves colaterais.					18	RDB.003		
19	A claridade vem pelas janelas do clerestório, pelas janelas das paredes externas das naves laterais e pelos grandes vitrais.					20	CEB.001		
21	-								
22	-					23	-		
24	-								
25	15/09/2019	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.004	2	altar			3	n.	4	30
5	IMG 3881	7a	-			8a	-	9a	-
6	Bristol	7b	-			8b	-	9b	-
10a	the focal point of worship in a church, temple or shrine.				11a	RDA.002			
10b	The Christian altar is a table or slab on supports consecrated for celebration of the sacrament; usually of stone.				11b	RDA.003			
10c	Christian altars, consecrated for celebration of the Eucharist, are elevated tables with a plane (usually stone) top (mensa) incised with crosses representing the Five Wounds of Christ [...]				11c	RDA.004			
12	elevated structure used for mass celebrations in a CHURCH.								
13	altar	14	s.m.	15	290	16	altares		
17	Nas igrejas, espécie de mesa alta onde o sacerdote celebra os ritos religiosos.				18	RDB.002			
19	A ornamentação de ouro do altar continha várias pedras preciosas (jacintos, rubis, safiras, esmeraldas, topázios e várias pérolas, doados pelos reis, nobres e pelo alto clero da Igreja), tudo para exaltar o santo protetor.				20	CEB.049			
21	-								
22	As catedrais (CATHEDRAL) podem apresentar mais de um altar, que são destruídos nas capelas (CHAPEL). O altar principal de uma catedral se localiza à leste do cruzeiro (CROSSING) e marca a localização do presbitério (PRESBYTERY).				23	RDA.002, RDA.004			
24	-								
25	15/09/2019	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.005	2	ambulatory			3	n.	4	12
5	IMG 0004	7a	-			8a	-	9a	-
6	Notre Dame de Paris	7b	-			8b	-	9b	-
10a	Aisle around the sanctuary of a church.					11a	RDA.001		
10b	a semicircular extension of side aisles of a church to form a walk behind the high altar and round the apse; any processional way in a church.					11b	RDA.002		
10c	A semicircular or polygonal aisle enclosing an APSE or a straight-ended sanctuary; originally used for processional purposes.					11c	RDA.003		
12	passageway which goes around the main altar of a CHURCH.								
13a	deambulatório	14a	s.m.	15a	14	16a	deambulatórios		
17a	Galeria que circunda o altar-mor ou a capela-mor de certas igrejas, que permite a comunicação entre as naves laterais.					18a	RDB.007		
19a	No deambulatório, o caminho é delimitado por duas fileiras de doze colunas monolíticas.					20a	CEB.009		
13b	charola	14b	s.f.	15b	2	16	charolas		
17b	V deambulatório, acepção 2.					18b	RDB.007		
19b	Nessa catedral [Catedral de Barcelona] são peculiares as capelas laterais, de dois pisos e duas por tramo; a ampla cripta debaixo do presbitério, onde se colocou o sepulcro de Santa Eulália; [e] a charola rodeada por capelas [...]					20b	CEB.010		
21	Em português brasileiro, “deambulatório” e “charola” designam o mesmo conceito, porém a primeira opção se utiliza com maior frequência em textos especializados da área.								
22	-					23	-		
24	-								
25	15/09/2019	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.006	2	apse			3	n.	4	6
5	IMG 0005	7a	-			8a	-	9a	-
6	Notre Dame de Paris	7b	-			8b	-	9b	-
10a	Semicircular or polygonal end of an apartment, especially of a chancel or chapel.					11a	RDA.001		
10b	a semicircular or polygonal terminating space at or behind the high altar, of a church or basilica, often roofed with a half-dome.					11b	RDA.002		
10c	A vaulted semicircular or polygonal termination, usually to a chancel or chapel.					11c	RDA.003		
12	semicircular or polygonal termination behind the main altar in a CHURCH.								
13	abside	14	s.f.	15	36	16	absides		
17	espaço interno semicircular ou em forma de polígono atrás do coro.					18	RDB.001		
19	As laterais e a parede externa da abside são ricamente decoradas por estátuas e gárgulas intercaladas por contrafortes e arcobotantes alternados com as janelas.					20	CEB.034		
21	-								
22	O espaço da abside pode ser utilizado também como coro (CHOIR) ou assento para o clero.					23	RDA.001		
24	-								
25	15/09/2019	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.007	2	arcade			3	n.	4	175
5	IMG_3235	7a	arcading			8a	n.	9a	27
6	Notre Dame de Paris	7b	-			8b	-	9b	-
10a	Series of arches supported by piers or columns.					11a	RDA.001		
10b	a row of columns surmounted by a series of series					11b	RDA.002		
10c	A range of arches carried on PIERS or columns, either free-standing or blind, i.e. attached to a wall.					11c	RDA.003		
12	series of ARCHES supported by COLUMNS or PIERS.								
13	arcada	14	s.f.	15	36	16	arcadas		
17	Série de arcos contíguos ao longo de um mesmo paramento. Comumente é usado em fachadas.					18a	RDB.002		
19	As arcadas, como o próprio nome revela, são arcos ogivais (na arquitetura gótica) posicionados em sequência, geralmente próximo aos claustros.					20	CEB.023		
21	-								
22	Nas catedrais góticas, as arcadas são tradicionalmente encontradas na parte inferior da nave (NAVE) ou no claustro (CLOISTER).					23	RDA.004		
24	-								
25	15/09/2019	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.008	2	arch			3	n.	4	343
5	IMG_3603	7a	-			8a	-	9a	-
6	Saint Denis	7b	-			8b	-	9b	-
10a	a two-dimensionally curved beam construction for supporting loads between two points of support over an opening; traditional masonry arches were constructed from wedge-shaped stones locked together by loading from above.				11a	RDA.002			
10b	The spanning of an opening by means other than of a LINTEL. The most primitive form was made by CORBELLING. True arches are curved and so constructed with wedge-shaped blocks over the opening that the downward thrust of the weight of their own material and of that above is converted into outward thrusts resisted by the flanking material. There are many different types				11b	RDA.003			
10c	Construction, known as an arch-ring, made of truncated wedge-shaped blocks (arch-stones or voussoirs) that by mutual pressure stay in place, set out in a curved form to span an opening and carry a superimposed load, as an alternative to a lintel: it is termed arcuated, as opposed to trabeated.				11c	RDA.004			
12	curved structural element, usually for supporting loads between two points over an opening.								
13	arco	14	s.m.	15	267	16	arcos		
17	Elemento construtivo curvo usado comumente na ligação entre dois apoios, como PILARES ou COLUNAS, ou entre as OMBREIRAS do vão.				18	RDB.002			
19	A característica mais importante da arquitetura gótica é a abóbada de nervuras, muito diferente da abóbada de arestas românica [...] porque deixa visíveis os arcos que formam sua estrutura.				20	CEB.013			
21	-								
22	-				23	-			
24	VER TAMBÉM: POINTED ARCH, ROUND ARCH.								
25	15/09/2019	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.009	2	archivolt			3	n.	4	175
5	IMG_2988	7a	-			8a	-	9a	-
6	Sainte Chapelle	7b	-			8b	-	9b	-
10a	Under-surface of an arch, or a moulded band following its contour.					11a	RDA.001		
10b	a decorated band above or on the soffit of the intrados in an arch.					11b	RDA.002		
10c	The continuous architrave moulding of the face of an arch, following its contour; also the INTRADOS or under-side of an arch.					11c	RDA.003		
12	ornamental band in the inner part of an ARCH, usually following its shape.								
13	arquivolta	14	s.f.	15	3	16	arquivoltas		
17	MOLDURA ou molduras que circundam a parte externa de um arco servindo como ornamentação. Quando tem mais de uma moldura, constitui geralmente uma série de molduras que circundam o arco de modo concêntrico e decrescente.					18	RDB.002		
19	As esculturas aparecem nas arquivoltas em forma reduzida para não comprometer a estrutura da ogiva [...]					20	CEB.032		
21	-								
22	-					23	-		
24	-								
25	15/09/2019	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.010	2	bar tracery			3	n.	4	20
5	IMG 4342	7a	-			8a	-	9a	-
6	Wells	7b	-			8b	-	9b	-
10a	A form of tracery introduced c. 1250, in which patterns are formed by intersecting moulded ribwork continuing upwards from the mullions.				11a	RDA.001			
10b	introduced at Reims and brought to England c. 1240, consists of intersecting ribwork made up of slender shafts continuing the lines of the mullions up to a decorative mesh in the window-head.				11b	RDA.003			
10c	Starting with early-C13 examples, the flat plate was abandoned, and large lights were divided by moulded mullions, the section of which continued at the heads of the window-apertures to describe circular and other lights, leaving the spandrels open and divided into small lights of various shapes and sizes.				11c	RDA.004			
12	TRACERY composed of delicate intersecting shapes in the upper part of a window.								
13	traçado em barra	14	s.m.	15	-	16	traçados em barra		
17	introduzido em Reims e levado para Inglaterra c. 1240, consiste de nervuras entrecortadas constituídas de fustes esbeltos, em prosseguimento às linhas dos mainéis, e formando um rendilhado no interior da ogiva.				18	RDB.009			
19	O traçado em placa foi substituído pelo traçado em barra [...]				20	CEA.001			
21	“traçado em barra” é uma solução tradutória documentada em repertórios terminológicos traduzidos para o português brasileiro.								
22	O traçado em barra representa uma evolução do traçado em placa (PLATE TRACERY) e surgiu na primeira metade do século XIII em Reims (França) e foi bastante utilizado na arquitetura gótica inglesa.				23	RDA.001, RDA.003, RDA.004			
24	VER TAMBÉM: PERPENDICULAR TRACERY.								
25	15/09/2019	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.011	2	base			3	n.	4	17
5	IMG 3468	7a	-			8a	-	9a	-
6	Saint Denis	7b	-			8b	-	9b	-
10a	Moulded foot of a column or pilaster.					11a	RDA.001		
10b	the lowest, thickened section of a column, pedestal etc. beneath its shaft, often decorated, which transfers loading onto a plinth or to a foundation.					11b	RDA.002		
10c	Anything on which an object rests, the term is given primarily to the foot or lowest member of a colonnette, column, or pier on which the shaft or mass of construction sits. The base of a column is therefore that part between the bottom of the shaft and the pavement, pedestal, or plinth.					11c	RDA.004		
12	lowest thickened part of COLUMN, PIER or PILASTER.								
13	base	14	s.f.	15	33	16	bases		
17	Na arquitetura clássica, parte inferior da COLUNA ou PILASTRA.					18	RDB.002		
19	Os capitéis de Chartres intercedem entre as bases pesadas dos pilares principais e o verticalismo ascendente dos fustes sob as nervuras da abóbada, procurando dar articulação ao conjunto, acima do contraste.					20	CEB.061		
21	-								
22	-					23	-		
24	-								
25	15/09/2019	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.012	2	bay			3	n.	4	253
5	IMG_3497(a)	7a	-			8a	-	9a	-
6	Saint Denis	7b	-			8b	-	9b	-
10a	Division of an elevation or interior space as defined by regular vertical features such as arches, columns, windows etc.				11a	RDA.001			
10b	A vertical division of the exterior or interior of a building marked not by the walls but by fenestration, an order, buttresses, units of vaulting, roof compartments, etc.				11b	RDA.003			
10c	Regular structural subdivision of a building, such as a church: in the latter case the building is divided along its long axis by bays defined by the buttresses, piers, and vaults, with windows inserted into the curtain-wall of each bay.				11c	RDA.004			
12	regular subdivision of space in a building, marked by architectural elements, such as ARCHES and COLUMNS.								
13	tramo	14	s.m.	15	16	16	tramos		
17	Espaço compreendido entre dois elementos arquitetônicos verticais.				18	RDB.003			
19	Nessa catedral [Catedral de Barcelona] são peculiares as capelas laterais, de dois pisos e duas por tramo [...]				20	CEB.010			
21	-								
22	-				23	-			
24	-								
25	15/09/2019	26	06/07/2019		27	DNVA			

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.013	2	bell tower			3	n.	4	8
5	IMG 1470	7a	-			8a	-	9a	-
6	Westminster	7b	-			8b	-	9b	-
10a	a church or other tower containing bells in an open or louvred chamber near the top.					11a	RDA.002		
10b	Bell-tower, usually attached to a church or other building, and sometimes free-standing.					11b	RDA.004		
10c	a tower containing a bell or bells; belfry					11c	RDA.008		
12	vertical structure containing the bells of a CHURCH.								
13a	campanário	14a	s.m.	15a	11	16a	campanários		
17a	Pequena TORRE para colocação de sinos. Pode estar implantada em construção independente junto ao edifício principal ou formar um corpo integrante desta edificação. Frequentemente é encontrado em igrejas e capelas. É também chamado de torre sineira.					18a	RDB.002		
19a	Durante três semanas, os sinos foram expostos na nave central da igreja de Notre Dame, até serem içados aos campanários.					20a	CEB.050		
13b	torre sineira	16a	s.m.	15	16	16b	torres sineiras		
17b	Pequena TORRE para colocação de sinos. Pode estar implantada em construção independente junto ao edifício principal ou formar um corpo integrante desta edificação. Frequentemente é encontrado em igrejas e capelas. É também chamado de torre sineira.					18b	RDB.002		
19b	Nas torres (principalmente nas torres sineiras) os telhados são em forma de pirâmide.					20b	CEB.022		
21	Em português brasileiro, “campanário” e “torre sineira” compreendem o mesmo significado, porém o primeiro é associado com maior frequência a edificações religiosas.								
22	-					23	-		
24	-								
25	15/09/2019	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.014	2	blind arcade			3	n.	4	12
5	IMG 4252	7a	-			8a	-	9a	-
6	Wells	7b	-			8b	-	9b	-
10a	the same [arcade] applied to the wall surface					11a	RDA.001		
10b	arcade engaged with (attached to) a wall, also called surface- or wall-arcade.					11b	RDA.004		
10c	An arcade backed by a solid wall.					11c	RDA.011		
12	ARCADE applied to a solid wall.								
13a	arcada cega	14a	s.f.	15a	2	16a	arcadas cegas		
17a	-					18a	-		
19a	O uso de arcadas cegas na fachada é um elemento de transição do românico para arquitetura gótica.					20a	CEB.079		
13b	arcatura	16a	s.f.	15	1	16b	arcaturas		
17b	ARCADA formada por arcos de pequeno diâmetro comumente fingidos, isto é, com seus vãos fechados. Comumente é utilizada na ornamentação de fachadas.					18b	RDB.002		
19b	Tratava-se de uma igreja grande, de grossas paredes e caracterizada desde o século XI por uma arquitetura que se faz reconhecer pelo emprego sistemático das arcaturas e de bandas lisas.					20b	CEB.069		
21	-								
22	-					23	-		
24	-								
25	15/09/2019	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.015	2	boss			3	n.	4	89
5	IMG 4262	7a	-			8a	-	9a	-
6	Wells	7b	-			8b	-	9b	-
10a	Knob or projection, e.g. at the intersection of ribs in a rib-vault.					11a	RDA.001		
10b	An ornamental knob or projection covering the intersection of ribs in a vault or ceiling; often carved with foliage.					11b	RDA.003		
10c	Carved convex block, often richly decorated, at the junction of vault-ribs, etc., in medieval architecture.					11c	RDA.004		
12	projection, usually carved, covering the intersection of the RIBS in a VAULT.								
13	rosão	14	s.m.	15	-	16	rosões		
17	Projeção ornamental arredonda, como um fecho de abóbada esculpida cobrindo a interseção de ogivas.					18	RDB.010		
19	Os rosões da abóbada são considerados os melhores do período.					20	CEA.001		
21	“rosão” é uma solução tradutória documentada em repertórios terminológicos traduzidos para o português brasileiro.								
22	Na arquitetura gótica, os rosões são normalmente esculpidos com elementos vegetais.					23	RDA.002		
24	-								
25	15/09/2019	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.016	2	buttress			3	n.	4	60
5	IMG 3017	7a	-			8a	-	9a	-
6	Sainte Chapelle	7b	-			8b	-	9b	-
10a	Vertical member projecting from a wall to stabilize it or to resist the lateral thrust of an arch, roof or vault.					11a	RDA.001		
10b	A mass of masonry or brickwork projecting from or built against a wall to give additional strength, usually to counteract the lateral thrust of an arch, roof, or vault.					11b	RDA.003		
10c	Pier-like projection of brick, masonry, etc., built either in close connection with a wall needing extra stability, or standing isolated, to counter the outward thrust of an arch, vault, or other elements.					11c	RDA.004		
12	vertical structural member projecting from a wall to support the lateral thrust of an ARCH, VAULT or other element.								
13a	contraforte	14a	s.m.	15a	88	16a	contrafortes		
17a	Maciço de ALVENARIA ou grande PILAR encostado a parede ou muro, servindo de reforço contra pressões laterais sobre determinados da construção ou à sua estabilidade. Pode ser executado internamente ou externamente à edificação. Foi muito usado em prédios com ABÓBADAS.					18a	RDB.002		
19a	E os contrafortes eram reforços que substituíam as grossas muralhas das construções românicas.					20a	CEB.006		
13b	botaréu	16a	s.m.	15	2	16b	botaréis		
17b	PILAR ou muro de sustentação elevado próximo ou junto a uma das paredes da construção, destinado a receber os esforços descarregados na parede.					18b	RDB.002		
19b	Os arcobotantes são uma espécie de meios arcos construídos por cima da cobertura das naves laterais entre os extradorsos da abóbada central e os botaréis.					20b	CEB.073		
21	Em português brasileiro, “contraforte” e “botaréu” representam o mesmo conceito, porém o primeiro se utiliza com maior frequência em textos especializados da área.								
22	-					23	-		
24	-								
25	15/09/2019	26	06/07/2019			27	DNVA		

<b>FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO</b>									
1	UTA.017	2	capital			3	n.	4	45
5	IMG 2987	7a	-			8a	-	9a	-
6	Sainte Chapelle	7b	-			8b	-	9b	-
10a	Head or crowning feature of a column or pilaster.					11a	RDA.001		
10b	The head or crowning feature of a column.					11b	RDA.003		
10c	Chapiter, cap, head, or topmost member of an anta, colonnette, column, pilaster, pier, etc., defined by distinct architectural treatment, often ornamented.					11c	RDA.004		
12	head of a COLUMN, PIER or PILASTER, usually ornamented.								
13	capitel	14	s.m.	15	36	16	capitéis		
17	Parte superior de COLUNAS, PILASTRAS ou BALAUÍSTRES. Originariamente em colunas, tinha como função construtiva aumentar a superfície de apoio dos elementos que sustentava, permitindo que ARQUITRAVES fossem mais curtas. Com a utilização de materiais estruturais seu uso restringiu-se a uma função decorativa.					18	RDB.002		
19	O capitel é a extremidade superior de uma coluna, pilar ou pilastra e possui utilidades decorativas e técnicas, como o sustento e a transmissão de força para o fuste.					20	CEA.001		
21	-								
22	Os capitéis góticos são ornamentados com elementos vegetais.					23	RDA.004		
24	VER TAMBÉM: FOLIATE CAPITAL.								
25	15/09/2019	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.018	2	cathedral			3	n.	4	842
5	IMG 4106	7a	-			8a	-	9a	-
6	Bristol	7b	-			8b	-	9b	-
10a	a large and principal church of a diocese, the seat of a bishop.					11a	RDA.002		
10b	Bishop's church, from CATHEDRA.					11b	RDA.003		
10c	Principal church of the See or Diocese containing the cathedra.					11c	RDA.004		
12	main CHURCH of a diocese, usually very large.								
13	catedral	14	s.f.	15	514	16	catedrais		
17	No catolicismo, igreja principal de uma diocese ou arquidiocese, onde fica a cátedra episcopal.					18	RDB.006		
19	O estilo gótico das grandes catedrais medievais teve grande influência sobre a arquitetura das igrejas católicas ao longo dos séculos.					20	CEB.001		
21	-								
22	As catedrais são o tipo de edificação mais icônico da arquitetura gótica. Verticalmente, podem ter três níveis: o primeiro marcado pela arcada (ARCADE), o segundo pelo trifório (TRIFORIUM) e o terceiro pelo clerestório (CLERESTORY).					23	RDA.002		
24	-								
25	15/09/2019	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.019	2	chancel			3	n.	4	21
5	IMG 0007	7a	-			8a	-	9a	-
6	Notre Dame de Paris	7b	-			8b	-	9b	-
10a	The eastern part or end of a church, where the altar is placed; usually set apart for the clergy.					11a	RDA.001		
10b	The part of the east end of a church in which the main altar is placed; reserved for clergy and choir.					11b	RDA.003		
10c	Liturgical eastern part of a church, used by those officiating in the services, and often defined by a cancellus (from which the term is derived) or screen. It contains the sanctuary and altar, and often embraces the choir, especially in larger churches where the chancel is part of the main body of the building east of the crossing.					11c	RDA.004		
12	liturgical area surrounding the main ALTAR in a CHURCH.								
13	capela-mor	14	s.f.	15	514	16	catedrais		
17	Nas igrejas, CAPELA principal onde fica o ALTAR-MOR. Em geral situa-se na frente da entrada principal.					18	RDB.002		
19	A planta da igreja gótica era em forma de cruz latina. Sua implantação era feita de forma que a nave e a capela-mor se situassem no braço longitudinal no sentido Leste-Oeste.					20	CEB.012		
21	-								
22	A capela-mor pode incluir a área do coro (CHOIR), do presbitério (PRESBYTERY) e da abside (APSE).					23	RDA.004		
24	-								
25	15/09/2019	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.020	2	chantry chapel			3	n.	4	10
5	IMG 3984	7a	-			8a	-	9a	-
6	Bristol	7b	-			8b	-	9b	-
10a	A chapel, often attached to or within a church, endowed for the celebration of masses principally for the soul of the founder(s).					11a	RDA.001		
10b	A chapel attached to, or inside, a church, endowed for the celebration of Masses for the soul of the founder or for the souls of such others as he may order.					11b	RDA.003		
10c	Establishment, endowment, or foundation for the daily or frequent saying of Masses on behalf of the souls of the founder, founders, or other persons: a chantry-chapel was therefore a chapel or separate part of a church established for this purpose, often enclosed by a screen (with or without a canopy), and frequently erected over the burial-place of the founder.					11c	RDA.004		
12	CHAPEL where masses are celebrated for the souls of the founders or other individuals.								
13	capela de dotação	14	s.f.	15	-	16	capelas de dotação		
17	Capela anexada, ou no interior de uma igreja, destinada à celebração de missas pela alma de um benemérito ou almas daqueles a quem ordenar					18	RDB.009		
19	Estas eram capelas de dotação, construídas especialmente para a celebração de missas para as almas dos fundadores.					20	CEA.054		
21	“capela de dotação” é uma solução tradutória documentada em repertórios terminológicos traduzidos para o português brasileiro. De acordo com o contexto, é possível utilizar o hiperônimo “capela” para se produzir um texto alvo funcional.								
22	-					23	-		
24	-								
25	15/09/2019	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.021	2	chapel			3	n.	4	252
5	IMG 3921	7a	-			8a	-	9a	-
6	Bristol	7b	-			8b	-	9b	-
10a	a small space within a church or temple, or a separate building, for private worship.					11a	RDA.002		
10b	A place for worship in honour of a particular saint, usually forming part of a church but sometimes a separate, detached building.					11b	RDA.003		
10c	Building for Christian worship, not a parish-church or cathedral, often without certain privileges normally those of a parish-church. Room or building for worship in or attached to a castle, college, great house, monastery, palace, school, or other institution.					11c	RDA.004		
12	place for the worship of a particular saint or individual in or attached to a CHURCH.								
13	capela	14	s.f.	15	130	16	capelas		
17	1. Igreja em geral de pequenas dimensões que comumente possui um único ALTAR. [...] 3. Nas igrejas, espaço reentrante onde é disposto um altar colateral.					18	RDB.002		
19	Em cada capela [da Basílica Real de Saint Denis], há um altar e duas amplas janelas em vitral					20	CEB.049		
21	-								
22	-					23	-		
24	VER TAMBÉM: CHANTRY CHAPEL, LADY CHAPEL.								
25	15/09/2019	26	06/07/2019			27	DNVA		

<b>FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO</b>									
1	UTA.022	2	chapter house			3	n.	4	252
5	IMG 4241	7a	-			8a	-	9a	-
6	Wells	7b	-			8b	-	9b	-
10a	The place of assembly for the members of a monastery or cathedral, usually located off the east side of the cloister.				11a	RDA.001			
10b	The place of assembly for abbot or prior and members of a monastery for the discussion of business or for reading the chapters of the monastic rule. It is reached from the CLOISTERS, to whose eastern range it usually belongs, and in England is often polygonal in plan.				11b	RDA.003			
10c	Building for assemblies, business, meeting, maintenance of discipline, etc., associated with cathedral, collegiate, and conventual churches, often situated on the east side of the cloisters, but sometimes on the north side of the church with access through a vestibule or trisantia.				11c	RDA.004			
12	meeting place for the governing body of an ABBEY or a CHURCH.								
13	sala capitular	14	s.f.	15	3	16	salas capitulares		
17	-					18	-		
19	A sala com estrutura octogonal conhecida como sala capitular ainda conserva os chãos de mosaico do século XIII.				20	CEB.068			
21	-								
22	Nas igrejas inglesas, as salas capitulares são normalmente poligonais, com assentos e podem ter um pilar (PIER) central.				23	RDA.004			
24	-								
25	15/09/2019	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.023	2	choir			3	n.	4	316
5	IMG_4007	7a	quire			8a	n.	9a	26
6	Bristol	7b	-			8b	-	9b	-
10a	The part of a cathedral, monastic church or collegiate church where services are sung.					11a	RDA.001		
10b	The part of a church where divine service is sung, usually part of the chancel.					11b	RDA.003		
10c	Part of a large church appropriated for the singers, with stalls, situated to the liturgical east of the nave, often partially screened.					11c	RDA.004		
12	area where the service is sung in a CHURCH.								
13	coro	14	s.m.	15	186	16	coros		
17	Nas igrejas, local destinado aos religiosos, situado na CAPELA-MOR próximo ao ALTAR-MOR.					18	RDB.002		
19	No dia 11 de junho de 1144, a inauguração do coro da Basílica de Saint-Denis marca o nascimento da arte gótica.					20	CEB.038		
21	-								
22	-					23	-		
24	-								
25	15/09/2019	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.024	2	church			3	n.	4	272
5	IMG_0001	7a	-			8a	-	9a	-
6	Notre Dame de Paris	7b	-			8b	-	9b	-
10a	a building or consecrated space for the practice of Christian worship.					11a	RDA.002		
10b	Edifice for public Christian worship, distinguished from a chapel or oratory, which in some respects are not public in the wider sense.					11b	RDA.004		
10c	A building used for public Christian worship.					11c	RDA.005		
12	building for Christian worship and other religious activities.								
13	igreja	14	s.f.	15	820	16	igrejas		
17	Templo dedicado ao culto cristão.					18	RDB.007		
19	A primeira das igrejas de Amiens foi destruída por um incêndio em 1218 e sua reconstrução se dá a partir do ano 1236.					20	CEB.004		
21	-								
22	As igrejas góticas têm normalmente formato de cruz latina (cruciforme), simbolizando o Corpo de Jesus crucificado. Em um plano cruciforme, estas igrejas podem incluir, por exemplo, nave principal (NAVE), nave lateral (AISLE), cruzeiro (CROSSING), transepto (TRANSEPT), coro (CHOIR), presbitério (PRESBYTERY), deambulatório (AMBULATORY) e abside (APSE).					23	RDB.001, RDB.002, RDA.003, RDA.004,		
24	VER TAMBÉM: ABBEY (2), CATHEDRAL, PARISH CHURCH.								
25	15/09/2019	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.025	2	cinquefoil			3	n.	4	7
5	IMG_1405	7a	-			8a	-	9a	-
6	Westminster	7b	-			8b	-	9b	-
10a	A five-lobed opening.					11a	RDA.001		
10b	decorative and ornamental device consisting of five leaf motifs radiating out from a point.					11b	RDA.002		
10c	An ornamental design of five lobes arranged in a circle, e.g. in architectural tracery or heraldry.					11c	RDA.005		
12	ornamental form which has five lobes, resembling a five-petaled flower.								
13	pentafólio	14	s.m.	15	-	16	pentafólios		
17	ornamento circular dividido interiormente em cinco lóbulos.					18	RDB.005		
19	A decoração diagonal aparece acima do arco ogival principal do portal central da frente oeste da Catedral de Lincoln, com uma janela abaixo com o posterior traçado perpendicular e com um pentafólio inscrito em um círculo acima [...].					20	CEA.001		
21	“pentafólio” é uma solução tradutória documentada em repertórios terminológicos traduzidos para o português brasileiro e documentada em repertórios lexicográficos monolíngues.								
22	-					23	-		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.026	2	clerestory			3	n.	4	127
5	IMG 3483	7a	clerestorey			8a	n.	9a	3
6	Saint Denis	7b	-			8b	-	9b	-
10a	Uppermost storey of a church, pierced by windows. Also high-level windows in secular buildings.				11a	RDA.001			
10b	The upper stage of the main walls of a church above the aisle roofs, pierced by windows.				11b	RDA.002			
10c	Upper parts of walls carried on arcades or colonnades in the nave, choir, or transepts of a church, rising higher than the lean-to roofs of the aisles and pierced with windows to allow light to penetrate.				11c	RDA.004			
12	upper story of a CHURCH, usually with many windows.								
13	clerestório	14	s.m.	15	24	16	clerestórios		
17	Nas igrejas medievais, o conjunto das janelas laterais do pavimento superior.				18	RDB.006			
19	A claridade vem pelas janelas do clerestório, pelas janelas das paredes externas das naves laterais e pelos grandes vitrais.				20	CEB.001			
21	-								
22	O clerestório tinha por finalidade verticalizar a edificação e permitir a entrada de luz no ambiente por meio de suas janelas, características tradicionais da arquitetura gótica.				23	CEA.001			
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.027	2	cloister			3	n.	4	81
5	IMG 4725	7a	-			8a	-	9a	-
6	Canterbury	7b	-			8b	-	9b	-
10a	An enclosed quadrangle in a monastery or by a church, surrounded by covered passages; by extension, any space so enclosed.					11a	RDA.001		
10b	An enclosed space, usually a quadrangle or open court, surrounded by roofed or vaulted passages or ambulatories with open arcade or colonnade on the interior side and the plain wall on the other; it connects the monastic church with the domestic parts of the MONASTERY; usually south of the NAME and west of the TRANSEPT.					11b	RDA.003		
10c	Enclosed court, attached to a monastic or collegiate church, consisting of a roofed ambulatory, often (but not always) south of the nave and west of the transept, around an open area (garth), the walls (panes) facing the garth constructed with plain or traceried openings (sometimes glazed or shuttered).					11c	RDA.004		
12	covered quadrangle around an open area.								
13	claustro	14	s.m.	15	30	16	Claustros		
17	Pátio interior descoberto e geralmente rodeado de ARCADAS nos conventos ou edificios que tiverem esse uso.					18	RDB.002		
19	Os belíssimos claustros, construídos entre os séculos XIII e XIV, unem a igreja da Abadia [de Westminster] ao resto das dependências					20	CEB.068		
21	-								
22	O claustro normalmente se localiza no lado sul das igrejas e interconecta este mesmo edificio com as partes domésticas de uma abadia (ABBEY).					23	RDA.004		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO							
1	UTA.028	2	column	3	n.	4	64
5	IMG 3302	7a	-	8a	-	9a	-
6	Notre Dame de Paris	7b	-	8b	-	9b	-
10a	An upright structural member, especially in the classical styles, of round section and with a shaft, a capital, and usually a base.			11a	RDA.001		
10b	A free-standing upright member of a circular section and usually slightly tapering, normally intended as a support but sometimes erected independently as a monument.			11b	RDA.003		
10c	Detached rather slender vertical structural element, sometimes monolithic, usually circular (but sometimes square or polygonal) on plan, normally carrying an entablature or lintel, but sometimes standing on its own with a statue on top as a monument.			11c	RDA.004		
12	vertical element of round section for support or decorative purposes.						
13	coluna	14	s.f.	15	159	16	colunas
17	Elemento de sustentação vertical diferenciado do PILAR por ter seção horizontal circular.			18	RDB.002		
19	As colunas não serviam apenas de sustentação, mas representavam, para a época, os apóstolos e profetas do cristianismo, assim como Jesus seria a união de uma parede a outra.			20	CEB.055		
21	-						
22	As colunas seguem a composição clássica grega que inclui, obrigatoriamente, o fuste (SHAFT) e o capitel (CAPITAL) e, por vezes, a base (BASE) e o ábaco (ABACUS).			23	RDA.001, RDA.003, RDA.004		
24	-						
25	15/09/2018	26	06/07/2019	27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.029	2	corbel			3	n.	4	75
5	IMG_4725	7a	-			8a	-	9a	-
6	Canterbury	7b	-			8b	-	9b	-
10a	Projecting block supporting something above.					11a	RDA.001		
10b	A projecting block, usually of stone, supporting a beam or other horizontal member. A series, each one projecting beyond the one below, can be used in constructing a vault or arch.					11b	RDA.003		
10c	Projection from a wall-face consisting of a block built into it, supporting any superincumbent load such as an arch, beam, parapet, truss, etc., so essentially a cantilever.					11c	RDA.004		
12	projecting block from a wall which usually supports a structural member.								
13	mísula	14	s.f.	15	30	16	mísulas		
17	Saliência na superfície vertical de um elemento da construção, usualmente mais pronunciada na sua parte superior. Serve de apoio a algum elemento construtivo ou decorativo.					18	RDB.002		
19	Ele [estilo gótico português] também se caracteriza pela aplicação de algumas técnicas de altura, como as abóbadas com nervuras polinervadas a partir de mísulas.					20	CEB.066		
21	-								
22	As mísulas podem ser ornamentadas com elementos em forma de pessoas, animais ou vegetais.					23	RDA.004		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.030	2	cornice			3	n.	4	27
5	IMG_3090	7a	-			8a	-	9a	-
6	Notre Dame de Paris	7b	-			8b	-	9b	-
10a	Flat-topped ledge with moulded underside, projecting along the top of a building or feature, especially as the highest member of the classical entablature. Also the decorative moulding in the angle between wall and ceiling.					11a	RDA.001		
10b	In classical architecture, the top, projecting section of an ENTABATURE; also any projecting ornamental moulding along the top of a building, wall, arch, etc., finishing or crowning it.					11b	RDA.003		
10c	Crowning projecting moulded horizontal top of a building [...] or part of a building [...]					11c	RDA.004		
12	horizontal projecting band that crowns a building or part of a it.								
13	cornija	14	s.f.	15	1	16	cornijas		
17	MOLDURA ou conjunto de molduras salientes que servem de arremate superior a elementos arquitetônicos ou ao edifício.					18	RDB.002		
19	Na Itália, este estilo foi profundamente influenciado pela tradição romana que a verticalidade característica do gótico ficou neutralizada pela cornija e outras linhas horizontais.					20	CEB.063		
21	-								
22	As cornijas têm por função principal desviar as águas pluviais que descem do telhado.					23	RDA.002		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.031	2	crocket			3	n.	4	27
5	IMG_3402	7a	-			8a	-	9a	-
6	Notre Dame de Paris	7b	-			8b	-	9b	-
10a	In Gothic architecture, leafy hooks or knobs, as on a crocket capital.					11a	RDA.001		
10b	A decorative hook-like spur of stone carved in various leaf shapes and projecting at regular intervals from the angles of spires, pinnacles, canopies, globes etc., in Gothic architecture.					11b	RDA.003		
10c	Gothic ornament, generally a bud, flower, leaf, or bunch of foliage, placed at regular intervals on the external edges of canopies, gables, gablets, hood-moulds, pinnacles, spires, etc.					11c	RDA.004		
12	leaf-shaped hook carved into stone for decoration.								
13	cogulho	14	s.m.	15	6	16	cogulhos		
17	ORNATOS originários da arquitetura gótica que apresentam formas diversas de folhas retorcidas e encrespadas projetando-se a intervalos regulares. Em geral, servem de arremate a PINÁCULOS, AGULHAS e BALDAQUINS.					18	RDB.002		
19	O cogulho é representado por uma pedra que faz alusão a folhas estilizadas.					20	CEB.023		
21	-								
22	Os cogulhos são normalmente dispostos em intervalos regulares e ornamentam, por exemplo, pináculos (PINNACLE) e capitéis (CAPITAL).					23	RDA.001, RDA.004		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.032	2	crossing			3	n.	4	37
5	IMG_0006	7a	-			8a	-	9a	-
6	Notre Dame de Paris	7b	-			8b	-	9b	-
10a	In a church, the central space at the junction of the nave, chancel and transepts.					11a	RDA.001		
10b	The space at the intersection of the nave, chancel, and transepts of a church; often surmounted by a crossing tower or dome.					11b	RDA.003		
10c	Volume formed on a square plan by the intersection of chancel, nave, and transepts of a cruciform church, often with a tower, flèche, or other architectural feature, such as a cupola, over it					11c	RDA.004		
12	area at the intersection of the four arms of a cross-shaped CHURCH.								
13	cruzeiro	14	s.m.	15	22	16	cruzeiros		
17	Nas igrejas com TRANSEPTO, espaço situado entre a NAVE central e a CAPELA-MOR. Frequentemente possui cobertura ABOBADADA.					18	RDB.002		
19	o cruzeiro [...] é uma zona de encontro da nave com o transepto					20	CEB.062		
21	-								
22	-					23	-		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.033	2	crypt			3	n.	4	16
5	IMG_3726	7a	-			8a	-	9a	-
6	Sevilha	7b	-			8b	-	9b	-
10a	Underground or half-underground area, usually below the east end of a church.					11a	RDA.001		
10b	vaulted basement or undercroft in a church or cathedral, often containing a chapel and tombs or graves.					11b	RDA.002		
10c	Large vaulted chamber (croft, croud, croude, crowd, crowde, shroud, or undercroft) beneath a church, wholly or partly underground, usually under the chancel, often divided into nave, aisles, and chapels, equipped with altars, and used for religious services and burials beneath the floor.					11c	RDA.004		
12	underground area for religious activities, burials or the storage of sacred objects in a CHURCH.								
13	cripta	14	s.f.	15	52	16	criptas		
17	Recinto subterrâneo de antigas igrejas, us. como capela ou cemitério, abrigo de relíquias etc.					18	RDB.006		
19	Considerando a grande ameaça que pairava sobre a coroa, Suger fez retirar as relíquias dos santos da cripta e colocou-as em exposição no grande altar. átrio à frente da fachada principal.					20	CEB.088		
21	-								
22	-					23	-		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.034	2	cusping			3	n.	4	43
5	IMG_3922(a)	7a	-			8a	-	9a	-
6	Bristol	7b	-			8b	-	9b	-
10a	Projecting points formed by curves within the arches or tracery of Gothic architecture.					11a	RDA.001		
10b	Projecting points formed at the meeting of the FOILS in Gothic TRACERY.					11b	RDA.003		
10c	Point made by the intersection of two curved lines or members, e.g. the projecting point between the small arcs or foils in Gothic tracery.					11c	RDA.004		
12	point made by the intersection of two curved lines.								
13	cúspide	14	s.f.	15	52	16	cúspides		
17	Projeção pontiaguda formada pelação interseção de dois arcos, utilizada para variar o contorno de intradorsos ou para formar lóbulos.					18	RDB.010		
19	O coro alto da Catedral de Exeter, projetado por Thomas Witney, incorpora arcos contracurvados, cúspides [...] e cogulhos [...]					20	CEA.001		
21	“cúspide” é uma solução tradutória documentada em repertórios terminológicos traduzidos para o português brasileiro e documentada em repertórios lexicográficos monolíngues.								
22	-					23	-		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.035	2	diagonal rib			3	n.	4	16
5	IMG 3497(b)	7a	-			8a	-	9a	-
6	Saint Denis	7b	-			8b	-	9b	-
10a	One of the main elements of a rib-vault, crossing diagonally and marking the main divisions (called cells).					11a	RDA.001		
10b	a rib in a rib vault which runs diagonally from corner to corner of the bay.					11b	RDA.002		
10c	main ribs running diagonally across a square or rectangular compartment.					11c	RDA.004		
12	RIB which marks the diagonals in a RIB VAULT.								
13	nervura diagonal	14	s.f.	15	2	16	nervuras diagonais		
17	-					18	-		
19	Abóbadas da nave principal voltam a ter apenas nervuras diagonais (ou seja, não são mais sexpartidas).					20	CEB.090		
21	“cúspide” é uma solução tradutória documentada em repertórios terminológicos traduzidos para o português brasileiro e documentada em repertórios lexicográficos monolíngues.								
22	-					23	-		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.036	2	façade			3	n.	4	18
5	IMG 3083	7a	facade			8a	n.	9a	14
6	Notre Dame de Paris	7b	-			8b	-	9b	-
10a	a grand or imposing elevation or outside face of a building.					11a	RDA.002		
10b	The front or face of a building, emphasized architecturally.					11b	RDA.003		
10c	External face or elevation of a building, especially the principal front.					11c	RDA.004		
12	external face of a building, especially the main front.								
13	fachada	14	s.f.	15	251	16	fachadas		
17	Cada uma das faces externas do edifício.					18	RDB.002		
19	A fachada da Basílica de Saint-Denis, idealizada por Suger, serviu de modelo para outras importantes construções em estilo gótico na França, como Chartres, Notre Dame e outras.					20	CEB.054		
21	-								
22	-					23	-		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.037	2	fan vault			3	n.	4	28
5	IMG 4573	7a	-			8a	-	9a	-
6	Canterbury	7b	-			8b	-	9b	-
10a	A form of vault used after c. 1350, made up of halved concave masonry cones decorated with blind tracery.					11a	RDA.001		
10b	A fan vault consists of solid concave-sided semi-cones, meeting or nearly meeting at the apex of the vault.					11b	RDA.003		
10c	late-Gothic Perp. form, known only in England during the Middle Ages (though widely copied later), consisting of inverted half-cones or funnel-shapes with concave sides (like trumpet-bells), their rims touching at the top of the vault and their visible surfaces covered with blind panel-tracery rising from a capital or corbel and diverging like the folds of a fan over the entire surface of the distorted cones.					11c	RDA.004		
12	VAULT formed by a set of inverted concave half cones.								
13a	abóbada de leque	14	s.f.	15a	3	16a	abóbadas de leque		
17a	Abóboda formada pelo encontro de quatro semicones côncavos, resultando na constituição de um losango com lados côncavos quando os semicones se tocam.					18a	RDB.002		
19a	As alas do claustro da catedral [Catedral de Gloucester], construídas em 1351 e 1377, são cobertas por abóbada de leque, com formas semelhantes à metade de um funil, côncavas em todas as seções verticais, mas convexas em todas as seções horizontais.					20a	CEB.083		
13b	abóbada em leque	14b	s.f.	15b	5	16b	abóbadas em leque		
17b	-					18b	-		
19b	Já a Capela do King's College ilustra a sofisticação adquirida na construção das abóbadas de nervuras, apresentando abóbadas em leque, típicas do estilo perpendicular inglês do século XIV.					20b	CEB.005		
13c	abóbada em cálice	14	s.f.	15	1	16c	abóbadas em cálice		
17c	-					18	-		
19c	O gótico inglês se diferencia do francês também por conferir maior importância à ornamentação. Um exemplo disso é o teto do claustro que vemos na imagem abaixo; uma série de nervuras se abre como um leque até alcançar o teto, formando a abóbada em cálice.					20c	CEB.034		
21	-								
22	A abóbada de leque surgiu depois da segunda metade do século XIV e é bastante característica da última fase da arquitetura gótica na Inglaterra.					23	RDA.002, RDA.003		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

<b>FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO</b>									
1	UTA.038	2	flying buttress			3	n.	4	40
5	IMG 4371	7a	-			8a	-	9a	-
6	Wells	7b	-			8b	-	9b	-
10a	A buttress which transmits the thrust to a heavy support (abutment) by means of an arch or half-arch.					11a	RDA.001		
10b	An arch or half-arch transmitting the thrust of a vault or roof from the upper part of a wall to an outer support or buttress.					11b	RDA.003		
10c	consists of an arched structure extending from the upper part of a wall to a massive pier in order to convey the outward thrust of (usually) the stone vault safely to the ground					11c	RDA.004		
12	arched structure which transmits the thrust of the VAULT to the BUTTRESS.								
13	arcobotante	14	s.m.	15	93	16	arcobotantes		
17	Elemento em forma de ARCO AVIAJADO situado entre uma parede externa da edificação e o contraforte chamado BOTARÉU.					18	RDB.002		
19	O arcobotante é uma peça em forma de arco que transmite a pressão de uma abóbada da parte superior de uma parede para os contrafortes externos.					20	CEB.001		
21	-								
22	Os arcobotantes são um dos elementos arquitetônicos mais característicos da arquitetura gótica.					23	CEA.001		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.039	2	foil			3	n.	4	7
5	IMG_3922(b)	7a	-			8a	-	9a	-
6	Bristol	7b	-			8b	-	9b	-
10a	Lobe formed by the cusping of a circular or other shape in tracery. Trefoil (three), quatrefoil (four), cinquefoil (five), sexfoil (six) and multifoil express the number of lobes in a shape.				11a	RDA.001			
10b	A lobe or leaf-shaped curve formed by the CUSPING of a circle or an arch. The number of foils involved is indicated by a prefix, e.g. trefoil, multifoil.				11b	RDA.003			
10c	In Gothic tracery any circular lobe tangent to the inner side of a larger arc or arch, meeting other lobes in points called cusps projecting inwards from the arch: prefixes are used to describe how many foils occur—trefoil (3), quatrefoil (4), cinquefoil (5), sexfoil (6), multifoil, etc.				11c	RDA.004			
12	curve between two projecting points inside of a circular ornament.								
13	lóbulo	14	s.m.	15	2	16	Lóbulos		
17	Curva em forma de FOLHA, utilizada em ornatos ou em elementos construtivos.				18	RDB.009			
19	Este tipo de construção geométrica pode ser encontrado [...] na catedral de Amiens, com oito lóbulos.				20	CEB.082			
21	-								
22	Os ornamentos circulares podem ser classificados pelo número de lóbulos que apresentam: 3 – trifólio (TREFOIL), 4 – quadrifólio (QUATREFOIL) e 5 – pentafólio (CINQUEFOIL).				23	RDA.001, RDA.004			
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.039	2	foil			3	n.	4	7
5	IMG_3922(b)	7a	-			8a	-	9a	-
6	Bristol	7b	-			8b	-	9b	-
10a	Lobe formed by the cusping of a circular or other shape in tracery. Trefoil (three), quatrefoil (four), cinquefoil (five), sexfoil (six) and multifoil express the number of lobes in a shape.					11a	RDA.001		
10b	A lobe or leaf-shaped curve formed by the CUSPING of a circle or an arch. The number of foils involved is indicated by a prefix, e.g. trefoil, multifoil.					11b	RDA.003		
10c	In Gothic tracery any circular lobe tangent to the inner side of a larger arc or arch, meeting other lobes in points called cusps projecting inwards from the arch: prefixes are used to describe how many foils occur—trefoil (3), quatrefoil (4), cinquefoil (5), sexfoil (6), multifoil, etc.					11c	RDA.004		
12	curve between two projecting points inside of a circular ornament.								
13	lóbulo	14	s.m.	15	2	16	lóbulos		
17	Curva em forma de FOLHA, utilizada em ornatos ou em elementos construtivos.					18	RDB.009		
19	Este tipo de construção geométrica pode ser encontrado [...] na catedral de Amiens, com oito lóbulos.					20	CEB.082		
21	-								
22	Os ornamentos circulares podem ser classificados pelo número de lóbulos que apresentam: 3 – trifólio (TREFOIL), 4 – quadrifólio (QUATREFOIL) e 5 – pentafólio (CINQUEFOIL).					23	RDA.001, RDA.004		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.040	2	foilate capital			3	n.	4	19
5	IMG_3979(b)	7a	-			8a	-	9a	-
6	Notre Dame de Paris	7b	-			8b	-	9b	-
10a	any ornamental capital carved with leaf-like decoration					11a	RDA.002		
10b	-					11b	-		
10c	-					11c	-		
12	CAPITAL decorated with leafy elements.								
13	capitel folheado	14	s.m.	15	-	16	capitéis folheados		
17	Tipo de capitel dos fins do S12 e início do S13, utilizado quase exclusivamente na Grã-Bretanha e que é uma variação do CAPITAL COM COGULHOS.					18	RDB.009		
19	Os pilares possuem capitéis folheados [...]					20	CEA.001		
21	“capitel folheado” é uma solução tradutória documentada em repertórios terminológicos traduzidos para o português brasileiro.								
22	Este é um dos tipos mais tradicionais de capitel (CAPITAL) na arquitetura gótica.					23	RDA.001		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.041	2	gable			3	n.	4	18
5	IMG 3157	7a	-			8a	-	9a	-
6	Notre Dame de Paris	7b	-			8b	-	9b	-
10a	Peaked external wall at the end of a double-pitch roof.					11a	RDA.001		
10b	the triangular upper portion of wall at the end of a double pitched roof.					11b	RDA.002		
10c	Wall (gable-end), of a building, closing the end of a pitched roof: its top may be bounded by the two slopes of the roof forming parged verges or overhangs with barge-boards, or it may be a parapet following (more or less) the slopes of the roof behind.					11c	RDA.004		
12	CAPITAL decorated with leafy elements.								
13	gablete	14	s.m.	15	5	16	gabletes		
17	parede ornamental triangular, construída sobre um arco, vão de porta, janela, nicho etc.					18	RDB.005		
19	Todas as torres da igreja de Burgos são enfeitadas com gabletes [...]					20	CEB.080		
21	-								
22	Os gabletes auxiliavam na percepção de verticalidade das edificações góticas.					23	CEA.001		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.042	2	gallery			3	n.	4	47
5	IMG_3157	7a	-			8a	-	9a	-
6	Notre Dame de Paris	7b	-			8b	-	9b	-
10a	an upper storey above the aisles of a church, looking through arches to the nave.					11a	RDA.001		
10b	In church architecture, an upper storey over an aisle, opening on to the nave. Also called a tribune and often, wrongly, a TRIFORIUM.					11b	RDA.003		
10c	Triforium over the aisles in a large church above the nave arcade.					11c	RDA.004		
12	story over the AISLES which opens on to the nave through an ARCADE.								
13	galeria	14	s.f.	15	5	16	gabletes		
17	Compartimento amplo e alongado destinado principalmente à circulação horizontal. Usualmente encontra-se em edifícios de maior porte e de uso público ou coletivo, como hospitais e museus, ou em edificações suntuosas.					18	RDB.005		
19	A catedral gótica aspirava em primeiro lugar à completude, caminhando para maior síntese na imagem [...] mediante a eliminação de todos elementos julgados como supérfluos, como a cripta, a galeria e as torres, exceto as duas do lado frontal.					20	CEB.061		
21	-								
22	O comprimento da galeria corresponde à extensão da nave lateral (AISLE) abaixo dela. Embora inicialmente comum, este espaço tende a desaparecer nas fases posteriores da arquitetura gótica.					23	CEA.001, CEA.061		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.043	2	gargoyle			3	n.	4	7
5	IMG_3055	7a	-			8a	-	9a	-
6	Sainte Chapelle	7b	-			8b	-	9b	-
10a	Projecting water spout often carved into human or animal shape.					11a	RDA.001		
10b	A water spout projecting from a roof, or the PARAPET of a wall or tower, and carved into a grotesque figure, human or animal.					11b	RDA.003		
10c	Spout to take water from a gutter behind a parapet away from a wall to spew it on the ground. Medieval gargoyles (sometimes mere ornaments) are frequently of stone, imaginatively sculpted in the form of devils, composite animals, etc.					11c	RDA.004		
12	water spout carved into a grotesque figure projecting from the roof.								
13	gárgula		14	s.f.	15	44	16	gárgulas	
17	Parte mais externa da calha destinada a escoar a água das chuvas. Nas catedrais góticas, essa parte da calha era decorada com figuras de seres monstruosos.					18	RDB.001		
19	E as gárgulas, em alguma medida, inspiram os pesadelos humanos – frente a frente, é quase impossível não imaginá-las em súbito movimento, abandonando a vigia para aterrorizar no escuro da noite.					20	CEB.008		
21	-								
22	É comum encontrar diversas gárgulas dispostas estrategicamente no parapeito de um edifício. Elas ajudavam a minimizar os efeitos causados por uma chuva forte ou tempestade. Em termos simbólicos, as gárgulas representam a tentação incessante do demônio, exigindo a vigilância constante de todos.					23	RDA.004		
24	-								
25	15/09/2018		26	06/07/2019		27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.044	2	Lady chapel			3	n.	4	87
5	IMG 3157	7a	-			8a	-	9a	-
6	Notre Dame de Paris	7b	-			8b	-	9b	-
10a	A chapel dedicated to the Virgin Mary (Our Lady).					11a	RDA.001		
10b	A chapel dedicated to the Virgin, usually east of the CHANCEL and forming a projection from the main building; in England it is normally rectangular in plan.					11b	RDA.003		
10c	Chapel in a larger church, expressly for venerating the Virgin Mary, often situated to the east of the chancel or choir.					11c	RDA.004		
12	CHAPEL dedicated to the Virgin Mary.								
13a	capela de Nossa Senhora	14a	s.f.	15a	3	16a	capelas de Nossa Senhora		
17a	-					18a	-		
19a	Não há melhor exemplo sobrevivente dos ‘projetos’ do rei [Henrique VII] do que a Capela de Nossa Senhora da Abadia de Westminster.					20a	CEB.087		
13b	capela da Virgem	14b	s.f.	15b	3	16b	capelas de Nossa Senhora		
17b	Capela dedicada à N. Senhora, usualmente construída a leste da CAPELA-MOR e formando uma projeção da construção principal; na Inglaterra tem normalmente um plano retangular.					18b	RDB.005		
19b	[...] nos vitrais do coro, a imagem de sua ascendência humana [Jesus Cristo] – a Árvore de Jessé – e de sua infância figuravam lado a lado na capela da Virgem.					20b	CEB.088		
21	-								
22	Nas igrejas inglesas, as capelas dedicadas à Nossa Senhora normalmente se localizam na extremidade leste.					23	RDA.003		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.045	2	lancet window			3	n.	4	26
5	IMG_1529	7a	-			8a	-	9a	-
6	Westminster	7b	-			8b	-	9b	-
10a	a slender sharp-pointed arched window					11a	RDA.002		
10b	A slender pointed-arched window, much used in the early C13.					11b	RDA.003		
10c	First-Pointed tall, narrow window-aperture with a pointed arched head, either a single insert in a wall or one of several lights of similar shape in a window.					11c	RDA.004		
12	slender window with a POINTED ARCH at its upper part.								
13	janela de lanceta	14	s.f.	15	3	16	janelas de lanceta		
17	-					18	RDB.005		
19	Na zona alta da igreja e em toda a capela-mor, abrem-se grandes janelas de lanceta, com vitrais coloridos e figurativos.					20	CEB.009		
21	-								
22	as janelas de lanceta são bastante características da arquitetura gótica em suas fases iniciais.					23	RDA.004		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.046	2	lantern			3	n.	4	37
5	IMG 2859	7a	-			8a	-	9a	-
6	Sainte Chapelle	7b	-			8b	-	9b	-
10a	Circular or polygonal windowed turret crowning a roof or a dome. Also the windowed stage of a crossing tower lighting a church interior.					11a	RDA.001		
10b	the upper part of a church or other tower which is glazed to allow light in;					11b	RDA.002		
10c	Any structure rising above the roof of a building and having apertures in its sides by which the interior of the building is ventilated or illuminated, e.g. the octagonal lantern at Ely Cathedral (1322–c.1344).					11c	RDA.004		
12	windowed part of a tower which allows light in.								
13	lanterna	14	s.f.	15	3	16	lanternas		
17	Pequeno corpo alongado, cilíndrico ou prismático, com aberturas, disposto principalmente no centro do EXTRADORSO da CÚPULA para remate da cobertura. Possibilita iluminação interna pontual. Suas aberturas são freqüentemente vedadas por CAIXILHO com vidro.					18	RDB.003		
19	No cruzeiro, a luz aparece através da lanterna, como uma luz divina que purifica o homem preparando-o para a manifestação da presença divina na abside.					20	CEB.077		
21	-								
22	as janelas de lanceta são bastante características da arquitetura gótica em suas fases iniciais.					23	RDA.004		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.047	2	lierne			3	n.	4	195
5	IMG 4272	7a	-			8a	-	9a	-
6	Wells	7b	-			8b	-	9b	-
10a	Short decorative ribs in the upper part of a vault, not linked to any springing point; hence lierne vault.					11a	RDA.001		
10b	A tertiary rib, that is, one which does not spring either from one of the main springers or from the central BOSS.					11b	RDA.003		
10c	subordinate rib between main ribs, or between the apex (or clef) of the vault and the junction of two tierceron ribs.					11c	RDA.004		
12	short decorative RIB which connects one RIB to another.								
13	lierne	14	s.m.	15	3	16	liernes		
17	NERVURA no INTRADORSO da ABÓBADA OGIVAL.					18	RDB.003		
19	[...] os LIERNES são pequenas nervuras na abóbada, que ligam uma nervura principal a outra [...]					20	CEB.090		
21	-								
22	Os liernes não partem de nenhum dos arranques (SPRINGER) da abóbada (VAULT) ou se conectam com rosão (BOSS) central.					23	RDA.004		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.048	2	limestone			3	n.	4	18
5	IMG_3365	7a	-			8a	-	9a	-
6	Notre Dame de Paris	7b	-			8b	-	9b	-
10a	a sedimentary rock composed of calcium carbonate, used extensively as building stone, and burnt to produce lime.					11a	RDA.002		
10b	Sedimentary rock consisting mostly of calcium carbonate, which, when burned, produces lime. Limestones were and are employed for building.					11b	RDA.004		
10c	A hard sedimentary rock, composed mainly of calcium carbonate or dolomite, used as building material and in the making of cement.					11c	RDA.005		
12	hard sedimentary rock composed of calcium carbonate.								
13	calcário	14	s.m.	15	5	16	calcários		
17	PEDRA que contém carbonato de cálcio em abundância. Existem pedras calcárias sedimentares e pedras calcárias metamórficas.					18	RDB.003		
19	A chuva ácida, resultante da combustão de carvão e óleo e comum em regiões altamente industrializadas, agride principalmente o calcário e o arenito usados na construção desse Patrimônio Cultural da Humanidade [Catedral de Colônia]					20	CEB.084		
21	-								
22	Os calcários são rochas de fácil maleabilidade e foram bastante utilizadas nas construções e ornamentações góticas.					23	RDA.002, RDA.004		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.049	2	lintel			3	n.	4	18
5	IMG_3112(c)	7a	-			8a	-	9a	-
6	Notre Dame de Paris	7b	-			8b	-	9b	-
10a	Horizontal beam or stone bridging an opening.					11a	RDA.001		
10b	a beam above a window or door opening; types included as separate entries are listed below					11b	RDA.002		
10c	Beam over an aperture carrying the wall above and spanning between jambs or columns [...]					11c	RDA.004		
12	horizontal block over an opening.								
13a	lintel	14a	s.m.	15a	2	16a	lintéis		
17a	verga de materiais diversos (madeira, pedra, concreto, etc.) que constitui o acabamento da parte superior de portas e janelas; dintel					18a	RDB.005		
19a	[...] [Abade] Suger é representado entre os ressuscitados, com seu hábito de monge e em posição de prece, aos pés de Jesus, em alusão ao verso inscrito no lintel.					20a	CEB.049		
13b	dintel	14b	s.m.	15b	2	16b	dintéis		
17b	VERGA aparente e saliente no PARAMENTO da parede.					18b	RDB.002		
19b	No dintel aparecem os apóstolos.					20b	CEB.075		
21	-								
22	Os calcários são rochas de fácil maleabilidade e foram bastante utilizadas nas construções e ornamentações góticas.					23	RDA.002, RDA.004		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.050	2	marble			3	n.	4	37
5	IMG 4237	7a	-			8a	-	9a	-
6	Wells	7b	-			8b	-	9b	-
10a	a metamorphic rock derived from limestone or dolomite, used extensively in building for floors and walls cladding, ground and polished as sheets or used as chipp					11a	RDA.002		
10b	Crystalline or granular limestone, capable of taking a polish: it varies greatly in colour, and may be veined, depending on its constituent elements.					11b	RDA.004		
10c	A hard crystalline metamorphic form of limestone, typically white with coloured mottlings or streaks, which may be polished and is used in sculpture and architecture.					11c	RDA.005		
12	crystalline LIMESTONE capable of taking a polish.								
13	mármore	14	s.m.	15	5	16	mármore		
17	Pedra calcária metamófica, dura, de textura compacta e cristalina. É o mais pesado calcário. Pode ter coloração variada, sendo o mais puro branco.					18	RDB.003		
19	Apesar do desejo de fazer referência às colunas de mármore da nave antiga em sua obra, mesmo com um grande esforço, não conseguiram encontrar mármore ou um material equivalente nas localidades próximas.					20	CEB.049		
21	-								
22	A coloração do mármore pode variar bastante de acordo com os componentes que a compõem.					23	RDA.004		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO							
1	UTA.051	2	nave	3	n.	4	305
5	IMG 3450	7a	-	8a	-	9a	-
6	Saint Denis	7b	-	8b	-	9b	-
10a	The body of a church west of the crossing or chancel, often flanked by aisles.			11a	RDA.001		
10b	the body of a church between the west end and crossing.			11b	RDA.002		
10c	The western limb of a church, that is, the part west of the CROSSING; more usually the middle vessel of the western limb, flanked by AISLES.			11c	RDA.003		
12	area where people attend to masses in a CHURCH, usually flanked by AISLES.						
13a	nave	14	s.f.	15a	208	16a	naves
17a	Espaço livre no interior das igrejas destinado àqueles que assistem aos rituais religiosos. Em geral abrange a área compreendida entre o PÓRTICO e a CAPELA-MOR, sendo disposta no sentido longitudinal à construção. Pode ser subdividida por COLUNAS, PILARES ou ARCOS.			18a	RDB.003		
19a	As naves tinham cada vez mais maiores dimensões verticais [no estilo gótico], como atestam as catedrais de Notre-Dame de Paris (35 metros), Reims (38 metros) e Notre-Dame de Amiens (42 metros).			20a	CEB.083		
13b	nave central	14b	s.f.	15b	5	16b	naves centrais
17b	É comum igrejas de maior porte possuírem três naves: uma central, a nave central ou principal, e duas laterais, as naves colaterais.			18b	CEB.003		
19b	A nave central era merecedora de grande atenção entre os planejadores destas construções, pois quanto maior a altura desta, mais intensa seria a luz interior que, combinada aos vitrais conferia iluminação uniforme a todo o ambiente.			20b	CEB.005		
13c	nave principal	14	s.f.	15	10	16c	naves principais
17c	É comum igrejas de maior porte possuírem três naves: uma central, a nave central ou principal, e duas laterais, as naves colaterais.			18	CEB.003		
19c	Já no centro da construção, em sua nave principal, há uma cobertura abobadada com 210 toneladas, suportada por uma sequência de colunatas.			20c	CEB.059		
21	“nave”, em português brasileiro, inclui tanto o significado de sua contraparte em inglês britânico quanto aquela designada por “AISLE”, sendo importante observar seu uso conforme a situação para evitar confusão terminológica. Já “nave central” e “nave principal” representam exatamente o mesmo conceito que sua contraparte em inglês britânico, porém a primeira é a forma mais frequente em textos especializados da área.						
22	-			23	-		
24	-						
25	15/09/2018	26	06/07/2019	27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.052	2	niche			3	n.	4	11
5	IMG 4709	7a	-			8a	-	9a	-
6	Canterbury	7b	-			8b	-	9b	-
10a	a recess within the thickness of a wall, usually for an ornament or artifact.					11a	RDA.002		
10b	A vertical recess in a wall, pier, etc., usually arched and containing a statue, urn, or other decorative object.					11b	RDA.003		
10c	Shallow ornamental recess in a wall or pier, usually to contain a statue, urn, or other ornament.					11c	RDA.004		
12	recess in a wall, usually to contain a decorative object.								
13	niche	14	s.m.	15	5	16	nichos		
17	Cavidade feita na espessura de um paramento, usualmente para nela se dispor uma estátua, um vaso, uma imagem ou qualquer outro elemento de ornamentação.					18	RDB.003		
19	Vários danos ainda são nítidos, particularmente na parede interna da fachada [da Catedral de Reims] - obra única na história da arquitetura gótica, pela sucessão de nichos com imagens e cenas bíblicas.					20	CEB.047		
21	-								
22	-					23	-		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.053	2	ogee arch			3	n.	4	36
5	IMG 4215	7a	-			8a	-	9a	-
6	Wells	7b	-			8b	-	9b	-
10a	a pointed arch with a double reverse curve, especially popular in the 14th century.					11a	RDA.001		
10b	An ogee arch is pointed and usually of four arcs, the centres of two inside the arch, of the other two outside; this produces a compound curve of two parts, one convex and the other concave.					11b	RDA.003		
10c	pointed keel-arch of four arcs with two centres outside it and two inside, thus producing two S-shaped curves, first occurring c.1300.					11c	RDA.004		
12	POINTED ARCH with two S-shaped curves meeting at the top.								
13	arco contracurvado	14	s.m.	15	2	16	arcos contracurvados		
17	-					18	-		
19	Outro elemento característico do Estilo Flamejante [...] era o arco contracurvado, formado por 02 curvas e 02 contracurvas, muitas vezes ladeado de 02 pináculos.					20	CEB.086		
21	-								
22	Com origem na arquitetura islâmica, o arco contracurvado foi introduzido na arquitetura gótica no século XIV, sendo bastante característico em sua última fase.					23	RDA.003, RDA.004		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.054	2	parish church			3	n.	4	16
5	IMG_2780	7a	-			8a	-	9a	-
6	St. Cuthbert	7b	-			8b	-	9b	-
10a	The principal or original church of a parish.					11a	RDA.005		
10b	the church in a subdivision of a diocese.					11b	RDA.007		
10c	the main church or the only church in a parish.					11c	RDA.008		
12	Main CHURCH in a subdivision of a diocese.								
13	paróquia	14	s.f.	15	2	16	paróquias		
17	1. delimitação territorial de uma diocese sobre a qual prevalece a jurisdição espiritual de um pároco. 2. Igreja Matriz.					18	RDB.005		
19	Na cabeceira da igreja, à direita, vemos a sequência de capelas absidais (pequenos absides em que eram colocadas as relíquias da paróquia), acessíveis pelo deambulatório duplo, de modo que os fiéis possam vê-los sem atrapalhar a cerimônia.					20	CEB.060		
21	-								
22	-					23	-		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.055	2	pendant			3	n.	4	22
5	IMG_4562	7a	pendant boss			8a	n.	9a	5
6	Canterbury	7b	-			8b	-	9b	-
10a	An ornamental feature suspended from a ceiling or vault.					11a	RDA.001		
10b	A BOSS elongated so that it hangs down; found in Late Gothic vaulting and, decoratively, in French and English C16 and early C17 vaults and also stucco ceilings.					11b	RDA.003		
10c	Fixed hanging ornament, resembling an elongated boss or inverted finial suspended from Perp. fan-vaulting, Jacobean ceilings, posts of timber roof-trusses, staircase newels, or at the mitring of barge-boards at the apex of a gable.					11c	RDA.004		
12	elongated projecting block which hangs down from a VAULT.								
13	fecho pendural	14	s.m.	15	-	16	fechos pendurais		
17	Uma BOSSAGEM de forma alongada de modo a projetar-se para baixo como um FLORÃO invertido; usado nas abóbadas do gótico posterior e, decorativamente, nas abóbadas francesas e inglesas do S16 e início do S17, assim como em tetos de estuque.					18	RDB.009		
19	O fecho pendural pode ser visto enquanto a evolução das mísulas suspensas [...]					20	CEA.001		
21	“fecho pendural” é uma solução tradutória documentada em repertórios terminológicos traduzidos para o português brasileiro.								
22	-					23	-		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.056	2	perpendicular tracery			3	n.	4	7
5	IMG_4516	7a	-			8a	-	9a	-
6	Westminster	7b	-			8b	-	9b	-
10a	In Perpendicular tracery, current from the the mid C14 to the early C16, the principal mullions generally continue to the head of the arch, creating long rectangular divisions in the upper lights.					11a	RDA.001		
10b	tracery of the Perpendicular style.					11b	RDA.002		
10c	-					11c	-		
12	BAR TRACERY with vertical forms.								
13	traçado perpendicular	14	s.m.	15	-	16	traçados perpendiculares		
17	traçado gótico predominantemente vertical com mainéis que se erguem até a curva do arco e cortados a intervalos determinados por travessas horizontais.					18	RDB.010		
19	A decoração diagonal aparece acima do arco ogival principal do portal central da fachada oeste da Catedral de Lincoln, com uma janela abaixo com o posterior traçado perpendicular e com um pentafólio inscrito em um círculo acima [...]					20	CEA.001		
21	“traçado perpendicular” é uma solução tradutória documentada em repertórios terminológicos traduzidos para o português brasileiro.								
22	Os traçados perpendiculares foram introduzidos no século XIV e caracterizam a última fase da arquitetura gótica na Inglaterra.					23	RDA.001, RDA.002		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.057	2	pier			3	n.	4	126
5	IMG 4180	7a	pillar			8a	n.	9a	20
6	Wells	7b	-			8b	-	9b	-
10a	Large masonry or brick support, often for an arch.					11a	RDA.001		
10b	A solid masonry support, as distinct from a COLUMN. A name frequently given to Romanesque and Gothic pillars varying from square to a composite section.					11b	RDA.003		
10c	Support, such as a pier in a repetitive medieval nave-arcade varying from sturdy, oversized Romanesque examples to the lighter, taller, more slender, multi-moulded Perp. types. Piers can therefore be more massive than columns.					11c	RDA.004		
12	vertical structural element of polygonal or rectangular section, usually working as a support for an ARCH.								
13	pilar	14	s.m.	15	135	16	pilares		
17	Elemento estrutural vertical que serve de sustentação às construções. Em geral, o termo é aplicado quando referido ao elemento de seção poligonal, usualmente retangular ou quadrado, sendo chamado COLUNA o pilar de seção cilíndrica.					18	RDB.010		
19	A consequência estética mais importante da introdução dos pilares foi a substituição das sólidas paredes com janelas estreitas, do estilo românico, pela combinação de pequenas áreas de parede com grandes áreas preenchidas por vidros coloridos e trabalhados, chamados vitrais.					20	CEB.011		
21	-								
22	Os pilares, diferentemente das colunas (COLUMN), não precisam ser cilíndricas e nem seguir a composição clássica grega que inclui, obrigatoriamente, o fuste (SHAFT) e o capitel (CAPITAL) e, por vezes, a base (BASE) e o ábaco (ABACUS).					23	RDA.002		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.058	2	pilaster			3	n.	4	3
5	IMG_3290	7a	-			8a	-	9a	-
6	Notre Dame de Paris	7b	-			8b	-	9b	-
10a	Flat representation of a classical column in shallow relief.					11a	RDA.001		
10b	A shallow PIER or rectangular column projecting only slightly from a wall and, in classical architecture, conforming with one of the ORDERS.					11b	RDA.003		
10c	Roman version of the anta, except that generally it conforms to the Order used elsewhere, with capital, shaft, base, and entablature.					11c	RDA.004		
12	rectangular vertical element which projects only slightly from the wall for decoration.								
13	pilastra	14	s.f.	15	10	16	pilastras		
17	Elemento decorativo, com forma de um PILAR, frequentemente de seção retangular ou quadrada, semi-embutido no parâmetro da parede. Em geral, é utilizado nas fachadas, dividindo-as em panos verticais. Em construções antigas é usualmente dividida em BASE, FUSTE e CAPITEL [...]					18	RDB.003		
19	[...] os pilares e as pilastras conduzem o olhar do observador para o alto, reforçando a percepção da altura do edifício.					20	CEB.001		
21	-								
22	As pilastras, diferentemente dos pilares (PILLAR) e das colunas (COLUMN), não possuem função estrutural. As pilastras seguem a composição clássica grega que inclui, obrigatoriamente, o fuste (SHAFT) e o capitel (CAPITAL) e, por vezes, a base BASE) e o ábaco (ABACUS).					23	RDA.004		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.059	2	pinnacle			3	n.	4	9
5	IMG_3418	7a	-			8a	-	9a	-
6	Notre Dame de Paris	7b	-			8b	-	9b	-
10a	A small spike- or turret-like termination of a buttress, parapet etc., especially in Gothic architecture.					11a	RDA.001		
10b	A small-turret like termination crowning spires, buttresses, the angles of parapets, etc; usually of steeple pyramidal or conical shape and ornamented, e.g. with CROCKETS.					11b	RDA.003		
10c	Ornamental pyramid or cone, the terminating feature of a buttress, parapet-angle, spire, turret, etc., often ornamented with crockets.					11c	RDA.004		
12	small termination in the shape of a pyramid or a cone over the extremities of a CHURCH, such as a SPIRE or a BUTTRESS, for ornamentation.								
13	pináculo	14	s.m.	15	18	16	pináculos		
17	Cone ou pirâmide alta e estreita, mais ou menos ornamentada, que coroa ou remata um teto, uma torre, um muro ou certos objetos. São especialmente notáveis os pináculos dos edificios em estilo Gótico.					18	RDB.004		
19	Além disso, os pináculos ecoavam a forma das torres e as estátuas de anjos, o que aponta novamente para a imaginação incomum com que o arquiteto de Reims transformou o modelo original.					20	CEB.048		
21	-								
22	Nas catedrais góticas, os pináculos são frequentemente adornados com cogulhos (CROCKET).					23	RDA.002		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.060	2	plate tracery			3	n.	4	5
5	IMG_4478	7a	-			8a	-	9a	-
6	Westminster	7b	-			8b	-	9b	-
10a	The earliest form of tracery, introduced c. 1200, in which shapes are cut through solid masonry.					11a	RDA.001		
10b	early Gothic tracery consisting of a simply divided arched opening with solid plate of masonry or spandrel above, into which a foil or other shape has been cut.					11b	RDA.002		
10c	Plate tracery is a late C12 and early C13 form where decoratively shaped openings are cut through the solid stone infilling in a window head.					11c	RDA.003		
12	TRACERY with shapes cut through stone elements in the upper part of a window.								
13	traçado em placa	14	s.m.	15	-	16	traçados em placa		
17	é uma forma dos fins do S12 e o início do S13 em que são vazadas aberturas decorativamente traçadas através de placas sólidas de pedra.					18	RDB.009		
19	O traçado em placa foi substituído pelo traçado em barra [...]					20	CEA.001		
21	“traçado em placa” é uma solução tradutória documentada em repertórios terminológicos traduzidos para o português brasileiro.								
22	O traçado em placa representa o primeiro tipo de rendilhado (TRACERY) encontrado na arquitetura gótica.					23	RDA.001		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.061	2	pointed arch			3	n.	4	305
5	IMG 1511	7a	ogival arch			8a	n.	9a	-
6	Westminster	7b	Gothic arch			8b	n.	9b	-
10a	A pointed arch is produced by two curves, each with a radius equal to the span and meeting in a point at the top.					11a	RDA.003		
10b	any pointed arch, but especially equilateral. Proportions of pointed arches are governed by the positions of the centre-points from which the arcs are struck.					11b	RDA.004		
10c	An arch that curves on both sides to reach a point at the top, the pointed (or ogival) arch is found wherever there is need for a vaulted shape, both structurally and decoratively.					11c	RDA.007		
12	ARCH with a sharp end.								
13a	arco ogival	14	s.m.	15a	111	16a	arcos ogivais		
17a	Que tem forma de ogiva (figura formada pelo cruzamento de dois arcos iguais que se cortam superiormente, formando um ângulo agudo).					18a	RDB.001		
19a	O arco ogival, diferente do arco pleno românico, permitia a construção desse novo tipo de abóbada [abóbada de nervuras] e também de igrejas mais altas.					20a	CEB.005		
13b	arco quebrado	14b	s.m.	15b	10	16b	arcos quebrados		
17b	-					18b	-		
19b	Pode-se dizer que dentro da arquitetura, a substituição do arco de volta perfeita pelo arco quebrado ou ogival marca o início das inovações e características do estilo gótico.					20b	CEB.032		
13c	arco gótico	14	s.m.	15	2	16c	arcos góticos		
17c	ARCO pontudo formado por dois segmentos de círculo iguais e pelas suas tangentes que se encontram no vértice.					18	RDB.002		
19c	A grande massa superior da fachada repousa sobre galerias de arcos góticos.					20c	CEB.014		
21	Em português brasileiro, “arco ogival” é utilizado com maior frequência em comunicações entre especialistas enquanto “arco quebrado” e “arco gótico” em comunicações direcionadas à semiespecialistas ou ao público geral. Além disso, “arco gótico” é normalmente utilizado em oposição ao arco pleno (ROUND ARCH) do estilo românico. Outras possibilidades de tradução incluem: “arco apontado”, “arco agudo”, “arco em ogiva”.								
22	O arco ogival é um dos elementos construtivos mais característicos da arquitetura gótica e responsável por propiciar a verticalidade característica deste estilo. Em termos simbólicos, os arcos ogivais podem representar as mãos dos fiéis em oração.					23	RDA.001, RDA.002, RDA.003		
24	VER TAMBÉM: OGEE ARCH.								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.062	2	portal			3	n.	4	14
5	IMG_3112(a)	7a	-			8a	-	9a	-
6	Notre Dame de Paris	7b	-			8b	-	9b	-
10a	a grand, often ornamental gateway, porch or main entrance for a castle, religious or large public building.					11a	RDA.002		
10b	Entrance-doorway or gateway of monumental character, especially if emphasized by stately architectural treatment making it the principal architectural motif of a façade.					11b	RDA.004		
10c	A doorway, gate, or other entrance, especially a large and imposing one.					11c	RDA.005		
12	entrance, usually ornamented, for large public buildings.								
13	portal	14	s.m.	15	166	16	portais		
17	entrada principal sempre decorada por esculturas.					18	RDB.001		
19	Entre os muitos aspectos interessantes de sua arquitetura [Catedral de Chartres], destaca-se o portal principal, conhecido como Portal Régio e considerado pelos historiadores da arte como um dos mais belos conjuntos escultóricos do mundo [...]					20	CEB.001		
21	-								
22	Nas catedrais góticas, os portais normalmente possuem formas ogivais e apresentam outros elementos arquitetônicos, tais como o tímpano (TYMPANUM) e o lintel (LINTEL).					23	RDA.001		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.063	2	presbytery			3	n.	4	47
5	IMG 4613	7a	sanctuary			8a	n.	9a	6
6	Canterbury	7b	-			8b	-	9b	-
10a	The part of a church lying east of the choir where the main altar is placed.					11a	RDA.001		
10b	the area east of the choir in a church or cathedral, in which the high altar is situated.					11b	RDA.002		
10c	Part of a church in which the high-altar stands, at the east of the choir. It is often raised above floor-level, and is used exclusively by those who minister in the services of the altar.					11c	RDA.004		
12	area where the main ALTAR is placed in a CHURCH, east of the CHOIR and reserved for the clergy.								
13a	presbitério	14a	s.m.	15a	4	16a	presbitérios		
17a	Nas igrejas, espaço elevado situado à frente do ALTAR-MOR.					18a	RDB.003		
19a	Nessa catedral [de Barcelona] são peculiares as capelas laterais, de dois pisos e duas por tramo; a ampla cripta debaixo do presbitério, onde se colocou o sepulcro de Santa Eulália; [e] a charola rodeada por capelas [...]					20a	CEB.010		
13b	santuário	14b	s.m.	15b	74	16b	santuários		
17b	Parte do templo onde se realiza a missa.					18b	RDB.007		
19b	As igrejas góticas tinham sua abside virada para sudeste e a sua fachada para noroeste [...] de modo que os fiéis entrando pelo ocidente se dirigissem para o santuário no oriente, virado para o nascer do sol.					20b	CEB.046		
21	-								
22	-					23	-		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.064	2	pulpitum			3	n.	4	16
5	IMG 3855	7a	choir screen			8a	n.	9a	3
6	Bristol	7b	-			8b	-	9b	-
10a	Stone screen in a major church dividing choir from nave.					11a	RDA.002		
10b	A stone screen in a major church erected to shut off the choir from the nave. It could also be used as a backing for the return choir stalls.					11b	RDA.003		
10c	A stone screen in a church separating the choir from the nave, frequently surmounted by a loft housing the organ.					11c	RDA.005		
12	stone screen erected to divide CHOIR from the NAVE.								
13	coro alto	14	s.m.	15	166	16	coros altos		
17	-					18	-		
19	O coro é separado da nave pelo coro alto com escultura dos reis da Inglaterra [...]					20	CEB.089		
21	-								
22	Os coros altos são ricamente entalhados e ornamentados com esculturas. Tinham por finalidade separar a parte sacra da igreja, representada pela capela-mor (CHANCEL), de sua parte mundana, representada pela nave (NAVE).					23	RDA.001		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.065	2	quadripartite vault			3	n.	4	20
5	IMG 2976(a)	7a	-			8a	-	9a	-
6	Sainte Chapelle	7b	-			8b	-	9b	-
10a	A vault with two pairs of diagonal ribs dividing each bay into four triangular compartments or cells.					11a	RDA.001		
10b	a masonry vault sprung on four points of support, square or rectangular in plan and composed of four curved roof surfaces or compartments divided by ribs.					11b	RDA.002		
10c	In a quadripartite vault one bay is divided into four quarters or CELLS.					11c	RDA.003		
12	RIB VAULT which is divided into four compartments.								
13	abóbada quadripartida	14	s.m.	15	166	16	abóbadas quadripartidas		
17	Abóbada sobre vão estrutural dividida por nervuras diagonais em quatro partes.					18	RDB.011		
19	O ápice do desenvolvimento da abóbada sexpartida na França ocorreu em Bourges [...] e, logo em seguida, foi substituída pela abóbada quadripartida, já que os empuxos adicionais não eram mais necessários no desenvolvimento do arcobotante.					20	CEA.001		
21	“abóbada quadripartida” é uma solução tradutória documentada em repertórios terminológicos traduzidos para o português brasileiro.								
22	A abóbada quadripartida é composta por duas nervuras diagonais (DIAGONAL RIB) que se cruzam no ponto mais alto da abóbada (VAULT) e são separadas entre si pelas nervuras transversais (TRANSVERSE RIB).					23	RDA.002		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.066	2	quatrefoil			3	n.	4	30
5	IMG 3619	7a	-			8a	-	9a	-
6	Sainte Chapelle	7b	-			8b	-	9b	-
10a	A four-lobed opening.					11a	RDA.001		
10b	a decorative motif consisting of four stylized leaf designs radiating out from a point.					11b	RDA.002		
10c	A quatrefoil [...] has four lobes, separated by cusps, in the shape of a flower with four leaves the axes of which are vertical and horizontal.					11c	RDA.004		
12	ornamental form which has four lobes, resembling a four-petaled flower.								
13	quadrifólio	14	s.m.	15	6	16	quadrifólios		
17	Ornato contruído de um trevo de quatro folhas estilizada circunstrito num círculo.					18	RDB.004		
19	Na circunferência seguinte, com divisão em 12 partes, temos as imagens dos doze profetas inseridos em quadrifólios.					20	CEB.047		
21	-								
22	-					23	-		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.067	2	retrochoir			3	n.	4	72
5	IMG_4673	7a	retroquire			8a	n.	9a	2
6	Canterbury	7b	-			8b	-	9b	-
10a	In a major church, the area behind the high altar and east chapel.				11a	RDA.001			
10b	a chapel or space in a large church or cathedral extended eastward beyond the high altar.				11b	RDA.002			
10c	The space behind the high altar in a major church.				11c	RDA.003			
12	area behind the main altar in a major CHURCH.								
13	retrocoro	14	s.m.	15	2	16	retrocoros		
17	-					18	-		
19	Estas [catedrais inglesas] apresentam [...] entre o coro e a abside uma espécie de segundo transepto menor, chamado de retrocoro [...]				20	CEB.032			
21	-								
22	Apesar de opcional, o retrocoro é uma área bastante comum nas igrejas góticas inglesas. Era normalmente utilizada para abrigar a comunidade monástica durante a celebração das missas.				23	CEB.032			
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019		27	DNVA			

<b>FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO</b>									
1	UTA.068	2	rib			3	n.	4	268
5	IMG_2976(b)	7a	-			8a	-	9a	-
6	Sainte Chapelle	7b	-			8b	-	9b	-
10a	the main structural member in a rib vault, or a line of stone which marks it.					11a	RDA.001		
10b	A projecting band on a ceiling or vault, usually structural but sometimes purely decorative, separating the CELLS of a groined VAULT.					11b	RDA.003		
10c	Moulding on a flat or vaulted ceiling.					11c	RDA.004		
12	projecting band on a ceiling, especially part of a RIB VAULT.								
13	nervura	14	s.f.	15	93	16	nervuras		
17	MOLDURA em arestas de ABÓBADAS, ângulos das pedras de ALVENARIAS ou outro elemento arquitetônico, destacando trechos de sua superfície ou dividindo-a. É característica das ABÓBADAS EMOLDURADAS, onde nervuras formam arcos salientes que se cruzam, dividindo seu intradorso em vários PAINÉIS.					18	RDB.003		
19	As nervuras da abóbada proporcionam mais solidez à cobertura do telhado, que já não precisa mais ser sustentado pelas paredes.					20	CEB.019		
21	-								
22	-					23	-		
24	VER TAMBÉM: DIAGONAL RIB, LIERNE, RIDGE RIB, TIERCERON, TRANSVERSE RIB.								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.069	2	ribbed vault			3	n.	4	18
5	IMG 3513	7a	rib vault			8a	n.	9a	4
6	Saint Denis	7b	Gothic arch			8b	n.	9b	2
10a	A vault with a masonry framework of intersecting arches (ribs) supporting cells, used in Gothic and late Norman architecture.					11a	RDA.001		
10b	a vault constructed of structural arched stone members or ribs with an infill of masonry; often with tiercerons or secondary ribs, and liernes or tertiary ribs.					11b	RDA.002		
10c	A rib vault is a framework of diagonal arched ribs carrying the cells which cover in the spaces between them.					11c	RDA.003		
12	VAULT set within a framework of intersecting arched stone members.								
13a	abóbada de nervuras	14	s.f.	15a	12	16a	abóbadas de nervuras		
17a	É um arcabouço de nervuras diagonais arqueadas, suportando os painéis ou CÉLULAS que fecham os espaços entre elas					18a	RDB.009		
19a	No estilo gótico, é marcante a abóbada de nervuras, formada pelo encontro de arcos ogivais.					20a	CEB.013		
13b	abóbada nervurada	14b	s.f.	15b	12	16b	abóbadas nervuradas		
17b	Abóbada que possui nervuras no INTRADORSO que se cruzam, formando vários painéis.					18b	RDB.002		
19b	Três elementos de destaque do gótico são: arco ogival, pedra e abóbada nervurada.					20b	CEB.019		
13c	abóbada gótica	14	s.f.	15	2	16c	abóbada góticas		
17c	abóbada cuja diretriz do intradorso são dois segmentos iguais de círculo, que se cruzam formando ângulos na parte superior					18c	RDB.005		
19c	Na abóbada gótica existe a transmissão localizada de cargas, o que permite paredes bem delgadas [...]					20c	CEB.071		
21	Em português brasileiro, “abóbada de nervuras” e “abóbada nervurada” são as duas formas mais frequentemente utilizadas em textos especializados da área em comunicações entre especialistas e semiespecialistas. Já “abóbada gótica” é normalmente utilizada em contraste com outros tipos de abóbadas de outros estilos arquitetônicos e utilizada em textos menos especializados. Outras possibilidades de tradução incluem: “abóbada ogival”, “abóbada de cruzaria”, “abóbada de arcos cruzados”, bem como todas as possibilidades com a variante denominativa “abóboda”.								
22	As abóbadas de nervuras são uma das principais características da arquitetura gótica. Arquitetonicamente, elas permitiram verticalizar as igrejas deste período. Elas podem ser compostas por diferentes tipos de nervura (RIB), conforme o caso, e tradicionalmente apresentam rosões (BOSS) na interseção destas nervuras.					23	RDA.001, RDA.002, RDA.003, RDA.004		
24	VER TAMBÉM: QUADRIPARTITE VAULT, SEXPARTITE VAULT.								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.070	2	ridge rib			3	n.	4	60
5	IMG_3646	7a	-			8a	-	9a	-
6	Sevilha	7b	-			8b	-	9b	-
10a	a horizontal rib which runs parallel to the main axis of a space at the ridge of a rib vault.					11a	RDA.002		
10b	The rib along the longitudinal or transverse ridge of a vault, at an angle of approximately 45° to the main diagonal ribs.					11b	RDA.003		
10c	rib at the apex of a medieval vault, i.e. horizontal, coincident with the main axis of nave or aisle.					11c	RDA.004		
12	RIB along the uppermost part of a VAULT.								
13	nervura longitudinal	14	s.f.	15	-	16	nervuras longitudinais		
17	Nervura que corre pelo eixo longitudinal de uma abóbada nervurada e que a divide em vão ou compartimentos.					18	RDB.010		
19	[...] uma nervura longitudinal é esboçada por uma série de terciarões entrelaçados que percorrem a cumeeira.					20	CEA.001		
21	-								
22	-					23	-		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.071	2	rose window			3	n.	4	19
5	IMG 3551	7a	-			8a	-	9a	-
6	Notre Dame de Paris	7b	-			8b	-	9b	-
10a	Circular window with tracery radiating from the centre.					11a	RDA.001		
10b	A circular window with FOILS of patterned TRACERY arranged like the spoke of a wheel.					11b	RDA.003		
10c	Gothic circular or marigold window subdivided by complex tracery radiating from the centre and joining in foils to form a stylized floral design of great intricacy and beauty, often found combined with the tracery of a large Pointed window as well as isolated within a circular aperture.					11c	RDA.004		
12	circular window subdivided with TRACERY and decorated with STAINED GLASS.								
13	rosácea	14	s.f.	15	158	16	rosáceas		
17	Abertura circular ENVIDRAÇADA, dividida em muitas partições, formando desenhos. Foi usada sobretudo em igrejas. Sua vidraça era muitas vezes constituídas por VITRAIS.					18	RDB.003		
19	A rosácea é um elemento arquitetônico muito característico do estilo gótico, presente em quase todas as igrejas construídas entre os séculos XII e XIV.					20	CEB.001		
21	-								
22	A rosácea é um dos elementos arquitetônicos mais característicos da arquitetura gótica, estando presente em quase todas as igrejas construídas entre os séculos XII e XIV.					23	RDA.005		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.072	2	round arch			3	n.	4	10
5	IMG 3604	7a	-			8a	-	9a	-
6	Saint Denis	7b	-			8b	-	9b	-
10a	any arch whose intrados is the arc of a circle.					11a	RDA.002		
10b	arch with its centre on the springing-line.					11b	RDA.002		
10c	a semicircular arch.					11c	RDA.008		
12	ARCH with a semicircular curve.								
13a	arco pleno	14	s.m.	15a	12	16a	arcos plenos		
17a	ARCO em forma de uma semicircunferência, tendo portanto sua FLECHA igual ao raio que serviu para traçá-la.					18a	RDB.002		
19a	Enquanto o arco pleno é semicircular, o arco ogival é composto por dois segmentos de arco, conferindo-lhe um aspecto “pontudo”, mais estreito e alto.					20a	CEB.060		
13b	arco de volta perfeita	14b	s.m.	15b	3	16b	abóbodas nervuradas		
17b	Ver ARCO PLENO.					18b	RDB.002		
19b	O estilo gótico era contraposto ao estilo arquitetônico românico, anteriormente em voga nas construções medievais, principalmente em mosteiros e basílicas. Essas construções eram caracterizadas pelos arcos de volta perfeita, redondos, e por abóbodas de arestas [...] feitas em estruturas maciças e com poucos vãos.					20b	CEB.060		
13c	arco semicircular	14	s.f.	15	8	16c	arcos semicirculares		
17c	Ver ARCO PLENO.					18c	RDB.002		
19c	A construção desse novo tipo de abóboda foi possível graças ao arco ogival, diferente do arco semicircular do estilo românico.					20c	CEB.001		
21	-								
22	O arco pleno é bastante característico da arquitetura românica, mas ainda pode ser encontrado nas primeiras edificações góticas de forma remanescente.					23	RDA.001, RDA.002, RDA.003, RDA.004		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.073	2	sandstone			3	n.	4	11
5	IMG 4308	7a	-			8a	-	9a	-
6	Wells	7b	-			8b	-	9b	-
10a	a brown, beige or reddish sedimentary rock formed of particles of quartz cemented together by other minerals, relatively easy to shape and used extensively as a building stone.					11a	RDA.002		
10b	Sedimentary rock composed of consolidated sand or grit bound together, with a high silica or calcite content.					11b	RDA.004		
10c	Sedimentary rock consisting of sand or quartz grains cemented together, typically red, yellow, or brown in colour.					11c	RDA.005		
12	sedimentary rock composed of sand or quartz particles bound together by other minerals.								
13	arenito	14	s.m.	15	1	16	arenitos		
17	Material rochoso e granuloso, composto por partículas de sílica e quartzo agregados em meio argiloso ou calcário. [...] Em antigas construções foi empregado nos ACABAMENTOS de fachadas, por exemplo, em MOLDURAS, ORANTOS e QUINAS. Sua coloração varia de acordo com local de onde foi retirado. Em geral possui coloração amarelado ou avermelhada.					18	RDB.002		
19	A chuva ácida, resultante da combustão de carvão e óleo e comum em regiões altamente industrializadas, agride principalmente o calcário e o arenito usados na construção desse Patrimônio Cultural da Humanidade [Catedral de Colônia].					20	CEB.084		
21	-								
22	Os arenitos normalmente possuem coloração avermelhada, amarelada ou amarronzada. São relativamente fáceis de moldar e foram utilizadas com bastante frequência nas construções góticas.					23	RDA.002		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.074	2	sexpartite vault			3	n.	4	11
5	IMG_3297	7a	-			8a	-	9a	-
6	Notre Dame de Paris	7b	-			8b	-	9b	-
10a	A rib-vault, usually set over paired bays, with an extra pair of ribs springing from between the bays.					11a	RDA.001		
10b	In a sexpartite vault one bay of quadripartite vaulting is divided transversely into two parts so that each bay has six compartments.					11b	RDA.003		
10c	bay resembling that of a quadripartite vault, but further divided by an extra transverse rib so that there are six cells instead of four.					11c	RDA.004		
12	RIB VAULT which is divided into six compartments.								
13	abóbada sexpartida	14	s.f.	15	6	16	abóbada sexpartida		
17	abóbada nervurada, dividida em seis compartimentos por das nervuras diagonais e três nervuras transversais.					18	RDB.010		
19	Com o tempo, a abóbada gótica evoluiu e apareceu a abóbada sexpartida, de forma retangular, mediante o acréscimo de um terceiro arco ogival [...]					20	CEB.078		
21	-								
22	-					23	-		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.075	2	shaft			3	n.	4	156
5	IMG_3302(b)	7a	-			8a	-	9a	-
6	Notre Dame de Paris	7b	-			8b	-	9b	-
10a	Vertical member of round or polygonal section, including the main part of a classical column, and by extension also of a pilaster.					11a	RDA.001		
10b	The trunk of a column between the base and the CAPITAL.					11b	RDA.003		
10c	Slim cylindrical tall element [...]					11c	RDA.004		
12	main body of a COLUMN, PIER or PILASTER.								
13	fuste	14	s.m.	15	15	16	fustes		
17	Parte alongada das COLUNAS, situada entre a BASE e o CAPITEL, quando estas os possuem. Constitui o corpo principal da coluna e tem frequentemente a forma cilíndrica ou em tronco de cone.					18	RDB.002		
19	Os capitéis de Chartres intercedem entre as bases pesadas dos pilares principais e o verticalismo ascendente dos fustes sob as nervuras da abóbada, procurando dar articulação ao conjunto, acima do contraste.					20	CEB.061		
21	-								
22	-					23	-		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.076	2	spandrel			3	n.	4	70
5	IMG_3110	7a	-			8a	-	9a	-
6	Notre Dame de Paris	7b	-			8b	-	9b	-
10a	Roughly triangular spaces between an arch and its containing rectangle, or between adjacent arches. Also non-structural panels under the windows, especially on a curtain-walled building.					11a	RDA.001		
10b	The triangular space between the side of an arch, the horizontal drawn from the level of its apex, and the vertical of its springings: also applied to the surface between two arches in an arcade, and the surface of a vault between adjacent ribs.					11b	RDA.003		
10c	Quasi-triangular plane, the hanse or haunch, framed by the extrados of an arch, a horizontal line projected from the crown, and a vertical line rising from the springing, often decorated. Similar plane between two arches in an arcade.					11c	RDA.004		
12	space between an ARCH and the rectangle that frames it in a wall, usually of a triangular shape.								
13	enjunta	14	s.f.	15	15	16	enjuntas		
17	Espaço triangular entre dois arcos ou entre um arco e o retângulo que o circunscribeve.					18	RDB.005		
19	As enjuntas da arcada na Catedral de Lincoln são decoradas com trifólios em relevo [...]					20	CEA.001		
21	“enjunta” é uma solução tradutória documentada em repertórios lexicográficos em português brasileiro.								
22	-					23	-		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.077	2	spire			3	n.	4	44
5	IMG_3145(a)	7a	-			8a	-	9a	-
6	Notre Dame de Paris	7b	-			8b	-	9b	-
10a	Tall pyramidal or conical feature crowning a tower or turret.					11a	RDA.001		
10b	A tall pyramidal, polygonal or conical structure rising from a tower, turret, or roof (usually of a church) and terminating in a point.					11b	RDA.003		
10c	Tall structure, circular, polygonal, or square on plan, rising from a roof, tower, etc., terminating in a slender point, especially the tapering part of a church-steeple.					11c	RDA.004		
12	tall pointed structure of conical or pyramidal shape at the top of a tower or roof.								
13a	flecha	14a	s.f.	15a	12	16a	flechas		
17a	remate poligonal aguçado, de seção quadrangular, hexagonal ou octogonal, que encima torres ou campanários.					18a	RDB.005		
19a	Somente em 1254 é terminada a sua construção [Catedral de Notre Dame de Paris] com as torres sem as flechas.					20a	CEB.014		
13b	coruchéu	14b	s.m.	15b	1	16b	coruchéus		
17b	Arremate ornamentado no COROAMENTO do edifício, usualmente com forma cônica, piramidal ou octogonal. Foi utilizado principalmente em edificações antigas providas das TORRES ou FRONTÕES, sobretudo em igrejas. Nestes prédios é em geral feito de pedra.					18b	RDB.002		
19b	[A Catedral de Salisbury] possui o mais alto coruchéu da Inglaterra, que atinge 123 metros de altura.					20b	CEB.062		
21	Em português brasileiro, “flecha” é utilizado com maior frequência em textos especializados da área do que “coruchéu”.								
22	As flechas anunciavam a presença de uma igreja gótica à distância e, simbolicamente, estavam associadas ao anseio de se alcançar os céus.					23	CEB.075		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.078	2	springer			3	n.	4	79
5	IMG_3901	7a	-			8a	-	9a	-
6	Bristol	7b	-			8b	-	9b	-
10a	the lowest stones of an arch or vaulting rib.					11a	RDA.001		
10b	The bottom stone of the arch resting on the IMPOST each side can thus be called a springer.					11b	RDA.003		
10c	lowest voussoir of an arch on the impost					11c	RDA.004		
12	lowest stone in any side of an ARCH or a VAULT.								
13	arranque	14	s.m.	15	15	16	arranques		
17	Parte onde começa a curvatura de uma abóbada.					18	RDB.007		
19	Este elemento [arcobotante] nasce do arranque da abóbada e transmite o empuxo até o contraforte, permitindo uma maior estabilidade nas altas alturas e vãos compridos deste novo estilo.					20	CEA.060		
21	-								
22	-					23	-		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.079	2	stained glass			3	n.	4	78
5	IMG 2876	7a	-			8a	-	9a	-
6	Sainte Chapelle	7b	-			8b	-	9b	-
10a	coloured and patterned surface-tinted decorative glass held in lead comes, often depicting biblical scenes in ecclesiastical buildings.					11a	RDA.002		
10b	Colored glass used to form decorative or pictorial designs, notably for church windows, both by painting and especially by setting contrasting pieces in a lead framework like a mosaic.					11b	RDA.005		
10c	glass that has been coloured in any of various ways, as by fusing with a film of metallic oxide or burning pigment into the surface, used esp for church windows.					11c	RDA.008		
12	coloured glass in the windows of a CHURCH used for decoration.								
13	vitral	14	s.m.	15	509	16	vitrais		
17	VIDRAÇA composta por pedaços de vidro de diversas cores, desenhados e rejuntados com varetas de chumbo ranhuradas, formando um painel decorativo.					18	RDB.002		
19	Os vitrais são feitos de vidros coloridos que, ao deixar passar a luz do Sol, criam um ambiente interno sereno e cheio de cores.					20	CEB.001		
21	-								
22	Os vitrais são um dos elementos mais característicos da arquitetura gótica e são utilizados com frequência para ilustrar passagens bíblicas. Eles permitem a entrada de luz natural nas igrejas que, simbolicamente, representa a luz divina.					23	RDA.002		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.080	2	star vault			3	n.	4	9
5	IMG_4282	7a	-			8a	-	9a	-
6	Wells	7b	-			8b	-	9b	-
10a	With liernes (short decorative ribs not linked to any springing point) in star formation.					11a	RDA.001		
10b	A stellar or star-vault has liernes in star formation.					11b	RDA.002		
10c	with ribs, including liernes (ribs running from rib to rib) and tiercerons (rib rising from one of the main springing-points to a position on the ridge-rib), forming a star-shaped pattern of ribs;					11c	RDA.004		
12	RIB VAULT in the shape of a star.								
13	abóbada estrelada	14	s.f.	15	2	16	abóbadas estreladas		
17	Abóbada nervurada cujos painéis formam em projeção horizontal um desenho em feitio de estrelada.					18	RDB.002		
19	A nave é coberta por uma abóbada estrelada.					20	CEB.081		
21	-								
22	-					23	-		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.081	2	tierceron			3	n.	4	170
5	IMG 3905	7a	-			8a	-	9a	-
6	Bristol	7b	-			8b	-	9b	-
10a	In a rib-vault, an extra decorative rib springing from the corner of a bay; hence tierceron vault.				11a	RDA.001			
10b	A secondary rib, which springs from one of the main springers, or the central boss, and leads to a place on the ridge-rib.				11b	RDA.003			
10c	secondary rib springing e.g. from pier to ridge-rib.				11c	RDA.004			
12	secondary RIB which is connected to the main SPRINGER or the central BOSS.								
13	terciarão	14	s.m.	15	4	16	terciarões		
17	cada uma das nervuras ou arcos suplementares que paertem dos ângulos de uma abóbada gótica e vão até o lierne.				18	RDB.005			
19	Mais tarde, esse tipo [de abóbada] foi reforçado com nervuras suplementares, chamadas terciarões.				20	CEB.078			
21	-								
22	-				23	-			
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019		27	DNVA			

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.082	2	tracery			3	n.	4	113
5	IMG 3154	7a	-			8a	-	9a	-
6	Notre Dame de Paris	7b	-			8b	-	9b	-
10a	Openwork pattern of masonry or timber in an opening, especially the upper part of an opening; most common in Gothic architecture.					11a	RDA.001		
10b	The ornamental intersecting work in the upper part of a window, screen, or panel, or used decoratively in blank arches and vaults.					11b	RDA.003		
10c	Arrangement by which panels, screens, vaults, or windows are divided into parts of different shapes or sizes by means of moulded stone bars or ribs, called form-pieces or forms in the medieval period.					11c	RDA.004		
12	ornamental intersecting work in an opening.								
13a	rendilhado	14a	s.m.	15a	34	16a	rendilhados		
17a	Elemento ou peça da construção ou atribuição dada ao elemento ou à peça construtiva que apresenta ENTALHES, RECORTES ou RELEVOS semelhantes a uma renda. Constitui-se em ornamento muito delicado. [...] Os rendilhados são também chamados de rendas e arrendados.					18a	RDB.002		
19a	A evolução dos rendilhados determina algumas etapas deste estilo [estilo gótico], como o perpendicular e o flamejante.					20a	CEB.005		
13b	traçado ornamental	14b	s.m.	15b	-	16b	traçados ornamentais		
17b	lavor ornamental entrecortado, na parte superior de uma janela, anteparo o painel, ou usado decorativamente em arcos cegos.					18b	RDB.009		
19b	O traçado em barra foi a primeira forma de traçado ornamental nas janelas com vitrais góticas [...]					20b	CEA.001		
21	Em português brasileiro, “rendilhado” é a forma mais amplamente utilizada para designar “tracery” em textos especializados da área enquanto “traçado ornamental”, por outro lado, é uma solução tradutória documentada em repertórios terminológicos traduzidos para o português brasileiro. Esta solução foi incluída por paralelismo com as propostas de tradução de BAR TRACERY e PLATE TRACERY.								
22	-					23			
24	VER TAMBÉM: BAR TRACERY, PLATE TRACERY.								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.083	2	transept			3	n.	4	99
5	IMG_0004	7a	-			8a	-	9a	-
6	Notre Dame de Paris	7b	-			8b	-	9b	-
10a	Transverse portion of a church.					11a	RDA.001		
10b	The transverse arms of a cross-shaped church, usually between NAVE and CHANCEL, but also occasionally at the west end if the nave as well, and also doubled, with the eastern arms farther east than the junction of nave and chancel. The latter form is usual in English Gothic cathedrals.					11b	RDA.003		
10c	In a cruciform church the transept is often of the same section as the nave, and may have no aisles, or one, or two (called cross-aisles).					11c	RDA.004		
12	tranverse area in a cross-shaped CHURCH, between NAVE and CHANCEL.								
13	transepto	14	s.m.	15	73	16	transeptos		
17	os dois braços — norte e sul — que cortam a nave central da catedral. Esta se estende do leste (onde está o altar principal) para oeste (onde está o portal da igreja).					18	RDB.001		
19	Conforme o fiel avança pela nave rumo ao transepto, ele é confrontado por uma série elementos artísticos que, juntos, fazem da catedral uma imensa obra de arte total cristã [...]					20	CEB.060		
21	-								
22	-					23	-		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.084	2	transverse rib			3	n.	4	53
5	IMG_3497(c)	7a	-			8a	-	9a	-
6	Notre Dame de Paris	7b	-			8b	-	9b	-
10a	A rib spanning between two walls to divide a rib-vault into bays.					11a	RDA.001		
10b	a rib which runs across the space at the edge of a rib vault.					11b	RDA.002		
10c	rib rising from a pier and set at right angles to the main axis of the nave or aisle.					11c	RDA.004		
12	RIB which runs between two walls in a RIB VAULT.								
13	nervura transversal	14	s.f.	15	-	16	nervuras transversais		
17	-					18	-		
19	Como em Canterbury, as nervuras diagonais em Sens são arcos semicirculares e as nervuras transversais são ogivais [...]					20	CEA.001		
21	-								
22	São as nervuras transversais que marcam os tramos (BAY) da abóbada de nervuras (RIB VAULT).					23	RDA.003		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.085	2	trefoil			3	n.	4	53
5	IMG 3204	7a	trilobe			8a	n.	9a	12
6	Notre Dame de Paris	7b	-			8b	-	9b	-
10a	A three-lobed opening.					11a	RDA.001		
10b	a decorative design consisting of three leaf motifs or lobes radiating outwards from a point.					11b	RDA.002		
10c	An ornamental design of three rounded lobes like a clover leaf, used typically in architectural tracery.					11c	RDA.005		
12	ornamental form which has three rounded shapes, resembling a three-petaled flower.								
13	trifólio	14	s.m.	15	4	16	trifólios		
17	ORNATO em forma de trevo constituído pela combinação de três círculos que se cortam, cujos centros estão nos vértices de um mesmo triângulo equilátero.					18	RDB.003		
19	Os espaços vazios entre as ogivas eram preenchidos com os quadrifólios ou trifólios, elementos decorativos com curvas caprichosas, recortadas em pedra.					20	CEB.070		
21	-								
22	Simbolicamente, representa a Santíssima Trindade.					23	RDA.004		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.086	2	triforium			3	n.	4	65
5	IMG 3487	7a	-			8a	-	9a	-
6	Saint Denis	7b	-			8b	-	9b	-
10a	Middle storey of a church interior treated as an arcaded wall passage or blind arcade, its height corresponding to that of the aisle roof.					11a	RDA.001		
10b	An arcaded wall-passage facing on to the nave, at a level above the arcade and below the CLERESTORY windows (if there are any).					11b	RDA.003		
10c	In larger Romanesque and Gothic churches, an upper aisle with its own arcade forming an important part of the elevation of a nave interior above the nave-arcade and below the clerestorey.					11c	RDA.004		
12	middle story in the interior of a large CHURCH facing the NAVE, usually with openings leading to a GALLERY.								
13	trifório	14	s.m.	15	26	16	trifórios		
17	Principalmente em basílicas ou catedrais, GALERIA estreita situada sobre a NAVE lateral, com as aberturas em geral bipartidas ou tripartidas voltadas para a nave central.					18	RDB.003		
19	Na reconstrução, a parede interna da catedral [de Chartres] foi dividida internamente em três andares: arcada principal, trifório e clerestório. Essa divisão permitiu aumentar a altura da igreja: a cúpula ficou a 36,50 metros do chão					20	CEB.001		
21	Por vezes, “triforium” pode incluir o conceito de “GALLERY”, muito embora este uso seja desaconselhado entre especialistas. Em português brasileiro, o termo “trifório” inclui tanto o significado de “triforium” quanto de “GALLERY”.								
22	-					23			
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.087	2	tympanum			3	n.	4	16
5	IMG_3112(b)	7a	-			8a	-	9a	-
6	Notre Dame de Paris	7b	-			8b	-	9b	-
10a	The surface between a lintel and the arch above it, or within a pediment.					11a	RDA.001		
10b	The area between the LINTEL of a doorway and the arch above it.					11b	RDA.003		
10c	Triangular or segmental face of a pediment contained between the horizontal and raking cornices or horizontal and segmental cornices, often enriched with relief sculpture.					11c	RDA.004		
12	area between an ARCH and a horizontal block above an entrance.								
13	tímpano	14	s.m.	15	45	16	tímpanos		
17	Superfície lisa ou ornamentada delimitada por um ou mais arcos e pelas linhas que partem verticalmente da extremidade inferior e horizontalmente da extremidade superior dos ARCOS. Em geral, situa-se sobre portas e janelas.					18	RDB.003		
19	Cada um desses portais apresenta um tímpano inteiramente preenchido por trabalhos de escultura.					20	CEB.001		
21	-								
22	Nas edificações góticas, os tímpanos possuem normalmente formas triangulares e são decorados por esculturas ou outro ornamento.					23	RDA.002		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.088	2	vault			3	n.	4	585
5	IMG 4189	7a	-			8a	-	9a	-
6	Bristol	7b	-			8b	-	9b	-
10a	An arched stone roof, sometimes imitated in timber, plaster etc.					11a	RDA.001		
10b	An arched ceiling or roof of stone, brick or concrete, sometimes imitated in wood or plaster.					11b	RDA.003		
10c	Arch the depth of which exceeds the span, i.e. an elongated arch covering a space, or a structure composed of various curved elements in various combinations, built of brick, concrete, masonry, etc., and sometimes of plaster and wood to suggest something heavier.					11c	RDA.004		
12	ceiling with curved shapes.								
13a	abóbada	14a	s.f.	15a	300	16a	abóbadas		
17a	Construção em arco, feita de pedras, tijolos ou cimento, colocados em cunha, que se destina à cobertura de um espaço, apoiada sobre paredes ou colunas.					18a	RDB.007		
19a	A catedral de Notre-Dame de Paris tem 150,20 metros de comprimento e suas principais abóbadas estão a 32,50 metros do chão.					20a	CEB.001		
13b	abóboda	14b	s.f.	15b	75	16b	abóbodas		
17b	Cobertura côncava que tem pelo menos uma de suas seções, vertical ou horizontal, em linha curva, e cuja forma tem sua origem no deslocamento ininterrupto de um ou mais arcos ao longo do espaço que recobre.					18b	RDB.002		
19b	Uma vez que o sistema de construção gótico permite fazer com que o peso vertical da abóboda incida sobre os pilares e a pressão lateral sobre os arcobotantes e seus contrafortes, as paredes não têm funções estáticas e podem ser substituídas sem qualquer problema por uma série de arcadas e de grandes janelas [...]					20b	CEB.009		
21	“abóbada” e “abóboda” são ambos conceitual e pragmaticamente equivalentes à “vault”. Ao se traduzir, recomenda-se, contudo, a adoção de uma das formas e que a consistência seja mantida inclusive em termos derivados (por exemplo, “abóbada de nervuras” ou “abóboda de nervuras”).								
22	-					23	-		
24	VER TAMBÉM: FAN VAULT, RIB VAULT.								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		

FICHA TERMINOLÓGICA DE TRABALHO									
1	UTA.089	2	vaulting shaft			3	n.	4	10
5	IMG_3539	7a	-			8a	-	9a	-
6	Saint Denis	7b	-			8b	-	9b	-
10a	Shaft leading up to the spring or springing of a vault.					11a	RDA.001		
10b	The vertical member leading to the springer of a vault.					11b	RDA.003		
10c	small shaft or colonnette supporting a vault-rib or group of ribs at their springing.					11c	RDA.004		
12	vertical structure supporting a VAULT.								
13	pé-direito	14	s.m.	15	45	16	pés-direitos		
17	Nos ARCOS e nas ABÓBADAS, paredes ou suportes isolados que os sustentam. É também chamado encontro.					18	RDB.003		
19	O fato de o peso do teto não ser mais descarregado no pé-direito permitirá paredes mais finas e vazadas por grandes janelas [...]					20	CEB.065		
21	Em português brasileiro, “pé-direito” também pode significar a altura entre o pavimento e o teto de uma edificação.								
22	O pé-direito pode se elevar diretamente do pavimento ou a partir de uma mísula (CORBEL) e pode ser representado por qualquer tipo de suporte de sustentação, tais como uma coluna (COLUMN) ou pilar (PIER), contanto que faça parte de uma abóbada (VAULT).					23	RDA.004		
24	-								
25	15/09/2018	26	06/07/2019			27	DNVA		